Um novo documento com vista ao Congresso do PCP subscrito por Saramago

Um novo documento, subscrito por numerosos e destacados militantes do sector intelectual do PCP — e que integra, a par de uma análise crítica da situação actual do partido, propostas relacionadas com a preparação do XII Congresso (cuja realização em Coimbra está já decidida) e alterações aos Estatutos e Programa — foi há dias entregue a Aurélio Santos, membro do CC e responsável do organismo dos comunistas para a área cultural. **Pág. 3**

Exemplo de que o «sexo fraco» pode ser «musculoso» nos negócios

Maria de Lourdes Patacão, Maria da Conceição Oliveira, Leena Morgado, Teresa Seabra Vanzeller

QUATRO DAMAS NA INDÚSTRIA

Por razões circunstanciais ou por mérito próprio, atingiram zonas de poder tidas como feudo quase exclusivo dos homens. Disputam-lhe as feitorias, ombreando com eles nas altas esferas da gestão. Desenvoltas e dinâmicas, as pastas de executivas não chocam com o saltos finos de sete centímetros nem com o requinte da «lingerie». São as damas da industria. **Págs. 12 e 13**

Diário de Lisboa

ANO 68 N.º 22 695 Quinta-Feira, 23 de Junho de 1988 Preco 50$00

Novo Regimento da Assembleia da República imposto pelo PSD

OPOSIÇÃO AMORDAÇADA

Pelo novo Regimento da Assembleia da República, já aprovado com os votos exclusivos do PSD, os direitos da Oposição, e, nomeadamente, dos partidos mais pequenos, são drasticamente reduzidos, em termos tais que de silenciamento e mordaça se pode falar. Para já, os agrupamentos parlamentares sâo extintos, o que quer dizer que a ID deixará de poder funcionar com autonomia política na Assembleia; o CDS, mantendo a sua actual representatividade, só poderá agendar, para discussão, um assunto por sessão legislativa; cada deputado, que tinha direito a falar o mínimo de dez minutos, passa agora a dispor de apenas três. **Pág. 2**

Líderes de grupos parlamentares «amordaçados»: Jorge Sampaio (PS), Carlos Brito (PCP), Hermínio Martinho (PRD), Nogueira de Brito (CDS)

António Simões, Jorge Gonçalves, António Figueiredo

SPORTING: as três faces do triângulo

A necessidade de êxitos no futebol (com o obrigatório revigoramento de um «plantel» cheio de carências) e o urgente saneamento financeiro de um clube que se debate com tremendos problemas para liquidar pagamentos em atraso, não conseguiram dissuadir nenhum dos três candidatos que, durante o dia de amanhã, vão apresentar-se à votação sportinguista para a gerência de um biénio **Págs. 21 e 22**

AMANHÃ: ANUÁRIO VÍDEO 88

Tudo sobre a edição vídeo em Portugal num suplemento de 48 páginas

Profissões liberais vão ter livre circulação na CEE

Os cursos superiores, correspondentes a profissões liberais, vão ter reconhecimento automático em qualquer país da CEE, segundo recomendação do Conselho de Ministros dos Negócios Estrangeiros a apresentar proximamente ao Parlamento Europeu para ratificação. Se o Parlamento aprovar a medida antes do fim do ano, ela poderá vigorar já em 1990 para todos os países, menos Portugal e Espanha onde só poderá ser aplicada a partir de 1992.

A directiva dos ministros dos «doze» engloba todas as profissões liberais - médicos, enfermeiros, veterinários, dentistas, arquitectos, farmacêuticos, professores primários - abrindo uma excepção para o caso dos advogados, procuradores, auditores e agentes industriais que poderão ser obrigados a um período de adaptação às legislações dos países onde pretendam estabelecer-se.

Quanto às restantes profissões entendidas como liberais, só serão como tal reconhecidas se os detentores desses títulos tiverem formação académica equivalente à frequência de três anos de uma Universidade. Nestes casos, abre-se ainda uma excepção quando existirem divergências quanto à duração dos cursos, podendo sempre os países exigirem um período de adaptação aos interessados.

Cidadãos europeus vão poder votar em qualquer país?

A Comissão Europeia propôs ontem que os cidadãos da CEE a residir noutro país que não o de origem, possam votar, e ser eleitos, em eleições locais.

Actualmente apenas a Holanda, Irlanda e Dinarmarca concedem o direito de participação em eleições municipais aos cidadãos de outros países da CEE.

A proposta da CE exige que, para a concessão daquele direito, os imigrantes abrangidos sejam obrigados a residir no país pelo menos durante o tempo de um mandato municipal.

Uma única excepção: este direito será limitado nos países em que os imigrantes excedam 20 por cento da população total.

Almeida Santos: *«De experiência amarga em experiência amar ga, o Governo acabará por descobrir o doce conforto de tomar em conta os avisos da Oposição»*

Ontem as reprivatizações, dia 12 o pacote laboral

ASSEMBLEIA APRECIA DIPLOMAS CHUMBADOS

Ontem foi a vez da lei da privatização par - cial das empresas públicas (transformação em sociedades anónimas, com abertura à iniciati - va privada até 49 por cento do capital) e dia 12 de Julho será o pacote laboral: as propos - tas do Governo chumbadas parcialmente pelo Tribunal Constitucional estão a voltar à As - sembleia da República para ali serem adequa - das aos formalismos e exigências materiais da Constituição da República.

No caso das empresas públicas, a inconstitucionalidade apontada pelo Tribunal visava, apenas, o número 2 do artigo 7º que dizia deverem as receitas e despesas apuradas pelo Es - tado, no processo de reprivatizações, ser escrituradas como operações de Tesouraria, a regularizar no próprio ano em que são realizadas ou no seguinte». O TC apontou a necessidade de estas operações só poderem ser efectuadas após a sua prévia aprovação no Orçamento do ano a que digam respeito.

Com base nesta inconstitucionalidade, o Presidente da República devolveu a proposta á Assembleia para reapreciacão, desenhando-se durante o debate duas posições. O PSD defende a supressão pura e simples do articulado em causa, enquanto o Partido Comunista propõe a substituição do número 2 do art. 7º pelo texto «nenhuma operação orçamental prevista na presente lei pode ser efectuada sem a existên - cia da consequente incrição orçamental».

Substituição à vista do artigo rejeitado

Dos debates de ontem resultou a ideia que a tese da eliminação, defendida pelo PSD, colhe os apoios de outros partidos com assento parlamentar, em prejuizo da proposta dos deputados comunistas. A votação efectuar-se-á apenas numa das próximas sessões.

Almeida Santos, do Partido Socialista, dominou os debates com um discurso irónico em que recordou ao Governo os avisos da Assembleia, quando da primitiva discussão da le, e que, a terem sido ouvidos, evitariam o desgaste político do chumbo no Tribunal Constitucional.

«De experiência amarga em experiência amarga, o Governo e a Maioria, que o apoia, acabarão por descobrir o doce conforto de tomarem na devida conta os avisos das oposições», rematou o parlamentar socialista.

A conferência dos líderes parlamentares decidiu, entretanto, agendar para o próximo dia 12 de Julho a reapreciação da segunda proposta do Governo chumbada pelo Tribunal Constitucional, o «pacote laboral». Trata-se de um diploma que agitou vivamente a opinião pública e cujo regresso à Assembleia da República deverá provocar um debate mais cerrado do que o de ontem. Enquanto aquele regressa ao Parlamento com o labéu de várias inconstitucionalidades materiais, o reapreciado ontem fora devolvido por uma questão de pormenor.

Redução drástica dos direitos da Oposição

A discussão do Regimento da Assembleia da República aproxima-se, finalmente, do seu desfecho definitivo, tendo a sessão de ontem, prolongada pela madrugada, deixado apenas em suspenso a data da extinção dos agrupemanetos parlamentares.

Tal como nas múltiplas sessões anteriores, a maratona desta noite resumiu-se à aprovação das propostas do PSD, quase sempre apenas com os seus próprios votos, e a rejeição sistemática das propostas alternativas de Regimento apresentadas pela Oposição.

A extinção dos agrupamentos parlamentares—na presente legislatura existe apenas o da Intervenção Democrática, formado pelos deputados Corregedor da Fonseca e Raul Castro—está decidida, conta até com o apoio do Partido Socialista, faltando apenas saber quando ela será aplicada. A votação foi adiada para uma próxima sessão, a requerimento do Partido Comunista.

Aprovados foram já o tempo de mandato do Presidente da República—quatro anos—e a redução drástica da capacidade de intervenção da Oposição no plenário.

Assim, daqui para o futuro e a manter-se a actual proporcionalidade de representação partidária, o CDS só teria direito a escolher um assunto para agendamento, durante cada sessão legislativa, e o Partido Comunista três. Também o tempo de intervencão mínimo a que cada deputado tem direito baixa de dez para três minutos, ao mesmo tempo que ficam limitadas as declarações de voto oral.

Lobo Antunes no Conselho de Imprensa

A Assembleia da República elegeu ontem os seus representantes no Conselho de Imprensa, tendo-se apurado votos correspondentes a três lugares para o PSD e um para o PS.

O Partido Social-Democrata elegeu Lino Vidal, José Gurreiro Nunes e Luis Ochoa, enquanto o Partido Socialista via apurado o primeiro nome da sua lista, o escritor Miguel Lobo Antunes, não conseguindo eleger, nomeadamente, José Salvado Sampaio e António Pedro de Vasconcelos.

A perdição dos censores

«A verdade, porém, era bem diferente. O que se pretendia não era apenas suprimir A Justiça, um simples periódico estudantil, ainda que fortemente politizado, mas sufocar, de facto, a voz colectiva que intemeratamente ponha a descoberto as chagas nauseabundas de uma administração que, além de defraudar os bens do país, nem sequer sabia defender a dignidade do povo português».

Alexandra Cabral
«Os crimes da monarquia»

Castrar, silenciar, matar a criatividade, eis a herança de séculos. Salazar morreu, Marcelo também, mas ficaram os herdeiros. Saltam de cada canto, os seguidores pequenos e médios. Estão no Conselho de Administração da RTP, nos ministérios, nas empresas; matam o que podem e, quando não podem, cortam e silenciam.

São os executores que se antecipam, se preciso for, ao chefe. Ainda o chefe (do Governo, do ministério, da secretaria de Estado, da direcção de serviços da divisão, da secção) não sonhou com aquilo, zaz!, já eles ponderaram e ponderaram bem o que têm de fazer para que tudo fique assim, no silêncio merdoso e verdoso do passado.

Os censores. Os cortadores. Os que castram a criatividade de quem a tem. Os que gostam de quem bajula, de quem pergunta a cada hora pelos filhinhos e pelos netinhos. Os que se ajoelham perante os de cima e são paternalistas ou maternais quando lhes é útil fazer festas na cabecinha dos pobres que estão em baixo. São assim, os pequenos e médios candidatos a ditadores, nesta terra que deita ainda pelas costuras a gente herdada doutros tempos.

Por isso «Humor de Perdição» foi ao ar. «Se cale», dizia cada criança, na escola ou em casa, perante a autoridade autoritária, e dali rebentava a gargalhada saudável que arruinava os senhores e senhoras violentos e déspotas. Vinham com discursos sobre a lei e a ordem e saltava o novo D. Afonso Henriques, à boleia para Guimarães, transfigurado na imaginação de um jovem, que remetia ao grotesco e ao ridículo tais ameaças, com a espada de latão. E assim se foi cavando o medo e o ódio nas almas mortas deste país. E, assim, não houve outro remédio se não cortar e proibir.

Está tudo dito, ou quase. Restam os programas idiotas, os banais humoristas de sempre, os sérios papagaios do telejornal. O chefe pode dormir descansado que os médios e pequenos chefes velam. Por todo o lado. Saltam dos recantos dos corredores, das secretárias, e poibem, cortam, matam.

Foi assim no século passado. Foi assim no fascismo. Volta a ser agora. O exemplo do autoritarismo, do corte e da morte do que é incómodo e criador, vem de cima. O chefe manda. O chefe cobre. Muitas vezes não sabe. Mas nem é preciso saber. Não é bom cumpridor o que não se antecipa ao chefe. Da boa surpresa nasce a promoção assegurada. Amen.

António Modesto Navarro

RAÚL RÊGO

SAUDADES DE PASSADO RECENTE

Volto ao «Diário de Lisboa» e com prazer o faço, nesta transição em que vamos vivendo de jornalistas entre telas para homens da informação inteiramente livres, conscientes e responsáveis. Conscientes sempre o fomos, responsabilidades até nos assacavam as que não tínhamos; mas livres é que o não éramos e agora, felizmente, vamos praticando essa liberdade do cidadão que concorre com a sua pedra crítica para a edificação do País de todos nós.

Mas o passado deixou mazelas em todos nós, sem dúvida, até naqueles que sempre reagiram. Pior do que isso. Há em muitos, aqui e além, como que um ressurgir de hábitos, de ordens, de atitudes, que copiam a papel químico as da clandestinidade. Lembram-se, por exemplo, de o volume de Aquilino Ribeiro sobre os **«Príncipes de Portugal»** ter sido ferozmente atacado na Assembleia Nacional e proibido? Houve até um dos oradores, já me não lembra quem, que foi até dizer que era com tolerância que se deixava sobreviver o autor da «Casa Grande de Romarigães» literariamente!

Mas a história repete-se e é lamentável que se repita em democracia o que se passou em ditadura.

Pois não é este culto idolátrico da RTP por todos os nossos reis e rainhas, fidalgos e heróis, que levou à proibição do programa do Herman José, a repetição do caso dos **«Príncipes de Portugal»**, na Assembleia Nacional? Todos os nossos soberanos e soberanas, guerreiros e escrivães da puridade, ainda que adormecidos no seio do Senhor há cinco, sete ou dez séculos, são intocáveis. Santos de pôr no altar.

Nenhuma mão de hereje se pode levantar contra eles, nem apontar-lhes uma leve sujidade de mosca, qualquer sinal, que lhes marque o rosto ou o carácter.

O mandante totalitário, seja ele ministro ou presidente de qualquer repartição, não sabe rir; nem vê que o riso é são; e que nós rimos mais quando estamos entre amigos. O riso, por vezes, nem sequer é falta de respeito. E tanta vezes, pelo contrário, é sinónimo de apreço, de solidariedade, de admiração até.

Já terá lido o homem da televisão, a crónica de D. Pedro I e suas folias loucas pela noite fora, com gaitas e pandeiros; a sobrelevar em muito, séculos atrás, todas as festas da cidade que o Nuno Abecasis nos possa dar agora?

Mas o caso concreto parece que visava nada menos do que uma Santa Corte do Céu, depois de ter estado na cama de El-Rei D. Dinis. Mas porque é que a princesa de Aragão que foi mulher de D. Dinis, há uns oito ou nove séculos, não poderá ser entrevistada para um programa da RTP, depois de por lá terem passado gentes de todas as profissões e ocupações, ministros e mercadores, industriais e homens de ofício? Será ela expulsa da corte de seu marido, repudiada? Será expulsa do céu? Ou será que o Papa lhe corte o nome no agiológio?

Não me parece que a televisão portuguesa tenha tamanha projecção que Deus, o Papa ou D. Dinis vejam os programas do Herman José; e se os vissem não me parece que estivssem à espera deles para pautarem pelas opiniões dos cómicos portugueses as próprias opiniões. Os administradores da RTP têm a empresa que administram no mais alto dos conceitos, numa invasão de vaidade sem precedentes, supondo que as suas emissões chegam à Corte dos céus. Não será vaidade de mais, senhores administadores da RTP?

Não sei aliás porque é que um jornalista, seja do «Diário de Lisboa», seja da Televisão, se entrevista a rainha Isabel de Inglaterra, ou o presidente Mitterrand, da França, ou o Mário Soares em Belém, porque é que não há-de poder ir a Coimbra, ao mosteiro de Santa Clara, entrevistar essa rainha que foi santa e teve sempre a preocupação da paz e da harmonia, entre os seus, e que era capaz e transformar o pão em rosas.

Não sei é como ela responde, porque no final do século passado foi aberto o seu túmulo, e segundo nos diz o lente dr. António de Vasconcelos, ela que era alta, de boas formas e estrábica, achava-se quase desfeita. Não deu sinais de ser capaz de ressuscitar. Mas pode ser que o Herman José lhe tenha contado duas larachas e que tenha voltado a repetir a caminhada algo áspera desse Nordeste, caminhos por onde eu andei também e que vão de Alcanices a Moncorvo, à Vilariça, ao Douro e a Trancoso onde a esperava o rei e onde se efectuou o casório.

Fez ela confidências; ou são simplesmente inventadas? Os da RTP que apurem isso bem; mas não me parece que as confidências de uma rainha de há sete séculos possam fazer perigar a República do Mário Soares.

Do que eu tenho receio e confesso-o muito chãmente é que, por este e outros caminhos censórios e bem pouco democráticos, perigue a nossa mesma democracia, se ministros, homens da televisão e outros persistirem em usar os métodos do tempo da Assembleia Nacional, quando nela se defendiam os «Príncipes de Portugal» contra um escritor que se chamava Aquilino Ribeiro. O tempo em que se defendiam os príncipes de Portugal e se insultavam antigos presidentes da República e escritores democratas como era o mesmo Aquilino Ribeiro. Dessas censuras é que não gosto. Nem me parece que sejam em defesa da democracia, da República.

Revisão constitucional

PSD CRITICA ENCONTROS DO PS COM OS RESTANTES PARTIDOS

Os contactos do PS com outros partidos parlamentares, e particularmente com o PCP, ácerca da revisão constitucional, foram criticados pelo secretário-geral do PSD, Dias Loureiro.

Segundo o dirigente do PSD, que falava aos jornalistas no final da primeira reunião da comissão política nacional eleita no recente congresso do partido, o diálogo dos socialistas com outros partidos está a «arrastar» o processo de revisão.

Relativamente à recente reunião PS-PCP, Dias Loureiro considerou que «mal seria se neste momento histórico houvesse possibilidade de consensos» entre socialistas e comunistas e invocou a entrada em vigor em 1992 do Mercado Único Europeu para afirmar que «se o Ps fôr um partido moderno e interessado naquele objectivo, não pode chegar a consensos com os comunistas» na revisão constitucional.

Reagindo aparentemente às críticas de Vítor Constâncio, que acusou o PSD de rejeitar quaisquer propostas do PS, Dias Loureiro disse que a revisão «tem de andar mais depressa» e que o congresso do seu partido a definíu como «clara prioridade».

«Não temos limites de horas para trabalhar», frisou Loureiro ao manifestar «toda a disponibilidade» do PSD para acelerar os trabalhos da comissão parlamentar de revisão constitucional.

Loureiro avisou, entretanto, que «nenhum dos partidos da oposição poderá encontrar» no projecto do PSD «nada que nos possa separar da legislação existente nos restantes países da CEE» e concluíu que «dialogar implica ceder aqui e além, mas ser firme em relação a pontos fundamentais».

Sondagens e Freitas

Relativamente às recentes declarações de Freitas do Amaral, que acusou o Governo de seguir uma estratégia de«arrogância de um poder cada vez mais crispado e autoritário», Dias Loureiro respondeu ter o presidente do CDS escolhido «como única estratégia política dizer mal do PSD».

Quanto às últimas sondagens, que indicam perda de popularidade do Governo e do PSD, Loureiro disse que os social-democratas estão «calmos e tranquilos» e mais preocupados «em governar e fazer reformas».

A reunião foi presidida por Cavaco Silva e estiveram ainda presentes os vice-presidentes da comissão política Eurico de Melo, Correia Afonso, António Capucho e Carlos Brito, os vogais Leonor Beleza, Carlos Pinto e Marques Mendes que transitaram da última comissão e os novos membros eleitos no congresso do Coliseu, Nascimento Rodrigues, Durão Barroso, Duarte Lima e Maria Amélia Oliveira Martins. Ausentes: Fernando Nogueira, Silva Peneda, Rui Carp e Adelaide Lisboa.

Congresso do PCP

Intelectuais querem eleição de delegados por voto secreto

Um novo documento, subscrito por numerosos e destacados militantes do sector intelectual e de outras áreas do PCP e que integra, a par de uma análise critica da situação actual do partido, propostas relacionadas com a preparação do XII congresso (cuja realização em Coimbra, em Dezembro próximo, já está decidida) e alterações aos Estatutos e Programa, foi há dias entregue a Aurélio Santos, membro do CC e responsável do organismo dos comunistas para a área cultural.

Assinado, entre outros, por José Saramago, o documento analisa a situação do partido na sequência do aparecimento dos documentos do grupo renovador e da sanção aplicada a Zita Seabra, critica o comportamento da direcção no processo, e independentemente da movimentação dos «seis», faz uma reflexão sobre a actualidade dos princípios marxistas-leninistas e propõe nomeadamente a eleição dos delegados ao congresso e de parte do CC por voto secreto e uma ampla difusão e circulação de informação no interior do partido.

Apoiado por importantes quadros do aparelho do PCP, o documento pretende relançar as pontes para o diálogo interno entre os comunistas, eliminando a situação de crispação que se vive actualmente entre a direcção e os diferentes sectores críticos.

A esta importante e mais vasta iniciativa no interior do PCP, não será alheia o recente abandono de Vítor Neto da SIP e do CC. O pedido de demissão de Vítor Neto, dirigente muito prestigiado no conjunto do partido, e particularmente no aparelho, terá contribuído para uma mais decidida intervenção da sensibilidade crítica interna, há meses consciente da forte expectativa da generalidade dos militantes para com a renovação do partido.

Luís Fazenda da Comissão Política da U D P

PRIVATIZAÇÃO DE *PERDIÇÃO*

A censura do programa de Herman José, "Humor de Perdição", tem feito correr muita tinta, deu azo a desencontradas opiniões e a uma aparente unanimidade nacional na crítica ao Conselho de Gerência da RTP. No entanto, existe a sensação de que nem tudo está esclarecido. Sobretudo, não ressaltam ainda o que podem ser as exigências da opinião democrática à RTP e ao Governo. Daí e por aí, esta achega.

PUBLICIDADE

O absurdo

As explicações dos gestores e directores da RTP são absurdas. E por absurdo dir-se-ia que a censura pensa, logo existe. Argumentam os timoneiros da RTP que não se sujeitam a pressões para manter a independência. Perante uma hipotética pressão governamental a RTP censura o programa. O que diz o roto ao nu: a censura é o instrumento da independência! Com uma televisão pública cuja constante é a de canal de propaganda do Governo, manipulando a realidade nacional e subalternizando as oposições, apareceu esta variável burlesca da independência de censores mais papistas que o Papa. A independência deveria caracterizar-se pelo tendencial equilíbrio na abertura a diversas correntes de ideias, expressões artísticas, variedade recreativa, conhecimento científico, opções confessionais, informação objectiva, confronto de opiniões, etc. Abertura e equilíbrio que não enjeita a criatividade dos profissionais de televisão, naturalmente imperfeita, naturalmente sujeita a critérios sempre subjectivos, mas compreendendo que na própria sociedade democrática parlamentarista jogam-se pressões e não existe nenhum Olimpo de independência que será o autoritarismno da video-cassete dominante. Para os outros sobra a censura grosseira ou sofisticada. O argumento da independência é cínico, jesuítico, numa RTP que dará ao País imagem de tudo, menos de independência. É até chocante ouvir falar desta pseudo-virgindade incorruptível.

No próprio dia em que os directores da RTP justificavam perante as câmaras essa independência todos os serviços noticiosos censuravam a audiência do Presidente da República às delegações da UDP, PCP e CDS a propósito das eleições regionais da Madeira. Escandalosamente, a presença em Belém da UDP, 3.ª força política em expressão parlamentar nesta Região Autónoma, nem sequer foi citada.

Mas pergunta-se: de onde partiram as pressões para moderar a crítica satírica aos telejornais e ao reino do "non sense" que é hoje a RTP senão dos propagandistas de serviço? Porque foram para o ar todas as entrevistas históricas de reis e poetas mas estacou numa santa? Será que existe uma ditadura subliminar do Patriarcado? A que pressões se curvaram para interditar a entrevista histórica da Rainha Santa milagreira de pães e rosas? Qual o poder tutelar, anjo de graça e desgraça, da Igreja numa TV laica? Voltamos ao tempo em que Deus, santos milagreiros e a Autoridade são intangíveis?

Os humores da História

Estranho motivo de censura: "a defesa dos valores históricos nacionais". Motivo picaresco numa RTP que desnacionalizou quase completamente a programação. Porém, incluo-me naqueles que não acharam razão de gracejo na forma como se espojaram e despojaram Afonso Henriques, Camões, o Infante de Sagres, entre outros. Não que se negue o direito ao humor e à paródia de qualquer figura histórica coeva ou contemporânea. Mas porque foi um humor pela negativa, a exploração fácil de aspectos duvidosos de personalidade. Aliás, para defender a livre expressão artística do humor não é preciso endeusar o programa de Herman cuja qualidade, na tolerância do discutível, está vários pontos abaixo de "Hermanias" ou do "Tal Canal". Essa mesma tolerância de que não deram prova Herman e outros actores denominando de atrasados mentais os que não gostaram das entrevistas históricas ou insultando de chauvinismo cidadãos que têm orgulho coerente nos elementos progressivos da nossa História.

Sobretudo em Televisão nada é inocente. Sabemos que nos tempos que correm procuram impingir-nos a história da civilização europeia dos "outros", sabemos que a ideologia oficial faz o elogio mórbido e unilateral das glórias passadas tanto quanto a prostração ante as glórias dos poderosos do mundo actual. Um exemplo apenas: um elemento da Comissão da Reforma Educativa considerou que a integração de Portugal na CEE não se compadece com a exaltação de Aljubarrota... nas escolas portuguesas. Ora, o tipo de humor empregue nas entrevistas históricas descaracteriza ainda mais a memória colectiva do povo português. E os democratas que minimizam o apego à nacionalidade abrem o flanco para que os conservadores e extremistas de direita se apossem de símbolos da identidade nacional para cobrir desígnios retrógados e fascistóides.

O ás de trunfo

Mas como se compreenderá que o Governo de Cavaco Silva tenha tirado o tapete ao Conselho de Gerência da RTP? Naturalmente porque não quis partilhar o odioso da censura face ao sentimento democrático geral. A situação forneceu-lhe até um pretexto para dar a volta por cima. O Governo quis iludir a sua responsabilidade política na nomeação de gestores. Aliás, como é público, a idoneidade democrática de vários dos gestores da RTP deixa muito a desejar, em particular do seu presidente-censor de espectáculos no regime fascista. O Governo quis iludir que o principal beneficiário e agente de uma televisão controlada é o próprio Governo, que estimula igualmente uma programação medíocre e o «império dos enlatados".

Mas faltava ainda o ás de trunfo: a privatização...

Calha mesmo bem este bode expiatório da RTP e seu CG para insinuar a simpatia geral pela privatização da televisão! E aí está já o coro dos "lobbies" do PSD, dos grupos económicos, dos amigos de Maxwell, a recriminar o atraso na abertura às TV's privadas.

Mais uma vez o que está por detrás deste conflito é o jogo de cintura pela revisão da Constituição e o campeonato dos privados pelo lugar de primeiro aspirante. Caberá dizer que se trata de mais um embuste. A RTP precisa, sem dúvida, de ser democratizada, regionalizada, reprogramada pela qualidade e pela modernidade. Os canais privados não passarão de reedições pioradas da actual RTP quando não forem simplesmente a dobragem de canais estrangeiros. Temos na Europa o exemplo das esperanças frustradas da privatização televisiva numa diversidade e melhoria cultural.

Toda esta controvérsia pode ser meritória. Não para que fique tudo mais ou menos na mesma com a porta aberta à privatização. Mas para virar o bico ao prego desta polémica apaixonada. Existe o perigo evidente dos corifeus da privatização conquistarem adeptos para o seu projecto de obscurantismo no ecrã e milhões de dólares de publicidade na gaveta.

Na RTP a demissão de mais um CG é medida insuficiente. Torna-se premente um debate nacional sobre a Televisão, o reforço do controlo democrático com sede no Parlamento, o respeito pela Constituição e pela lei da Televisão, a actualização do Estatuto da RTP. A portugalização da RTP face à invasão das TV's via satélite. Sem chauvinismos ou porreirismos lusíadas nem dependência externa.

Já que pelo humor de perdeu a RTP, não podemos evitar um sorriso amarelo. A menos que a opinião democrática, os telespectadores denunciem esta operação de privatização à moda das "Produções Perdição". Assim riremos melhor no fim.

Se quiser ajudar a pagar esta publicidade faça um deposito na conta n.º 29483/830 da União Democrática Popular na Caixa Geral de Depósitos. Balcão do Rato n.º 0675 ou dirija-se ou escreva para a nossa sede central Rua S. Bento n.º 698, 1200 LISBOA. Tel.: 685034-5

UDP

Para contactos oficiais

CARLOS MELANCIA CHEGA HOJE A LISBOA

O governador de Macau, Carlos Melancia, chega esta tarde a Lisboa, onde permanecerá durante cinco dias para contactos com o Presidente da República, Primeiro-Ministro e ministro dos Negócios Estrangeiros, antes da visita deste membro do Governo a Pequim. Carlos Melancia, cuja deslocação a Portugal foi anunciada logo a seguir á sua visita a Pequim, abordará os contactos oficiais que manteve na capital chinesa com membros do Governo da República Popular da China e a situação do terriório á luz da declaração conjunta luso-chinesa sobre Macau.

«Em termos do interesse do Estado é indispensável coordenar as acções do Governo de Macau, do Presidente da República e do Governo», disse Carlos Melancia aos jornalistas.

O governador de Macau será recebido ainda hoje pelo Presidente da República e amanhã pelo Primeiro-Ministro, Cavaco Silva, pelo ministro dos Negócios Estrangeiros, João de Deus Pinheiro, e pelo ministro da Juventude, Couto dos Santos, que participou nas comemorações do 10 de Junho, em Macau, em representação do Governo.

Para além da coordenação com os órgãos de soberania, em termos do interesse do Estado, das várias questões que se colocam ao território de Macau neste período de transição, a presença de Carlos Melancia em Lisboa será também oportunidade para explicar ao Presidente da República, de quem depende directamente a administração do território, todo o processo da TDM.

Melancia é acusado de pretender atribuir directamente 49 por cento do capital da TDM á empresa privada Emaudio, o que é desmentido pelo Governo de Macau em comunicado distribuido esta semana considerando «falsa e destituída de fundamento», qualquer informação relacionada com a intenção de privilegiar a Emaudio, e salientando que «nada está decidido e nada está acordado com qualquer interessado».

O governador de Macau, que foi um dos fundadores da Emaudio mas vendeu as suas acções quando foi indigitado para o cargo, era acusado de ter entrado em negociações com aquela empresa para lhe vender quase metade do capital da TDM, sem abertura de concurso público.

Outras informações referem porém que, dada a desastrosa situação económica da TDM e a sua difícil viabilidade económica no quadro actual, os interessados não abundavam. Assim, o objectivo imediato da administração era solucionar tão depressa quanto possível um problema que se traduzia por um injustificável sorvedouro das finanças públicas, consequência de um projecto anterior, porventura mal equacionado.

Outra acusação refere-se á facturação de equipamento á TDM empresa pública, posteriormente á sua transformação em sociedade anónima, o que, em princípio, poderia indiciar que o erário público fora lesado. Sucede porém que os capitais da nova sociedade continuam a ser na sua totalidade do Estado.

No fundo, sobre Carlos Melancia abate-se todo o potencial de conflitos cruzados de administrações anteriores, numa herança um tanto complicada, com prejuízo dos interesses mais vastos do território.

A comunidade chinesa e as autoridades de Pequim mantêm-se absolutamente alheias a estes conflitos. Um exemplo disso pode ser encontrado na forma como há cerca de duas semanas decorreu a visita a Macau do responsável chinês para os assuntos de Hong-Kong e Macau, e que, na opinião dos especialistas na interpretação dos chamados «sinais» com que funciona muito a diplomacia chinesa, se traduziu num evidente apreço pela forma como o novo governador está a conduzir a administração do território. Os problemas existem e não podem nem devem ser ocultados, mas a sua forma e a sua importância não correspondem á dimensão que lhes tem sido dada. O caso da TDM terá sido apenas um oportuno pretexto para atingir Belém, no âmbito de uma estratégia que já se desenhava antes da ocorrência dos factos que afectaram a imagem daquela empresa.

Câmara de Lisboa

Gama ou Cravinho são alternativas a João Soares

O coordenador dos vereadores socialistas na Câmara de Lisboa, Vasco Franco, manifestou esta manhã ao «DL» a vontade dos socialistas de Lisboa de verem um dirigente nacional de destaque ser candidato à presidencia da capital. Esta ideia está a fazer escola desde há algum tempo. Vitor Constâncio, porém, ainda não definiu qualquer perfil.

A hipótese de Jaime Gama é «boa», segundo Vasco Franco, mas o ex-lider da minoria, agora aliado a Constâncio ainda não manifestou qualquer intenção.

Outra hipótese ao nível «top» do PS é a de António Guterres. Contudo, Vitor Constâncio deverá vetar esta candidatura pois o acumular dos cargos de secretário nacional para Organização com o de presidente da Câmara de Lisboa daria a Guterres demasiado poder dentro do PS. Terceira hipótese, é João Cravinho. Quanto a António Barreto, um nome bastante popular entre os socialistas de Lisboa, já terá recusado.

Contudo, segundo disse hoje ao fim da manhã ao «DL» Vasco Franco, «é ainda demasiado cedo».

Quanto a João Soares, que está a fazer esforços no terreno, a sua candidatura é malquista pela direcção, que não esquece o seu apoio a Gonelha no Congresso Nacional, apesar da posição posterior de integração na lista da «maioria» no congresso da FAUL.

Segundo Vasco Franco, «não há grande receptividade entre os militantes à ideia de um candidato com um perfil como o de João Soares».

João Soares, contactado pelo «DL», recordou que teve 44 por cento dos votos das militantes quando se candidatou contra Cardia (há dois anos), bem como o seu desagrado em discutir estas questões fora do PS. Só devido a «ataques sistemáticos» tem aceite responder «com bastante relutância». Porém, aqui há uma divergência política: Franco é responsável pelo acordo PS-Abecasis que Soares tem condenado por «dar cobertura à gestão do actual presidente».

A decisão, em primeira instância, pertencerá à Comissão Política Concelhia de Lisboa, a eleger em Outubro. Posteriormente, a decisão final pertencerá à Comissão Política nacional. Neste momento, há apenas uma candidatura à CPC, a de Vasco Franco que terá concitado apoios de quase todos os sectores segundo o próprio. A outra provável candidatura, apoiada por João Soares, é a de Roque Lino que, segundo Soares, «não é um homem do aparelho, ao contrário de Vasco Franco, mas um, político conhecido».

CÂMARA DE LISBOA DEMOLIU CLANDESTINO COM QUARTOS DE PENSÃO

Uma brigada da Câmara Municipal de Lisboa procedeu ontem à tarde à demolição de três quartos, duas casas de banho e uma arrecadação existentes no pátio da pensão Portugália, na Avenida Almirante Reis, depois de uma comunicação das autoridades sanitárias ao município, por falta de condições mínimas de higiéne, segundo disse o vereador Vasco Franco.

A ordem de desocupação existia desde Novembro de 1986, segundo o vereador, e o município só procedeu à demolição devido à falta de salubridade. «Normalmente — disse Vasco Franco ao «DL» — não demolimos os clandestinos em zonas antigas da cidade, a não ser por questões de segurança ou salubridade, ao contrário das zonas modernas, onde não os permitimos. Estas regras foram estabelecidas por despacho».

Os clandestinos, contudo, tinham mais de dez anos. Onória Esteves, de 26 anos, a actual proprietária só comprou a pensão há dois anos, tendo pedido 4500 contos emprestados afirmou que os quartos serviam para habitação dos empregados (um, pelo menos, brasileiro) e não para aluguer. Agora, afirma ela, se quizer trespassar a pensão só lhe dão cerca de dois mil contos.

Com a demolição, a pensão passa a poder alugar apenas quatro quartos, já que dois terão de ser ocupados pelos empregados, o que «não dá para pagar tudo o que tenho a pagar», acrescentou.

A Câmara Municipal, segundo Vasco Franco, possui a informação de que os quartos eram alugados: «dormiam três e quatro pessoas por quarto, em sistema de beliches», disse o vereador.

O vereador Vasco Franco, pelo seu lado, referiu-se também à degradação das traseiras dos prédios da Avenida Almirante Reis, feitas em ferro no princípio do século e que nunca foram reparadas. Segundo ele, logo depois do Bairro Alto, o pelouro de obras vai começar a intervir alí.

Sobre esta degradação, com as escadas de ferro sem degraus e varandas inteiras a ameaçar ruir, comentava um morador do prédio que ajudava Onória a retirar as coisas dos quartos: «como é aue querem que o senhoria faça obras se ele recebe sete contos e 500 de rendas por mês?»

A próxima demolição, a sexta, este ano, será de uma oficina na via pública junto à Avenida General Roçadas, programada para o dia 24. Anteontem foi demolido um anexo na Rua Portugal Durão.

Associação de Vilas não Sedes de Município contra PSD

Juntas de Freguesia poderão vir a não ter presidentes em número suficiente

A Associação Nacional de Vilas não Sedes de Município (Anavil) contestou ontem o projecto de decreto-lei do PSD sobre o regime de permanência dos autarcas nas freguesias. «Se este projecto for para a frente vão acabar por não ter gente para ocupar as presidências das juntas de freguesia», disse em conferência de Imprensa o presidente daquela organização, Gonçalves Sapinho.

O projecto de decreto-lei para instituição do regime de permanência a tempo inteiro, já aprovado na generalidade na Assembleia da República, contempla apenas 43 freguesias, na medida em que só se aplicará a freguesias com mais de 20 mil eleitores, ou seja, cerca de 1 por cento do total daquelas autarquias. Para a Anavil, o regime de permanência a tempo inteiro deve abranger todas as freguesias não localizadas em sedes de município, com mais de 2500 eleitores.

Para as restantes freguesias, incluindo as localizadas em sedes de município, a associação reivindica um regime flexível que varia entre o tempo inteiro e o meio tempo. Aquela organização refere ainda o facto de todas as freguesias a abranger estarem localizadas nas sedes dos concelhos, as quais serão as menos necessitadas de autarcas em actividade a tempo inteiro.

Os responsáveis pela Anavil consideram que o projecto de decreto-lei não toma em consideração as realidades que distinguem as freguesias. «Existem freguesias com uma actividade cultural e económica significativa, enquanto outras estão em regressão e são quase inexistentes», frisou o presidente da Anavil.

«Todas as freguesias têm as mesmas atribuições, os mesmos órgãos e as mesmas competências quando a realidade subjacente é bem diferente», acrescentou. A Associação Nacional de Vilas não Sedes de Município considera que o regime de permanência proposto peca por «não surgir na sequência de uma reestruturação da divisão administrativa e pela reformulação global do poder local a nível de freguesia».

A remuneração fixada no projecto para os autarcas em regime de permanência é também contestada pela Anavil, que pretende que essa remuneração fique referenciada ao salário do vereador do respectivo município. A associação reivindica também a transferência, por lei, de meios financeiros, técnicos e humanos para as freguesias a fim de fazer face a novas atribuições. Um debate sobre a autonomia destas autarquias será efectuado no próximo dia 25, em Coimbra.

Discursando em Lausanne, na Suiça

Couto dos Santos propõe que os jovens participem no poder local e regional

O ministro da Juventude português propôs ontem em Lausanne, na Suíça, aos responsáveis políticos dos países europeus, que concedam mais oportunidades aos jovens para participar em listas de candidaturas às eleições locais e regionais. «Promover a participação dos jovens na tomada de decisão será o melhor garante da coesão política e do desenvolvimento harmonioso das sociedades futuras», disse Couto dos Santos, durante a Conferência Europeia sobre as Políticas Regionais e Locais para os Jovens, organizada pelo Conselho da Europa.

O governante acrescentou que, em Portugal, «há mais de 8000 jovens eleitos em listas do poder local, o que tem dado um grande contributo para a modernização da sociedade portuguesa e para a definição de uma política de juventude ao nível local».

Couto dos Santos, que enumerou um conjunto de questões relacionadas com a situação dos jovens na Europa, designadamente quanto à mobilidade juvenil, habitação, cultura e emprego, interrogou-se sobre que valores pode a democracia evidenciar para que o fenómeno da indiferença política seja reduzido. «Cabe às organizações de juventude e ao poder local e regional dar resposta a esta questão, motivando os jovens para a participação social e política e para a luta contra a apatia e a indiferença», considerou o ministro.

Referindo-se à área da habitação, Couto dos Santos disse que «os últimos dados apontam para cerca de um milhão de jovens à procura de habitação» e acrescentou que «os municípios e as regiões da Europa deveriam lançar um programa comum, com vista a promover a recuperação do património habitacional e a construção de novas habitações para jovens».

«Nesse sentido, poderiam disponibilizar terrenos, conceder benefícios fiscais, apoiar tecnicamente os projectos e criar uma linha de financiamento comum, quer através de instituições bancárias especiais quer através da utilização do Fundo Europeu de Restabelecimento», acrescentou.

Couto dos Santos considerou «importante e urgente» que os municípios, em colaboração com as organizações de juventude, elaborem programas específicos de mobilidade que consagrem, entre outros aspectos, «acordos que facilitem os transportes de jovens e a criação de uma rede de habitação de passagem».

Congelamento no fim, redimensionamento de embalagens outra vez

REMÉDIOS: AUMENTO DE PREÇOS ESTÁ NA FORJA

A revisão, leia-se aumento, dos preços dos medicamentos poderá estar para breve, dado que termina no dia 9 do próximo mês o congelamento determinado em Janeiro e que só não abrangia as especialidades cujo custo se situava abaixo dos 250 escudos. A hipótese de o congelamento ser prorrogado continua em aberto mas de qualquer modo é esperado um reajustamento no tamanho das embalagens — o que certamente implicará uma subida nos preços.

Mais cedo ou mais tarde, porém, o congelamento do preço dos medicamentos cairá e os responsáveis do Ministério da Saúde já anunciaram, embora informalmente, que um novo sistema para fixar as novas tabelas está estudado. Trata-se de uma metodologia que terá base em índices de referência de formação de preços de três países europeus e um outro estebelecido pelo Governo português.

O anunciado reajustamento da dimensão das embalagens atenderá, por seu turno, a um estudo mandado elaborar pelo Ministério da Saúde, com base em 200 mil receitas passadas por clínicos gerais do continente tendo em atenção o padrão médio de cada grupo terapêutico.

Segundo uma fonte do Ministério, depois da anterior guerra das «unidoses», agora tratar-se-á de aumentar o tamanho das embalagens de algumas especialidades, enquanto outras serão ainda reduzidas.

Uma reavaliação periódica do doente é uma das inovações a estabelecer porque, segundo a explicação da mesma fonte do Ministério, há, por exemplo, pessoas idosas que necessitam de tranquilizantes, nomeadamente do grupo das benzodiazepinas, o que provoca dependência.

Desse modo, o reajustamento de algumas embalagens incide sobre os «grupos terapêuticos que, por excesso ou defeito, estarão subdimensionados e os grupos terapêuticos que exigem reavaliação periódica por se destinarem ou causarem tratamentos prolongados».

A Apifarma, associação do sector da produção de medicamentos, já considerou positivas as intenções governamentais e chamou a atenção para o facto de, deste modo, ser reconhecida a justeza das preocupações do sector e ainda, porque «o redimensionamento das embalagens se mostrou ineficaz».

Contudo, um porta-voz da Apifarma salientou o facto de os industriais ainda não terem sido consultados sobre as medidas agora decididas pelo Ministério da Saúde, apesar de darem razão às posições assumidas em 1986, a propósito do redimensionamento inicial das embalagens.

A GREVE DOS BANCÁRIOS

Esclarecimento do Grupo Negociador representante das Instituições de Crédito do sector público

Baseados na demagogia e confiantes na desinformação dos bancários e do público em geral, vêm os Sindicatos dos Bancários ameaçando nos últimos dias com o espectro da greve para forçar o Grupo Negociador representante das Instituições de Crédito a demover-se da sua "intransigência".
Servem de argumento a esta campanha o imobilismo da carreira profissional, o problema da Segurança Social e dos SAMS e a tabela salarial.
Vejamos como, pelo contrário, nenhuma razão assiste a tal tentativa de mobilização dos bancários em defesa de uma causa que não é minimamente fundada em razões de justiça ou de defesa de direitos ameaçados.

1. CARREIRA PROFISSIONAL E REGALIAS COMPLEMENTARES

O actual ACT dos bancários entrou em vigor em 15 de Maio de 1978, tendo sido revisto todos os dois anos, como permite a lei. Sendo à partida **o melhor contrato** português, as regalias foram aumentando ao longo dos últimos 8 anos (última revisão em 1986) de tal modo que já **não é possível** introduzir mais regalias ou melhorar as existentes, sob pena de se entrar no campo da pura irracionalidade empresarial.
Quando os Sindicatos se queixam de que as IC's não estão dispostas a "melhorar" a carreira profissional esquecem-se propositadamente de que:

- Em 1978, a **carreira automática** (promoções por mera antiguidade) ia até ao nível 7, com 20 anos de banco ou 10 do nível anterior.
- Em 1986, a carreira automática até ao nível 7 alcança-se com 16 anos de banco ou 7 anos do nível anterior e o limite da carreira automática estende-se até ao nível 9, com 31 anos de banco ou 7 do nível anterior.
- Em 1978, as **promoções obrigatórias por mérito** abrangiam os níveis 4 a 8, e eram de 5% do Grupo I.
- Em 1986 abrange os níveis 4 a 9, são de 15% do Grupo I e abrangem também os Grupos II e III, com a percentagem de 5% cada.
- Mas para além da carreira obrigatória fixada no ACT as IC's promovem um número de trabalhadores muito superior ao mínimo imposto. É assim que em 1987, apesar de o aumento médio das tabelas rondar os 12,5%, o aumento dos custos com o pessoal foi em média, em toda a banca, de 14,6%, acrescido significativamente, nalgumas instituições, com a distribuição de uma parte dos lucros pelos trabalhadores.
- Em 1978, o **subsídio de almoço** foi fixado em 0,5% do nível 5. É hoje do valor de 0,7% do nível 7.
- Em 1978, as **diuturnidades** eram de 5% do nível 3. São hoje de 6% do mesmo nível.

  Além das diuturnidades, foi criado em 1984 um **prémio de antiguidade** de 1, 2 e 3 meses de retribuição mensal efectiva atribuído aos 15, 25 e 35 anos de serviço.

2. SEGURANÇA SOCIAL

É falso que as IC's pretendam atentar contra os direitos adquiridos pelos actuais bancários. **É precisamente para melhor defender os direitos dos actuais bancários** que as IC's propõem que aos novos bancários seja dado o tratamento de que a generalidade dos trabalhadores portugueses beneficia: o regime da segurança social.
E porquê?
Por razões muito simples e que ninguém de boa fé poderá impugnar:

— Porque as garantias dadas aos actuais bancários de pagamento de uma pensão vitalícia igual à remuneração líquida à data da reforma, acrescida das diuturnidades e actualizável de acordo com as revisões salariais posteriores a esta data, representa um encargo financeiro de tal modo pesado que não deve alargar-se para além do actual número de beneficiários desse sistema.

— Porque o regime dos actuais bancários é um **regime de excepção** que não é viável manter indefinidamente, fazendo aumentar o número dos seus beneficiários para além dos actuais.

— A explicação desta situação reside no facto de o número de empregados bancários ter duplicado entre 1965 e 1973, e ter voltado a duplicar entre 1973 e 1988, o que fará concentrar, num horizonte de 15/20 anos, um número elevado de reformas, com vencimentos e diuturnidades líquidas por inteiro, a cargo das IC's, o que, conjuntamente com a tendência para a diminuição dos efectivos, tornará eventualmente o número de reformados igual ou superior ao número de empregados no activo!

O que as IC's pretendem é não pôr em perigo a segurança do pagamento das reformas aos actuais bancários quando daqui a 15/20 anos forem em massa para a reforma. O que se pretende é travar o aumento do grupo dos beneficiários de modo a contê-lo dentro de limites financeiramente suportáveis. Esta é a realidade, tudo o mais é demagogia sindical. **Opor-se a que os novos bancários tenham o regime geral é pôr em perigo o pagamento das reformas dos actuais bancários quando terminarem a sua carreira activa.**

3. SAMS

É falso que a proposta das IC's ponha em perigo a existência dos SAMS.
Foi repetidamente dito aos Sindicatos que as IC's aceitam contribuir — em termos paritários com os trabalhadores bancários que venham a ser admitidos no novo regime — para o SAMS, de modo a que estes concedam benefícios complementares dos fornecidos pelo SNS. Isto é, **com menos custo obter-se-ia o mesmo nível de benefícios reais.**
O SAMS continuará, assim, a ser alimentado pelas contribuições patronais e dos trabalhadores, e sendo aquelas relativas aos empregados no activo e aos reformados, só se acabasse a classe profissional dos bancários é que se extinguiria o SAMS!
Mais uma vez, esta é a realidade. Tudo o mais é demagogia e desinformação.

4. TABELA SALARIAL

A discussão da tabela salarial para os próximos 12 meses iniciou-se por uma proposta de cerca de 9,5% apresentada pelos Sindicatos (a proposta foi de 14% para 18 meses) e uma contraproposta das IC's de 5%.
Como as empresas do sector público e os Sindicatos integrados na UGT estão vinculados pelo acordo de concertação social concluído em Fevereiro deste ano — que prevê que a discussão se faça em termos de **massa salarial** e não de tabela — e constando do acordo a estimativa de 5% para a inflação do período de 12 meses que se inicia em 1 de Julho, a proposta inicial das IC's é perfeitamente razoável: 5% de tabela representa cerca de 7% da massa salarial tendo em conta os acréscimos derivados dos automatismos do ACT (promoção por antiguidade, promoção por mérito, diuturnidades, prémio de antiguidade).
As IC's sempre se declararam dispostas a rever esse valor inicial de 5%, estando certas que será possível encontrar um valor que permita chegar a acordo rapidamente com os Sindicatos.

Lisboa, 22 de Junho de 1988

Quadros e técnicos bancários também fazem greve

O Conselho Geral do Sindicato Nacional dos Quadros e Técnicos Bancários ratificou ontem a decisão da direcção de decretar um dia de greve na próxima segunda-feira, face à recusa do grupo negociador nomeado pelas instituições de crédito em prosseguir as negociações.

Para este sindicato, «em causa não estão tanto questões salariais mas, fundamentalmente, problemas como a constituição de um ou mais fundos de pensões para a garantia do pagamento das regalias sociais diferidas estabelecidas no ACTV», bem como «a possibilidade de qualquer trabalhador bancário abandonar voluntariamente o sector, sem prejuizo dos seus direitos em matéria de Segurança Social».

O Sindicato dos Quadros e Técnicos Bancários justifica ainda a greve pelo facto das instituições de crédito não aceitarem reivindicações como «a eliminação de toda e qualquer discriminação relativamente à assistência médica e medicamentosa, a concessão de facilidades, designadamente de licenças sem retribuição até um ano para formação profissional ou académica e outras soluções que não representam para as instituições de crédito qualquer aumento da massa salarial».

O Sindicato refere ainda que, dada a circunstância de haver «propostas e contrapropostas em que o Sindicato e as instituições de crédito estão de acordo e de, posteriormente, estas se recusarem a honrá-lo, o sindicato encara a hipótese de recorrer ao tribunal e ao Comité de Liberdade Sindical da OIT».

LAR chega à Covilhã no dia 1 de Julho

As Linhas Aéreas Regionais (LAR) vão estabelecer ligações regulares da Covilhã com Lisboa e o Porto, a partir do dia 1 de Julho, segundo foi anunciado no final de uma reunião entre a Administração da empresa, a Câmara Municipal da Covilhã e o responsável pelo aérodromo da cidade.

Entre 1 de Julho e 31 de Agosto vai haver três voos semanais Lisboa-Covilhã e outros três Covilhã-Lisboa, com possibilidade de vinda à capital e regresso no mesmo dia; os voos serão às segundas, terças e sextas-feiras.

Com o Porto, passará a haver duas ligações semanais, em cada sentido, com os voos às quintas e sextas-feiras.

O presidente da empresa recordou que a LAR vai dar um prejuizo de cerca de 130 mil contos no primeiro ano da sua nova fórmula, o que depois virá a equilibrar-se. A partir de Outubro os aviões vão ser substituidos por modelos mais modernos, rápidos e confortáveis.

Segundo Cavaco Silva ao "Jornal do Brasil"

INCONSTITUCIONALIDADES DO PACOTE LABORAL ULTRAPASSADAS ATÉ AO FIM DE JULHO

Até ao fim do próximo mês, altura em que o Parlamento fecha, as dificuldades constitucionais à revisão da legislação laboral estarão ultrapassadas, afirmou o Primeiro-Ministro ao «Jornal do Brasil», numa entrevista publicada no domingo passado. Segundo Cavaco Silva afirmou, antes de partir para o Brasil deu instruções no sentido de que a parte da proposta do Governo que o Tribunal Constitucional considerou inconstitucional fosse ultrapassada.

Cavaco Silva, na entrevista dada ao «Jornal do Brasil» antes de regressar a Portugal com passagem por Cabo Verde, afirma que deixou instruções em Lisboa «para ultrapassar esse obstáculo».

«E vamos ultrapassá-lo antes do fim do próximo mês, quando fecha o Parlamento», disse, acrescentando: «Eu hei-de mudar a legislação laboral e conseguiremos atrair capital».

«Mas se não conseguir mudar a legislação laboral, a nossa vida será um pouco mais difícil. O que sucederá é que os empresários vão continuar a apostar nos contratos a prazo e isso, na minha formação social democrata eu não aceito muito, porque há utilizações abusivas», disse o Primeiro-Ministro, segundo o «Jornal do Brasil».

«Quem sofre são os jovens e os desempregados», considerou ainda.

«Legislação injusta»

Na entrevista ao jornal brasileiro, Cavaco Silva explicou que, na sua opinião, «Portugal tem uma legislação injusta, composta por duas peças desiquilibradas».

«Toda a gente pode contratar a prazo um trabalhador e, com isso, os empresários habituaram-se a não apostar na formação profissional do trabalhador», acrescentou.

Segundo o Primeiro-Ministro português, «não se aceitam causas objectivas para o despedimento, isto é, se há uma mutação tecnológica, se as empresas perdem mercados, nem por isso podem libertar-se do excesso de pessoal».

Recorde-se que o acordão do Tribunal Constitucional que «chumbou» o pacote laboral foi publicado na terça-feira na folha oficial.

Segundo o acordão, o diploma violava os artigos 55 e 57 da Constituição (inconstitucionalidade formal) e 53 e 59 (inconstitucionalidade material).

Os dois primeiros artigos referem-se ao direito que os sindicatos e comissões de trabalhadores têm de participar na elaboração da legislação laboral, enquanto os outros dois são relativos ao direito ao trabalho e à segurança no emprego.

A decisão do Tribunal Constitucional foi tomada a 26 de Maio, 20 dias depois de o presidente Mário Soares ter enviado o diploma para apreciação preventiva de constitucionalidade.

Segundo a União de Sindicatos do distrito

Desemprego feminino cresce em Setúbal

O desemprego no distrito de Setúbal aumentou 22, 7 por cento entre Janeiro e Outubro de 1987, mantendo-se a mesma tendência este ano, conclui um estudo da União de Sindicatos do distrito.

«No início de Janeiro de 1987 estavam inscritos nos centros de emprego do norte do distrito 21.629 mulheres, enquanto que em Setembro de 1987 esse número se elevava a 26.546 (mais 4.917)», refere o documento elebaorado pelo gabinete de estudos da USS, concluindo: «Significa isto que o número de mulheres desempregadas inscritas aumentou ao ritmo de 235 por mês».

Segundo a análise feita pela União de Sindicatos, a par de tal aumento agravou-se o peso do desemprego feminino no desemprego total: «A percentagem de mulheres desempregadas no total de desempregados passou de 54,6 por cento em 1986, para 59,8 por cento em Setembro de 1987».

O estudo refere ainda que, analisando a evolução por centros de emprego, «verifica-se que a situação da zona de Almada é a mais grave», salientando que, no mesmo período, o número de mulheres desempregadas passou de 6.381 para 10.316, ou seja, o desemprego feminino cresceu 61,7 por cento.

A União de Sindicatos de Setúbal evidencia que, perante estes números, «o Governo mente quando afirma que o desemprego está a diminuir» e que «as mulheres são as mais atingidas por uma política laboral e social extremanente injusta».

Segundo a USS, é necessário acrescentar a este número «os trabalhadores em situação de desemprego precário, particularmente as mulheres, que são atingidas pelos contratos a prazo e pelo trabalho domiciliário».

ESTÁ NA CARA!

HONESTIDADE · DINAMISMO
TRANSPARÊNCIA

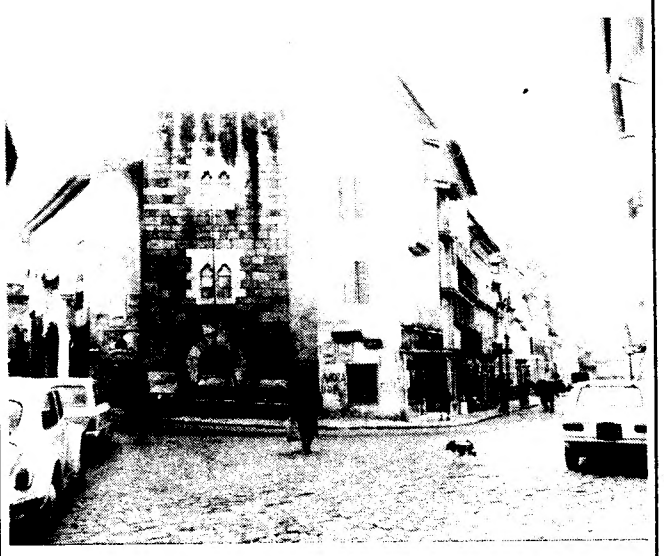
VOTA FIGUEIREDO

VOTA SPORTING

SCP

ELEIÇÕES - DIA 24 DE JUNHO
A PARTIR DAS 11 DA MANHÃ.

PELAS ESTRADAS DE PORTUGAL



Guimarães devolveu parcómetros comprados a firma dos EUA

Por não se ajustarem à moedas portuguesas, os parcómetros encomendados pela Câmara Municipal de Guimarães, a uma firma norte-americana, foram devolvidos à procedência. A empresa reconheceu o erro e prometeu adaptar os aparelhos no prazo de um mês.

De referir que os parcómetros deveriam estar preparados para receber moedas de 50, 25, 20 e de cinco escudos (brancas), estando a sua entrada em funcionamento prevista para o passado dia 15, o que não se tornou possível devido ao erro dectado durante os testes a que foram submetidas.

A CP e a população de Lardosa, Castelo Branco, chegaram a acordo em reunião efectuada ontem no Governo Civil do distrito, quando ao diferendo sobre a supressão de comboios.

O problema surgiu no passado dia 28 de Maio, quando a CP acabou com a paragem na região, de dois comboios, um ascendente e outro descendente, facto que levou a uma concentração popular junto à estação de Lardosa, com a imobilização da circulação ferroviária e posteriores confrontos com a GNR, de que resultaram dois feridos.

O director comercial da CP, Aparício Reis, informou que, a partir de hoje, os comboios passavam a circular livremente na Linha da Beira Baixa, ficando a empresa responsabilizada para, a partir de 15 de Julho próximo, aumentar a oferta de passageiros «de modo a servir as necessidades de transporte manifestadas pelas populações.»

Quanto aos comboios intercidades e inter-regionais, Aparício Reis garantiu que a CP «continuará a garanti-los tal como até agora, tentando ainda melhorar as ligações ferroviárias de e para Lisboa, satisfazendo assim, e de igual forma, os interesses das populações.»

A Câmara Municipal de Lisboa informou que os trabalhos de construção da conduta elevatória de Chelas, ontem iniciados, vão obrigar a que durante 90 dias o trânsito na Rua Gualdim Pais fique condicionado a meia faixa de rodagem, mantendo-se sem alteração a actual circulação de transportes públicos.

Três mortos e três feridos em acidentes no Porto

Três pessoas morreram e três outras ficaram feridas quando, esta manhã, no cruzamento de Freixieiro, em Matosinhos, um automóvel, com seis passageiros, foi embater contra um autocarro do Serviço de transportes Colectivos do Porto (STCP), ao que afirmam testemunhas, «por desrespeito ao sinal vermelho dos semáforos».

Os mortos foram identificados como sendo Adelaide Rodrigures Correia, António Cruz e João Vinha, todos residentes na Apúlia, tal como os feridos, que deram entrada no Hospital de S. João.

GALP DINAMIC Gasóleo

Para entrar em vigor em todas as fronteiras a partir de Julho

REGULAMENTO ALFANDEGÁRIO DA CEE ESTÁ A SER TESTADO EM VILAR FORMOSO

A partir do terceiro trimestre deste ano, ou seja em Julho, a maior parte das mercadorias que circula nos países da CEE apenas será sujeita a controlo alfandegário no posto de entrada do mercado dos doze, de acordo com o regulamento sobre simplificação dos postos fronteiriços, aprovado ontem, por unanimidade, no Luxemburgo. Fontes diplomáticas portuguesas, citadas pela Lusa, salientaram que o sistema está já a ser aplicado nas fronteiras de Vilar Formoso e do Caia, em relação a Espanha.

Três outros regulamentos de matéria aduaneira foram também aprovados pelo Conselho. Trata-se de disposições relativas às mercadorias introduzidas no território aduaneiro da comunidade, aos entrepostos aduaneiros e a entrepostos e zonas francas.

Por outro lado, foi decidido remeter para o Comité de Representantes Permanentes (COREPER) a directiva sobre o direito de permanência nos Estados-membros. A Grécia tem uma reserva geral sobre a obrigatoriedade de o estudantes apresentarem prova de recursos. De acordo com fontes diplomáticas, Atenas pretende que a directiva seja aprovada durante a presidência grega, a partir de Julho próximo. Por sua vez, a Dinamarca e o Reino Unido pretendem restringir a directiva ao direito de permanência dos estudantes. A Comissão Europeia ameaçou retirar a proposta se os reformados fossem excluídos da directiva.

A delegação portuguesa ao Conselho é chefiada pelo secretário de Estado da Integração Europeia, Vítor Martins.

Vigilante envolvido em assalto ao "Rouxinol" de Miratejo

A Polícia Judiciária afirma terem sido detidos três indivíduos, entre os quais um agente de segurança do próprio estabelecimento, suspeitos de estarem envolvidos no assalto ao Centro Comercial Rouxinol, em Miratejo, ocorrido há duas semanas e durante o qual foram roubados artigos no valor de 1200 contos, numa loja de aparelhagem de som e num clube de vídeo. No decorrer do assalto, o vigilante de serviço desapareceu, sendo encontrada uma mensagem que apontava para o seu rapto.

A PJ referiu na altura que se estava perante um rapto simulado, o que veio a confirmar-se, posteriormente, com a detenção dos dois presumíveis assaltantes, moradores em Miratejo, e do vigilante, que acabou por se apresentar na esquadra da PSP do Estoril.

Segundo a PJ, foi recuperada a maior parte do material roubado, com excepção de algumas cassetes de vídeo.

Roubadas chaves de jazigos no Cemitério da Ordem da Lapa

As chaves de vários jazigos do cemitério da Ordem da Lapa, no Porto, encontram-se nas mãos de assaltantes. A Polícia Judiciária informou que no assalto de que aquele cemitério foi alvo na madrugada da passada segunda-feira, desconhecidos partiram o vidro de uma guarita, apoderando-se assim de diversas chaves de jazigos.

O assalto está a ser investigado pela 4.ª secção (assaltos a residências e a estabelecimentos) da Directoria do Porto da PJ.

Enquanto antigos colegas e amigos falam em envenenamento

Morte de guarda-fiscal de Aveiro atribuída a "causa indeterminada"

A recente morte de um soldado da Guarda Fiscal que exercia funções no posto de Vagos é atribuída a «causa indeterminada», segundo apurou a Lusa junto de uma fonte da força comandada pelo general Hugo dos Santos. A informação é dada como constando no assento de óbito de Bernardo de Jesus Gonçalves, de 55 anos, encontrado morto a 29 de Maio na sua residência, no lugar de Gafanha da Vagueira. Todavia, fontes policiais adiantaram à Lusa que os exames laboratoriais requeridos pela Inspecção de Aveiro da Polícia Judiciária ainda não estão concluídos.

Em meios policiais e entre antigos colegas e amigos de Bernardo Gonçalves é entretanto admitido que a sua morte tenha ocorrido na sequência de envenenamento. As mesmas fontes não afirmaram que se tratou de um suicídio, mas a própria Polícia Judiciária confirma que Bernardo Gonçalves se tentou suicidar na ria de Aveiro, dias antes do seu falecimento.

A Lusa confirmou junto da PJ de Aveiro que Bernardo Gonçalves deixou uma carta que foi entregue por familiares àquela Polícia, presumindo-se que a missiva tenha algo a ver com a rede de contrabando conhecida por «Aveiro Connections», ainda alvo de investigações.

Tinha sido vítima dum grave acidente de automóvel

Operação do coração salvou estudante no Hospital de Faro

Telma Vieira, de 22 anos, aluna de um curso de guias-intérpretes, vítima a semana passada de um acidente de viação, no qual sofreu uma lesão grave no coração (um temporamento cardíaco), foi ontem salva, graças a uma delicada operação cirúrgica a que foi submetida durante três horas, no Hospital Distrital de Faro, por uma equipa chefiada pelo dr. João Moita. No acidente morreu uma outra estudante do mesmo curso, Madalena Reis.

A operação que «arrancou» Telma Vieira às «garras» da morte foi a terceira do género realizada com êxito no Hospital de Faro, considerado o mais importante do Sul de Portugal, mas que ainda assim se debate com vários problemas em alguns campos da prestação de cuidados de saúde.

O director daquele estabelecimento, dr. Mário Silva, manifestou a sua satisfação pelo êxito da operação que salvou Telma Vieira, mas lamentou que, por falta de especialistas, o hospital não possa ainda «dominar» outros sectores, com destaque para a Neurocirurgia.

Com intervenções de Laborinho Lúcio e Natália Correia

Encontro "Justiça e Espectáculo" no Centro de Estudos Judiciários

No âmbito de uma iniciativa subordinada ao tema «O Livro e a Cultura», o Centro de Estudos Judiciários (CEJ) vai organizar na sua sede, em Lisboa, uma Feira do Livro, de 27 do corrente a 3 de Julho, no qual participam 20 editoras.

No programa elaborado pelo CEJ, a escritora Natália Correia e o jurista Laborinho Lúcio (director do CEJ) serão alguns dos intervenientes no encontro «Justiça e Espectáculo», a realizar no próximo dia 29.

Paralelamente à Feira do Livro, na sede do Centro estarão patentes exposições de pintura (de Georgina Frazão) e de escultura (Rosa Fazenda).

A semana «O Livro e a Cultura» inclui também uma hora de guitarra portuguesa com Pedro Caldeira Cabral (dia 27), um colóquio sobre «Direito Comunitário do Trabalho» (dia 30), a apresentação do livro «O Homem e o Poder» de Rodrigues da Silva (dia 1 de Julho) e uma «Conversa sobre a Criação Literária», com Alçada Baptista, entre outras actividades.

Quatro cabras, dois cabritos e um cão na PSP de Beja

Na Secção de Achados da PSP de Beja encontram-se, para serem entregues a quem provar ser seu proprietário, quatro cabras, dois cabritos e um cão.

Por outro lado, durante o passado mês de Maio, a PSP de Beja fez cinco capturas, registou 65 participações e queixas, organizou 76 processos, 68 dos quais referentes a armas, efectuando cinco operações e quatro de fiscalização.

A Polícia bejense identificou também 13 suspeitos em cinco operações de rusga e procedeu a 252 autuações, 249 das quais por infracções às regras de trânsito.

No mesmo período, o Comando Distrital da PSP de Beja registou dez acidentes de viação.

DL NACIONAL

Ministros da Justiça do Conselho da Europa decidiram

Prostituição infantil será mais controlada e penalização mais severa

Os ministros da Justiça dos países do Conselho da Europa decidiram, no último dia da XVI Conferência que os reuniu até ontem em Lisboa, que deve ser rigidamente controlado o crescente tráfico e exploração sexual de crianças. Com essa finalidade foram aprovadas seis medidas: penas severas para as pessoas envolvidas na prostituição infantil; possibilidade de os responsáveis pelo tráfico serem punidos independentemente do país onde o crime for cometido; hipótese de confiscar as receitas provenientes desta prática; melhor policiamento dos locais onde se promove a prostituição; e, por último, mais contactos com as autoridades dos países de onde são originários os jovens e as crianças exploradas.

O cenário da exploração sexual infantil é preocupante: em cada ano, no mundo, um milhão de crianças são raptadas, compradas ou constrangidas por diversos meios a entrar no mercado do sexo, segundo uma estimativa contida num relatório ontem apresentado num hotel da capital pelo ministro norueguês da Justiça. Na Europa, onde os números são imprecisos, sabendo-se que crianças e jovens são «importados» da América Latina ou da Ásia para o velho continente, os únicos indicativos disponíveis referem que há mil crianças prostitutas na Holanda e que 5000 rapazes e 3000 raparigas dedicam-se à mesma actividade apenas na cidade de Paris.

Segundo declarações de Fernando Nogueira, feitas numa conferência de Imprensa em que foram apresentadas as conclusões da reunião ministerial, «há situações de crime organizado que têm de ser combatidas com maior eficácia que os meios existentes permitem». O ministro da Justiça da Bélgica, presente no encontro com os jornalistas juntamente com os seus homólogos inglês e italiano, realçou a importância que poderão ter as medidas acordadas, nomeadamente a penalização do crime independentemente do local em que foi praticado ou os contactos com os países de origem das crianças.

A primeira, pensa o responsável belga, permitiria uma acção eficaz no que se refere à «internacionalização» destes crimes (o chamado «turismo sexual»), enquanto a segunda tornaria possível uma cooperação eficaz, no seguimento do sucesso que obtiveram as acções transnacionais contra o terrorismo e o tráfico de droga.

Na XVI Conferência dos ministros da Justiça dos Estados-membros do Conselho da Europa foi também recomendado que, para salvaguarda dos interesses da criança e do Direito privado, e tendo em conta sobretudo o caso de crianças abandonadas ou filhas de pais divorciados, seja rapidamente ratificada a convenção do Conselho da Europa sobre a guarda de crianças, a fim de evitar disputas prolongadas entre os pais. Os ministros definiram, igualmente, propostas para uma melhor assistência judiciária e funcionamento dos tribunais de família.

Quinto vereador da CDU em Lisboa não é da CDU - é do MDP/CDE

Em texto publicado na nossa edição de ontem sob o título «Município lisboeta só investiu 52% de um orçamento de 12 milhões» referimo-nos, por lapso só explicável em hora de fecho da edição, a cinco vereadores da CDU e só citámos quatro nomes: os de Rui Godinho, Anselmo Aníbal, Vítor Alves e Vítor Costa.

Um atento leitor do «DL», Veríssimo Ferro, responsável pela Comunicação Social no MDP/CDE, viu no erro implicações mais graves: de facto, aqueles quatro vereadores foram eleitos não pela CDU mas pela APU, quando aquele partido ainda estava coligado com o Partido Comunista Português.

Assim, o alegado «quinto» vereador que no jantar com a Imprensa dos autarcas comunistas foi apresentado aos jornalistas como a prova de que a CDU é o grupo político mais representado na Câmara Municipal de Lisboa, não é da CDU mas sim do MDP/CDE. Escrito na pressa do jornalismo quotidiano, o texto passou ao lado, sem perceber, de uma subtileza (?) estratégica do PCP que, como jornal independente que somos, não queremos partilhar: tornar a presença do MDP/CDE na Câmara Municipal de Lisboa esquecida.

Do facto pedimos desculpa àquele partido e aos nossos leitores.

Natércia Campos está em liberdade caucionada

SUPREMO REDUZIU PENA A ARGUIDA DO "CASO FP-25"

Natércia Campos, arguida no 2.º processo do «Caso das FP-25», viu reduzida pelo Supremo, de treze para dez anos e meio de prisão, a pena a que tinha sido condenada em Monsanto, e depois confirmada pelo Tribunal da Relação de Lisboa.

A diminuição em dois anos e meio neste acórdão foi a única excepção do Supremo que confirmou todas as outras penas que oscilam na generalidade entre 10 a 15 anos de cadeia. De referir que o 2.º processo das «FP-25» absolveu cinco dos 30 réus, no julgamento que terminou em Fevereiro de 1988.

Segundo um dos causídicos, que foi notificado na passada segunda-feira desta decisão, apenas restam aos réus, cujos recursos foram logo para o Supremo devido a ter sido um processo com júri, o apelo para o pleno do Supremo de Justiça, muito difícil, porque resulta da confrontação de acórdãos.

Natércia Campos, que era funcionária da Universidade Nova, foi sentenciada depois de um processo que durou cerca de ano e meio no Tribunal de Monsanto, já depois do primeiro processo que condenou Otelo Saraiva de Carvalho como «mentor de organização criminosa», encontrando-se em liberdade provisória sob caução e com residência fixa.

INSTITUTO DO EMPREGO E FORMAÇÃO PROFISSIONAL

FUNDO SOCIAL EUROPEU

Despacho Normativo Nº40/88 de 1 de Junho

Candidaturas Através do Instituto do Emprego e Formação Profissional

1. Nos termos dos nºs 3, 4 e 5 do Despacho Normativo nº 40/88 de 01/06/88 da Secretaria de Estado do Emprego e Formação Profissional, poderão candidatar-se aos Apoios do Fundo Social Europeu, através do Instituto do Emprego e Formação Profissional (IEFP), nomeadamente as seguintes entidades:

   a) Empresas com menos de 250 trabalhadores ao seu serviço;

   b) Instituições Particulares de Solidariedade Social e pessoas colectivas declaradas de utilidade pública;

2. Os projectos de formação profissional deverão ser entregues nos Centros de Emprego das Delegações Regionais do Instituto do Emprego e Formação Profissional até ao dia 30 de Julho.

   A apreciação das candidaturas terá lugar até 31 de Dezembro de 1988.

3. Os formulários adoptados para a candidatura são os utilizados para o concurso ao Fundo Social Europeu, podendo ser obtidos nos Centros de Emprego das Delegações Regionais do Instituto do Emprego e Formação Profissional.

4. As regras de financiamento adoptadas para estes projectos são as seguintes:

   . 50% da contrapartida nacional na primeira quinzena após o início do programa de formação;

   . 50% da contrapartida do Fundo Social Europeu trinta dias após a comunicação da aprovação do programa quadro pela Comissão das Comunidades Europeias, se o programa de formação tiver início antes deste período, ou na quinzena de início do programa de formação se este se iniciar em data posterior;

   . A parte restante com a aprovação do relatório final.

DELEGAÇOES REGIONAIS DO IEFP:

Delegação Regional do Norte - Rua Engº Ezequiel Campos, 488 - 4100 Porto
Telf: 67 13 44 / 5
Delegação Regional do Centro - Av. Fernão Magalhães, 648 - 3000 Coimbra
Telf: 365 61 / 365 72 / 83
Delegação Regional de Lisboa / Vale do Tejo - Rua Almirante Barroso, 15
1000 Lisboa Telf: 57 74 45
Delegação Regional do Alentejo - Rua Vasco da Gama, 7 - 7000 Evora
Telf: 261 56 / 84
Delegação Regional do Algarve - Rua Baptista Lopes, 34 - 8000 Faro
Telf: 837 65 /75

NIRP - 88

Caldeiradas e Santos Populares

Sesimbra já vive "semana especial"

Senhoras e senhores: Sesimbra vai servir-lhes os seus santos populares e as suas (populares) caldeiradas. Mas desde já avisa, sobre estas últimas: as espécies do peixe da sua costa habilitam-na a prometer um bom prato, um bom serviço. «Embora a caldeirada não se possa considerar um prato típico de Sesimbra, pois a sua confecção é habitual em várias terras piscatórias, talvez pelas espécies desta privilegiada costa e pelo toque especial dos 'cozinheiros' locais, a caldeirada de Sesimbra tornou-se famosa e constitui motivo de atracção para os apreciadores dos bons pitéus», lê-se numa publicação local.

À mesa se sentaram, esta semana, alguns deles numa loja de Companha, designação que se dá à «oficina» de um arrais, de um mestre que acondiciona, numa casa (espaçosa e fresca), todos os seus apetrechos. Foi na do barco «Emiliano» que vai à pesca do arrasto para bem longe. A «devora» abriu com o moscatel da ordem (e da região) e, quanto a dar ao dente, meteu sardinhas, a dita caldeirada e a «massinha», isto é, massa de peixe feita no molho da caldeirada. Não é fácil de perceber quando não se come...

«Semana das caldeiradas» em Sesimbra, que sábado (dia 25) tem o seu primeiro dia, coincidindo com o auge dos festejos de S. João. Festa dos santos populares, uma tradição que se recuperou, a seu tempo, nesta vila piscatória, e «ameaçam» ter, a curto prazo, a expressiva significação de outrora, ligada que está ao culto do fogo e às antiquíssimas celebrações do solstício de Verão.

Sensibilização

As festas dos santos populares têm vindo a ser recuperadas através de uma campanha de sensibilização e apoio, desenvolvida pela Câmara Municipal, que mais não fez que dar corpo e responder às solicitações dos moradores das ruas arreigados a tal tradição. Depois, bem depois, vieram «equipas», muita vontade e a tradição aí está para durar.

Os jovens integrados em escolas e grupos de samba têm participado activamente nessa recuperação: parte deles ornamentando espaços; outros, organizando marchas. É da conjugação dos seus esforços e boa vontade, predominando a alegria, que os festejos dos santos populares vivem em Sesimbra, a par da imaginação, do bom gosto e da capacidade de trabalho das suas gentes.

«Relançar o passado, construir o futuro» é um desafio que os sesimbrenses põem a eles próprios, numa vila em que não há desemprego, reconhecendo todos que «a semana das caldeiradas não existiria se não fossem os comerciantes». A Comissão de Desenvolvimento e Gastronomia de Sesimbra dá corpo a esse naipe e tem um palmarés invejável — com a Câmara Municipal — a seu favor: Festivais do Mar, caldeiradas e espadarte.

«Como é que não se dividem, tendo em conta que quantos mais forem a um lado, não irão ao outro?», perguntamos ao dono do «Escondidinho», que tomou lugar na mesa (durante a «caldeirada» de apresentação aos gastrónomos e jornalistas) ao lado do presidente da Câmara (Ezequiel Lino), da vereadora do pelouro (Odete Graça) e do proprietário do «Ribamar». Não estavam só, como restauradores: havia ainda o José Augusto (do «Saloio»), o Heitor («Farol»), Filipe (do «Vilipe») e Camilo Rodrigues (do «Baía»), sempre a poetar, a amanhar quadras.

«As nossas contas não são de dividir, são de multiplicar ou de somar», respondeu-nos um deles, vincando a unidade da classe.

Entendimento

Os comerciantes esmeram-se em apresentar uma boa (e bruta, como alguns dizem) caldeirada. Mas isso não seria possível (claro) sem os pescadores. São estes que escolhem os melhores exemplares de safio, tamboril, raia, tremelga e caneja. «Não temos dúvidas em dizer que são os pescadores quem lhes confere a mais alta qualidade», diz a Câmara Municipal.

Há um exemplar entendimento entre os pescadores e os comerciantes. E destes com a Câmara Municipal — apesar de tudo —, como Oliveira Martins, Hélder, Camilo Rodrigues, Heitor e Filipe fizeram questão de vincar no encontro com os jornalistas para apresentação da «Semana das Caldeiradas» e dos santos populares: a primeira decorrerá até 3 de Julho — termo do Festival do Mar, em que as duas acções se inserem.

Santos populares que proporcionarão um dos momentos altos ao Festival do Mar, com S. João e S. Pedro (a Câmara Municipal presta colaboração decisiva neste aspecto); «semana das caldeiradas» que movimentará trinta restaurantes no total (26 em Sesimbra, três em Santana e um na Aldeia do Meco), durante sete dias, num são entendimento. «O divertimento e o prazer da mesa dão as mãos nestes dias de folguedos, anunciando a chegada do Verão e as colheitas», duas situações determinantes para a população do concelho.

Serigrafia, gravura contemporânea e aventais de Buarcos são pretexto, neste Festival do Mar/Semana das Caldeiradas/Santos Populares, para três exposições a não perder.

No Porto atinge a cotação máxima

JOÃO: O MAIS "SANTO" DA FESTA

Jose Alberto Magalhaes

Lusa/«DL»

Tão casamenteiro como o confrade António, rapioqueiro e folgazão como o calvo Pedro, João, eixo da trilogia dos santos populares portugueses, é, na verdade, um santo que o povo transformou em festa.

Velhos e novos, ricos e pobres, descem à rua, seja dos bairros limítrofes, seja das paragens mais recônditas do Norte e Nordeste, para abraçarem e cidade do Porto, abraçando-se, para beijarem a urbe, beijando-se, para amarem o velho burgo, amando-se.

Noite sem igual sempre quente ainda que o tempo, esteja frio, sempre terna ainda que o orvalho arrefeça, sempre lúbrica, ainda que a moral (raramente...) iniba.

Festa profana, «repescada» por uma «astuta» Igreja sempre atenta a tudo quanto meta multidões, o S. João do Porto é uma festa sem paralelo em todo o País.

Regenerodora, extremamente simbólica, a festa representa acima de tudo uma verdadeira comunhão do povo, que, nessa noite, elimina as barreiras sociais, políticas e económicas e transforma-se, como que por milagre, num só corpo.

Desde tempos imemoriais que povos tão diferentes como os asiáticos ou os romanos celebram o S. João, e os portuenses, tal como aqueles, buscam simbolicamente no fogo (as fogueiras que alegremente saltam), na água (através das orvalhadas de bom prenúncio), e nas ervas aromáticas (a cidreira e o alho porro, este um ancestal remédio contra o mau olhado), o lenitivo para os restantes dias do ano, normalmente frustrantes e eivados de incumpridos desejos.

Conta Garrett que no S. João, no século XIV, havia três rivais: o republicano (em Cedofeita), o malhado (na Lapa) e o realista (no Bonfim).

Também Alberto Pimentel se refere nos seus escritos ao S. João do Porto dividido «no do povo, nos campos de Cedofeia» e «no da burguesia, no arraial da Lapa».

Acrescenta que «as noites de alegria popular vão de princípio ao fim, sem solução de continuidade: o povo bebe o prazer como o vinho, a longos tragos, não às pinguinhas».

Celebração de uma vida honesta e séria

Já Fernão Lopes, referindo-se ao século XIV e ao reinado de D. Fernando, salientou o facto de «determinado acontecimento ser festejado no Porto com uma animação e um entusiasmo desabridos» referindo-se à noitada de 24 de Junho na urbe invicta, a data, a de maior folgança popular na cidade.

A vida de S. João Baptista, curiosamente, é um exemplo de honestidade e seriedade, apresentando-nos os documentos bíblicos S. João como santo austero e milagreiro, inimigo de folias e devassidões.

Resta como mistério indecifrável que o povo o tenha transformado em santo que preside à festa mais alegre e pagã de todo o Norte.

Filho de Zacarias e Israel, viveu ao tempo do Rei Herodes, tendo pregado o advento de Jesus Cristo.

Morreu por ordem do monarca judeu, que assim satisfez o capricho de Salomé, sua amante, a qual instigada pela perversidade da mãe (Heródias) exigiu a cabeça do santo, que criticara o facto de Heródes ter deixado a mulher legítima para se juntar com Heródias.

As mais típicas manifestações sanjoaninas são as cascatas, o fogo e as fogueiras, o orvalho e a água, as ervas e plantas, as sortes e crenças, a gastronomia cerimonial, os bailes de rua e os inestéticos, barulhentos mas popularíssimos «martelinhos».

Em altares, erguidos sobre torrões de musgo ou disfarçadas caixas de cartões, miúdos (estes com o objectivo de angariarem uns tostõezitos) e graúdos colocam o santo popular preferido, rodeado de imagens várias, misturando sem regra o sagrado e o profano.

O costume das fogueiras de S. João radica-se em antiquíssimas tradições, basicamente pela crença no poder regenerador do fogo, acreditando-se que ao saltá-las (sem chamuscadelas...) se apressa o casamento.

Supertições passam por fogo e água

A água, na ideia do povo, dorme todas as noites, mantendo-se acordada na noitada sanjoanina para curar doenças, em especial de pele, dar beleza aos jovens e vigor aos velhos.

Daí ninguém fugir das habituais orvalhadas de S. João, que são mesmo objecto de laudatórios cânticos e quadras populares.

Folclore sanjoanino é também o da crença nas virtudes específicas das ervas aromáticas, como o alho porro, o manjerico, o alecrim, o rosmaninho, a marcela, a cidreira, o funcho, o véu de noiva e o rabo de gato.

O povo crê que estas ervas são bentas na madrugada de S. João, possuindo virtudes específicas referentes à saúde, felicidade e amores.

As raparigas casamenteiras depositam grandes esperanças na noitada sanjoanina.

A tradição reservou-lhes inúmeras sortes e crenças, desde a dos papelinhos, colocados sob o travesseiro à meia-noite com vários nomes, tirando-se, no dia seguinte, à sorte aquele que indicará o futuro marido, até à da moeda que, atirada à fogueira ou colocada dentro de água, é entregue no dia seguinte ao primeiro pobre que indicará o nome do prometido esposo.

Outras crenças radicam em partir um ovo, à meia-noite, dentro de um copo de água e «ler», no dia seguite, as formas que as claras tomaram. Ou em atirar um chinelo, desde o cimo das escadas, com o número de degraus desde a base das escadas até ao degrau em que o chinelo ficou a indicar os anos que faltam para o casamento.

Rico em tantos aspectos, o S. João é pobre do ponto de vista gastronómico.

O prato do dia é o carneiro ou anho e cabrito assado com batatas e arroz de forno, bem como as sardinhas assadas com pimentos.

Destaque na doçaria para os «doces de Paranhos» e os típicos «velhotes», um pão-de-ló embebido em ovo.

Bailinhos de rua: o lado casamenteiro

Típica manifestação sanjoanina são os bailes de rua, trampolim para uma mais intensa comunhão homem/mulher, que justifica o epíteto de «malandro» com que os nortenhos se referem, maliciosamente, ao santo.

Basta um cantinho, de terra batida ou empedrado, um giradiscos, rapazes e raparigas e temos o S. João de rua, aquele que mais tradições transporta do passado.

O ambiente é emoldurado por meia dúzia de postes com ornamentações e lâmpadas coloridas e, «praxe» obrigatória, as «dedicatórias» que acompanham os discos, quase sempre «recados amorosos», «isca para atracar ao anzol o peixe desejado».

É que, na verdade, o santo «é mesmo malandro», e a noitada é propícia ao eclodir de devaneios, que não raro degeneram em situações «por vezes bem mais complicadas».

Há quem escorregue... e quem caia mas, no entanto, são milhares os casamentos que tiveram a sua génese em namoricos sanjoaninos.

O santo é na verdade tão casamenteiro para os nortenhos como o Santo António o é para os lisboetas.

Rapazes e raparigas, em longas filas, alegres e barulhentas, deambulam noite dentro pela cidade, entoando cânticos no meio de uma sã (mas não inocente...) brincadeira, trocando piropos com conhecidos e desconhecidos, brincando e dançando onde calha.

Tanto o homem como a mulher tomam, sem preconceitos, a iniciativa, sendo as caras bonitas as mais procuradas.

As trovas e quadras referem-se, normalmente, ao amor, seja o carnal — (os homems perdem o tino / quando estão à tua beira / a lenha tem o destino / de se queimar na fogueira) — seja o brejeiro — (menina tenha cuidado / não ande muito na roda / o mundo faz o pecado / a seu jeito e à sua moda).

Ou, ainda — (vai dançar mas não esqueças / que é noite de S. João / tem cautela se tropeças / quem há-de erguer-te do chão).

Toda a gente conhece toda a gente

Ou o casamenteiro, como — (o S. João, no Porto / faz casamentos a esmo / em Lisboa o Santo António / por pirraça faz o mesmo) — ou como — (a roda em que andei rodando / nos braços do meu Manel / foi-se estreitando / estreitando / até caber num anel).

Nessa noite toda a gente conhece toda a gente, ricos e pobres deambulam em condições de perfeita igualdade, trocam-se saudações que jamais se repetem, as cidreiras, os cravos, as rosas, o mal cheiroso alho porro servem para «acariciar» as caras bonitas que se cruzam e ninguém leva a mal mesmo as «aborrecidas» marteladas, prática recente dos festejos sanjoaninos.

O irreverente e barulhento martelinho «nasceu» na década de sessenta, quando um fabricante de plásticos nortenho, ocasionalmente em França, deparou com um saleiro / pimenteiro em forma de fole e resolveu fabricar um objecto musical.

Os estudantes da Queima das Fitas adoptaram-no, no seu cortejo, em 1968, surgindo o martelinho já no S. João desse ano.

Proibido no ano seguinte, em nome da tradição, o caso arrastou-se no tribunal durante três anos, para terminar com a vitória do industrial portuense e com a «invasão plástica» nas noites sanjoaninas.

Um ano houve em que o S. João foi esquecido, mas que se tornou uma referência histórica: em 1847, a guerra civil trazia o País a ferro e fogo, com a Patuleia.

Nesse ano, o S. João passou despercebido, havia movimentos de tropas nas ruas, desordens com o Exército espanhol, em Junho, à vista da cidade.

Seria, todavia, em 24 de Junho, dia de S. João, que nos arredores do Porto, no Gramido, se assinaria a convenção do mesmo nome que poria termo às lutas fraticidas.

DL NACIONAL

Tráfego de mercadorias fica e CP encerra troço da linha do Corgo em 1989

Um compromisso assumido entre a CP e as autoridades locais, no início da semana, pôs termo à movimentação de cidadãos da zona de Vila Real contra o encerramento de um troço da linha de caminho de ferro do Corgo. Os cidadãos responsabilizavam o Governo e o Conselho de Gerência da CP por «eventuais incidentes resultantes de manifestações contra o possível encerramento da via».

O troço a encerrar, segundo disse ao «DL» o director comercial da CP, Miguel Ataíde, é o entre Vila Pouca de Aguiar e Chaves, «paralelo a uma estrada muito boa», «onde o caminho de ferro só representa transporte local e não regional».

A supressão dirá apenas respeito aos serviços de passageiros, no final do ano corrente, e deve-se ao facto de o número de bilhetes comprados a montante de Vila Real não exceder os 25 passageiros por composição, «o que representa metade da lotação de um autocarro», recordou Miguel Ataíde.

A movimentação de cidadãos deu-se devido à supressão, em Maio, de quatro dos dez combóios que circulam nos dois sentidos (segundo Miguel Ataíde, isto reduz a 19 as 23 anteriores possbilidades de deslocação da população). «Ainda assim, mantêm-se a possibilidade de as pessoas se deslocarem à capital do concelho e à capital do distrito e voltarem no mesmo dia e de irem à capital regional (o Porto) num dia e voltarem no outro».

Depois do corte de originou a movimentação de cidadãos, havia um combóio de manhã, outro ao fim da tarde e o terceiro à noite; após a reunião com os presidentes de câmara de Vila Real e Vila Pouca de Aguiar e o governador civil ficou estabelecida a passagem dsa composições de manhã, ao meio do dia e à noite.

No entanto, o problema subsiste quanto às aldeias de Cigarrosa e Fortunho, de 300 habitantes cada, porque se encontram na margem do rio oposta à estrada e a empresa Cabanelas não faz transportes para lá por considerar que não são rentáveis, segundo disse ao «DL» um informador de Vila Real.

No documento de protesto, aprovado no domingo, contra a «má gestão da linha do Vale do Corgo», reivindica-se a manutenção de todos os horários que estiveram em vigor até fins de Maio bem como a reposição de combóios que façam a ligação às principais composições da Linha do Douro.

Por outro lado, os cidadãos decidiram solidarizar-se com os utentes de outras linhas igualmente ameaçadas de encarramento e em particular com os das linhas do Tâmega, Tua, Sabor e do troço Barca D'Alva-Régua, na linha do Douro.

Cedência da Feira não serve a agricultura
— diz Federação de Santarém

«A cedência da Feira Nacional de Agricultura à CAP é o resultado de pressões políticas para evitar o desaparecimento de uma organização cada vez menos representativa da lavoura ribatejana e nacional, não servindo a agricultura portuguesa» — afirma uma nota do gabinete técnico da Federação dos Agricultores de Santarém.

Entregue a uma «organização que representa um número restrito de grandes agricultores, a Feira Nacional de Agricultura serve apenas os interesses de querelas partidárias de uma agricultura feudal que se encontra desajustada da realidade nos países da Comunidade Económica Europeia em que estamos inseridos», salienta a mesma nota, assinada por António Ferreira.

Alcaide de Badajoz e a Feira de S. João

"SOMOS A 3ª CIDADE DE PORTUGAL"
— disse Rojas Torres ao "DL"

Júlio Rodrigues

Mais de 120 mil habitantes, 65 mil eleitores, entre eles cinco mil jovens entre os 18 e os 25 anos, com Elvas à vista e acordo de geminação com Santarém: é Badajoz, que esta semana vive as suas tradicionais festas de S. João. Por elas, milhares de portugueses passam a fronteira do Caia. Por ela, veio há dias a Lisboa o alcaide — presidente da Câmara Municipal — Manuel Rojas Torres. Veio fazer a sua apresentação, porque quer receber muitos portugueses. «Badajoz é, hoje em dia, não em população fixa, mas em pessoas, que lá vão, a terceira cidade portuguesa», disse ao «Diário de Lisboa».

Badajoz prepara-se para vestir as suas melhores roupas, porque os momentos altos da Feira (e Festas) de São João aí estão. Desde 17 do corrente que a cidade se anima: «Sem Portugal, pouco valemos», acrescenta este presidente, de 43 anos, cinco de «ayuntamiento», pelo PSOE. Partido Socialista Obrero de Espanha, que detém quinze vereadores em 27 possíveis, quando a concorrência soma os restantes: oito a Alianza Popular, de Fraga Iribarne; quatro o Centro Democrático Social, de Adolfo Suarez.

A Câmara Municipal de Badajoz apostou forte nesta Feira de San Juan: de tal modo que a veio publicitar a Lisboa, seis anos depois de uma outra iniciativa — o alcaide não era Manolo Rojas Torres — idêntica. «Badajoz, sem os portugueses, não faz sentido», reconhece. Mais não faz, ao dizê-lo, que retransmitir aquilo que ouve dos comerciantes da região, muitos deles seus apoiantes.

Badajoz não tem sentido sem os portugueses, do mesmo modo que qualquer das suas festas. Mas é na Feira de San Juan que o peso do lado de cá da fronteira se sente com mais eficácia. Basta ouvir as pessoas...

D. Manuel Rojas Torres em conversas com o repórter

Interioridade não autonomismo

Badajoz vive o problema da interioridade, da distância de Madrid, da lonjura da planície estremenha. Tem problemas candentes aparentemente, da mesma importância de Bragança e Guarda. Mas só aparentemente: em Badajoz vive-se. É o lema dos pacenses, incrito num porta-chaves que Manuel Rojas Torres fez questão de oferecer aos jornalistas portugueses com os quais há dias se sentou à mesa de «O Polícia», em Lisboa.

«Em Badajoz se vive», é o lema de boa parte dos seus mais de 120 mil habitantes, que o forasteiro constata em todas as «calles» e bares da cidade. A alegria de muitos esconde, quantas vezes, problemas que afectam, também, muitos portugueses. Um deles é o do desemprego. Outros há. «Mas não o da autonomia porque nos entendemos bem com Madrid», esclarece o presidente pacense. «Somos do mesmo partido, temos os mesmos interesses, de desenvolvimento e bem estar das populações, pelo que não há razão para conflitos desse tipo», acrescenta Manolo Rojas, segundo o qual há na região «uma grande consciência regional».

«Cidade espanhola mais portuguesa», «terceira cidade portuguesa»: qualquer das designações serve a Badajoz, e com nenhuma delas se incomodam os portugueses. Somos nós, de resto, os melhores consumidores de Badajoz, como Rojas Torres fez questão de vincar, os portugueses.

Desemprego apenas isso

Diz-se atrás, aviva-se agora: o desemprego é o grande problema da região. Tirando isso, pouco mais há a reclamar, porque a assistência à saúde é razoável (é modelar o hospital, do lado esquerdo para quem vai de Elvas, que serve a população). Aliás, quanto a saúde e educação, se há um reparo a fazer — e Rojas Torres fê-lo —, será sobre o número de colégios que a municipalidade reclama e é da esfera do Poder Central. «Badajoz carece de mais três estabelecimentos de ensino médio», frisa o presidente.

Também 1992 preocupa os pacenses: Manuel Torres espera que os empresários estrangeiros que optem por Portugal a partir dessa data — fronteiras livres, livre circulação de capitais e pessoas — não se esqueçam de Badajoz. «Não nos faltam razões para nos alegrarmos da vizinhança com Portugal», atalha o presidente, que considera a região das menos desenvolvidas da Europa, mas com grandes potencialidades.

Manuel Rojas Torres, não veio só, a Lisboa, apresentar a Feira de São João que esta tarde tem o seu primeiro espectáculo taurino (Manuel Ruiz «Manili», Luís Reina e «El Soro»). É a primeira das quatro (grandes) corridas desta Feira, já que o «Ayuntamiento» fez questão de embandeirar neste aspecto, pois quer, ainda este ano, comprar a praça de toiros a Chopera. «É a mais importante Feira taurina dos últimos anos, onde não faltam referências nem artistas portugueses», acentua Paco Gil, assessor da Câmara para a Feira Taurina, que acompanhou a conversa.

É verdade: desde Rui Bento Vasques (que sábado à tarde se «doutorará», isto é, que passará a matador profissional, em cerimónia muito especial, apadrinhada por Manzanares, sob o testemunho do famoso Ojeda) aos toiros de Cunhal Patrício, já que Vítor Mendes ainda não recuperou do acidente aéreo de há semanas. A Feira fecha, no domingo, com outro cartel interessante: Curro Romero, Paula e Juan Mora. Amanhã (sexta), Ortega Cano, «Espartaco» e o substituto de Mendes.

O Munícipio e a organização da Feira puseram na edição deste ano um cuidado muito especial em relação a Portugal, a ponto da jornada de sábado (25) ser considerada «Dia das Cidades Irmãs» — Badajoz e Elvas —, com desfile de grupos folclóricos das suas regiões, de manhã, e um espectáculo, ainda de folclore, ao fim da noite, na «Caseta» Municipal.

Delta sem cafeína um café com Coração

QUATRO DAMAS DA INDÚSTRIA

Lourdes Feria

Com percursos e histórias distintas, estas quatro mulheres constituem o exemplo cabal de que o chamado sexo fraco pode ser musculoso nos negócios. Por razões circunstanciais ou por mérito próprio, atingiram zonas de poder tidas como feudo quase exclusivo dos homens. Disputam-lhe as feitorias, ombreando com eles nas altas esferas da gestão. Desenvoltas e dinâmicas, dão uma imagem de segurança e eficiência, as pastas de executivas não se chocam com os saltos finos de sete centímetros nem com o requinte da «lingerie». Empresárias bem sucedidas, estas damas da indústria, fixadas no Porto, conhecem o sabor doce e acre do triunfo.

Maria de Lourdes Patacão, 37 anos, olhar frontal, juba leonina a emoldurar um rosto expressivo, atende-me nos escritórios da sua empresa de confecções. Uma vivenda, na Estrada da Circunvalação, decorada com móveis românticos, nada do escritório convencional. Há revistas de moda, frutas na mesa e uma caixa de chocolates no chão; o corpulento **S. Bernardo,** monstro peludo, deitado no tapete, pregou-me um tremendo susto. Receio infundado porque o animal não me ligou patavina. «Adoro este bicho enorme que respira como uma pessoa. Como não tenho filhos fiz um transfer afectivo para o meu cão.»

Mulher de fibra, exprime-se com convicção, imprimindo ao discurso uma cara de autenticidade. É uma personalidade forte e temperamental. Cumpriu no sector têxtil uma trajectória, cujo início remonta ao Fundo de Fomento de Exportação, onde esteve dez anos. Era uma jovem economista que, a convite do professor Amaro Matos, ingressou naquele organismo burocratizado. «Pretendia-se transformar aquilo numa célula viva da exportação portuguesa, tendo em linha de conta a moda e o 'design'. Uma experiência fundamental para abrir a minha visão de economistazinha lisboeta. Repare que, em 1973, enviámos para Londres 24 jovens recém-saídos da Escola de Belas-Artes, entre os quais se destacavam nomes como os de Manuela Gonçalves, Ventura Abel e Helena Redondo. Voltaram com o curso de estilismo, diplomados numa escola inglesa. Assisti, portanto, ao despertar de uma indústria que até aí só produziu roupa imprópria para exportação.»

Aos 33 anos, imaginou um projecto deveras ambicioso que remetia para a montagem de um centro de moda, novidade em Portugal. «Sentei-me à mesa com os patrões da indústria e convencio-os de que o País necessitava de incorporar moda. Com a queda do Governo, o sonho gorou-se no ovo, sem apoio estatal é impossível avançar.» Desiludida com o malogro do seu **«centro difuso de moda»,** resolve aceitar a oferta que lhe fez uma empresa nortenha. Tratava-se de um desafio e **Maria de Lourdes Patacão,** com estofo de lutadora, enfrentou-o. Incumbida do lançamento, em Portugal, de uma prestigiada marca americana, desembaraçou-se da tarefa com brilhantismo. «Aprendi a técnica do 'marketing' com os americanos, os mestres do crime. Como é que se impõe um produto? No caso havia que adaptar uma marca estrangeira ao gosto português. Algo de sofisticado, dirigido a homens de negócios, do escalão social alto. Promovemos seminários por todo o País com vista a seleccionar a clientela, operação seguida de uma campanha publicitária extremamente elitista. Escolha dos medias: rigorosa. Qualidade: irrepreensível. Preço: secundário. Seleccionou-se quem interessava, ouviu-se quem sabia acerca do que interessava, e chegou-se, através de um técnico, onde interessava. Êxito total, vendemos cerca de 80 mil contos. Ganhei o desafio e pagaram-me principescamente.»

Estado de graça

Fim de capítulo. Maria de Lourdes Patacão: enceta a carreira de empresário, com partida do zero. Funda de raiz uma empresa, a NAP é ela. «Produzimos vestuário feminino coordenado, engendramos as diversas soluções que se podem apresentar a um cliente internacional e inclinado para versões originais. A colecção do ano passado consistiu numa homenagem ao **Dias Júnior,** enquanto a anterior se subordinava ao tema das viagens especiais. A deste Verão, airosa e feminina, baptizei-a com o título de 'estado de graça': Diáfana, leve, suave, com um toque de graça.»

Em escassos anos, resgistaram-se visíveis progressos na empresa, de resto os números provam-no quando indicam exportações anuais na ordem dos 400 mil contos. **«Sou determinadíssima, nunca desanimo, é este o segredo do meu sucesso.»** Mas, um dia, pensa afastar-se dos negócios, da vida frenética. O regresso às origens (ao Alentejo), viver numa quinta o ritmo vagaroso do campo, é a sua meta.

Inscreve-se no horizonte das suas pulsões de desejo. «Não busco promoção social nem sequer persigo sonhos de riqueza... o que me faz correr? Vertigem do poder? Talvez, gosto de mandar. Coloco-me no mesmo plano do meu marido que desempenha as funções de director comercial da Maconde.»

No universo masculino dos negócios, **Maria de Lourdes Patacão** move-se perfeitamente à vontade. «Sou de discutir, de dar murros na mesa. Uma mulher na sociedade machista tem de levantar a voz quando é preciso. Há que dar guerra, de outra forma podem gerar-se equívocos e abusos.» Cansou-se das roupas, passar 365 dias à volta de tecidos, de cores, de volumes, de desenhos, a páginas tantas descamba no tédio. «Dantes gastava todo o meu dinheiro em trapos, hoje eleito uma ou duas peças e o resto causa-me um profundo aborrecimento.»

Perdeu o vício das roupas, mas não das viagens. Em férias, ela e o marido deambulam pela Índia, Tailândia, países exóticos e longínquos que estimulam os sentidos. **«Ficamos horas nos mercados a captar a combinação de cores.»** Apaixonada pela arqueologia busca vestígios de civilizações antigas sobre as quais, antes de partir, recolhe a conveniente informação nos livros. Peru, Bolívia, México, Guatemala, Birmânia... são terras que já explorou. Este ano vai ao Nepal, sem hotéis marcados, um pouco ao sabor da aventura. Ainda que dependa do calendário e dos afazeres profissionais que exigem a sua presença.

Lê o suficiente, embora com lacunas «graves» no que respeita à ficção portuguesa. «Só os do passado, já li o velho Eça mais de vinte vezes.» É uma pessoa muito emotiva, característica que tenta contrariar, agindo racionalmente. «Sim, baixo o lume para a água não ferver. Às vezes discuto com os clientes, os machões não são somente um produto português. Há também disso na Suécia e na Dinamarca. Vêm-me com patranhas e eu, num racciocínio de dois e dois são quatro, desmonto-lhes o esquema. Aí, pontos nos **is:** digo aos machos nórdicos o que penso das suas manobras falaciosas. Têm de me respeitar enquanto mulher e cidadã portuguesa. Marialva sueco que me tente enganar, meto-lhe os patins nos pés e mando-o para a terra dele. Gabo-me de seleccionar a minha clientela à ponta de espada.»

Conserva ainda resquícios da combatividade dos tempos estudantis, da época em que militava na esquerda radical. Amiga e colega de **Ribeiro dos Santos,** o mártir do MRPP que morreu assassinado pela Polícia, **Maria de Lourdes Patação** lutou **«contra a opressão».** Numa das muitas investidas das «forças da ordem» à Faculdade de Económicas, saltou pela janela e partiu o nariz. Era, portanto, uma activista. «Hoje, em 1988, não há necessidade de se ser radical. Vive-se numa democracia, as eleições funcionam, Mário Soares é um democrata e Cavaco Silva, sendo de linha dura, não me parece que tenha tentações perigosas.»

Actualmente define-se como **«adepta do capitalismo moderado»,** de uma sociedade com as regras do jogo bem defenidas a onde se criem leis que protejam os direitos dos trabalhadores. Aberta à iniciativa privada, **«principal motor do desenvolvimento de um país»,** mas liberal e civilizada.

Curiosamente estas mulher de armas, nunca tirou carta de condução. Enerva-se com o trânsito, **«sou uma panela de pressão e odeio máquinas».** Tem um motorista, do sexo feminino, que a transporta de reunião para reunião, de fábrica para fábrica. É a **dona Alice,** uma mulher competente ao volante de um carro. «Porque não? Cada um faz o que sabe... eu sou muito distraída e como tal, um perigo em circulação. Punha-me a pensar na saia de pregas ou no estilo da camisola e levava com o carro do vizinho em cima.»

Coleccionadora de arte

Mãe de dois filhos, em vias de consumar o divórcio, **Maria da Conceição Oliveira,** administra uma fábrica de confecções. É uma morena atraente que veste modelos de **Kenzo** e de **Montana.** Vive na Foz, numa vivenda lindíssima, digna de vedeta do cinema americano, projectada pelo arquitecto **Viana de Lima,** em 1953, ano em que ela, a moradora, nasceu. Possui uma colecção de arte já avultada, perto de 150 obras, sendo a maioria assinadas por pintores dos anos oitenta. Nascida em S. Martinho do Campo, na mancha geográfica dos têxteis, esteve durante dois anos no Colégio do Sagrado Coração de Jesus, em Lisboa, num regime de internato suave. «Tínhamos auditório e piscina... as freiras deixavam-nos sair com os namorados.»

Foi para Inglaterra aperfeiçoar o inglês, e no regresso, admitiu seriamente a possibilidade de fazer o curso de Direito. «Desisti porque, com o 25 de Abril, o ensino tornou-se confuso.» O casamento fixou-a ao lar, fadando-a para a missão de esposa e mãe, só que entretanto desfizeram-se os laços matrimoniais e Maria da Conceição Oliveira, aos 30 anos, apercebeu-se de que tinha capacidade para gerir as fábricas da família. «Comecei por inteirar-me dos negócios e, agora, partilho com a minha mãe, a administração da empresa.» Empresa com 700 trabalhadores em que as mulheres são maioritárias. Produz calças, camisas, «blasers», toda uma gama de vestuário destinado ao mercado estrangeiro, sobretudo alemão, onde impera **«o bom gosto e a moeda forte».**

Política? Não a atrai. Mas, nota haver maior consciência quanto a opções e uma maior clarificação no panorama ideológico. Realização profissional? «Muito subjectivo, o poder não me entusiasma, prefiro sentir-me útil. Valorizo mais a amizade e a saúde. Sem pretender assumir-me como feminista, penso que as mulheres, mesmo no campo dos negócios, revelam mais esperteza do que os homens. Também me parecem mais racionais e ponderadas.»

Aprecia a pintura, em particular a dos expressionistas. Quadros cobrem tudo o que é parede da sua casa. Estão no «hall» de entrada, nos corredores, nas escadas, nos quartos das crianças, em todas as dependências. «Colecciono especialmente pintura portuguesa dos anos oitenta, o que tem a ver com os meus conhecimentos pessoais, embora também pese a questão económica. De início comprava por prazer, mas actualmente já me preocupa com o investimento. Sem contar com a Vieira da Silva, julgo que fiz um bom investimento nos seis óleos e nos quatro desenhos que adiquiri da Paula Rego.»

Maria da Conceição, na hora de comprar, aconselha-se com os **«experts»** de pintura. «Raramente leio as críticas, informo-mo junto das pessoas que percebem de arte. Tenho um galerista amigo, em Paris, que funciona como espécie de meu consultor.» Rodeada de objectos caros e de luxo, aparenta ser uma mulher «muito positiva» e feliz. Veste-se de cores vivas e alegres, variando entre a extravagância de um Jean Paul Gaultier e o acento femenino de um Chanel. À moda. Não pára, tem uma vida social intensa: «Festas, jantares, reuniões, espectáculos... **gosto de conviver.»** Não ostenta a pose fria e distante dos executivos, evidência, transparência e sensibilidade.

Nos cartões de visita de *Leena Morgado* vem indicada a profissão de *«managing director»*. Esta finlandesa loiríssima exporta, anualmente, cerca de um milhão e 200 mil contos em roupa. Depois de se firmar nos mercados dos países nórdicos, a sua empresa esforça-se agora por vencer as resistências dos espanhóis e italianos. «Fazemos quatro colecções, mas tudo leva a crer que teremos de acelerar o ritmo de produção. Como a concorrência exige uma resposta rápida há que investir na tecnologia e no «design». Há que impor a nossa marca, convencer os estrangeiros de que somos capazes de conceber colecções vendáveis.»

Filha de um engenheiro dos caminhos-de-ferro, nasceu na costa, virada para a Suécia, a 50 quilómetros do mar, zona da planície muito parecida ao Alentejo. Do avô, empresário da construção civil e comunista, fala com respeito carinhoso, embora não perfilhe da sua ideologia. «Politicamente situo-me na área do centro esquerda, por uma questão de feitio ou de educação nunca me identifiquei com posições de direita. A Finlândia fica entre dois mundos antagónicos, daí que a sua política externa tenha de ser conduzida com tacto...

Dominando o castelhano candidatou-se a um estágio em Espanha, após ter concluído o curso de Economia. Derrotada pela concorrência masculina ofereceram-lhe uma alternativa, a hipótese de Portugal, onde acabará por estagiar num banco de Lisboa, e frequentar um curso para estrangeiros, na Faculdade de Le-

Leena Morgada, a finlandesa apaixonada por Portugal

Teresa Seabra, a nova geração do Douro

Maria de Lourdes Patacão, uma mulher de fibra

Maria Conceição Oliveira, a imagem da moda

tras, e obter uma bolsa da Gulbenkian. Entretanto, responde ao anúncio de uma fábrica finlandesa de malhas que estava a ser montada em Vila do Conde. É aceite. Mais tarde resolve ela própria tornar-se empresária. «No ramo das confecções para mulher somos, talvez, uma das maiores fábricas. Das 500 pessoas que ocupa, perto de 100 trabalham a tempo inteiro. Portugal acordou, na qualidade de produtor de moda, bastante tardiamente, já devia ter começado há quinze anos atrás. Sem dúvida que existe criatividade, mas também falta senso comum. Afigura-se-me ilusório encarar a moda dentro de uma perspectiva unicamente artística, a moda pede conhecimentos técnicos e de mercado. Convém que os jovens estilistas adquiram uma certa dose de ponderação, de molde a conseguirem agradar ao público consumidor que, normalmente, rejeita o desenho complicado.»

Agressividade comercial

Na generalidade, a moda portuguesa, segundo *Leena Morgado,* quando desligada da indústria, caracteriza-se por uma nota excessivamente *«boutiqueira»*. Em qualidade, ao que afirma, os tecidos portugueses *«deixam muito a desejar»*, motivo por que prefere importá-los da Itália, França e Alemanha, tanto mais que o factor preço já nem sequer *«é significativo»*. Sobre o êxito da sua empresa no mercado nórdico, com destaque para a Dinamarca *«onde fecham fábricas todos os dias»,* explica-se pela competitividade na acção, por uma prática comercial insistente e eficaz.

Sente-se bem em Portugal, país simpático e acolhedor, o contraste das sociedades nórdicas, escravas de inúmeras regras que coarctam a liberdade dos cidadãos. No entanto, confessa que, por vezes, nas viagens de negócios à Europa do Norte invade-a uma espécie de nostalgia. Cede às sugestões dos cheiros, da tonalidade escura da paisagem, de toda uma atmosfera que suscita melancolia. «Nós, finlandeses não somos exuberantes. Um clima tão deprimente, de outonos sombrios e invernos gelados, não propicia estados eufóricos».

Amiúde, *Leena Morgado* vai às feiras de moda *«captar tendências», ver que look* se vai usar na estação seguinte. «Criamos moda consoante os mercados. Por exemplo: na Escandinávia prevalece a imagem fresca e desportiva, mas com ênfase na qualidade, enquanto na Inglaterra se vê cada trapo... Países socialistas? Temos alguns planos, até já encomendámos sondagens a uma firma filandesa.»

Divorciada, com um filho de 17 anos, vive para a profissão. «Sou perfeccionista, estou sempre debaixo de uma certa tensão. Sem a empresa talvez me aborrecesse no Porto, embora seja assídua de contratos e exposições. Denotando possuir informação literária, alude ao encanto de Vergílio Ferreira. «O último livro dele que li foi 'Até ao Fim', obra dramática e chocante que se instala dentro de nós». Já a linguagem de *Agustina* lhe parece inacessível *«só com dicionário»*, o mesmo se passa com José Saramago, *«autor difícil de perceber»*.

Coleccionadora de arte, *Leena Morgado* pertence juntamente com vários empresários a uma comissão que se propõe angariar fundos para a *Cooperativa Árvore.*

Impor pela diferença

De certo modo, *Teresa Seabra Vanzeller* representa a nova geração empresarial dos vinhos do Porto, realidade em que se baseou a campanha de lançamento do produto que uma agência de relações publicas promoveu no Reino Unido. «Marketing» pessoalizado, a incidir na imagem juvenil da administração que é ela e o irmão, apenas doze meses mais velho. Tem 28 anos e um curso superior de Línguas e Literaturas Modernas. Exprime-se correctamente em inglês e viaja muito, pois compete-lhe exactamente dinamizar a parte dos contactos e da expansão dos mercados.

Sem contar com o mercado inglês onde os seus vinhos conquistaram uma excelente reputação, a sua marca já se introduziu na Espanha, Estados Unidos, Suécia e no Japão. «Na América do Norte podemos vir a absorver dois a três por cento e no Japão estamos a crescer. Penetrámos, numa pequena escala, em Hong Kong... e, na China, muito pouco. Temos ainda garantido o serviço de bordo das linhas aéreas da Escandinávia. Quanto à Espanha não é mérito nosso, toda a concorrência lá entrou. Mercado Comum? Não me parece desastroso, desde que o estatuto do vinho do Porto seja bem negociado.»

No que respeita ao mercado português, encara-o como «secundário» atendendo à dificuldade de arranjar bons distribuidores. «O que há está tomado pelas grandes marcas, nós somos uma empresa de dimensão média. Verdade é que não dispomos de condições para participar na guerra de preços. Queremos impor-nos pela diferença, jogar na qualidade. Vinho aceite na Inglaterra é aceite em qualquer país do mundo. Os ingleses, que gozam da fama de conhecedores, lidam essencialmente com um mercado de *vintage,* no qual nos incluímos.»

Teresa Seabra e o irmão herdaram quintas e caves, uma firma decaída que trataram de pôr em pé. Tinham 22 e 23 anos, respectivamente, e a inexperiência de quem principia. «No negócio predominavam as gerações acima da nossa, o que nem sempre facilitava o diálogo. Dividimos os mercados, a mim coube-me, sobretudo, a Escandinávia, onde me desloco com frequência, a fim de conversar com os nossos agentes. Convem mostrar que existimos, as pessoas gostam de saber quem está por detrás da garrrafa. Já me aconteceu decidir ir à Dinamarca em três dias.»

Algumas frases, proferidas por *Teresa Seabra,* ajudam a desenhar o seu perfil, a precisar linhas, a vincar traços: «Consumo normalmente literatura de escaparate de aeroporto, livros destituídos de preocupações culturais»; «talvez me identifique com a mentalidade Yuppie... não sei»; «devia ter feito um curso de Gestão Económica, desses que estão na moda». A publicidade fascina-a ao ponto de lhe apetecer comprar tudo o que ela enaltece. Isto, sucede-lhe mais nos Estados Unidos, especialistas exímios do incitamento ao consumo.

Lê a revista «Holla» que mostra gente *«bem vestida e festas bestiais»,* sem andar desesperadamente obcecada por aquela publicação espanhola. Atribui-lhe os efeitos do ópio e o papel de banda desenhada. «Acho que retrata um mundo divertido, embora não gostasse de ter uma vida como as das pessoas que lá aparecessem. De resto, as caras não mudam, fuma-se muito e bebe-se ainda mais. «Olá» portuguesa? Limito-me a folheá-la, ocasionalmente, tem alguma piada mas nunca lá vejo rostos conhecidos. Também passo os olhos pelos jornais, só que não aprofundo nada. Eu, nas colunas sociais? Dentro do possível evito-o, se for por causas relacionadas com a empresa não me importo.»

Conservadora?

Oriunda de uma família tradicional e conservadora, com um nome sonante em matéria de linhagem, **Teresa Seabra Vanzeller,** a nível político pende mais para a direita do que para a esquerda. Admira Cavaco Silva, porque é autoritário e votou, nas presidenciais, em Freitas do Amaral. Todavia, há nuances e contradições que devem ser sublinhadas. Só vai para a rua quando a luta se torna renhida, nas situações escandantes, e intitula-se liberal. Como? **«Na medida em que defendo a liberdade e a igualdade de oportunidades, em que sou pela democracia, em termos genéricos.»** Católica praticante, diz não usar chicote no trato com os empregados e ser até **«boa de mais».** Também não exige o tratamento de **doutora** ou outra qualquer deferência, à maneira dos novos ricos ou dos graduados pirosos. «Aqui ninguém me chama nada a não ser Teresa, porém, admito que tem de haver alguém que manda, senão cai-se na balda.»

Insisto no **conservador,** pensando na campanha de Freitas do Amaral e na fauna que o apoiou. Responde-me não saber o que eu entendo por conservador, que se calhar estamos a falar de conceitos distintos. «O facto de efectuar um despedimento não me impede de ter sentimentos de culpa, de não dormir nessa noite... só que faço o que urge ser feito. Ao fim e ao cabo, o que é a esquerda? «No meu tempo de liceu eram os irresponsáveis que boicotavam as aulas, os que abandalhavam. Hoje, apesar de continuar a bater nas teclas de um piano avariado, a esquerda mudou de imagem.»

Casada, marido **do mesmo género** (tradução: mesmo tipo de família, nome equiparável ao seu), filho pequenino, aprendeu francês e estudou nas escolas oficiais. Férias repartidas entre a quinta da mãe, em **Trancoso,** e as praias algarvias. Vive na Foz, tem um estatuto social confortável, ainda que muito aquém de certas fortunas portuguesas de fresca data. Cuida da casa, vai às compras e o marido, por vezes, ajuda-a a confeccionar o jantar.

Para ela, as mulheres, executivas ou simples domésticas, distinguem-se, psicologicamente, dos homens. Reconhece haver incompatibilidade entre o exercício profissional de **supermulher** e a dedicação à vida familiar. Muitas delas conciliam ambas as tarefas graças a um poderoso esforço. «Quando viajo preciso de levar roupa a condizer com os sapatos e as malas. De levar a tralha da maquilhagem, um monte de coisas. Enquanto o meu irmão mete um fato na mala eu levo a minha a abarrotar. Depois temos a **história** que nos indispõe, pelo menos quatro dias por mês. Como patrão verifico que as mulheres faltam mais, ao trabalho, do que os homens.» Mas, excluindo o acumular de funções, o desgaste, a educação condicionada para o casamento, **Teresa Seabra** confessa que ter poder é uma sensação agradável.

Em causa a indústria de conservas de sardinhas

FRANÇA NEGA DIREITOS DE EXPORTAÇÕES IBÉRICAS PARA CEE

A França opõe-se a que seja votada, hoje, no Conselho de Ministros das Pescas dos doze, uma proposta de redução em 70 por cento dos direitos aduaneiros sobre a exportações de conservas de sardinha portuguesas e espanholas para o mercado comunitário.

De acordo com o regulamento do Conselho, um assunto só é votado se tiver circulado, com essa indicação expressa, na proposta de agenda da reunião com quinze dias de antecedência, o que não aconteceu com a proposta do comissário Cardoso e Cunha, necessitando, assim, como o referiram fontes diplomáticas no Luxemburgo, de se encontrar unanimidade para que o assunto possa ser votado.

Ora, essa unanimidade foi negada por França que aceitou discutir o assunto, embora tenha recusado votá-lo. Recorde-se que, decorrente da situação actual, está o prejuízo, nomeadamente para Portugal, da aplicação do acordo recentemente firmado com Marrocos, que estabelece melhores condições para este terceiro país comparativamente aos países comunitários ibéricos, que ainda vêem as suas exportações de conservas sobrecarregadas com direitos.

A proposta da comissão europeia equivale a uma suspensão desses direitos, no caso português, e terá de ser aprovada pelo Conselho de Ministros na sua próxima reunião de 19 de Outubro.

A alteração da organização comum de mercados no sector de produtos da pesca e de certas medidas técnicas de conservação de recursos será um dos assuntos debatidos pelos ministros, reunidos em Conselho, no Luxemburgo.

Entretanto, ficou aprovado no conselho de ministros do mercado interno da CEE que as administrações nacionais dos países da comunidade têm 90 dias para aprovar o preço de um medicamento apresentado por uma empresa farmacêutica, embora o prazo seja prorrogável por igual período, a partir da entrega pela empresa de informações adicionais sobre a formação do preço, caso tenham sido solicitadas pelas administrações nacionais.

Esta reivindicação, levantada pelo representante português, foi do mesmo aceite que a inclusão das marcas colectivas de origem geográfica na legislação comunitária, considerada por Vítor Martins, secretário de Estado da Integração Europeia, como «importante para o país, nomeadamente para produtos como o queijo da serra ou o vinho do Porto», tendo recebido o voto negativo por parte da França e de Espanha.

Os doze não chegaram, porém, a nenhum consenso sobre a marca comunitária nem a um acordo sobre o direito de permanência de estudantes e de não activos nos países da comunidade, tendo este último caso, sido remetido para o Comité de Representantes Permamentes (Coreper).

Foi reconhecido, entretanto, pela primeira vez que existem problemas para Portugal e Espanha na adesão, em 1992, à convenção do Luxemburgo, resultantes das restrições às exportações portuguesas e espanholas de produtos farmacêuticos, até 1996, tendo o assunto sido deixado para uma conferência intergovernamental, marcada para o próximo semestre.

«O país tem etapas de concentração por preencher»

Os doze acordaram ainda sobre o reconhecimento mútuo dos diplomas de ensino superior com um mínimo de três anos - «importante para Portugal, segundo Vítor Martins, dado poder vir a ter «muitos candidatos diplomados com cursos superiores a postos de trabalho no estrangeiro» -, bem como sobre a simplificação dos postos fronteiriços, já aplicada nos postos de Caia e Vilar Formoso, onde apenas se verifica um controlo à entrada sem repetição à saída.

Finalmente, destaque-se a discussão, pela primeira vez em sede de Conselho para o Mercado Interno, dos aspectos relacionados com as concentrações de empresas, sobre as quais Vítor Martins antevê, para Portugal, ainda um período em que existem «etapes de concentração a preencher». Neste campo, o Conselho, apesar de salientar a necessidade de legislação sobre concentrações, impedindo «eventuais abusos e distorções da concorrência», registou consenso sobre o primado do comunitário sobre o nacional e na necessidade de notificação prévia da comissão sobre eventuais pedidos de concentração.

câmara municipal
amadora
zona livre de armas nucleares

ADMISSÃO DE PESSOAL

ENGENHEIRO TÉCNICO ELECTROTÉCNICO DE 2.ª CLASSE

RAMO DE ENERGIA E SISTEMAS DE POTÊNCIA

ADMITE A CÂMARA MUNICIPAL DA AMADORA COM CONTRATO INICIAL DE 6 MESES, PARA EXERCER FUNÇÕES DE ILUMINAÇÃO PÚBLICA

EXIGE-SE:
— Mínimo de 2 anos de experiência no ramo.
— Experiência em projectos de iluminação pública.
— Carta de condução de ligeiros.
— Serviço militar cumprido.

OFERECE-SE:
— Lugar compatível.
— Possibilidades de futuro ingresso no quadro da Câmara.
— Entrada imediata.

CONDIÇÕES PREFERENCIAIS:
— Disponibilidade imediata.
— Vínculo à Função Pública.

As candidaturas, acompanhadas de currículo, devem ser apresentadas em requerimento, dirigidas ao presidente da Câmara, até ao dia 29 de Junho de 1988.

Para mais informações, contactar a Secção de Recrutamento e Formação, 1.º andar, sala 6.

Paços do Concelho, 14 de Junho de 1988

Por Delegação do Presidente da Câmara
Armando Joaquim Cerqueira Romão

GRP GABINETE DE IMPRENSA E RELAÇÕES PÚBLICAS

CÂMARA MUNICIPAL DE ALMADA
Divisão de Informação e Relações Públicas

DIAS DE GASTRONOMIA CHECA

ALMOÇO NO SOLAR DOS ZAGALLOS

Domingo, 26. Às 12 e 30

A oportunidade de ficar a saber do sabor da comida típica da Checoslováquia.

Aproveitando a presença em Almada de uma delegação de Ostrava, cidade geminada com a sede do primeiro concelho a sul do Tejo, a Câmara Municipal de Almada elaborou um programa para a estadia da delegação checa no concelho, todo ele virado para a confraternização entre a autarquia e o povo de Almada e o grupo de Ostrava.

Desse programa constam visitas a locais-chave do concelho, espectáculos, festivais gímnicos e os Dias de Gastronomia Checa, que culminam com o almoço de dia 26.

PREÇO: 400$00

Sessões contínuas em fase experimental

EQUILÍBRIO NA BOLSA COM DUAS ESTREIAS

O mercado oficial de acções da Bolsa de Lisboa teve hoje mais uma sessão fortemente marcada pelo equilíbrio das cotações, para além da já costumeira estagnação que leva a que diariamente grande número de títulos não sejam alvo de qualquer transacção, não conhecendo por isso qualquer preço.

Nota positiva desta sessão é o facto de duas das sociedades cotadas terem conhecido hoje a sua primeira cotação, após longo tempo de presença no mercado. Aconteceu com a Somil, ao transaccionar 60 títulos por 5.500$ cada, e com a Fosforeira Portuguesa, ao movimentar 20 unidades por 3.000$ cada.

Quanto ao confronto entre subidas e descidas, pautou-se hoje, como já dissemos, por uma irresistível tendência para o equilíbrio. O cômputo global da sessão aponta para 32 valorizações (mais 4 que ontem) contra 31 quedas (menos seis que ontem). Números pequenos, se tivermos em conta que se registaram nada menos de 43 preços repetidos — mais 4 que na sessão precedente. A situação mais corrente no mercado continua a ser a dos títulos que não conseguem motivar nenhuma transacção. Os não efectuados somaram hoje 48 casos — menos dois que ontem.

A tendência para o equilíbrio é também visível no facto de não se terem observado hoje quaisquer variações de preços de amplitude exagerada. Com efeito, acima dos 10%, apenas há a registar uma subida e duas descidas, que foram para a Garantia — com mais 12,5% que anteontem — para a Construtora do Tâmega — a perder 12,9% face a 15 de Junho — e para a Transinsular (nominativas) — que cedeu 13,8% face a anteontem.

Entretanto, a Bolsa de Lisboa vai realizando, com valores fictícios, sessões experimentais para a adopção do sistema de cotações contínuas. A terceira dessas sessões decorreu ontem, embora ainda não esteja decidida a data em que a Bolsa lisboeta passará a formar cotações contínuas. No entanto, tudo indica que tal aconteça em Outubro, juntamente com outras transformações a introduzir no mercado. As sessões experimentais destinam-se ao treino de corretores e operadores, dado que alguns deles não estão familiarizados com o processo.

Por outro lado, surge também a notícia de que em Abril passado o mercado fora de bolsa voltou a ser inferior ao total das duas bolsas nacionais, tal como acontecera em Março, mas ao contrário do sucedido nos dois primeiros meses do ano. Segundo informação publicada no boletim de cotações de ontem da Bolsa de Lisboa, junto dos corretores e das instituicões financeiras foram movimentados, em Abril, 9,96 milhões de contos, 48% dos quais em títulos não transaccionáveis em Bolsa. Por seu turno, as duas bolsas nacionais movimentaram ao todo cerca de 16,1 milhões de contos, sendo 10,2 milhões respeitantes à Bolsa de Lisboa (5,97 milhões em sessões normais e 4,2 milhões em sessões especiais) e 5,9 milhões originados na Bolsa do Porto (3,78 em sessões normais e 2,1 em sessões especiais). Em termos globais, o mercado de títulos mobiliários movimentou em Abril mais de 26 milhões de contos, contra os 22,1 milhões de Março. Desde Dezembro passado, é esta a primeira vez que o mercado total (Bolsa e fora de bolsa) aumenta o seu volume de negócios mensal. Os 26 milhões apurados em Abril aproximam-se do total registado em Fevereiro, mas ficam muito além dos mais de 70 milhões de contos alcançados no último mês de 1987.

Primeira Cotação

SOMIL - 5.500$ (transaccionadas 60 unidades); FOSFOREIRA PORTUGUESA - 3.000$ (20).

Subidas

TRIUNFO - 1.300$ (transaccionadas 2.670 unidades; preço anterior: 1.250$); MACEDO COELHO - 2.360$ (40; 2.340$); SOPRAGOL - 3.100$ (100; 3.080$); MADEIRENSE TABACOS - 4.160$ (1.240; 4.120$); SOARES COSTA - 2.000$ (610; 1.900$); EMPOR - 2.260$ (120; 2.240$); A. C. SANTOS - 2.000$ (140; 1.960$); INÔ - 3.200$ (80; 3.000$); PENINA - 2.700$ (495; 2.600$); TORRES NOVAS - 2.240$ (120; 2.200$); BORDALIMA - 1.780$ (10; 1.720$); FIACO - 3.100$ (50; 3.000$); NOVOPAN - 4.420$ (100; 4.320$); OREY ANTUNES - 1.520$ (120; 1.500$); TERNOR - 1.400$ (100; 1.370); TERTIR - 2.600$ (100; 2.580$); CAIMA - 11.550$ (615; 11.500$); LITHO FORMAS - 2.880$ (230; 2.800$); MABOR - 4.940$ (1.834; 4.840$); FISIPE - 5.500$ (430; 5.450$); SONAE - 12.300$ (460; 12.250$); ISAR RAKOLL - 4.300$ (120; 4.280$); PROADEC - 3.000$ (30; 2.980$); IMOLEASING - 6.100$ (250; 6.000$); SOFINLOC - 12.750$ (140; 12.600$); CISF - 30.000$ (1.034; 29.000$); SOLIDAL - 5.500$ (121; 5.300$); S. CAETANO - 6.150$ (60; 6.100$); GARANTIA - 9.000$ (100; 8.000$); INAPA - 18.500$ (240; 18.350$); LUSOMUNDO - 5.300$ (120; 5.250$); TELECINE MORO - 3.460$ (50; 3.400$).

Descidas

PROALIMENTAR - 2.300$ (transaccionadas 10 unidades; preço anterior: 2.500$); TÂMEGA - 2.700$ (20; 3.100$); SOMAGUE - 5.250$ (250; 5.500$); PAPELARIA FERNANDES - 1.980$ (275; 1.990$); ARBORFIL - 3.120$ (100; 3.160$); HOTELAGOS - 1.530$ (80; 1.600$); CONTENTORES - 2.500$ (80; 2.580$); CORTICEIRA AMORIM - 4.260$ (340; 4.300$); NOVEMBAL - 3.000$ (90; 3.040$); PORTO CAVALEIROS - 2.580$ (200; 2.600$); TRANSINSULAR (nom.) - 2.500$ (50; 2.900$); MARCONI (port.) - 12.500$ (3.866; 12.700$); LOCAPOR - 6.400$ (52; 6.500$); B. P. I. (nom.) - 9.450$ (184; 9.500$); LUSOLEASING - 16.900$ (130; 16.950$); B. C. P. (nom.) - 79.400$ (70; 79.900$); CITIBANK (port.) - 7.600$ (770; 7.700$); EUROLEASING - 10.600$ (75; 10.700$); LUZOSTELA - 2.000$ (100; 2.100$); FERREIRINHAS - 1.100$ (10; 1.180$); Cª P. COBRE - 13.250$ (80; 13.500$); LISNAVE - 2.400$ (180; 2.480$); CABELTE - 5.500$ (20; 6.100$); CEL-CAT - 3.100$ (690; 3.120$); MAGUE - 3.240$ (352; 3.280$); SOPOL - 1.730$ (10; 1.760$); MOTA E Cª - 5.350$ (100; 5.450$); GRÃO PARÁ - 2.200$ (75; 2.300$); MUNDICENTER - 8.500$ (69; 9.000$); TIME SHARING - 1.550$ (100; 1.600$); COMPTA - 10.200$ (20; 10.350$).

Preços repetidos

G. A. P. - 1.800$ (transaccionadas 30 unidades); SICEL - 2.700$ (30); A. H. SERRANO - 1.200$ (50); F. N. MARGARINAS - 2.700$ (110); SOJA - 6.400$ (253); RAÇÕES VALOURO - 3.000$ (50); A. GAUDÊNCIO - 1.650$ (590); SABEL - 2.000$ (220); D. PEDRO - 2.200$ (120); SUMOLIS - 6.000$ (175); PRAZOL - 3.180$ (775); AVEIRENSE MOAGENS - 1.500$ (40); VILA FRANCA - 1.200$ (20); ESTAMPARIA IMPÉRIO - 1.400$ (10); FITOR - 2.100$ (8.365); ORBITUR - 2.200$ (120); CIRES - 7.200$ (20); CIPAN - 4.000$ (2.200); POLIMAIA - 2.400$ (60); CINCA - 5.350$ (150); MARCONI (nom.) - 10.100$ (505); B. P. I. (port.) - 11.600$ (321); MANUFACTURERS HANOVER (port.) - 6.500$ (1.250); B. C. I. (port.) - 6.400$ (192); B. C. I. (nom.) - 4.800$ (40); B. C. P. (port.) - 98.000$ (22); HELLER - 6.250$ (30); CRISAL - 3.600$ (411); CEREXPORT - 2.460$ (300); F. RAMADA - 1.800$ (140); EFACEC - 5.300$ (355); P. M. ALFA - 4.900$ (10); ARISTON - 2.700$ (290); LEASINVEST - 16.500$ (110); ESPÍRITO SANTO - 7.600$ (1.181); O TRABALHO - 14.000$ (50); S. P. SEGUROS - 12.500$ (125); SONAGI - 2.900$ (50); LUSOTUR - 6.300$ (3.590); REDITUS - 2.400$ (250); SOPETE (port.) - 4.480$ (20); ESTORIL SOL (port.) - 2.300$ (105); I. T. I. (port.) - 1.860$ (673).

Não transaccionadas

FINAGRA, CURIA, VIDAGO, REFRIGE, COFACO, VASCO DA GAMA, CARNES NOBRE, EMASA, PERSUÍNOS, ERG, SOMEC, ENGIL, S. G. O., INFORGAL, J. S. CORREIA, MUNDINTER, TRANSMOTOR, ALCO, COPAM, AMIEIROS VERDES, FEPSA, VELDEC, GREGÓRIO, MOURA MATOS, LUÍS CORREIA, JÚPITER, TUROPA, TRANSBEL, TRANSINSULAR (port.), SIAF, IPOCORK, COPIDATA, PROEMBA, Cª P. HIGIENE, MANUFACTURERS HANOVER (nom.), CITIBANK (nom.), INDASA, VISTA ALEGRE, S. T. E., COTAPO, FENALU, HIDROPROJECTO, BEIRA VOUGA, SOPETE (nom.), ESTORIL SOL (nom.), I. T. I. (nom.), FIGUEIRA PRAIA, SOLVERDE.

Medina Carreira levanta a polémica

Caso seja aprovada reforma fiscal será a "pior do século"

A Reforma Fiscal em discussão na Assembleia da República será a «pior do século», pesando negativamente por muitos anos se, por acaso, vier a sofrer a «crueldade do destino» de ser referendada por Cavaco Silva, personalidade habitualmente considerada como qualificada em matéria de Finanças Públicas.

Estas afirmações foram, ontem, proferidas pelo ex-ministro das Finanças do 1ºGoverno Constitucional e estudioso de questões fiscais, Medina Carreira, durante um debate público realizado na FIL, organizado por um grupo de especialistas, onde se encontravam o conselheiro Rodrigues Pardal, Guilherme Oliveira Martins, Eduardo Cabrita e Vitorino da Silva.

Para este especialista, a Reforma Fiscal em questão será «uma mera alteração de fachada», com «modificações parciais» que apenas deslocará «o centro de gravidade das reais anomalias que atormentam o Estado e o contribuinte português» de umas áreas para outras.

Contribuindo para o apelo do grupo promotor para que o Governo «desça à rua e debata a questão fiscal», Medina Carreira apresentou na altura um documento da sua autoria onde tece várias críticas à chamada «reforma dos anos oitenta», nomeadamente a «excessiva rapidez» e «factor de pressa» com que a nova legislação tem vindo a ser elaborada, mesmo contra a opinião dos membros da comissão para a reforma, há cerca de quatro anos em actividade.

Para Medina Carreira, a revisão de fundo de legislação sobre impostos directos implicava a existência de uma segunda comissão, não de natureza técnica, mas composta por representantes dos parceiros sociais e outros agrupamentos interessados na matéria. Assim, acabaram, na sua opinião, por ficar fora das preocupações reformistas «áreas de maior relevância», o que se consubstancia apenas numa «semi-reforma».

Exemplo disso, como o referiu, é a manutenção do regime de sisa e do imposto sobre sucessões e doações que, desse modo, se perpetua como «fonte dos maiores desmandos e de fraudes que distorcem por completo os fins do sistema», sendo, a seu ver, aconselhável - quanto à sisa - o abandono do sistema de preço declarado para o do valor por metro quadrado fixado anualmente pelo ministro das Finanças e corrigido através de coeficientes legais, em função do lugar e antiguidade.

Medina Carreira considerou o processo fiscal, em vigor, como «desactualizado», exigindo estudo profundo

COTAÇÕES DE NOTAS E MOEDAS
CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

COTAÇÕES DE NOTAS	(Por Unidade) COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	51$50	57$50
ALEMANHA FED. (marco)	80$45	81$65
ÁUSTRIA (xelim)	11$40	11$60
BÉLGICA (franco)	3$627	3$877
BRASIL (cruzado)	$439	$739
CANADÁ (dólar — notas de 1 e 2)	118$05	120$55
(notas de 5 a 1000)	118$55	121$05
DINAMARCA (coroa)	21$20	21$60
ESPANHA (peseta)	1$184	1$304
EUA (dólar — notas de 1 e 2)	143$00	146$50
(notas de 5 a 1000)	143$50	147$00
FINLÂNDIA (marka)	34$05	34$65
FRANÇA (franco)	23$90	24$80
HOLANDA (florim)	71$45	72$55
IRLANDA (libra)	217$45	221$45
ITÁLIA (lira)	$099	$114
JAPÃO (iene)	1$073	1$128
NORUEGA (coroa)	22$30	22$80
REINO UNIDO (libra)	254$40	258$90
SUÉCIA (coroa)	23$20	23$70
SUÍÇA (franco)	97$00	98$35
VENEZUELA (bolívar)	3$950	4$950

OBSERVAÇÕES:

1 — No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.

2 — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil.

Prazol emite para accionistas

Irá decorrer de 27 de Junho a 11 de Julho a subscrição de 350 mil acções da Prazol — Produtora e Refinadora de Óleos, SA, reservadas aos accionistas. A empresa aumenta assim o capital social de 750 mil para 1 100 mil contos, numa operação tomada firme pelos bancos Pinto e Sotto Mayor, Fonsecas e Burnay e National de Paris. O preço de emissão das acções será de 2 250 escudos e o número de títulos a que cada accionista terá direito será obtido pela aplicação do coeficiente 0,4667 ao total de acções já possuídas. As novas acções são ao portador, estão representadas por títulos de 1, 5, 10 e 50 unidades e terão direito ao dividendo referente a 1987, a distribuir este ano.

Destroços de um bairro em Kousseya, no Egipto, destruído por um incêndio que provocou a morte de 47 pessoas.

A 16ª conferência de ministros da justiça europeus decidiu recomendar ao comité de ministros do Conselho da Europa, que o comité europeu para os problemas criminais examine, com urgência, as implicações criminais, de amplitude mundial, levantadas pela Sida. Esta primeira resolução pretende aproximar as legislações dos respectivos países, a fim de se encontrar soluções para fazer face aos doentes que, afectados de Sida, "a usem como arma de crime" ou a propaguem por negligência grave. Em relação aos médicos, enfermeiros e outro pessoal auxiliar de medicina e cirurgia, os ministros alertaram para a necessidade de controlar o materia não devidamente esterilizado ou os produtos biológicos humanos não submetidos aos respectivos testes e, por isso, susceptíveis de transmitir vírus ou germes patogénicos.

Um elemento da guarda de honra da força aérea desmaiou devido ao calor, durante a cerimónia de boa Primeiro-Ministro australiano, Robert Hawke, em Wash onda de calor, com temperaturas da ordem dos 40 grau assolar os EUA.

Nigéria: peritos norte-americanos analisam resíduos tóxicos

Uma equipa de peritos dos Estados Unidos, acompanhada pelo ministro nigeriano do Trabalho e da Habitação, procedeu ontem, a análises em desperdícios tóxicos provenientes da Europa e lançados ilegalmente no território nigeriano. O adido da Imprensa da Embaixada norte-americana, Bruce Koch, disse que a equipa, que inclui um radiologista, um analista químico, um médico e um especialista em tratamento de desperdícios, informará do destino a dar ao carregamento mortífero de mais de 2000 toneladas de químicos tóxicos, incluindo produtos venenosos e material radioactivo. O governo norte-americano vai gastar 40 000 dólares com a equipa de peritos mandada pela agência norte-americana de Protecção do Ambiente, a pedido das autoridades nigerianas. Os desperdícios, lançados próximo da cidade de Koko, 242 quilómetros a sueste de Lagos, por uma companhia italiana, serão provenientes de pelo menos 10 companhias europeias. A Nigéria mandou já regressar o seu embaixador em Itália e apresou um navio italiano que será obrigado a transportar os resíduos removidos. O Governo advertiu já que nacionais da Nigéria culpados de envolvimento neste caso poderão enfrentar o pelotão de fuzilamento e que a pena de morte poderá igualmente ser aplicada a estrangeiros.

Argentina: Supremo Tribunal absolve Galtieri

O Supremo Tribunal argentino absolveu quarta-feira o antigo presidente Leopoldo Galtieri de acusações de violação dos direitos humanos e atrocidades, invocando uma lei de amnistia de 1987. As acusações contra o antigo general Carlos Suarez, Mason e cinco outros oficiais de alta patente continuam pendentes, depois de o Supremo Tribunal ter determinado que os benefícios daquela amnistia não se aplicavam a eles. Suarez, extraditado a 9 de Maio dos Estados Unidos, é acusado em relação com a morte de 39 pessoas durante a chamada «guerra suja», quando comandou o primeiro corpo do exército na província de Buenos Aires. O Supremo Tribunal determinou que os benefícios das leis de amnistia aprovadas em 1986 e 1987 se aplicavam a Galtieri e mais 12 oficiais acusados de violações dos direitos humanos durante o regime militar de 1976-83. Galtieri, nomeado presidente da Junta Militar em 1977, cumpre actualmente uma pena de 12 anos de prisão pelo seu papel na derrota da Argentina frente à Grã-Bretanha na guerra das ilhas Falkland, em 1982.

Felipe Gonzalez prepara remodelação

O primeiro-ministro espanhol, Felipe Gonzalez, prepara uma remodelação parcial do seu gabinete, que será anunciada no princípio de Julho, anunciaram fontes socialistas. A remodelação afectará apenas áreas governamentais de «segunda linha», essencialmente aqueles em que os titulares têm sofrido maior desgaste ou a que Gonzalez pretende «dar maior impulso, de acordo com as prioridades na área social», disseram as fontes. O facto de a Espanha presidir à Comunidade Europeia no primeiro semestre de 1989 e participar na direcção comunitária a partir de Junho, exige que se mantenha estabilidade e que Gonzalez faça alterações prévias, consideram analistas.

Segundo "Pik" Botha

REFORÇO DE FORÇAS CUBANAS EM ANGOLA NA AGENDA DAS CONVERSAÇÕES DO CAIRO

O ministro sul-africano dos Negócios Estrangeiros, Roelof «Pik» Botha, que hoje chegou ao Cairo para participar na segunda ronda das conversações quadripartidas sobre o conflito angolano, declarou antes da sua partida para o Egipto que o avanço cubano em direcção à fronteira da Namíbia será o primeiro assunto por ele abordado nas negociações de três dias que amanhã começam na capital egipcia.

«Quando um dos principais temas da agenda de trabalho das conversações é a retirada dos cubanos de Angola e eles aumentam o número de soldados e espalham-nos por uma vasta área, mais próxima da fronteira, isso é certamente uma provocação», declarou Pik Botha à televisão sul-africana antes de partir para o Cairo acompanhado pelo ministro sul-africano da Defesa, Magnus Malan, e outros 55 funcionários governamentais.

«Acredito que conseguiremos esclarecer os motivos e objectivos que levaram os cubanos a tomar essa medida», adiantou Pik Botha.

Num comentário difundido na antvéspera da reunião do Cairo, a rádio estatal da África do Sul (SABC) acusou Cuba e ameaçar a iniciativa de paz com as suas actividades imprudentemente provocatórias» no sul de Angola, incluindo alegadas violações do espaço aéreo da Namíbia. «O Cairo proporciona o local para um confronto que já tardava com a temeridade cubana», acrescentou a emissora.

As forças sul-africanas reforçaram também recentemente as suas posições na fronteira entre a Namíbia e Angola.

As negociações que amanhã começam na capital do Egipto envolvem representantes de Angola, Cuba, África do Sul e Estados Unidos e têm como temas principais a retirada das forças cubanas e sul-africanas de Angola e a independência da Namíbia.

O chefe da delegação norte-americana às negociações, o subsecretário de Estado para os Assuntos Africanos, Chester Crocker, encontra-se desde quarta-feira no Cairo. As delegações cubana e angolana deverão chegar hoje.

Shultz apela a conversações com UNITA

O secretário norte-americano de Estado, George Shultz, pressionou quarta-feira as autoridades angolanas para iniciarem conversações directas com a UNITA e afirmou que os Estados Undios continuarão a apoiar acções de paz na África Austral.

Uma fonte do Departamento de Estado revelou que durante um encontro de 30 minutos com o ministro angolano para a Esfera Produtiva, Pedro Castro Van-Dunem, que se encontra em Washington, Shultz «deixou ficar claro que os Estados Unidos estão prontos para oferecer qualquer ajuda necessária para alcançar a paz e a reconciliação nacional entre angolanos».

A mesma fonte acrescentou que os «Estados Unidos acreditam que o modo mais rápido para pôr fim ao conflito que já consumiu milhares de vidas, é os próprios angolanos encararem e resolverem pacificamente as suas diferenças sem pressões e sem a interferência de forças exteriores».

Pelo seu lado, Van-Dunem classificou o encontro com Shultz de «muito bom» e negou afirmações segundoa s quais teria havido recentemente um aumento das tropas cubanas em Angola.

«Não houve qualquer aumento do número de tropas cubanas em Angola, mas houve um movimento dentro do país de norte para sul», disse o ministro angolano, que acrescentou que as tropas angolanas e cubanas «estão a operar no sul do território».

A visita do ministro angolano antecede a anunciada deslocação de Jonas Savimbi aos Estados Unidos. O líder da UNITA deve chegar amanhã aos EUA.

Segundo o porta-voz da Secretaria de Estado, Charles Redman, durante a sua visita aos Estados Unidos, Savimbi irá procurar chamar a atenção paca a necessidade do processo de reconciliação nacional em Angola.

Redman disse aos jornalistas

Aluimento de terras na Turquia pode ter provocado 100 mortos

Mais de cem pessoas poderão ter morrido devido a um desabamento de terras ocorrido hoje numa aldeia da província turca de Trabzon, Mar Negro, noticiou a agência Anatolia.

O presidente do município de Catak, 500 quilómetros a Nordeste de Ancara, Irfan Konak, citado pela agência, disse receár que tenham morrido mais de cem pessoas.

A agência adiantou que o desabamento envolveu um grande número de carros que se encontravam na estrada principal, um café e pelo menos um outro estabelecimento comercial.

A rádio estatal da Turquia revelou que pelo menos dois corpos tinham sido recuperados.

O desabamento atingiu Catak e uma estrada que liga o porto de Trabzon, no Mar Negro, 30 quilómetros para Norte, com a cidade Oriental de Erzurum, cerca das oito horas locais (seis de Lisboa).

Segundo a agência, o café estava repleto de clientes.

Um anterior desabamento, provocado por fortes chuvadas, tinha obrigado ao encerramento da estrada e forçou muitos carros a parar.

O segundo aluimento ocorreu cerca de oito horas depois do primeiro.

«Uma massa de terra muito grande soltou-se da encosta de uma montanha local e abateu-

*força aérea norte-americana
ónia de boas-vindas ao
ke, em Washington. A seca e uma
dos 40 graus, têm estado a*

que o dirigente da UNITA apoia as conversações quadripartidas que envolvem os EUA, a África do Sul, Angola e Cuba.

Senado debate sanções

Um projecto de lei que terminaria com os investimentos norte-americanos na África do Sul e imporia a este país um embargo quase total começou entretanto a ser debatido no Senado norte-amerciano.

Mas os próprios defensores da medida reconhecem não contar com o número de votos suficiente para derrotar o veto certo do presidente Reagan.

As sanções em causa prevêm a retirada de todas as companhias da Áfrcia do Sul e o fim do comércio nos dois sentidos, à excepção da importação pelos EUA de certos minerais sul-africanos.

Tanto os senadores democratas como republcianos foram unanimes em reconhecer que as sanções decretadas em 1986 se revelaram ineficazes para promover reformas na África do Sul devido à lentidão voluntária da administração Reagan na sua aplicação.

se sobre os carros», adiantou a agência. Um indivíduo que acabara de sair do café disse à agência: «Ouvi um grande barulho e comecei a correr».

«Quando olhei para trás não consegui ver o café, os carros, nem quatro pessoas que fugiam atrás de mim», acrescentou.

Relatório norte-americano classificou-o como um reformista

Parlamento vietnamita elege Do Muoi para o cargo de primeiro-ministro

O Parlamento do Vietname nomeou ontem Do Muoi, 71 anos, para o cargo de primeiro-ministro. Muoi, número três no Politburo do PC vietnamita, tem sido considerado o elo de ligação do seu país com a União Soviética.

O novo primeiro-ministro é apontado como responsável da disciplina no seio do PC, incluindo a punição de casos de corrupção e de ineficácia de funcionários.

Apesar de ser um dos homens mais poderosos de Hanoi, Muoi, tal como a maioria dos dirigentes vietnamitas, é virtualmente um desconhecido para a população do seu país e também nos meios diplomaticos da capital vietnamita.

Representantes estrangeiros em Hanoi raramente se avistaram com Muoi e os poucos que o viram descrevem-no como um indivíduo com um ar carrancudo e quase «apagado» como orador.

Muoi tem sido considerado o elo de ligação do Vietname com a União Soviética, tendo acompanhado o líder comunista Nguyen Van Linh a Moscovo em 1987. Em Março,Muoi deslocou-se de novo à capital soviética.

Depois de Linh ter assumido a chefia partidária, em Dezembro de 1986, Muoi foi nomeado responsável pela disciplina do partido, nomeadamnete cassis de corrupção e ineficácia entre os 2 milhões de filiados no PC vietnamita, numa campanha de «purificação», que o jornal do partido, «Nahn Daw», descreveu como «lastimosa».

Diplomatas comparam esta campanha de renovação da liderança à reformas instituídas na URSS por Mikhail Gorbachev.

Esta campanha foi dirigida esencialmente por Linh e Vo Van Kiet, primeiro-ministro em exercício desde a morte de Pham Hung, e que foi um dos candidatos à chefia do governo ontem derrotados por Muoi.

O novo primeiro-ministro do Vietname teve um papel decisivo na tentativa de socialização do comértico e da indústria na região sul, após a queda do governo pró-americano de Saigão, em 1975.

Um recente estudo norte-americano considerava Muoi como pragmático e reformista e colocava-o em posição ascendente contrariamente a veteranos do PC, «caídos em desgraça» após o congresso partidário de 1986.

Do Muoi nasceu em 1917, filho de camponeses da região de Hanoi. Aos 14 anos juntou-se ao movimento comunista liderado por Ho Chi Minh e mais tarde tornou-se comissário político.

Iraque anuncia recaptura de zonas estratégicas

As autoridades militares iraquianas anunciaram ontem ter recapturado quatro planaltos estratégicos e mais 20 colinas em três dias de combates com as forças iranianas, no nordeste do Iraque. Um comunicado do alto comando, lido na televisão de Bagdad, afirmou que tropas do primeiro corpo do exército lançaram uma «ofensiva esmagadora» às 00.00 horas de segunda-feira na região curda.

Os contingentes iraquianos afastaram os iranianos de áreas estratégicas, capturadas pelo Irão há três meses perto da cidade de Sulaymaniyah, acrescenta o comunicado. O documento especifica que os combates resultaram na recaptura de Safra e Basawa e das montanhas de Karda Rash e Parda Sour e dos planaltos circundantes. O Irão e o Iraque têm-se envolvido em intensos combates na região de Mawat, no Curdistão, nos últimos dois anos.

O anúncio de Bagdad foi feito algumas horas depois do seu inimigo na guerra do golfo ter afirmado que as suas tropas repeliram um assalto na região e mataram ou feriram pelo menos 3000 soldados iraquianos.

Quatro políticos britânicos obtiveram, entretanto, de Teerão a promessa de ajudar a encontrar os reféns ingleses no Líbano, informou a agência noticiosa iraniana Irna. A promessa de ajuda foi feita pelo vice-primeiro-ministro para os Assuntos Políticos, Alireza Moayeri, durante um encontro, terça-feira, com os deputados britânicos.

Os quatro parlamentares britânicos, que se encontraram em Teerão com funcionários iranianos, efectuaram uma missão da Igreja de Inglaterra procurando um entendimento com o Irão com vista à libertação dos reféns sequestrados em Beirute, disse ainda a Irna.

Os reféns sequestrados no Líbano são Terry Waite, enviado da Igreja de Inglaterra, o jornalista John MaCcarthy e um professor de Belfast, Brian Keenan, que possui dupla nacionalidade, britânica e irlandesa.

Campanha contra Israel

Oito incêndios em Israel, e uma greve geral nos territórios árabes ocupados da Cisjordânia e Gaza, ocorreram ontem durante a «jornada de ataques contra os meios de produção do inimigo sionista».

A vaga de incêndios, provocada na sua maior parte pelos líderes clandestinos do levantamento popular palestiniano, já destruiu dezenas de hectares de mata, informou a Polícia israelita.

Efectivos do Exército israelita detivarem ontem de madrugada, no Sul do Líbano, quatro guerrilheiros palestinianos que tentavam cruzar a fronteira próximo do «kibutz» Mayan Baruj e Kafr Yuval. Três dos guerrilheiros, afectos à Frente de Libertação Popular da Palestina (FPLP), de George Habash, ficaram feridos e foram hospitalizados.

Jugoslávia

Prossegue a greve da indústria automóvel

Cerca de 5000 trabalhadores da indústria de construção auto voltaram a concentrar-se no segundo dia de greve, na cidade de Maripor, norte da Jugoslávia, em protesto contra salários baixos, informou a agência noticiosa do Estado Tanjug.

Os trabalhadores da fábrica Tam, o maior produtor de camiões e viaturas militares da Jugoslávia, depuseram as ferramentas no início da passada terça-feira e exigiram que o seu pedido de aumento dos salários em 50 por cento fosse transmitido ao Governo da Eslovénia.

Após o vice-primeiro-ministro Janez Bohoric ter afirmado que «ninguém tem o dinheiro necessário para satisfazer as suas reivindicações», os operários elegeram uma comissão de greve para negociar com as autoridades, disse a Tanjug.

Entretanto, em Belgrado, o vice-primeiro-ministro participou numa reunião numa fábrica de equipamento agrícola, cujos trabalhadores em greve organizaram uma ruidosa manifestação na semana passada em frente ao Parlamento jugoslavo.

Calcula-se que um quarto das empresas jugoslavas se encontram em situação de falência e a sua sobrevivência até hoje deve-se ao apoio de substanciais verbas governamentais.

Acusados de espionagem industrial

URSS retalia expulsão de diplomatas do Canadá

A URSS ordenou a expulsão de dois diplomatas canadianos e advertiu outros três de que não eram bem vistos em Moscovo, numa acção retaliatória da expulsão, na terça-feira, de 17 diplomatas soviéticos, pelo Governo do Canadá. A retaliação do Kremlin já era esperada, depois de o porta-voz do Ministério soviético dos Negócios Estrangeiros, Gennady Gerasimov, ter declarado ontem que a atitude de Otava, que considerou premeditada, "não ficaria sem resposta". Os diplomatas expulsos pelo Governo canadiano foram acusados de espionagem industrial, mas Gerasimov considerou esta acusação "sem qualquer fundamento e inteiramente inventada". No entanto, é de referir que as acusações foram formuladas com base em informações fornecidas por um oficial da aviação soviética, que desertou na terça-feira em Montreal. O oficial, que o ministro dos Negócios Estrangeiros do Canadá identificou como sendo Yuri Smurov, desertou e pediu para ficar no Canadá com a mulher e filha.

Situação complexa em Nagorni-Karabach

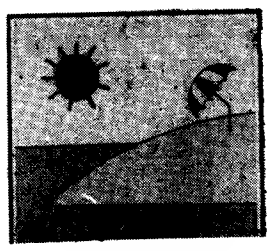
A situação na região de Nagorni-Karabach mantém-se complexa, embora na região não se assista a quaisquer incidentes, informou o chefe do departamento de Informação do MNE da URSS, Gennadi Gerassimov, num "briefing" para jornalistas. Segundo Gerassimov, a situação em Baku é calma. Os órgãos do partido, juntamente com os sovietes e os trabalhadores das empresas, foram incumbidos de manter a ordem e as ruas da cidade "são periodicamente vigiadas por patrulhas militares". Entretanto o jornal soviético "Indústria Socialista" informa que os trabalhadores das empresas da Arménia estão a tomar medidas para compensar as perdas económicas provocadas pelas greves registadas em meados do corrente mês. Essas greves cullimaram com a aprovação pelo Soviete Supremo da República Arménia da resolução propondo a integração daquela região autónoma no seu território e a sua desanexação do Azerbeijão. Mas esta república recusou a pretensão arménia. A este propósito, o observador político da Novosti, Alezandr Ignatov, levanta, num artigo distribuído pela agência, a possibilidade de uma "terceira via" não tradicional para resolver o conflito institucional criado na União Soviética em torno do território de Nagorni Karabach. Segundo Ignatov, a "terceira via" poderia ser uma "forma presidencial de Governo" que, segundo diz, existe em alguns países mas não tem precedentes na União Soviética, ou alargar a autonomia de Nagorni-Karabach, concedendo-lhe maior independência face a Baku. O enclave tem presentemente o estatuto de região autónoma. As raízes do conflito que opõe arménios a azerbeidjenses a propósito de Nagorni-Karabach, habitada por uma maioria de arménios, tem a ver, na opinião do jornalista, com o evidente atraso apresentado pela região, os velhos e arreigados problemas de índole económica, cultural e social, matizados por discórdias nacionais seculares entre os dois povos.

Ensino "desligado da vida"

A escola soviética sofre de autocomplacência e arrogância e perdeu a relação com a vida, declarou em entrevista à "Novosti" Shalva Amonachvili, pedagogo georgiano, conhecido pelas suas ideias inovadoras no campo do ensino. As reformas aprovadas no plenário do CC do PCUS de Fevereiro último abrem amplas perspectivas para a aplicação de novos critérios à metodologia do ensino e à iniciativa neste campo mas, segundo afirmou o professor, persistem muitas dificuldades e insuficiências. "No campo psicológico parte dos professores não estão preparados para elas porque durante muito tempo uma série de instruções e de comissões de controlo paralisaram a sua iniciativa". Para o pedagogo georgiano, a escola é um pequeno estado dentro de outro, que deve viver segundo as leis do segundo. "Lamentavelmente, um estilo e métodos autoritários, todos esses fenómenos se reflectem como uma gota de água no sistema de instrução pública".

Monumento às vítimas do estalinismo

Trinta mil pessoas de várias cidades soviéticas assinaram un apelo à XIX conferência nacional do partido comunista da URSS exortando à criação, em Moscovo, de um monumento às vítimas do estalinismo, disse a agência noticiosa Novosti. Entre os signatários encontram-se escritores e poetas como Sergei Zaliguine, Evgueni Yevtuchenko e Vital Korotich, além do académico Boris Bauchenbakh e outros intelectuais soviéticos. O cientista Iuri Sa modurov, especialista em geologia e representante da iniciativa "memorial" referiu que "tal monumento eternizaria o luto nacional, homenagearia a memória de milhões de pessoas, vítimas de repressões ilegais e reabilitá-las-ia politicamente".



NÃO
tome banho
em praias
sem
assistência

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE OEIRAS
ANÚNCIO

O Tribunal Judicial da Comarca de Oeiras:

FAZ saber que correm éditos de TRINTA DIAS, que começarão a contar-se da segunda e última publicação do anúncio, citando JOÃO JORGE RIBEIRO SANTOS, com última residência conhecida no Bairro Comendador Joaquim Matias, Lote 55 – 4.º andar em Paço de Arcos, para no prazo de DEZ DIAS, findo o dos éditos contestar querendo a acção na qual a Autora Ana Paula Duarte Santos pede o pagamento além do mais que vier a ser provado, a quantia de 1 042 676$00 e juros legais a contar da data da citação.

Acção Sumária n.º 428/87 do 3.º Juízo — 1.ª Secção.

Autora: **ANA PAULA DUARTE SANTOS.**

Réus: BRUNO DA SILVA PINTO PERES, MARIA LUÍSA ALMEIDA DA SILVA PINTO PERES e JOÃO JORGE RIBEIRO DOS SANTOS.

Oeiras, 9 de Junho de 1988

O Juiz de Direito
Luís Flores Ribeiro
A Escriturária
Rosa Maria Santos Pinto

«DL» 23/6/88 — 2.ª Pub.

SSF, SERVIÇOS DE SOFTWARE FINANCEIRO, LIMITADA

Certifico que, por escritura de 27 de Maio do corrente ano, exarada de folha 62, verso, a folha 66, do livro de notas para escrituras diversas n.º 199-E, do 1.º Cartório Notarial de Lisboa a cargo da notária licenciada Zulmira da Natividade Martins Neto Lino da Silva, foi constituída uma sociedade comercial por quotas, com a denominação em epígrafe, e que se regerá nos termos constantes dos artigos seguintes:

ART.º 1.º

A sociedade adopta a denominação SSF, SERVIÇOS DE SOFTWARE FINANCEIRO, LIMITADA e durará por tempo indeterminado.

ART.º 2.º

1. A sede da sociedade é em Lisboa, com domicílio provisoriamente na Avenida Cinco de Outubro, número setenta, quarto andar, freguesia de Nossa Senhora de Fátima.
2. A gerência pode transferir a sede da sociedade para qualquer outro local que julgue conveniente, por uma ou mais vezes, dentro do mesmo concelho ou para concelho limítrofe.
3. É ainda da competência da gerência a criação de sucursais, agências, delegações ou outras formas locais de representação.

ART.º 3.º

1. A sociedade tem por objecto o exercício da actividade de produção e comercialização de sistemas informáticos, consultoria em informática e gestão.
2. O início do desenvolvimento da actividade objecto da sociedade não carece de prévia deliberação dos sócios.
3. A sociedade pode participar noutras sociedades, com objecto igual ou diferente do seu, e ainda em agrupamentos complementares de empresas.

ART.º 4.º

O capital social é de um milhão de escudos, encontrando-se totalmente realizado em dinheiro e dividido em três quotas, sendo uma de valor de cento e sessenta mil escudos, pertencente ao sócio Carlos Manuel Cabrita Quintas, e duas, iguais, no valor de quatrocentos e vinte escudos, pertencentes, uma a cada uma das sócias Sofinloc — Sociedade Financeira de Locação, SA e Automercantil — Comércio e Aluguer de Veículos Automóveis, Limitada.

ART.º 5.º

1. A cessão de quotas entre sócios ou de sócios aos seus cônjuges, ascendentes ou descendentes, é livre.
2. A cessão de quotas a pessoas diversas das mencionadas no número anterior carece de prévio consentimento da sociedade.

ART.º 6.º

1. A sociedade obriga-se pela intervenção de dois gerentes
2. Ficam desde já nomeados gerentes o sócio Carlos Manuel Cabrita Quintas e ainda Luís Alberto da Fonseca Ferreira, casado, residente no Impasse à Rua de Angola, número dezassete, oitavo andar, esquerdo, Cova da Piedade, Almada, e Aníbal Pereira Pires, casado, residente na Urbanização da Portela, lote cento e onze, nono andar, esquerdo, Portela, Loures.

ART.º 7.º

Para além do demais previsto na lei e neste contrato de sociedade, é da competência dos gerentes:
a) a alienação, locação e oneração de bens imóveis ou de estabelecimentos pertencentes à sociedade;
b) a subscrição ou aquisição de participações noutras sociedades e a sua alienação ou oneração.

ART.º 8.º

A remuneração dos gerentes pode consistir numa participação nos lucros da sociedade, se e nos termos em que tal for deliberado pelos sócios.

ART.º 9.º

Os sócios designarão um revisor oficial de contas para proceder à revisão legal, caso se verifique o previsto no artigo duzentos e sessenta e dois, número dois, do Código das Sociedades Comerciais.

ART.º 10.º

1. As assembleias gerais são convocadas por qualquer dos gerentes, mediante carta registada expedida com antecedência mínima prevista na lei.
2. Os sócios podem fazer-se representar em assembleia geral por quem entenderem.

ART.º 11.º

Com respeito do estabelecido por lei quanto a reservas obrigatórias, a assembleia geral delibera livremente sobre a aplicação dos resultados líquidos dos exercícios, incluindo distribuição de dividendos, não sendo aplicável o limite estabelecido no artigo duzentos e dezassete, número um, do Código das Sociedades Comerciais.

ART.º 12.º

A sociedade dissolve-se nos casos e nos termos previstos na lei.

ART.º 13.º

Para todos os litígios que surjam entre os sócios, ou entre estes e a sociedade, relacionados com a actividade societária ou com a execução e interpretação do presente contrato social, fica estipulado o foro da Comarca de Lisboa.

Está conforme o original.

1.º Cartório Notarial de Lisboa, aos 31 de Maio de 1988

O Ajudante
Alberto Vila Rodrigues

«DL» 23/6/88

DEZ DIAS COM A PERESTROIKA

Judith Vidal-Hall
Serviço especial de Moscovo

Em casa, o impacto da revolução de Gorbachev provocou mudanças profundas. Mas o debate continua e há ainda um longo caminho a percorrer antes que os sonhos da perestroika se convertam em realidade.

A mudança é significativa assim que aterramos na URSS: após mais de uma década algo se alterou radical e inesperadamente. A passagem pelo aeroporto Sheremetyevo de Moscovo já não é a tortura que os mais viajados se tinham habituado a enfrentar. As nossas apreensões podem não se ter alterado, mas a saída é rápida e os oficiais da alfândega são tão soturnos e antipáticos como no resto do mundo. Também a burocracia se equivale à de qualquer outro aeroporto do planeta.

Para além dos portões, os parentes aguardam ao frio com tulipas nas mãos os familiares que vivem no estrangeiro. Depois de anos de vistos recusados, alguns visitam o país pela primeira vez devido ao 'novo pensamento' que está a mudar a face da URSS.

Nas ruas, muita coisa mudou desde os anos setenta, a era que Mikhail Gorbachev baptizou de 'anos de estagnação'.

As roupas militares, as botas e os casacos compridos usados tanto por homens como por mulheres foram substituídos por cores vivas, embora aos olhos do Oeste estejam já ultrapassadas.

As montras das lojas, mais garridas do que nunca, revelam uma grande variedade de artigos — que não deixam de ser caros para o trabalhador médio que aufere 50 rublos por semana. O anorak do «jet-set» internacional foi já adoptado pelos jovens e não há qualquer restrição quanto ao uso de calças de ganga. Também os penteados invulgares deixaram de ser alvo de comentários nas ruas.

Nas grandes avenidas das capitais os carros particulares de todas as cores e modelos tentam ultrapassar os transportes públicos. O Volga negro, antigamente um privilégio dos ricos, já não faz parar o trânsito para passar e a perícia dos novos condutores deixa muito a desejar.

Mas há mais alterações do que o aparente desenvolvimento dos homens e das máquinas. O hábito antigo de evitar os estrangeiros, ou de o fazer de forma furtiva, foi substituído por um desejo de o contactar e informar, com um misto de curiosidade comum às zonas mais remotas e inacessíveis do Terceiro Mundo. (Despojada do seu verniz militar/industrial, esta comparação surge frequentemente ao nível dos bens e serviços e dos materiais produzidos a nível doméstico.) 'Onde vive?', perguntou um jovem guia. Disse-lhe o nome de um subúrbio desconhecido de Londres. 'Ah, sim!', disse ele, começando a falar de detalhes dos quais eu só vagamente tinha conhecimento, 'Já lá esteve?', perguntei eu. 'Nunca saí da URSS, mas tenho o guia Baedeker'. Segundo pude constatar, o jovem estudara o guia até ao mais ínfimo detalhe.

Em todo o lado há confusão e aglomerados. Três milhões de pessoas dos subúrbios reúnem-se diariamente aos oito milhões residentes na cidade, procurando adquirir bens que ainda são raros e quase nunca chegam à província. A produção insuficiente do país serve, em primeiro lugar, para alimentar os moscovitas e só depois vai para as restantes províncias.

Parecemos avançar contra a grande maré humana que invade os corredores luxuosos do metro de Moscovo. Candelabros de cristal, tectos cujos frescos evocam as glórias passadas dos trabalhadores revolucionários, testemunhos de mármore e talha dourada marcam o triunfo da revolução e fazem do metro da capital um ponto de visita obrigatório — para além de ser o mais luxuoso do mundo.

É uma diferença radical daqueles bairros espartanos superlotados para onde a maioria dos caçadores regressa, carregada se tiver sorte, com o espólio do dia.

De volta às ruas da superfície e em Arbat — um dos bairros da cidade do século XVIII/XIX onde Tolstoy ou Dostoievsky viveram — foi criada uma praça pública. Homens mal vestidos exibem perante os turistas da província fotografias do rato Mickey ou do Pai Natal. Vendedores ambulantes expõem a sua mercadoria no meio da rua; os artistas exibem as suas obras no chão e muitos deles desenham rostos em tons suaves. Quiosques de cooperativas vendem refeições quentes para fazer face ao frio que se faz sentir. Os quiosques de chá onde os moscovitas enfrentam os rigores do tempo antes de penetrarem no calor tropical dos antiquários fazem um bom negócio. A multidão reúne-se em frente a uma loja de vídeo para apreciar as últimas novidades; as livrarias vendem as mais recentes edições onde se exacerbam as virtudes da perestroika e os malefícios do álcool.

À esquina da Arbatskaiya uma das novas empresas privadas oferece, num pequeno quiosque, garrafas de Pepsi-Cola e 'panquecas russas à francesa segundo a receita secreta'.

Segundo afirma a população, Arbat resplandecerá em toda a sua glória na Primavera: os guitarristas, cantores, actores itinerantes e todos os vendedores entreterão o público, prolongando as suas actividades até à noite. Os sentimentos são variados; a populaçãoL local acha que Arbat é uma bênção, embora os entusiastas temam que uma intervenção governamental mate o espírito livre.

À tarde, em Arbat e nas principais artérias da baixa moscovita, os vendedores instalam as suas bancas, vendendo tudo desde laranjas cubanas polvilhadas com neve até grãos de café da Nicarágua e pequenos pacotes de chá que não foram contaminados por Chernobyl.

Mais uma mudança e, no entanto, há coisas que continuam iguais. Basta apenas que duas ou três pessoas estejam perto de uma banca ou quiosque para que uma pequena multidão acorra ao local. É um reflexo condicionado, derivado dos anos de escassez, e todos olham através do grupo para descobrir se algum artigo inestimável está à venda. Todavia, deixaram de existir as longas filas para as botas de Inverno. Os oficiais que marcavam o pulso daqueles que aguardavam, garantindo-lhes um lugar no céu — e um par de botas — parecem ter sido eliminados devido à liberalização e à variedade existente no mercado.

As queixas de falta de materiais ou da fraca qualidade dos mesmos estão a começar a fazer parte do passado. «Vou à Bulgária passar as férias de Verão e

Contacto de Gorbachev com as multidões. Aqui sim, uma novidade

Mais descontracção entre os transeuntes, mas no fundo as coisas não mudaram muito

Kruschev: uma recordação, um temor

trago um par de botas de Inverno: são mais baratas e de melhor qualidade», era uma espécie de lema familiar.

Segundo Mikhail Gorbachev, todas as situações serão alteradas graças a uma melhor produtividade, autogerência e controlo do capital devido à devolução do monopólio estatal à população e aos bons salários, para já não falar no controlo de qualidade exigido.

O cidadão soviético espera que a «perestroika» acabe com todas essas situações. Entretanto, quer se tratem de cosméticos, música «pop» do Oeste, laranjas, chá ou café, tudo é legítimo — ou mais ou menos — e poucos conseguem resistir à tentação de olhar.

Até ao momento, os frutos tangíveis da reestruturação têm ainda de chegar ao grande público; os seus efeitos imediatos são confusos e desorientadores: os seus benefícios práticos não surgem de imediato e há muitas reservas e dúvidas. As queixas têm um novo fundamento: o medo da insegurança no futuro.

Entretanto, as pessoas formam bichas por causas completamente diferentes.

Uma das mais impressionantes visões foi reparar, certa noite na rua, em duas garrafas de «vodka» partidas cujo líquido formava uma poça na neve gelada do passeio. A cerca dLe 50m a loja de bebidas de um dos subúrbios do Norte de Moscovo estivera sitiada desde as dez da manhã. O «vodka» é vendido em lojas autorizadas pelo governo das duas às oito e as pessoas formam bichas de muitos metros desde cedo, suportando temperaturas de 10° ou ainda menos. O preço subiu: no pavimento estava o fornecimento semanal, equivalente a metade do salário de uma semana.

A «perestroika» — reestruturação — tal como outras novas fases que dominam a URSS actualmente, é aplicável a todos. Tem múltiplos significados para o homem da rua visto que também há várias interpretações da sua aplicação por parte do poder. As suas medidas mais tangíveis, pelo menos para muitos cidadãos, são as suas campanhas antiálcool e antitabaco que levaram o «vodka do» seu alcance e transformaram os cigarros em hábitos tão anti-sociais como na zonas da Califórnia frequentadas pelos apologistas da saúde. Os alcoólicos foram forçados a recorrer ao mercado negro — a quem a lei seca atingiu gravemente. Os fumadores podem dar largas ao seu hábito nas áreas geladas dos hotéis ou nas entradas cheias de correntes de ar de certos restaurantes — um verdadeiro espectáculo para os virtuosos.

Não queremos com isto implicar que as restrições sobre o álcool não fossem justificadas. As últimas estatísticas reforçam esta medida. Desde o início da campanha, há cerca de dois anos, houve uma diminuição de 16% nos acidentes de viação, menos acidentes de trabalho, melhor assiduidade e rendimento e uma maior esperança de vida. «Nós, os russos, adoramos o nosso 'vodka' suspira uma anciã», «mas havia um grave problema».

Vista à distância, a «perestoika» tem uma qualidade fundamental, sobretudo quando vista do exterior, e que é a de atingir os níveis mais altos da economia. Mas Mikhail Sergeievitch especificou que se destina a todos os níveis e sectores da vida soviética — economia, cultura, educação, arte, literatura e até à imensa burocracia do partido estatal. Cremos que só estes últimos são sérios oponentes ao desejo de mudar a face do mundo revelado pelo secretário-geral: de facto, devido aos seus interesses velados, são eles quem mais tem a perder.

Para a população em geral tem de ser uma coisa positiva — a liberdade de lucrar devido à iniciativa e produtividade no local de trabalho; a participação no que Gorbachev chama «maior democracia»; o maior controlo exercido sobre as suas próprias vidas e sobre o destino dos seus filhos.

Todavia, quando analisado em pormenor, este bloco fragmenta-se numa diversidade de opiniões: o «interesse» não é comum apenas aos poderosos e o medo imiscui-se com o entusiasmo nos debates que se geram em todos os níveis da sociedade.

A polémica é real. A «glasnost» é mais evidente nos debates que discutem os prós e os contras da «revolução» de Gorbachev. Na capital soviética, as pessoas oferecem-se para auxiliar outras nos autocarros ou nas lojas quando não se sabe o que comprar, acabando por convidá-las para as visitar em casa. Com a oferta surge frequentemente o «venha falar acerca da 'perestroika'», ou «tenho a certeza que você tem algumas questões a colocar acerca da 'glastnost'».

O diálogo é franco e apaixonante entre colegas de profissão e familiares. No que diz respeito aos pontos mais polémicos, o pluralismo de opinião é ainda frágil. Ainda se mantém a tendência de etiquetar os oponentes como «o inimigo» e trazer ao de cima velhos rótulos como «elementos subversivos» ou «indesejáveis». Mas há menos receio de «contradições» e uma nova forma de encarar a «dialéctica».

Os pontos de vista alteram-se consoante a geração, profissão ou classe. «É a maior evolução que a minha geração já viu», disse uma professora de 30 anos que já se envolveu na tare,fa de levar a «perestroika» para o seu trabalho diário. «Temos hipóteses de a pôr a funcionar. Se não tentarmos, nada se alterará nas nossas vidas — nada se alterará nunca pois já não haverá outra hipótese para a nossa geração.»

«Venha ao meu estúdio, conheça os vanguardistas; eles são todos meus amigos», disse um homem na rua, parecido com Orson Wells nos seus dias de glória, agitando os braços freneticamente àquelas horas tardias. Uma ressaca animada de outras eras parecia não ser tudo. «Estou a expor quadros numa exposição juntamente com os meus amigos. É a primeira vez que tivemos possibilidade de o fazer e eu gostaria que conhecesse os artistas e o seu trabalho. Eles apreciariam, sem dúvida, que escrevesse acerca da sua obra e pudesse dizer às pessoas o que se está a passar!»

Era tarde. O estúdio ficava demasiado longe. O nosso anfitrião não se encontrava em condições. Seria preferível irmos à novíssima discoteca de Moscovo onde o «jazz». o «pop» e todas as antigas alegrias do Oeste decadente se fazem ouvir até altas horas. Guardámos a exposição para outro dia.

Os artistas de vanguarda não são os únicos a celebrar o reconhecimento e a hipótese de exibirem o seu trabalho. Moscovo fala ainda da exibição de arte soviética exposta da Galeria Tretiakhov, a qual reabilitou os artistas dos primeiros anos e deu aos moscovitas uma imagem da energia e criatividade da arte ao serviço da revolução. Arte que era exortativa e propagandista, mas que exprimir a urgência e excitação de uma nova era. É uma diferença radical do realismo formal e antiquado defendido por Estaline e pelos seus herdeiros. «Foi sempre o melhor período da nossa arte, e agora podemos apreciá-la de novo», disse um entusiasta. «Na altura, demos o exemplo à Europa. Talvez os nossos artistas o consigam fazer de novo.»

Mas enquanto a arte da perestroika tem ainda de causar impacto no mercado, outras obras estão lançadas. A reabilitação de escritores e ideólogos como Bukharin dão azo a especulações e até a Trotsky poderá ser feita justiça, relatando-se a história como ela de facto foi e não segundo as mentiras, distorções e omissões da versão oficial.

O Oeste agitou-se quanto à possibilidade da publicação em Moscovo do romance antitotalitarrista de Orwell **O Triunfo dos Porcos;** mas aqui, a polémica é outra e gera-se acerca do embargo feito à obra **Nós** de Zamyatin, sessenta anos após a sua publicação feita no livro era demasiado forte mesmo para a própria Associação de Escritores da qual o autor era um membro influente. **Nós** abriu caminho para livros como **1984** de Orwell e **O Admirável Novo Mundo** de Huxley e foi uma influência poderosa na literatura antiutópica que surgiu na Europa desse período.

Os intelectuais artistas e escritores têm razão para estar optimistas. Mas é também necessário ter cuidado. Um jornalista comentou com tristeza que a vontade para apoiar a perestroika no entusiasmo do primeiro momento já diminuiu. «É deprimente ver o múmero de pessoas que aderiram às listas nos passados meses. Não têm muita significância. Muitos daqueles que pularam para o primeiro plano preferem agora manter-se nos bastidores».

A memória da outra liberalização está ainda bem viva. «Lembra-se do que aconteceu após Kruschev? As pessoas que o tinham apoiado sofreram graves retaliações quando o conseguiram eliminar.»

A analogia é controversa; Kruschev foi depressa de mais e agiu de acordo com alguns interesses velados; Kruschev também não foi muito longe ao atacar os excessos de Estaline mas não os do Estalinismo. «Gorbachev está a atacar o próprio sistema.»

O destino do presidente da câmara de Moscovo, Boris Yeltsin, é mais um aviso para aqueles que duvidam. «A ideia está certa, mas não sei se ele não irá muito longe, muito depressa», dizem os apoiantes. «Nem tanto», afirmam os cépticos. «Mikhail Sergeievitch não é o dono da sua própria casa. O caso Kruschev vai repetir-se de novo.»

Por cada apologista da perestroika, mesmo por cada céptico, há um conservador que defende o sistema. Muitos têm medo de dar o salto para o desconhecido, outros têm em vista os seus interesses. Para os últimos, a questão dos arménios — Azeri foi uma profecia; a perestroika, sob cujo nome os manifestantes arménios sairam para as ruas de Yerevann, destruirá, segundo dizem, o império soviético. Assim, eles não pretendem provocar o caos para o comprovar.

Para os receosos, trata-se apenas de uma questão de perder as garantias sociais — habitação, saúde, educação e trabalho — dos velhos estados socialistas. É verdade que o secretário-geral afirma tratar-se de mais socialismo e não menos. Mas ele também definiu que estas mudanças terão de ser pagas e o trabalhador já se interrogou: quem as irá pagar? Há empresas orientadas para o lucro, salários em função da produtividade e muitos ministérios redundantes foram já encerrados. «Libertação dos recursos humanos» é uma nova fórmula evasiva para a redundância que começa já a tomar conta dos cabeçalhos dos jornais. O primeiro ministério a ser encerrado já se desvaneceu. Onde irá tudo isto terminar?

Gerou-se também a inveja ante a perspectiva de uma nova elite económica criada pela liberalização de iniciativa privada, saindo do colete de forças do controlo estatal, bem como pela promessa de incentivos financeiros.

Apesar disto, ou talvez por causa disto, o debate continua anos-luz à frente dos dogmas arcaicos que caracterizam as discussões na dialéctica moribunda dos partidos comunistas do Oeste europeu.

Alguém comentou para um turista: «Gorbachev é mais popular entre os estrangeiros do que aqui na URSS. Nós estamos habituados a líderes fortes — como a vossa s.ª Thatcher. Admiramo-la muito!»

Uma feminista que encontrou um grupo de trabalhadores soviéticos comentou: «Não acredito! Sabem o que a perestroika significa para as mulheres? O direito de **não** trabalhar!» Uma professora de meia idade corrigiu. «Precisamos dar às nossas mulheres a opção de ficar em casa e tomar conta dos filhos.» As babushkas — avós — já não parecem estar tão dispostas a tomar conta dos netos e o facto de os professores serem forçados a permanecer nas escolas com as crianças até que as mães saiam do trabalho às 18 horas é um fardo pesado para os professores já sobrecarregados — para além de, na realidade, este sistema não funcionar.

Com a última pressão para levar os homens para o ensino, uma profissão dominada pelas mulheres, as professoras poderão, talvez, sentir o gume da redundância: ficar em casa, mas não por opção.

Um comentário interessante ao admirável novo mundo de Gorbachev foi feito por uma senhora de 70 anos, russa até à medula, que partiu nos anos 20 e só agora regressou após décadas de vistos recusados. A nostalgia da busca pelo mundo perdido que os exilados levam com eles deparou-se com a opinião de familiares de que aquilo que iriam encontrar se situa a anos-luz dos pesadelos estalinistas ou dos traumas brejnevianos que eles se haviam habituado a conhecer. «Gorbachev é um homem de cultura. Kruschev era rude: queria agir na melhor das intenções mas não percebeu o que obtera ou não o conseguiu enfrentar. Gorbachev não cairá nesse erro. Ele cresceu com o sistema de Estaline e sabe o que está em jogo. Para além disso, ele é o primeiro homem culto que tivémos no poder desde Lenine.»

Lenine transformou-se na pedra basilar. O fundamentalismo leninista regressou após anos de deformação e distorção. para evoluir com Gorbachev. As notas rabiscadas, os problemas que ele vislumbrou e as soluções que propôs, bem como os pensamentos urgentes dos últimos meses da sua vida são as suas directrizes. «Lenine pode ter detestado a sua classe mas ele estava envolvido na sua cultura e sabia o valor de permanecer aberto a todas as outras culturas do mundo.»

Foram dez dias e duas cidades demasiado breves e é perigoso retirar conclusões: há muitas imagens e opiniões, muita coisa por dizer. O optimismo pode ser confundido e, após o pior, há a tendência para ver apenas o lado positivo. De um modo geral, as mudanças são evidentes, o espírito do tempo demasiado aparente e os slogans demasiado emotivos para negar tudo. Basta suspender o credo e talvez não seja impossível ter esperança — talvez sejam estes os sentimentos de milhões de cidadãos soviéticos.

Segundo se crê em Moscovo, é a economia que garante a sobrevivência de Gorbachev. «Ele é muito útil a nível internacional para que nos livremos dele. Gostamos de 'governar' a cena política internacional, de dirigir a 'diplomacia'. Há sempre optimismo e sempre cepticismo.. Estes ainda poderão atingir Mikhail Sergeievitch, mantendo-o com uma imagem de reformador no estrangeiro mas sem qualquer poder para alterar as coisas no seu país.

É esta a opinião dos intelectuais receosos e da imprensa estrangeira. São eles quem especula quanto às implicações da perestroika no estrangeiro — como poderá ela afectar as relações com a China, os clientes dependentes e leais, e com a Europa de leste, Polónia e Jugoslávia.

A população faz os seus próprios debates e é difícil imaginar-lhes um final abrupto. As coisas foram já muito mais além do que aquilo que Kruschev alguma vez sonhou e estão muito melhor do que o que o secretário-geral imagina nos seus piores momentos. No geral, trata-se de uma sociedade que espera com ansiedade pelo admirável novo mundo socialista da próxima geração.

Golfe: António Castelo em Inglaterra

O jovem amador António Castelo, uma das maiores esperanças do golfe português, vai efectuar um estágio de cinco semanas na Inglaterra, em Julho e Agosto, onde disputará oito torneios do campeonato de juniores da Grã-Bretanha.

Castelo, de 13 anos, que em Setembro vai defender em Itália o título de campeão mundial de juvenis (troféu Topolino) que ganhou em 1987, segue para a Grã-Bretanha no princípio de Julho, integrando a selecção que vai disputar na Escócia o Campeonato da Europa de rapazes, iniciando depois um estágio até meados de Agosto.

O calendário do campeonato de juniores da Grã-Bretanha tem 311 torneios apenas em Julho e Agosto

Basquetebol: Sportima promove «clinic» no Montijo

Vai realizar-se no Montijo, entre 4 e 10 de Julho, o Campo de Verão «NBA By Spalding», orientado por um conjunto de treinadores de basquetebol, dos quais se destacam os professores Jorge Araújo e Hermínio Barreto, e com a participação do atleta do Sport Lisboa e Benfica, Mike Plowden, numa iniciativa da Sportima, representante exclusiva da marca Spalding.

A organização instituiu um prémio denominado «NBA By Spalding» de cem mil escudos, para atribuir à melhor reportagem sobre o Campo de Verão.

Hóquei em patins: sorteio da Taça

O Sporting, actual campeão nacional, desloca-se ao recinto do Famalicense, enquanto o Benfica recebe na Luz o FC Porto, nas meias-finais da Taça de Portugal de hóquei em patins.

As meias-finais disputam-se no dia 2 de Julho, estando a final da prova marcada para o dia 9.

Karaté: mestre japonês ensina por cá

O mestre japonês de karaté Semsei Abe dirigiu um estágio de aperfeiçoamento técnico dos karatecas algarvios, no pavilhão gimnodesportivo de Portimão.

Cerca de 200 praticantes de karaté dos núcleos de Portimão e de outras zonas do Algarve beneficiaram desta oportunidade de contacto com um dos maiores especialistas da modalidade, detentor do grau Sétimo Dan.

O presente estágio integra-se nas comemorações do Dia da Cidade de Portimão, que ocorre na próxima sexta-feira, mas que ao longo do mês de Junho cumpre um programa de actividades diversas, com destaque para as de carácter desportivo.

Neste âmbito, cabe salientar o I «Open» de Ténis de Portimão, que decorre entre os dias 24 e 26, inserido no calendário da Federação Portuguesa de Ténis e para o qual é aguardada a presença dos melhores tenistas do «ranking» nacional.

«COTECO - SOCIEDADE DE COOPERAÇÃO TÉCNICA E COMERCIAL, LIMITADA»

B – 1 Ext. c.s
Sede: Rua Filipe Folque, n.º 87, 4.º andar, em Lisboa.
Capital: Ottocentos mil escudos.
Matriculada na Conservatória do Registo Comercial de Lisboa, sob o n.º 54773.

DÉCIMO SEGUNDO CARTÓRIO NOTARIAL DE LISBOA A CARGO DA NOTÁRIA LIC. LÍDIA RODRIGUES MAIA DEVESA:

Certifico, narrativamente, para efeitos de publicação, que se encontra arquivada neste Cartório e registada sob o n.º 494/88, a fls. 12 v.º do livro número 17 de Registo de documentos e outros instrumentos avulsos que os interessados pretendem arquivar, fotocópia da acta número dezanove, da assembleia geral realizada em vinte e três de Maio do corrente ano, pelas vinte e uma horas, da sociedade comercial por quotas com a denominação em epígrafe, na qual consta que foram nomeados gerentes da referida sociedade, os senhores:

FRANCISCO MANUEL LEMOS PINHEIRO, casado com Maria de Lourdes do Céu Simões Pinheiro, sob o regime da comunhão geral, residente na Rua de São João, n.º 16, no Laranjeiro, concelho de Almada; e

MANUEL MARQUES PINTO, casado com Amélia Maria Baptista Bento, sob o regime da comunhão de adquiridos, residente na Rua da Graça, n.º 2-E, 1.º andar-dt.º , em Lisboa.

Está conforme.

Lisboa e DÉCIMO SEGUNDO CARTÓRIO NOTARIAL, aos dezassete de Junho de mil novecentos e oitenta e oito.

O 3.º AJUDANTE,

Maria do Carmo Ramalho Branco Dias Santos

«DL» 23/6/88

Câmara Municipal de Lisboa

AVISO

Tarifa de Saneamento

Na sequência do Acórdão n.º 76/88 do Tribunal Constitucional publicado no "Diário da República" – I Série, de 21/04/88, que declarou a inconstitucionalidade da 1.ª, 2.ª, 3.ª e 4.ª normas da deliberação n.º 17/CM/85 da Câmara Municipal de Lisboa e a fim de possibilitarem a organização do processo conducente à restituição das importâncias cobradas indevidamente, convidam-se os consumidores de água da Empresa Pública das Águas Livres (EPAL) que pagaram a tarifa de saneamento no período compreendido entre 22 de Abril p.p. e 4 de Junho corrente (data da entrada em vigor da Proposta 144/88, conforme Edital n.º 53/88) a apresentarem os recibos (original e fotocópias ou, no caso de impossibilidade, apenas o original) na Divisão de Receitas da Direcção dos Serviços de Finanças da Câmara Municipal de Lisboa nos seguintes locais:

- R. do Arsenal (Paços do Concelho)
- R. Alexandre Herculano, 46-r/c
- Av.ª 24 de Julho, 171.

Oportunamente será comunicada a todas as entidades que entregarem os recibos acima indicados a data a partir da qual poderão receber as quantias a que tiverem direito.

Paços do Concelho de Lisboa, em 15 de Junho de 1988

O Vereador

Pedro José Del-Negro Feist

Acabou o imbróglio na 2.ª divisão

FAMALICÃO REINTEGRADO ENTRE OS MAIORAIS

O Conselho de Justiça da Federação Portuguesa de Futebol emitiu parecer favorável ao Famalicão, que garantiu assim a subida à 1.ª divisão do futebol português. Com esta decisão, a Federação levantou a suspensão dos jogos do torneio de apuramento para o campeão da 2.ª divisão e hoje mesmo o Famalicão joga com o Académico de Viseu. A decisão do Conselho de Justiça indefere o recurso apresentado pelo Fafe e pelo Macedo de Cavaleiros ao Conselho de Disciplina da FPF relativo ao jogo entre o Famalicão e o Macedo de Cavaleiros, que os famalicenses venciam por 1-0, quando o duelo foi interrompido.

Braga fora da ANC

O Sporting de Braga decidiu temporariamente suspender a sua participação na Associação Nacional de Clubes.

Oliveira: mais um ano na Académica

O técnico António Oliveira renovou por mais um ano o seu contrato com a Académica de Coimbra. A renovação concretiza-se independentemente da Académica ficar na 1.ª ou na 2.ª divisão, uma vez que ainda se aguarda resposta federativa a um recurso apresentado pelo clube de Coimbra.

O Sion «substituiu» Carlos Manuel

O Sion contratou o internacional jugoslavo Mirsad Baljic, do Zeljeznicar Sarajevo, para substituir Carlos Manuel. Recorde-se que Carlos Manuel tem contrato com o Sion até Junho de 1990, mas foi suspenso pelo clube na segunda-feira depois de não ter comparecido aos treinos na semana anterior.

O presidente do Sion, Andre Luisier, disse que iria comunicar à Federação Internacional de Futebol a alegada quebra do contrato por Carlos Manuel.

Juniores: Benfica goleou Lusitânia

O Benfica derrotou o Lusitânia dos Açores por 11-0 em jogo da 3.ª jornada da fase final do campeonato nacional da categoria de juniores, disputado no Estádio da Luz. Depois deste encontro, a classificação é a seguinte:

	J	V	E	D	G	P
Benfica	2	1	1	0	11-0	3
Porto	2	1	1	0	11-0	3
Lusitânia	2	0	0	2	0-22	0

Próximo encontro dia 26: Porto-Benfica.

Calendário muda

Os diversos campeonatos nacionais, destinados às categorias mais jovens, estão a atingir o seu final e a Federação Portuguesa de Futebol autorizou já a realização das seguintes alterações:

Nacional de juvenis: Benfica-FC Porto, no domingo, no Estádio da Luz, a partir das 11 horas. **Nacional de juniores:** Lusitânia - FC Porto, na quarta-feira, no Municipal» de Angra do Heroísmo, a partir das 11 horas, e Lusitânia - Benfica no domingo seguinte (dia 3 de Julho) no mesmo local e à mesma hora.

Para domingo e a contar para a sexta jornada da segunda fase do Nacional da 3.ª Divisão realizam-se, a partir das 17 horas, os encontros Luso - Santa Maria e Juventude - Olivais e Moscavide.

Sábado, às 18 horas, no Bessa: futebol feminino (Boavista-Terras da Costa) para a 2.ª fase da Taça Nacional.

Viseu reforça-se

Alhinho (Portimonense) transfere-se para o Académico de Viseu (treinado pelo seu irmão Carlos) que também já recrutou o farense Julinho.

Futebol de Salão em Paço de Arcos

O futebol de salão continua em franca expansão com a disputa de diversos torneios de âmbito regional. A Caixa Geral de Depósitos leva a efeito, neste fim-de-semana, no Pavilhão do Paço de Arcos, a fase final do seu 10.º torneio nacional que apurou para a «poule» decisiva as equipas representativas de «Os Rabelos», da Régua (zona Norte), os Pesqueirenses, de S. João da Pesqueira e «Os Makenzies», das zonas Centro (A e B) e ainda «Os Pumas» de Lisboa (zona Sul).

Walsh em Vila do Conde

O irlandês Miki Walsh assinou contrato por um ano com o Rio Ave.

Festas no Varzim?

Tudo parece encaminhar-se para Festas ser o novo técnico do Varzim.

Gil Vicente quer portistas

As camadas juniores do FC Porto estão sendo muito cobiçadas por diversos outros emblemas, nomeadamente pelo Gil Vicente que se propõe rodar nas suas fileiras sete jogadores: Lay, Secretário, Fernando Couto, Mário Jorge, Fernando Gomes. Tó Zé e Jorge Couto.

Belenenses: alterações

Certo: do Restelo vão ser dispensados Mapuata e Luís Reina, falando-se agora da hipótese de recrutamento do búlgaro Guetov.

Covilhã: recrutamento

Pensando já no breve retorno ao escalão maior, o Sporting da Covilhã recrutou Elísio (Gil Vicente), Marinho (Sacavenense), Cesário e Sérgio (Trofense), Xana e Manuelzinho (Aves), Leandro e Magalão (Estarreja), Alain (Penafiel) e Adolfo (Lourosa).

Lima Pereira e José Beto renovam contratos

Lima Pereira e José Beto renovaram os seus contratos com o FC Porto, respectivamente por um e dois anos. Por seu lado, Gomes (cujo contrato com os «azuis e brancos» é válido até 1989) acordou também continuar ao serviço do FC Porto, apesar da existência no seu caso de uma cláusula contratual que permitia a rescisão, por qualquer das partes, no final da temporada de 1987/88.

Quanto ao futuro treinador principal dos «dragões», Pinto da Costa afirma que o problema continua em aberto, não confirmando nem desmentindo a notícia já posta a circular e segundo a qual Artur Jorge irá regressar ao FC Porto ou Quinito será o sucessor de Ivic.

Ciclismo: Grande Prémio "JN"

Tudo como dantes

Carlos Pereira, do Feirense, venceu a 5.ª etapa do Grande Prémio «Jornal de Notícias» (153 km entre Aveiro e Vila de Famalicão) e o seu colega de equipa Manuel Correia manteve a camisola amarela.

Carlos Pereira fez o percurso em 4.00,07 horas, à média de 38,231 km/hora.

Em 2.º e 3.º lugares na etapa, com o mesmo tempo do vencedor, classificaram-se Manuel Vilar, do Boavista, e Paulo Couto, do Sangalhos. Estes ciclistas integravam um grupo de cinco que cortaram a meta com 2 minutos de avanço sobre o pelotão.

O Boavista venceu a etapa colectivamente, somando 12.04,39 horas, seguida do Feirense, com o mesmo tempo.

Classificação dos dez primeiros na etapa: 1.º Carlos Pereira, Feirense, 4.00,07 horas; 2.º Manuel Vilar, Boavaista, m.t.; 3.º Paulo Couto, Sangalhos, m.t.; 4.º Adelino Teixeira, Cantanhede, 4.00,10; 5.º Carlos Coelho, Garcia Joalheiro, 4.00,15; 6.º Paulo Pinto, Sicasal/Torreense, 4.02,16; 7.º Serafim Vieira, Louletano; 8.º Carlos Santos, Louletano; 9.º Manuel Abreu, Garcia Joalheiro e 10.º Alexandre Rua, Sicasal/Torreense (todos como mesmo tempo).

Classificação geral: 1.º **Manuel Correia,** Feirense, 19.12,08 horas; 2.º Manuel Abreu, Garcia Joalheiro, 19.16,20; 3.º Fernando Fernandes, Sicasal/Torreense, 19.18,38; 4.º Cayn Theakston, Louletano, 19.19,41; 5.º Venceslau Fernandes, Sangalhos, 19.19,52; 6.º Carlos Coelho, Garcia Joalheiro, 19.19,53; 7.º Delmiro Vieira, Boavista, 19.19,57; 8.º Manuel Zeferino, Boavista, 19.19,58; 9.º José Passos, Louletano, 19.19,59 e 10.º Joaquim Salgado, Garcia Joalheiro, 19.20,00.

A classificação geral por equipas é liderada pelo Feirense com 57.50,23 horas, seguida do Garcia Joalheiro, com 57.53,29 horas.

Volta à Suíça

Acácio da Silva manteve a 3.ª posição da geral da Volta à Suíça disputada a penúltima etapa da prova.

A tirada, de 201,5 quilómetros entre Chur e Schaffhausen, foi ganha ao «sprint» pelo suíço Stephan Joho, em 5 horas, 01 minuto, 24 segundos.

Em 2.º e 3.º lugares ficaram respectivamente o dinamarquês Jesper Skibby e o francês Jean-Claude Leclercq, com o mesmo tempo do vencedor.

Acácio da Silva chegou integrado no pelotão, e está agora a um minuto e 46 segundos da camisola amarela, mantida pelo austríaco Helmut Wechselberger e a 1.27 do 2.º, o candidato Steve Bauer.

SPORTING NA MAIOR ENCRUZILHADA

Verdadeiramente inédito. E não resisto a recordar o que, um dia destes, o meu amigo e jornalista Valdemar Afonso (cartaz alto da Lusa) escrevia muito conscientemente: «Os sócios do Sporting Clube de Portugal» vão escolher os novos dirigentes leoninos para o próximo biénio, tentando assim, através das mais disputadas eleições dos últimos anos, acabar com a crise que desde há tempo abala as estruturas de Alvalade. Os nada menos do que três candidatos à presidência do clube (por ordem de sorteio de listas: António Simões, Jorge Gonçalves e António Figueiredo) têm afirmado, no decorrer de uma polémica campanha eleitoral, dispor do remédio para a cura da «doença» dos «leões», se entretanto ganharem as eleições no dia do nascimento de S. João Baptista, pelo calendário cristão.

Desta vez, o acto eleitoral «leonino» usa sofisticadas técnicas publicitárias e de relações públicas, com activos Gabinetes de Imprensa lançando propaganda e contrapropaganda entre «spots» televisivos, radiofónicos e anúncios na Imprensa. O último acto eleitoral no Sporting, a que concorreram as listas lideradas por João Rocha e Marcelino de Brito, foi acalorado e fez correr muita tinta, pelas revelações de ambas as listas sobre acontecimentos «alheios» ao Sporting, em que alegadamente os candidatos estariam envolvidos. Mas a actual campanha para os corpos gerentes dos «leões» tem excedido a anterior nesse capítulo e segue-se a uma fraca temporada no campo do futebol profissional, em que as «chicotadas psicológicas» e os desanimadores resultados levaram a equipa ao 4.º lugar final na 1.ª Divisão, a 19 pontos do campeão». Progressivamente, a direcção demissionária do Sporting (presidida por Amado de Freitas, que sucedeu a um «reinado» de 12 anos de João Rocha) sofreu vários «choques» ao longo do mandato e, já com as eleições à vista, anunciou publicamente a sua recandidatura, desistindo poucos dias depois, face aos nulos apoios que poderia receber para continuar no poleiro.

E aí temos três eventuais sucessores, cada qual estribado em seus trunfos, apostados no êxito de uma corrida que começa amanhã, pelas 11 horas, no estádio **verde-branco.** Se é sportinguista, o leitor já fez um **vale-tudo** com a sua consciência, acertou na escolha perfeita e correcta? Veja lá como se apresenta este triunvirato de valentes que quer tomar conta de um símbolo que, desde sucessivos fracassos desportivos até péssimo momento financeiro (com débitos a tudo o que seja jogador ou praticante de qualquer modalidade) oferece um péssimo panorama para investimento mas não pode ser destruído pelo **deixa-passar ao largo** dos seus verdadeiros amigos. Mas, será que estes três homens estão (em consonância) no rumo da renovação sportinguista? Seja o leitor o juiz.

Património de doze milhões de contos espera homem ao leme

A lista A é liderada pelo empresário António Simões («Braz & Braz»), sócio 702 e «leão» desde que nasceu e o pai o inscreveu no clube, há 47 anos. Como vice-presidentes apresenta Eduardo Gonçalves (futebol), Silvino Ruivo (publicidade, organização e desenvolvimento), Miguel Ribeiro Teles (relações institucionais), Carlos Matos (administrativo e financeira), José Luís Seabra (actividades amadoras) e Luís Mira de Oliveira (juventude). Para a presidência da assembleia geral é proposto José Manuel Ribeiro Ferreira e para o conselho fiscal e disciplinar Agostinho Abade. Da comissão de honra da candidatura de António Simões fazem parte (entre outros) o assessor da Presidência da República (o jornalista Carneiro Jacinto), o arq. Gonçalo Ribeiro Teles, o dr. Jaime Cortesão, o eng. Samuel Lupi, o eng. Murteira Grave e o produtor radiofónico João Martins.

O candidato foi o primeiro a anunciar a sua pretensão de concorrer às eleições, muito antes da campanha «aquecer»: **«O meu Sporting vai ser um dos maiores clubes europeus»,** promete o empresário se ganhar as eleições, garantindo também o saneamento económico e a reestruturação total no clube. «O Sporting é o clube da minha vida, da minha família e de muitos milhares de portugueses», refere o candidato, que considera **«grave»** a situação económica dos «leões» e pretende fazer o Sporting um clube-empresa, **«para não estar sempre à espera dos bons ou dos médios resultados para poder resolver os seus assuntos imediatos».**

O técnico futebolístico António Morais continuará no Sporting se a lista A ganhar as eleições: **«A única coisa que admitimos é a vitória»,** refere o candidato, que à porta do acto eleitoral se comprometeu por escrito a pôr à disposição do Sporting 600 mil contos, **«porque acho que uma das principais preocupações a ter é a resolução da situação económica e financeira do clube. Mais: quero voltar com o ciclismo e, se for preciso, compro o Futre!**

●

A lista B é liderada por Jorge Gonçalves que tem baseado a sua campanha no contacto e apresentação pública de futebolistas estrangeiros, como futuros jogadores do clube se ganhar as eleições, nas quais pretende «dar um bigode» aos adversários. **«O leão vai ocupar o trono e será difícil tirá-lo de lá»,** afirma o candidato, segundo o qual **«o Sporting é um elemento que está parado»,** pretendendo por isso **«fazer uma equipa que consiga animar os sócios, acordar os que estavam adormecidos»** e fazer um espectáculo de cada jogo realizado no Estádio de Alvalade.

A candidatura de Jorge Gonçalves, que criou um caso de Polícia, acusando outra candidatura de alegados desvios de documentos do parque verde-branco, considera «péssima» a situação económica do Sporting e, se ganhar as eleições, projecta um **«enriquecimento do património e das infra-estruturas», que poderão englobar a construção de hotéis, supermercados, centros comerciais, «tudo aquilo que os utentes que passarem naquela zona precisarem».**

Jorge Gonçalves (39 anos, despachante oficial da Alfândega de Lisboa e sócio de três empresas) considera que **«o futebol português está doente»** e não tem dúvidas na sua vitória: **.«Sou o único, até agora, que apresentou dados concretos sobre o que será o Sporting de amanhã.» Se tiver de investir, não tenho dúvidas nenhumas, embora ache que o facto de me candidatar já é um investimento da minha parte. Mas tenho crédito suficiente para que o meu investimento resulte no Sporting»,** refere o candidato, acusado pela oposição de **«processos por cheques sem cobertura, letras protestadas e duvidosa aceitação bancária».**

A lista de Jorge Gonçalves é apoiada (entre outros) por Carlos Lopes, Miguel Agostinho (filho de Joaquim Agos-

cont. na pág. 22

EM HORA DE VOTO COR DE ESPERANÇA

Neves de Sousa

Depois de Moscovo ter elegido uma «miss» em fato de banho e tanto sua Santidade o Papa como Sandro Pertini fazerem férias a esquiar, do presidente Soares ter voado em supersónico e desse tremendo **problema nacional** que é o «Humor de Perdição» subir à assembleia de deputados deste País, já nada nos deveria perturbar ou confundir. Nem sequer o facto de, para um clube que se debate com tremenda crise financeira, cercado de débitos por todos os lados como se estivesse sob fogo cruzado, surgirem três potenciais candidatos à responsabilidade de recolocar o símbolo na senda de êxitos já perdidos no tempo, especialmente em matéria futebolística que, como se sabe, é a que mais impera no espírito do adepto e melhor movimenta os corações para o aplauso.

Acontece com o Sporting, nunca poderia suceder com o clube da minha área, que não dá pompa nem circunstância a quem quer que seja, antes pelo contrário obriga a trabalho árduo apenas compensado por uma ou outra palmadinha nas costas de amigo mais fiel ou compreensivo. Pois, para Alvalade, só de uma assentada apareceram três possíveis comandantes, cada qual com seu plano de ataque: um farfalhudo e folclórico, garantindo novo universo na sua mão; outro, gestor de mérito já anunciando que o dinheiro que tem é muito seu e não para o deixar nas algibeiras de jogadores; o terceiro, sensato e ponderado, propondo-se (fundamentalmente) sanear uma casa desarrumada por mil traquinices e diluída no prestígio que tanto lhe custou a cimentar.

Não vale a pena esconder as facetas preponderantes dos três candidatos a mil sacrifícios: um deles sai e entra no País com artistas do futebol que ninguém sabe quanto custaram para funcionar como bandeiras eleitorais, outro apressa-se a divulgar que não é Mecenas e não quer ser dono do leão que tão depressa vê as unhas rentes (Rijkaard foi miragem enganadora) como fica exultante face à hipótese de (tirando Maradona e mais duas ou três «estrelas» internacionais) poder recrutar Lineker e Douglas, Silas e Careca, Van Basten e Dassaev, Gullit e Voeller, talvez mesmo Laudrup e Vialli, isto fora um psicólogo e um psiquiatra para completa observação de algumas cabeças demasiado perturbadas pela ambição de rapidamente erguerem um nome, ainda que esse delírio possa acabar antes do Natal.

Evidentemente que o sportinguista comum já deve, a esta hora, ter separado o trigo do joio, analisado calmamente as faces do triunvirato de potenciais comandantes e notado quem fala de mais, quem se abstém dos problemas financeiros que estão colocando em séria equação a continuidade de atletas que moram na fila cimeira dos executantes, quem (de pés fincados na terra) entende, muito logicamente, que os problemas verde-brancos só podem ser solucionados (ou atenuados) com uma sólida edificação do seu executivo, baseado em realidades e não em utopias que apenas podem servir os interesses pessoais de quem bruscamente sai do anonimato para se imaginar pai de nova pátria.

Todavia, já nada poderá espantar o mortal comum. Nem mesmo que à euforia de uma eleição suceda muito rápido «mea culpa», arrependido mas impotente para fazer o tempo voltar atrás. Tampouco que, sem nenhuma unha nova ou arredado dos bons e sábios avisos à navegação, alguém fique a meio caminho do seu anseio, estiolando em mar-pântano. Sequer que se tenham feito ouvidos moucos a quem poderia preservar a imagem de bloco, o rosto de rei que continua perseguido mas cada vez morando mais longe.

Acredito que, em hora de completa viragem de marca, cada sportinguista já tenha tido ensejo de aferir para onde deve encaminhar o seu voto. Só que, sendo obrigatório restituir o emblema ao trono a que sempre fez jus, carecendo o desporto e a sociedade do espectáculo de continuidade de um gigante, é fundamental tomar a cautela maior: sem embarcar em promessas feitas por vendilhões do templo, sem navegar em aparentes bonançosas marés (traiçoeiras ao primeiro golpe de vento), cimentar a chefia de muitos mil (que, afinal, são milhões) num homem que arribe à praia para servir e não para ser servido em bandeja de ofuscante opulência. Pode oferecer-se ou garantir-se: daí a poder dispor (ter) vai a distância do voto consciente. Pensem bem: um, dois três, quem pode estar à frente?

Sporting: tempo para serenidade

cont. da pág. 21

tinho), Júlio Isidro, Maria da Fé, João Braga e os antigos futebolistas José Carlos, Peres, Figueiredo, Carvalho e Calo. Depois de Rijkaard, que não fica em Alvalade, o brasileiro Douglas pode ser «leão»?

●

A lista C, presidida pelo tenente-coronel (na reserva) António Figueiredo pretende **«devolver o Sporting ao lugar que por direito e tradição sempre ocupou na vida desportiva da sociedade portuguesa: o 1.º. A reestruturação do Sporting tem de começar pelo futebol»**, afirma António Figueiredo, frisando que **«o Sporting é o maior clube português, que atravessa uma crise de direcção, financeira e desportiva, até certo ponto»** e dizendo ter conhecimento apenas pelos jornais da situação económica do clube. Se António Figueiredo ganhar as eleições sportinguistas, António Morais continuará como técnico principal do futebol sénior e as escolas do clube terão um papel mais relevante no fornecimento de novos valores: **«Estou convencido de que vou ganhar as eleições. Se não ganhar, paciência»**, diz Figueiredo, que considera disparatado o exagero nas campanhas eleitorais de clube. **«Eu só vou investir trabalho e preocupações no clube, porque eu não quero nada do Sporting. Vou exercer as minhas funções como faz o avançado-centro ou um seccionista qualquer. Vou dar ao clube o que tenho para dar: experiência, trabalho e dedicação.»**

António Figueiredo apresenta seis vice-presidentes: Durvalino Neto (futebol), Maria Manuela Afonso Viegas (gestão financeira), José Eduardo Matos e Silva (empreendimentos, obras e melhoramentos), Romeu Silva Branco (secretariado geral e coordenação), Rui Gonzaga Pignatelli (actividades desportivas e de alta comepetição) e Tomás de Lima Fonseca (relações externas e publicidade). Carlos Monjardino será o presidente do conselho fiscal e disciplinar e Carlos Alberto Oliveira o presidente da assembleia geral. Da comissão de apoio à lista C fazem parte o prof. Palma Carlos, Francisco Deslandes, Jesus Correia (antigo «itenrnacional» da equipa dos «violinos»), José Manuel Torcato, José Arsénio (ex-dirigente do Sporting), Alexandre Baptista, Manuel Oliveira, Manuel Faria (antigos atletas do clube), general Sá Viana Rebelo e José Simões (tio de outro dos candidatos). António Figueiredo não usou futebolistas de nível actual como estandarte. Outras alternativas?

Nove dias com o invencível andebol benfiquista (II)

EU TE AMO, BRASIL!

● *S. Paulo, Santos, S. Vicente e Rio de Janeiro: entre o desporto e o crime, do dia para a noite*

Neves de Sousa
enviado especial

O meu recente amigo Valdir Fonseca estende-me o cartão de visita e anuncia:

— Vamos encontrar-nos um dia destes. Diga lá, à rapaziada da Xira Cup, que estarei novamente com eles, à frente da equipa paulista de andebol.

Foi assim: a cada minuto, novos companheiros na cidade de Nóbrega e Anchieta, a urbe que mais cresce no mundo, a cidade que podia englobar completamente (como se fosse uma ilha) este nosso Portugal, a terra que temos na velha Europa.

Mas, não nos precipitemos. Ia principiar o torneio quadrangular de andebol e o Benfica tinha pela frente um duro compromisso: o adversário era o Clube Tap-Air Portugal mas os encarnados, por opção da dupla técnica Ângelo Pintado/João Gabriel, tomaram as maiores cautelas ainda que (numa decisão que poderá contestar-se) deixaram de fora a experiência de João Gonçalves, que está prestes a deixar o andebol de competição para se dedicar ao jornalismo-TV e (pode dizer-se) apenas se deslocou ao Brasil como prémio por uma carreira brilhantíssima.

Nessa noite, o Benfica formou assim: Santa Bárbara (João Marques), Vasco Vasconcelos (5), Luís Lopes, Mário Gentil (4), Paulo Bunze (4), José Luzia (3), João Duarte (3), Armando Pires (4), Paulo Cautela (1) e Vítor Parracho. Por seu lado, o Clube Tap-Air Portugal alinhou: João Meira, (Diamantino), Paias (1), Toni Silva (1), Luís Crespo (4), Carlos Franco (4), Armindo (2), Cabaço, Moreira (3), Vital (4), Sanches (2) e Rui Silva (2). No final: 24-23. Um duelo bonito, cheio de fases altamente emocionantes, resolvido em esgotante prolongamento para marcação de grandes penalidades. O remate último de Paulo Cautela decidiu a questão: o Benfica era finalista do torneio, defrontando no dia seguinte o grupo das Faculdades de Santana e S. Paulo, que derrotara a turma representativa da cidade por 22-21.

Valdo: Aí está ele!

Honrando com a sua presença a abertura do torneio andebolístico, o professor Aníbal Cavaco Silva escutaria palavras eloquentes de José Gomes Machado e de altas figuras locais que estiveram no ginásio da Portuguesa de Desportos mas, depois de uma primeira torrente de fotos, chegavam duas figuras muito especiais: Valdo (a mais próxima «estrela» do futebol benfiquista) e o seu procurador (dr. Emir Parisotto) que logo foram rodeadas pela curiosidade dos dois jornalistas portugueses (este vosso amigo e Rodrigo Pinto, de «O Jogo») mais de outros colegas que englobavam a caravana oficial do Primeiro-Ministro.

— Podem garantir: a 15 de Julho começo a trabalhar na Luz. O contrato que assinei com o Benfica é irrevogável: aliás, mesmo quando apenas tinha dado a minha palavra isso já chegava como compromisso absoluto.

Valdo é um rapaz franzino, alto, a puxar para o menino que gosta ainda de brincar mas já tem a serenidade e a calma de um homem construído. Autêntica e indesmentida vedeta do futebol brasileiro (deu centenas de autógrafos em menos de três horas) é considerado, por toda a Imprensa do seu país, como o «melhor jogador atacante», ao nível de uma «estrela» da maior grandeza. Joga com os dois pés e de cabeça, é muito veloz, dispara bem à rede e organiza jogo a meio do campo. Quer dizer: melhor que isto, só por encomenda.

Muito simpático, o rapaz fez questão de, ao saber que estava no Brasil uma comitiva desportiva do Benfica, viajar de Porto Alegre até S. Paulo em véspera de jogo decisivo para o ainda seu clube (Grémio) e ir cumprimentar José Gomes Machado e companheiros de embaixada. O procurador de Valdo (**ponha antes: o seu amigo, porque estou trabalhando desinteressadamente no caso da transferência**) é advogado e proprietário da empresa Empreendimentos Imobiliários, Parisotto. Fala com extrema fluência:

— Foi bom o Benfica ter pegado no Valdo: ele vai fazer miséria nos vossos campos e tornar-se grande nome no futebol europeu!

Parisotto teve (então) um desabafo duro a respeito do (ainda) presidente do Vitória de Guimarães, especialmente em relação ao comportamento do clube para com o jogador Caio Júnior, **que eu indiquei aos vimaranenses e tem sido muito desperdiçado e até pouco considerado...**

Convém dizer-se que, no negócio Valdo-Benfica houve interferência do empresário português Manuel («Mercury») Barbosa, mas a sua acção não está ainda totalmente definida, pelo menos perante o procurador do jogador e a direcção do clube lisboeta. Isso ficou saliente ao longo do tempo que o artista de Porto Alegre passou a nosso lado (do almoço, em que tomou sumo de melão, até às tantas da noite, quando mandou um longo abraço para o Elzo, ao lado de quem vai morar). Todavia, pequenos agastamentos estão completamente ultrapassados e agora o certo aí está: Valdo é (mesmo) do Benfica.

Valdo falou-nos, então, da sua filhinha: Ana Maria, dois anitos e pouco. Da nostalgia que já sente por deixar a sua terra: mas (igualmente) do entusiasmo que coloca numa carreira que **«tanto financeira como desportivamente vai ser o cume»**. Para já, o técnico nacional brasileiro (Carlos Alberto Silva) convocou-o para integrar a «canarinho» que vai excursionar pela Austrália e na Europa, mas o jogador ainda tem de efectuar um encontro pelo Grémio, no próximo sábado: a partida que vai decidir o campeonato do Estado de Porto Alegre.

Valdo em conversa com o professor Cavaco Silva. **«Sabe** *(disse o Primeiro-Ministro)* **também eu fui atleta no Benfica. Joguei lá ténis de mesa, mas fiz atletismo no CDUL. Saltava barreiras, um bom treino para hoje...»**

O dirigente benfiquista José Gomes Machado entrega uma águia como lembrança da presença do Primeiro-Ministro no torneio de andebol paulista. O «capitão» Vasco Vasconcelos fala em nome da turma rubra.

— Basta-nos empatar, mas nunca fiando, né?

Valdo fala-nos dos colegas que labutam no nosso futebol e ele (verdadeiramente) conhece:

— Elzo, Mozer, Chiquinho, Duílio, João Luís, Geraldão, Paulinho Cascavel, Celso, Ademir Alcântara, Juary, Silvinho, Caio Júnior... O resto, assim de repente, não estou bem a identificar...

Com 24 anos completados a 12 de Janeiro, prepara as malas para funcionar como o último brasileiro adquirido pelo Benfica na fase de construção de uma grande equipa ou ainda haverá qualquer outra carta na manga?

O procurador da «estrela» sorri:

— Pode ser que outro nome (muito graúdo) vá também para a Luz, mas a alta do dólar está tornando os preços proibitivos, muito embora se saiba que hoje todo o Brasil funciona em câmbio paralelo, valendo o cruzado coisa como setenta centavos portugueses e estando o nível médio dos ordenados muito baixo. Um exemplo: o salário mínimo nacional oscila em torno de dez mil cruzados (sete contos portugueses...) o que bem explicará que, das favelas e dos morros, em doses industriais, desçam marginais capazes de tudo para conseguirem dinheiro.

É isso. Exactamente isso: droga, prostituição, roubo e morte campeiam livremente pelas ruas de S. Paulo ou do Rio de Janeiro. Mas, apesar de tudo, dos sustos que a cada momento cercam o cidadão, quem pode deixar de amar o Brasil?

A seguir: Noites de S. Paulo

Os dirigentes benfiquistas João Pais e Vítor Cheu, com o autor desta reportagem, Valdo e o casal Gomes Machado

Foto para o amanhã: o casal Cavaco Silva, José Gomes Machado, Ângelo Pintado, e o presidente da Portuguesa de Desportos, com a turma andebolística do Benfica na moldura.

Sporting: direcção contra Jorge Gonçalves

A direcção do Sporting decidiu solicitar ao Conselho Fiscal e Disciplinar do clube, procedimento disciplinar contra o associado Miguel Catela, director da campanha de candidatura de Jorge Gonçalves à presidência dos «leões». Num comunicado com quatro pontos, a direcção em exercício (presidida por Amado de Freitas) decidiu também **«desenvolver as diligências necessárias à confrontação de Miguel Catela com a responsabilidade criminal»** na sequência de um comunicado publicado no jornal do Sporting. A actual direcção «leonina» classifica o conteúdo do comunicado da candidatura de Jorge Gonçalves publicado no jornal do clube **«de chorrilho de mentiras e um rosário de vis acusações à idoneidade e sportinguismo de quem tem arrostado com a responsabilidade de gerir o Sporting».**

Alvalade: se, se, se...

A poucas horas da eleição dos novos corpos gerentes sportinguistas, cada candidato apressa-se a falar em nomes para o futebol. António Simões anuncia que já tem dez artistas apalavrados (entre os quais «brasileiros de 1.º plano»), , para além de dispor imediatamente de 600 mil contos para colocar em dia os ordenados que a gerência de Amado de Freitas tem em atraso. Jorge Gonçalves atira figuras em cacharolete: depois de ter trazido a passeio o holandês Rijkaard e de ter feito outro contrato particular com o sueco Eskilson, afirma que também tem a um dedo da contratação (desconhecendo-se se será para rápida venda para diferentes latitudes) o argentino Siviski, os brasileiros Douglas e Silas e, ainda, Carlos Manuel, Ademir e Rui Maside. Uma torrente de «astros» como nunca se terá visto por estas áreas! Por sua vez, António Figueiredo deita para a mesa um desejo: ver os termos exactos da «negociata Rijkaard»...

Matosinhos "abraça" Leixões

É já no sábado, dia 25, pelas 13 horas, que no decorrer de um almoço a efectuar nas caves do edifício dos Paços do Concelho, que as forças sociais e económicas de Matosinhos irão dar o «abraço da vitória» ao Leixões pela sua subida de divisão, abraço que levará certamente o «conforto» capaz de garantir um futuro de continuidade entre os grandes do futebol nacional.

A iniciativa partiu do conselho geral do clube em festa e tem o patrocínio da Câmara e especialmente do seu presidente.

A adesão está a processar-se de molde a poder admitir-se que o Leixões vai ter mesmo Matosinhos a seu lado.

Distinções de "O Setubalense"

O defesa central do Vitória de Setúbal, Quim, recebeu o Troféu Regularidade instituído pelo jornal «O Setubalense», de Setúbal.

O acto decorreu no Castelo de S. Filipe com a presença de desportistas de várias modalidades. Manuel Fernandes recebeu o prémio do Melhor Marcador e Aparício o prémio Prestígio.

Os troféus do jornal «O Setubalense» distinguem os atletas e dirigentes que mais se evidenciaram na última época.

Batendo a Itália por 2-0

URSS-HOLANDA NA FINAL DE GALA

Dois golos em apenas dois minutos garantiram à União Soviética a presença na final do europeu de futebol, ao bater a Itália por 2-0 em encontro das meias-finais disputado em Estugarda.

Litovchenko, aos 60 minutos e **Protassov** dois minutos depois, foram os autores dos tentos que colocaram a União Soviética ao lado da Holanda na disputa do mais cobiçado título do futebol europeu entre países, sábado, no Estádio Olímpico de Munique.

Uma União Soviética totalmente ofensiva e uma Itália desnorteada e sem soluções explicam a justiça do resultado da segunda meia-final, de alguma forma inesperada, nas previsões gerais.

A inexperiência da turma de Vicini, repleta de jovens jogadores que começam a pensar alto no próximo mundial de 1990, que se realiza no seu próprio país, foi mais evidente que nunca neste encontro, frente a uma equipa soviética calculista e bem entrosada.

Apesar de logo no primeiro minuto, o defesa Kuznetsov ter sido admoestado com um «cartão amarelo» que para já o impede de jogar a final, esse facto não foi suficiente para atenuar o ímpeto atacante da equipa de Lobanovski, revelado desde os primeiros minutos da partida.

Até cerca da meia hora de jogo, os soviéticos dominaram por completo a turma italiana, pressionando-a desde o seu próprio meio-campo e criaram inúmeras oportunidades de golo, nomeadamente por intermédio de Protassov, um ponta-delança muito activo e com quem os defesas transalpinos raramente se entenderam.

O primeiro lance de perigo nasceu logo aos quatro minutos e foi obra de Protassov que tentou o remate em jeito, mas o esférico saiu por cima da barra.

Utilizando os extremos e as constantes mudanças de ritmo, os soviéticos confundiram o meio campo e a defesa italiana que optaram por utilizar algum excesso de virilidade nos lances de choque na tentativa de refrear os ânimos do adversário.

Apenas Vialli, especialmente em lances individuais, procurou surpreender a defesa soviética com remates de fora da área, mas quase sempre mal dirigidos à baliza de Dassaev, aliás, também um guarda-redes sempre atento.

Apenas no último segundo da primeira parte e aos 81 minutos, os italianos estiveram à beira de conseguir marcar: o primeiro lance, por intermédio de Mancini, num golpe fulgurante de cabeça a que se opôs Dassaev e o segundo por Vialli, num remate forte à entrada da grande área, mas a bola saiu por cima da barra.

Foram oportunidades de menos para a Itália justificar a sua presença na final, sobretudo perante uma equipa que se revelou sempre muito mais perigosa, fresca e com muito melhor imaginação.

Aos 60 minutos, Litovchenko conseguiu escapar aos centrais italianos, rematou com o pé esquerdo, a bola bateu ainda num adversário e, no ressalto, o mesmo jogador rematou agora com o pé direito fora do alcance do guarda-redes Zenga.

Dois minutos depois e sem que os italianos tivessem tempo para responder, Protassov recebeu um passe da esquerda e em frente à baliza de Zenga conseguiu rematar em jeito fazendo a bola passar por cima do corpo do guarda-redes italiano, garantindo assim a presença da sua equipa na Final do Europeu que, aliás, já ganhou, logo na primeira edição.

A Itália procurou finalmente responder à pressão do adversário, graças sobretudo à experiência do veterano Autobeli, mas foi sol de pouca dura. Efectivamente, alguns minutos mais tarde os soviéticos voltaram a levar o pânico à defesa da equipa de Vicini. Afinal, uma situação comum neste encontro.

Os goleadores

O soviético Litovchenko estreou-se como marcador no Campeonato Europeu de Futebol, ao conseguir um dos tentos da vitória da URSS sobre a Itália.

O holandês Marco van Basten continua a ser o melhor marcador do torneio, com 4 tentos marcados, seguindo-se o alemão Voeller e o soviético Protasov, autor do outro tento da vitória alcançada sobre o turma transalpina, com dois enquanto 26 jogadores averbaram os restantes.

O que disseram os dois técnicos

O seleccionador da União Soviética, Valeri Lobanovski, mostrou-se radiante com os seus jogadores por terem «cumprido com a táctica de cobrir todas as zonas do terreno». **«Os meus jogadores foram óptimos no cumprimento da táctica prevista, que era, nem mais nem menos, que cobrir todas as zonas do terreno e procurar espaços vazios»,** afirmou Lobanovski, após a vitória frente à Itália.

De poucas palavras, o técnico soviético referiu-se ainda à final, considerando que a Holanda tem a vantagem de possuir um dia de descanso a mais. **«Os holandeses partem para a final talvez já com uma vantagem, porque possuem mais 24 horas que nós para descansar e recuperar do jogo da meia-final»,** adiantou Lobanovski.

Sobre a ausência do avançado Belanov, o técnico soviético disse que na sua equipa «existe o princípio de jogar apenas os futebolistas que se encontrem a 100 por cento».

•

O seleccionador italiano **Azeglio Vicini** considerou o resultado justo e elogiou a turma soviética, que classificou de «formação forte e unida e em excelente condição física». **«Foi um resultado justo.** Tal como previa este foi um jogo dificílimo. Tivemos três ocasiões flagrantes e se as tivessemos aproveitado, tudo teria sido diferente», disse Vicini. **«Eles foram muito mais enérgicos que a nossa jovem equipa e não ficámos surpreendidos com o futebol dos soviéticos, porque é assim que eles sempre jogam»,** adiantou.

Sob a direcção do belga Alexis Ponnet, as equipas alinharam:

ITÁLIA: Zenga; Baresi, Bergomi, Ferri e Maldini (De Agostini 64); Donadoni, De Napoli, Ancelotti e Giannini; Mancini (Altobelli, 46) e Vialli.

URSS: Dassaev; Khidiatullin, Bessonov (Demiyanenko, 36), Kuznetsov e Litovchenko; Gotsmanov, Mikhailichenko, Aleinikov e Zavarov; Rats e Protasov.

Acção disciplinar: cartões amarelos a Kuznetsov (1 minuto), Bessonov (31), Baresi (33), Gotsmasnov (45), De Napoli (76), Ferri (83).

PROGNÓSTICOS DOS ÓRGÃOS DE INFORMAÇÃO

PARA O CONCURSO N.º 26/88 DE 26 DE JUNHO DE 88

Penalty, 111 112 111 1111; Jornal da Beira, X11 111 111 1121; Cardeal Saraiva, X11 211 21X 1112; Comércio de Leixões, 111 11X X1X 11X1; De Tudo Um Pouco, 111 X11 121 1XX2; Correio de Coimbra, 111 X1X 212 11X1; Correio do Vouga, 111 111 111 1111; A Defesa, X1X 1X2 1XX 1121; Defesa de Espinho, X11 1X1 211 111X; Diário de Lisboa, 11X 111 X11 1111; Diário de Viseu, 111 11X 21X 1111; Folha do Domingo, 111 11X 211 11XX; Ecos de Cacia, 211 1X1 21X 211X; Eu Sei Tudo, 111 11X X21 11XX; Jornal de Felgueiras, 111 X22 XX2 1X2X; Jornal de Gaia, 111 X12 212 11X2; Gazeta das Caldas, 111 11X 111 1X11; Jornal da Graça, 111 222 2XX 112X; Rádio Totobola, 111 112 X1X 1X1X; Linhas de Elvas, 111 X12 211 1111; Litoral, 111 112 X11 X112; Jornal da Lixa, 111 11X X11 11X1; Maria da Fonte, 111 11X 1X1 111X; O Mensageiro, 111 11X X1X 111X; No Estúdio e no Estádio, 111 111 111 X12X; Notícias de Felgueiras, 111 X22 XX2 1X2X; Notícias de Gouveia, 211 X1X 111 1111; Notícias de Guimarães, 111 11X 211 1111; Notícias de Viseu, 111 XX1 1XX 1122; Notícias de Viana, 1X1 2X1 X11 22X1; Informação Desportiva/R. Altitude, X11 1X1 1X1 2111; Bom-Dia, 111 11X X1X X122; Manhã, Manhã, 111 111 1X1 1XX1; Secção Desportiva/R. Comercial, 111 11X 121 1121; Tempo de Desporto, 111 111 XXX 12X1; Fora de Jogo, 111 111 11X 1111; Grande Sábado, 111 1XX X12 X1X1; Ponto de Mira, 11X 11X 11X X111; Sintonia Desportiva, 111 1X1 X1X 11X1; Fotogramas, 111 111 X12 1111; Bola ao Centro, 111 1XX 112 X1X1; Programa da Manhã, 111 11X 11X 11X1; Canal Mais, 111 1XX X12 X111; Boomerangue, 111 11X 112 11X1; RR/Desporto, 111 11X 11X X111; Bola Branca, X11 111 X11 211X; Frente Desportiva, 111 1X1 111 XXX1; Alvo Desportivo, 111 111 1X1 111X; Rádio Alvo, 111 11X X2X 1121; Alvo, 111 111 XX1 X111; Alvo Suplemento, 111 112 211 1111; Jornal de Santo Tirso, 111 11X 21X 1112; A Voz do Domingo, 111 111 111 1111; Voz de Lamego, 1X1 12X X1X 2121; A Voz dos Ridículos, 111 111 111 1111; Quatro Linhas, 111 1X1 111 111X; Panorama Desportivo, 111 X11 X1X 12X1; Rádio Guarda, 2X1 XX1 12X 11X2; Pista de Dança, 111 111 X11 111X; Sons da Madrugada, 111 112 21X 111X; Disco e Daquilo, 11X 11X 21X X1X2; Tarde Desportiva, 111 1X1 1X1 X1X1; Livre e Directo, X1X 21X X11 1XX1.

assim vai o

totobola

	RESUMO 1	RESUMO X	RESUMO 2	BOLAS (*) 1	BOLAS (*) X	BOLAS (*) 2
1. Famalicão-E. Amadora	53	7	3	10	1	1
2. Luso-Santa Maria FC	60	3	0	11	1	1
3. Juventude-O. Moscavide	58	5	0	11	1	1
4. Malmo-Karl Marx	49	10	4	9	2	1
5. Gotemburgo-S. Sofia	45	14	3	9	2	1
6. Tatabanya-FC Viena	27	25	11	5	5	2
7. Dunajska-Young Boys	26	23	14	5	5	2
8. Kaiserslautern-Lodz	46	12	5	9	2	1
9. Admira Wacker-Lucerna	31	23	9	6	5	1
10. Aarhus-FC Tirol	46	12	5	9	2	1
11. Grasshoppers-Pogon	52	8	3	10	1	1
12. Karlsruhe-Vojvodina	31	21	11	6	4	2
13. Magdeburgo-B. Uerding	38	16	9	7	3	2

(*) — Nos termos do Art.º 14.º do Regulamento Geral dos Concursos se houver necessidade de sortear o resultado dos jogos não realizados na data do concurso, as bolas entrarão na esfera do sorteio nas quantidades do presente mapa.

A "CHAVE" LÓGICA SERÁ:
111 111 111 1111

HÁ 20 ANOS

Maior intensidade na ofensiva vietcongue

Os guerrilheiros vietcongue intensificaram hoje as suas actividades, bombardeando seis cidades da província e várias instalações militares, após terem infligido pesadas baixas a um batalhão sul-vietnamiano numa emboscada.

Quarenta e seis granadas de morteiro caíram num centro de treino situado a cerca de 40 quilómetros de Saigão, durante outro ataque vietcongue. Os guerrilheiros utilizaram morteiros em todos os ataques que levaram a cabo, hoje.

Entretanto, foi assinalada uma unidade de mulheres vietcongues de uniforme verde, a cinco quilómetros de Kontum. As mulheres armadas reuniram a população e fizeram discursos de propaganda.

Há dois dias, cerca de sessenta mulheres, também de uniforme e fazendo parte de um batalhão vietcongue, entraram em Bac Loc, na província de Lam Dong, com o mesmo fim. Partiram na noite seguinte, depois de terem deixado instruções à população para ajudar os vietcongues.

«Quatro grandes» reunidos em Reykjavik

Os «quatro grandes» ocidentais realizaram, hoje, a sua primeira reunião de alto nível desde que a Alemanha Oriental impôs novas restrições, há duas semanas, ao trânsito de pessoas e mercadorias de e para Berlim Ocidental.

Os ministros dos Negócios Estrangeiros da Grã-Bretanha, Alemanha Federal e Estados Unidos e o representante permanente da França na NATO devem, segundo se julga, proceder à coordenação da política ocidental em face da acção da Alemanha Oriental, num jantar de trabalho que hoje se efectua em Reykjavik.

«Marchistas» em estado de algidez

O desfile das «marchas» de São João durante a noite foi prejudicado pela chuva que começou a cair no Porto e que a breve trecho era torrencial. Tanta foi, que bastará dizer que três jovens costureiras que faziam parte da Marcha Hóquei Águias do Porto tiveram, já de madrugada, de ser socorridas no Hospital de Santo António, aonde foram conduzidas em estado de algidez.

Mesmo assim, assistiram ao desfile milhares de pessoas que, durante largo tempo aguentaram com certo estoicismo a força da chuva que, porém, tudo estragou, a principiar por trajes e ornamentações, de tal modo que as «marchas» nem puderam ser classificadas para os respectivos prémios.

EM PORTUGAL

	Máx.	Mín.	Prec.	As 13 h.
Bragança	16	15	2,0	Encob.
V. Castelo	18	17	0,0	M. nub.
Vila Real	16	15	0,7	M. nub.
Porto	18	18	0,0	M. nub.
Coimbra	18	18	0,2	Neblina
C. Carvoeiro	18	14	3,0	Nevoeiro
C. Branco	16	16	0,0	Neblina
Portalegre	14	14	0,5	Nevoeiro
Lisboa	17	17	7,0	Neblina
Évora	16	16	20,3	—
Beja	16	15	15,0	Neblina
Faro	17	17	2,0	P. nub.
Sagres	18	17	6,0	Encob.
P. Delgada	18	18	0,0	M. nub.
Funchal	18	18	0,0	M. nub.

Temp. máx. prevista para hoje: Lisboa 25, Porto 25, Faro 27, Ponta Delgada 22, Funchal 21.

Temperatura do ar em °C • Precipitação em mm

NA EUROPA

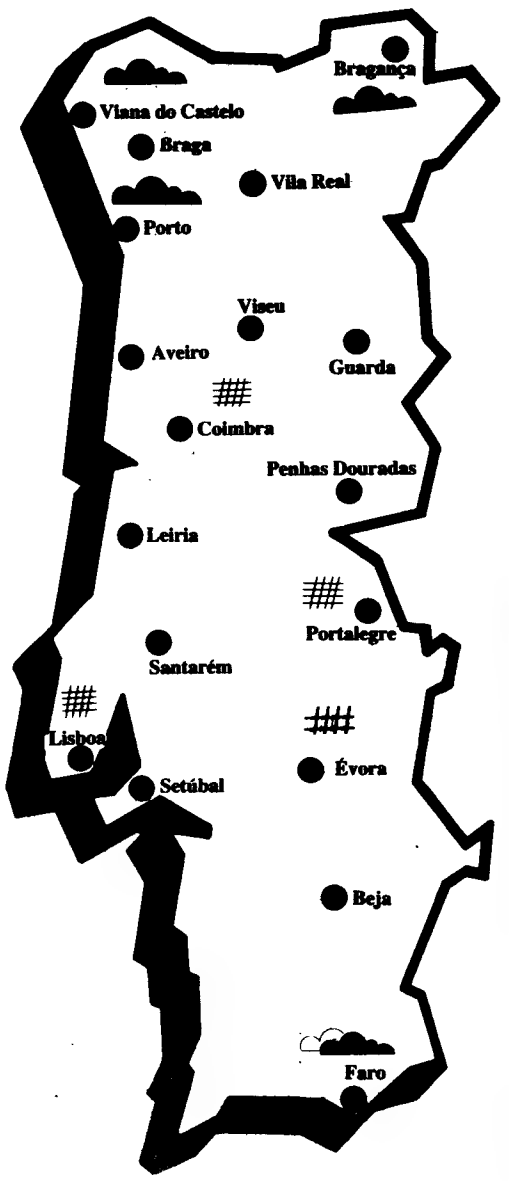
	Máx.	Mín.	Às 18 h.
Madrid	15	15	Trovoada
Londres	13	10	P. nub.
Paris	14	10	Limpo
Bruxelas	10	8	M. nub.
Amesterdão	14	9	M. nub.
Genebra	16	13	Neblina
Roma	20	17	Nevoeiro
Oslo	20	16	P. nub.
Copenhaga	14	10	M. nub.
Estocolmo	16	13	Nevoeiro
Berlim	10	10	Encoberto
Viena	15	15	Chuva
Varsóvia	14	11	Neblina
Atenas	23	10	Limpo
Moscovo	22	14	Neblina

Temperatura do ar em °C • Precipitação em mm.

NO MUNDO

	Min.	Máx.	As 13 h.
Caracas	20	29	Chuva
Joanesburgo	4	13	Limpo
Los Angeles	14	25	Limpo
Montreal	14	28	Nublado
Nova Deli	24	31	Limpo
Nova Iorque	24	36	Limpo
R. de Janeiro	16	29	Limpo
S. Francisco	13	21	Limpo
Sao Paulo	-	-	—
Tóquio	19	26	Limpo

Temperatura do ar em °C • Precipitação em mm



TEMPO

HOJE

Todo o Território: Períodos de céu muito nublado. Vento geralmente fraco. Aguaceiros e trovoadas especialmente nas regiões do Norte e Centro durante a tarde. Neblina ou nevoeiro matinal.

Estado do mar: Costa Ocidental: Mar encrespado. Ondulação noroeste de 1 a 2 metros.

Costa Sul: Mar encrespado. Ondulação inferior a um metro.

Açores:

Todo o arquipélago: Céu geralmente muito nublado. Vento fraco do quadrante norte. Neblina.

Estado do mar: Mar encrespado. Ondulação de noroeste com 1 a 2 metros.

Na Madeira:

Períodos de céu muito nublado. Vento fraco ou moderado de norte. Aguaceiros nas vertentes voltadas a norte.

Estado do mar: Costa Norte: Mar de pequena vaga. Ondulação de noroeste com 1 a 2 metros.

Costa Sul: Mar encrespado. Ondulação inferior a um metro.

Funchal: Céu geralmente pouco nublado. Vento geralmente fraco.

AMANHÃ

Períodos de céu muito nublado. Vento fraco ou moderado do quadrante oeste. Aguaceiros especialmente nas regiões do Norte e Centro. Condições favoráveis à ocorrência de trovoadas durante a tarde. Neblina ou nevoeiro matinal.

DEPOIS

Períodos de céu muito nublado. Vento fraco ou moderado de noroeste. Aguaceiros nas regiões do Norte e Centro.

MARÉS

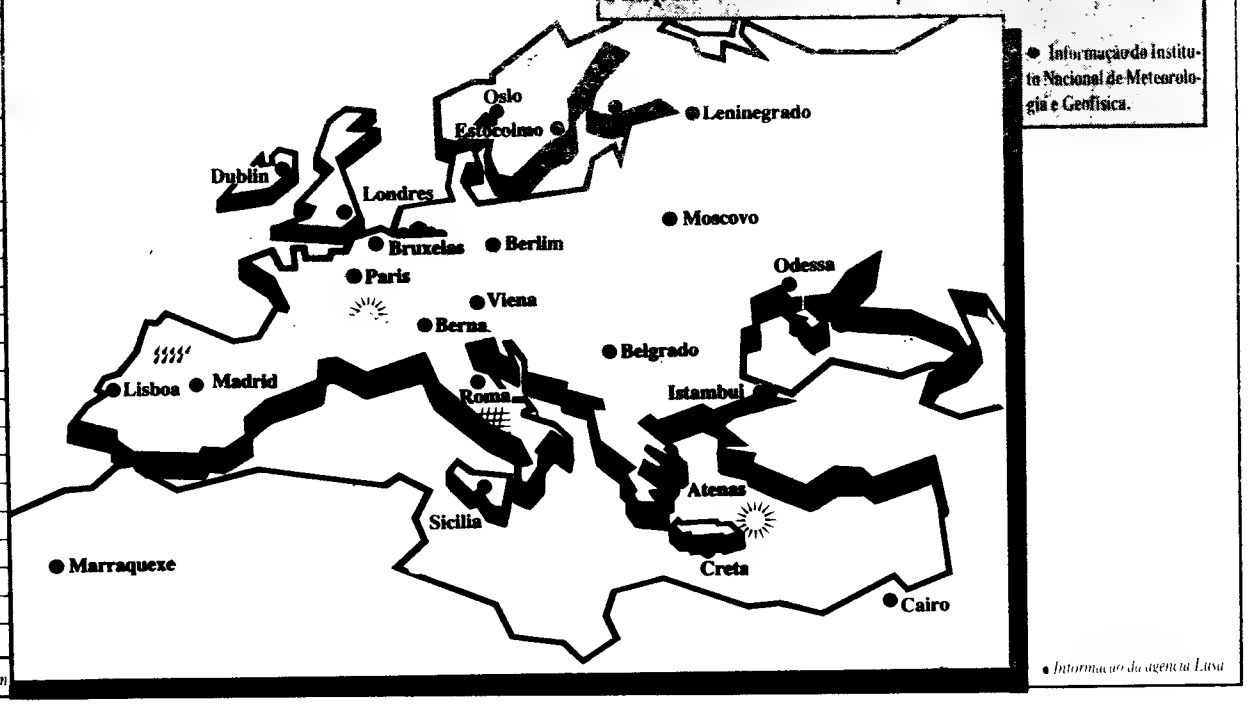
Hoje

Praia-Mar		Baixa-Mar	
07.55	3,2 m	01.42	1,4 m
20.10	3,4 m	13.19	1,6 m

Amanhã

08.40	3,2 m	01.59	1,6 m
20.55	3,3 m	14.10	1,7 m

• Informação do Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica.



• Informação da agência Lusa

EFEMÉRIDES

1785 Frederico, «O Grande», da Prússia, forma a Liga dos príncipes alemães.

1811 Morre o poeta português Nicolau Tolentino.

1894 Responsáveis pelo desporto amador, reunidos em Paris, decidem fazer renascer a tradição dos Jogos Olímpicos.

1934 Arábia Saudita e o Iemene assinam um acordo de paz depois de uma guerra de seis semanas.

1940 Em Lisboa é inaugurada a exposição do mundo português, assinalando as comemorações dos centenários da Fundação e restauração de Portugal.

1967 Em Portugal é inaugurado, os Estaleiros da Margueira, o que era, na data, a maior doca seca do mundo.

1976 Os EUA vetam a entrada de Angola como membro das Nações Unidas.

1981 Em Portugal a Comissão Parlamentar da Constituição de 1976, presidida pelo monarquico Borges de Carvalho, reune-se pela primeira vez.

- Em França, o presidente François Miterrand, dando cumprimento a um compromisso assumido com o Partido Comunista, intrega quatro comunistas no Governo.

1982 A companhia japonesa de computadores «Hitachi» revela que pagou 540 mil dólares por informações roubadas à multinacional «IBM».

1983 O ministro das Finanças, Ernani Lopes, anuncia uma série de medidas economicas decorrentes da desvalorização do escudo nomeadamente o aumento de diversos produtos alimentares, afirmando que o endividamento externo de Portugal sofreu, só em 1982, um aumento de 288 milhões de contos.

1984 Portugal é afastado pela França da final do Europeu 84 de Futebol (derrotado por 3-2), ficando-se pelo terceiro lugar.

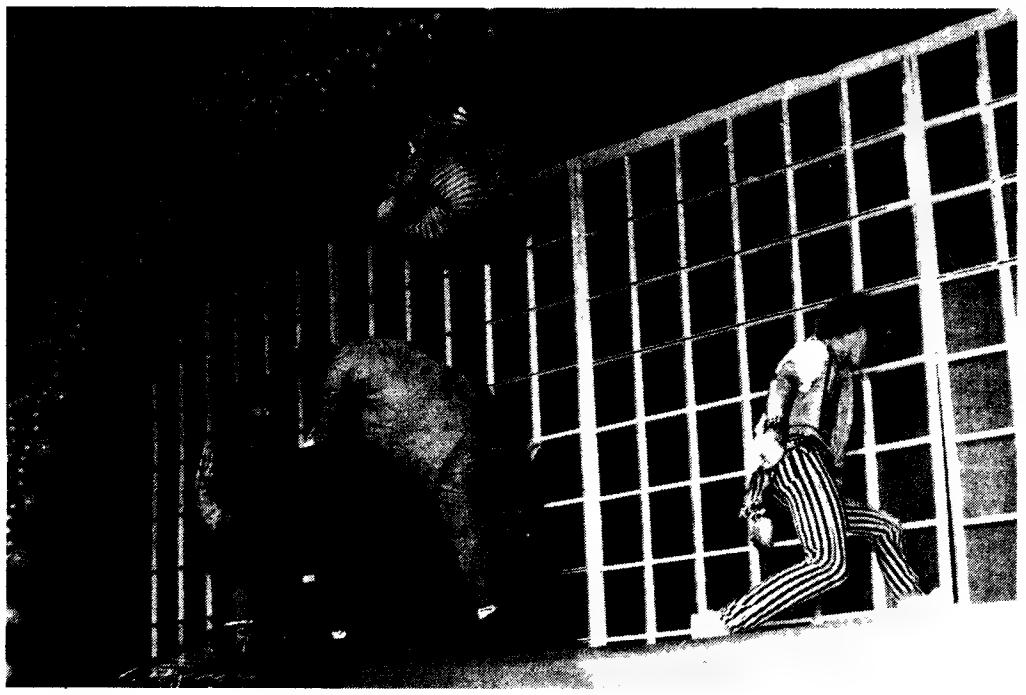
- A primeiro-ministro indiana, Indira Gandhi, visita o Templo Dourado de Amritsar, o principal santuário Sikh, onde há duas semanas morreram em combate cerca de mil soldados e extremistas Sikh.

1985 Um «Boeing Jumbo 747» da Air India, com 329 pessoas a bordo, sofre uma explosão e mergulha no mar ao largo da costa irlandesa, no que foi a terceira maior catástrofe aérea da história da aviação.

1986 O Governo de Cavaco Silva apresenta ao Parlamento uma moção de confiança.

- O Governo brasileiro põe em circulação o cruzado, moeda que substitui o antigo cruzeiro.

1987 O atleta soviético Sergei Bubka bate o seu próprio recorde mundial de salto à vara, transpondo 6,03 metros no grande prémio de Rozicky, em Praga.



«The Walfwits»: os hilariantes acrobatas ingleses

Nos 30 anos da Estoril-Sol

Ray Charles e Platters para Julho no Casino

O ponto mais importante das comemorações do 30º aniversário da Estoril-Sol decorrerá na semana de 17 a 23 de Julho, no Casino, com Ray Charles no dia 17 (acompanhado da orquestra privativa de 30 elementos) e os Platters nos dias 22 e 23.

Entretanto, conforme foi revelado num encontro entre os responsáveis daquela empresa e a Comunicação Social, Sérgio Mendes com o seu «Brasil/88», que está a ser sucesso nos EUA, encontra-se programado para Agosto; Setembro será o mês da apresentação de Paloma San Basílio, Gal Costa, outro nome importante da música brasileira, actuará em Outubro no Casino Estoril. Para Novembro, foi anunciada a apresentação do grande Tony Benet, que se desloca expressamente ao nosso país para este efeito.

Mas até ao fim do ano, sempre no âmbito das comemorações dos 30 anos, a programação do Casino Estoril está recheada de nomes importantes nas mais diversas áreas do espectáculo, como são os casos do Teatro Experimental de Cascais, que apresentará espectáculos no Cine-Teatro do Casino e de Bibi Ferreira, que em Outubro vem protagonizar para os portugueses a peça «Piaf», que esteve em cena vários anos numa das principais salas do Rio de Janeiro.

Foi ainda ventilada a hipótese da vinda ao Casino de Júlio Iglesias, mas o director da Estoril-Sol garantiu que, por enquanto, se trata mesmo e apenas de uma hipótese...

«Showperman», uma beleza

Com a receita oferecida à Apoiarte - Associação de Apoio dos Artistas, realizou-se no domingo a estreia do novo show do Casino, um espectáculo de elevado nível no seu género, a par do que de melhor se apresenta nos grandes casinos internacionais.

Trata-se de uma super produção de music-hall, que conta com 60 pessoas em cena, um riquíssimo cenário luminoso que utiliza 6300 lâmpadas, um luxuoso guarda-roupa (orçado em cerca de 14 mil contos) e uma impressionante sucessão de números musicais, de ballet, acrobacia, canção, teatro negro e ainda um número de magia que mete em palco tigres e panteras...

O tema do espectáculo é o célebre «superman», figura inicialmente da banda desenhada e depois do cinema, cuja criação se deve a Jerry Siegel e Joe Shuster e que, como se sabe, «nasceu» há 50 anos.

São elementos fundamentais do «Showperman», o Hight Society Ballet (ingleses, com coreografia de José Montes), o conjunto musical também inglês The Foxes, o transormista espanhol J. L. Mosquera, os franceses Sandrine e Thierry Bouglione que fazem o número com as feras, o conjunto francês Double Face em teatro negro, os hilariantes acrobatas ingleses The Halfwits e ainda o Trio Afeckt, acrobatas polacos.

Vítor Espadinha é o «superman», muito bem conseguido na versão do tímido jornalista Clark Kent e na de um anti-herói construído com os incontestados dotes histriónicos que o actor já demonstrou ao longo de mais de um ano em que protagonizou naquela mesma sala os shows «Cabaret» e o Sindbad das «Mil e Duas Noites».

Actuam ainda no novo show do Estoril o apreciado conjunto polaco de música zíngara, Gypsy Rhapsody Quartet (durante o jantar), a cançonetista portuguesa Maria Benta (fado e canções internacionais) e ainda a orquestra do Casino Estoril.

Refira-se que este espectáculo, programado para os próximos seis meses, tem direcção de Júlio César, coreografia de José Montes, direcção plástica de Octávio Clérigo e direcção musical de Pedro Osório.

Espadinha e «Hight Society Ballet» no novo show

CRÓNICA DE TOUROS

Soliloquio

NÃO MAIS ANÓNIMO

António Gonzalez. Era um dos anónimos que fui buscar naquela tarde do ano 86, em Madrid, com ele fechava a crónica: «As quadrilhas abandonavam a praça, entre o crepúsculo da tarde, e da pena sem glória que levam. «Gonzalez! Gonzalez!» – chama da bancada uma voz. Um bandarilheiro desconhecido, que entre os outros caminha, vestido de corinto e prata, levanta a cabeça, busca o lugar do chamamento, faz um aceno vago. «É de Campo Real» – explica o chamador – «da minha terra. Fizemos juntos a tropa, temos a mesma idade, quarenta e três». E chama-o ainda outra vez, quem sabe se para lhe atirar algum recado, talvez só para o orgulho de outro aceno. «Gonzalez! Gonzalez!». Mas o bandarilheiros de Campo Real já o não ouve, sumiu-se anónimo pelo portão das quadrilhas».

Dois anos passaram. E agora, de repente, o bandarilheiro de Campo Real não é mais anónimo, dele falaram e contaram rádios e jornais, agora que numa tarde deste Maio, na mesma praça de Madrid, à segunda entrada para um par de bandarilhas, um touro manso e perigoso de Arribas lhe meteu uma haste na garganta, por ela o levantou e despejou na arena, lhe acabou com a vida, não puderam sustentá-la os deuses da medicina, nem essas máquinas que lhe fizeram bater ainda por uns dias o coração, prolongaram o que já não existia. António Gonzalez, El Campeño, como se fizera anunciar nas suas primícias de novilheiro, das ilusões que cedo trocou pela prata de subalterno, anos a fio andou toureando o que calhasse, com quem calhasse, sem entrar em quadrilha fixa, até que esta temporada, por fim, o convidou Joselito para terceiro peão, no horizonte se lhe abriu por fim um clarão, modesto mas a ele há-de ter-lhe parecido luminoso. Mas foi só agora, nesta tarde aziaga de Maio, que António Gonzalez deixou o anonimato, agora tanta gente soube onde nasceu, e quantos anos tinha, e que pedira a suspensão no seu emprego de motorista do Conselho de Cultura da Comunidade de Madrid, ter um posto fixo no toureio não dava para acumular com outra coisa, atrás de seu jovem flamante matador o esperavam largas dezenas de corridas por toda a geografia espanhola, e na capital três tardes pelo Santo Isidro, festejos de luxo, até a mulher tinha ido vê-lo, tirada de seus cuidados, esquecida de pressentimentos.

António Gonzalez, não mais anónimo, não mais conhecido apenas dos que como ele nasceram em Campo Real, ou dos que com ele fizeram a tropa, dos raros que da bancada o reconheciam, entre eles algum que o chamava, Gonzalez! Gonzalez! O acaso, que na arena não distingue os astros dos modestos, escolheu-o para protagonista de um desses trágicos imprevisíveis instantes em que a festa se veste de negro, e nesse luto se vivifica; um desses instantes em que o touro, a vítima programada, inverte o sentido da morte prometida, o sentido aparente e desejado do ritual.

Gonzalez! Gonzalez! Mas o pobre bandarilheiro de Campo Real já nada pode ouvir, sumiu-se pelo portão por onde não chegam as vozes, nem o consolo de que agora tantos lhe saibam o nome.

TRIBUNAL DO TRABALHO DE LISBOA

ANÚNCIO

14.º Juízo
Proc.º n.º 139/80-CIT **2.ª Secção**

A DR.ª MARIA DA ENCARNAÇÃO ABECASIS CAPA DE HONRADO, DIGNA MAGISTRADA JUDICIAL DO 14.º JUÍZO DO TRIBUNAL DO TRABALHO DE LISBOA.

FAZ SABER que fica por este meio citado o Réu FRANCISCO FERNANDES com última residência conhecida deste Tribunal, na Rua das Terras n.º 2, 1.º andar, em Lisboa, para no prazo de OITO DIAS a contar da data da última e 2.ª publicação deste anúncio e finda que seja a dilação de trinta dias, contestar, querendo, a Acção com Processo Comum, sob a forma sumária, emergente do Contrato Individual de Trabalho, que lhe move e a outros a Autora Almerinda Lopes Martins Antunes, sob pena de, não o fazendo, se considerarem confessados os factos articulados pela Autora na sua Petição Inicial.

Os referidos Autos correm seus termos pela 2.ª Secção deste Juízo, registados sob o n.º 139/80, podendo o ora citando requerer o duplicado da Petição Inicial e cópias dos restantes documentos junto deste Tribunal, sito na Avenida Almirante Reis, n.º 49-6.º andar, em Lisboa, onde se encontram à sua disposição.

Por ser verdade, lavrei este e outro de igual teor que vão ser devidamente publicados.

Lisboa, 24 de Maio de 1988.

A Juiz de Direito
Maria da Encarnação Abecasis Capa de Honrado
A Escrivã
Maria Augusta Monteiro Mendes Lima

«DL» 23/6/88 — 2.ª Pub.

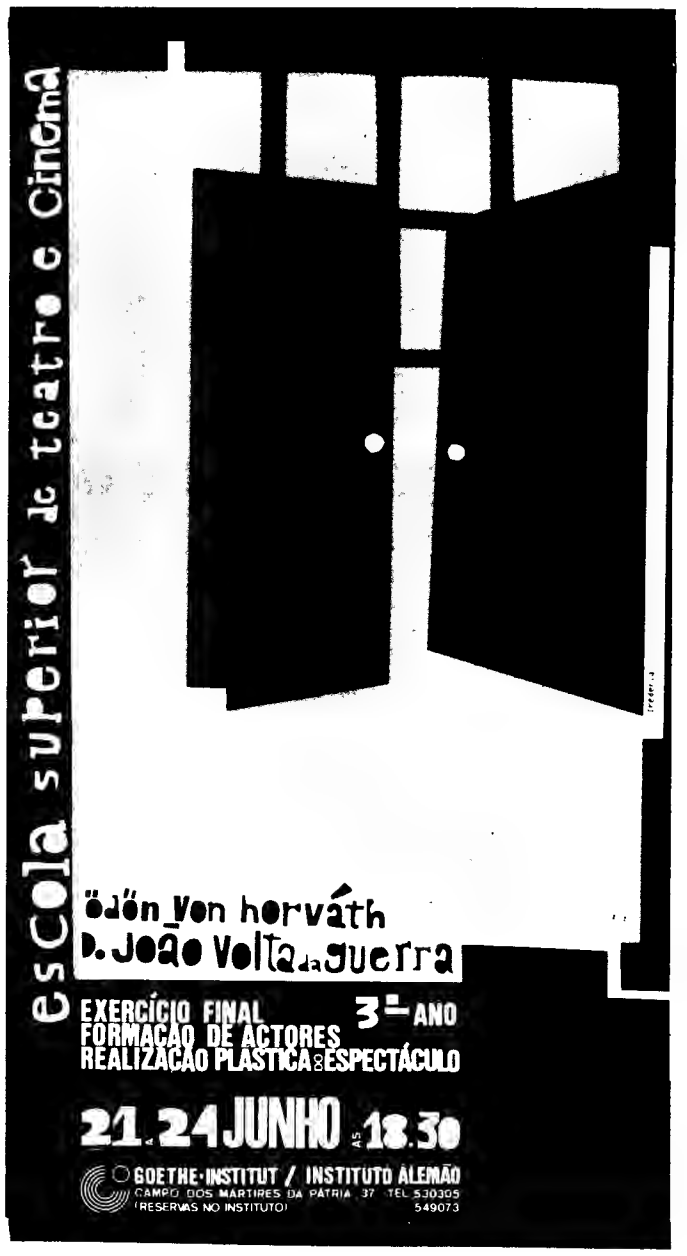
DESAPARECEU

DN-60-85

COR AMARELA

FIAT 128

T. 537461



"A Arte e a Ciência": uma exposição na Universidade

A Universidade de Lisboa e o Instituto Franco Português inauguram ontem, pelas 16 horas, uma exposição subordinada ao tema «A Arte e a Ciência», a qual tem por base duas exposições de sentido diferente embora vocacionadas para o mesmo tema.

No primeiro caso trata-se de uma mostra organizada pelo Musée de la Villete e que para além de focar as diversas associações entre, por exemplo, a Matemática e a criação artística, desde a Literatura à Pintura e passando ainda pela aplicabilidade de novas tecnologias e meios recentes de tratamento de dados proporcionados pela Informática. Esta primeira exposição que recentemente esteve patente na Casa de Serralves na cidade do Porto com enorme sucesso, aparece desta feita em Lisboa e na Reitoria da Universidade associada a uma mostra de obras de artistas portugueses especialmente preparada para esta ocasião e na qual se procura demonstrar em concreto a aplicação deste curioso relacionamento entre ciências consideradas fundamentalmente como técnicas e até mesmo de alta tecnologia, e a criação artística tendo como base princípios e postulados científicos.

Ambas as mostras, constituindo no seu todo a globalidade da exposição «A Arte e a Ciência», serão complementadas com a realização de diversas conferências e exibições de artistas, nomeadamente ao nível da música, as quais se desenrolarão no seio da própria exposição num anfiteatro especialmente criado dentro da própria Reitoria.

Pretende-se, com efeito, que os visitantes da exposição possam, ao visitá-la, aperceber-se do correlacionamento que é possível estabelecer ao nível da criação artística mais actual entre a utilização de tecnologias e de princípios ou fórmulas científicas (com destaque para a Matemática, por exemplo). Esse tipo de associação vai ser demonstrado em termos da criação escultórica, musical e não só, numa muito interessante demonstração de possibilidades que é ainda hoje pouco usual encontrarmos no nosso dia-a-dia ou, se isso acontece, passando-se sem que de tal facto possamos apercebermo-nos.

Pelo evidente interesse e inovação que esta exposição representa estamos certos que ela poderá despertar a atenção de um vasto público não apenas oriundo do meio universitário mas, fundamentalmente, surgido da própria comunidade que rodeia a instituição universitária e que é, afinal, a população da Grande Lisboa que pode tomar contacto com um mundo novo e que não deixará de despertar grande curiosidade, quer pelas demonstrações de programas que estarão patentes nos diversos computadores instalados quer pela animação paralela que será levada a efeito praticamente em permanência.

A Exposição estará patente diariamente até 1 de Julho no Edifício da Reitoria da Universidade, na Alameda da Universidade, ao Campo Grande.

Nuno de Aguiar no "Lusíada": é um fadista que regressa

Nuno de Aguiar está de novo em Lisboa, após dois anos de permanência nos Estados Unidos da América. À frente do elenco artístico de um novo espaço inaugurado recentemente no Centro Comercial Lusíada (R. dos Lusíadas, 3 em Alcântara), este fadista de Lisboa marca assim o reencontro com os seus admiradores.

Não é difícil falar de Nuno de Aguiar: do intérprete, do guitarrista, do compositor de tantos êxitos, como é o caso do fado «Bairro Alto», com letra de Carlos Simões Neves, gravado por Carlos do Carmo, Rodrigo, Carlos Guedes de Amorim, por exemplo. De resto, os verdadeiros apreciadores do Fado de certeza que não se esqueceram de Nuno de Aguiar. Quem não se recordará da inauguração do «Forcado», com Amália como madrinha e o saudoso Filipe Pinto como director artístico? Quem não se lembra da passagem do Nuno de Aguiar, entre 1968 e 1971, por casas típicas como a Severa e a Tipoia, ou da sua participação no programa da TV «Iô-Iô»? Quem se esqueceu das actuações do Nuno de Aguiar no «Picadeiro» do Rodrigo, com António Chainho e Raul Silva, ou noutras ocasiões no Luso (a

«catedral» do fado) ou também no «Forte D. Rodrigo» nos arredores de Cascais?

Pois é esse mesmo Nuno de Aguiar, que de vez em quando «ia dar uma curva» (de 71 a 74 em Moçambique, os últimos dois anos nos Estados Unidos e no Canadá...) que agora vem para ficar.

Obviamente que ele também vem disposto - segundo revelou ao «DL» - a lutar pelo lugar a que se acha com direito, agora que o Fado parece por fim reabilitado de alguns anos de ostracismo e tentativas de subalternização a que foi votado.

Pois que o Nuno de Aguiar tenha reentrado com o «pé direito» em Lisboa. O fado, os amantes do fado, só têm a ganhar.

CINEMA DE PARIS

Forrest "Bird" Whitaker

J. - A. França

GRANDE prémio de interpretação masculina no festival de Cannes, Forrest Whitaker foi Charlie «Bird» Parker no filme de Clint Eastwood — e disso tirou glória. Tão grande deveria ter cabido ao próprio filme e ao seu realizador. Porque «Bird» é uma bela obra cinematográfica, sóbria e intensa na sua dramaticidade interior que nenhuma desculpa «retro» ornamenta.

Se os anos 20 e 30 e já 50 trazem ao cinema de hoje-em-dia (mais que de hoje...) uma qualidade decorativa, feita de nostalgia e de sofisticação, com sucesso quase sempre assegurado, Clint Eastwood quis realizar um filme nesses anos passado, com sua referência biográfica e histórica, sem sacrificar à moda, dela tirando um partido de atmosfera em que a própria história se facilite. Pelo contrário, aqui é a história que cria a atmosfera, e «Bird» que segrega a sua própria história, como uma longa aflição de amor e violência, de ternura e desespero, de droga sem cura. Com isso, ou por isso, ele é um dos génios do jazz do seu tempo. Ou dum tempo que se recupera contra o «show rock business». E bem patética é a cena em que o saxofonista esquecido, ou autodestruído, vê um velho companheiro exibir-se, flamejante, num palco histérico de rockistas...

Filme de estrutura musical sobre um músico ou sobre a música, que a tem como motivo, mais que principal, essencial, «Bird» traz consigo uma memória trágica. Alguém falou de Van Gogh a propósito de Charlie Parker — mas o músico existe aqui na pessoa do actor que o encarna e que quase fisicamente toca os seus pasmosos solos. E esse milagre cinematográfico, na dobragem de gravações do próprio «Bird» recuperadas, cria uma situação que se diria ontológica, e que é perturbante e nova, no cinema.

São históricas as outras personagens, a mulher do músico, ainda viva, os colegas, a estranha protectora, esta «baronesa do jazz» «Nica», por Pannonica, a casa da qual «Bird», velho de 35 anos, vai morrer, como, já ou depois, Theolonious Monk. Numa entrevista, Clint Eastwood anuncia um documentário sobre Monk. Uma paixão profundamente serena pelo jazz, na recriação dos seus grandes criadores, se repetirá, então...

Anka

VENDA DE MATERIAL E EQUIPAMENTO
ABATIDO AO EFECTIVO DA FÁBRICA POLPLAST

PREÇOS DE OCASIÃO

- VIATURAS – Um lote, constituído por:
  R 4 (4) – R 5 (3) – Kadett (3)
  Alfa Romeo (1) – Fiat 127 (1)
- Caravanas, novas e usadas
- Autocaravana, a estrear
- Máquinas de injecção – 50 e 70 tons. (várias)
- Perfis de alumínio, chapas para caravanas, acessórios, janelas, etc.
- Grandes lotes de alumínio, revestimentos — tudo para construir caravanas.
- Dezenas de moldes operativos – buchas (várias medidas), fix'it, etiquetas, fechos magnéticos, caixas mini-contentores, molas de roupa, pulverizadores, frascos, corrente plástica (várias medidas), baldes domésticos de 5 e 10 l (altas produções), baldes de construção civil (10 e 15 l), alguidares e outros.
- Prensas de excêntrico Exacta (Balancé)
- Máquina de electroerosão AEG-Elotherm
- Engenho de furar, radial
- Refrigeradores
- Fresadoras
- Máquinas de madeira (tupia, garlopa, serras verticais, universal, tipo Alttendorf, etc.)
- Compressor Ingersoll Rand
- Moinhos para matérias plásticas

Em exposição, das 9 às 24 horas, nos dias 23, 24 e 25 (sexta, sábado e domingo).
Nas instalações da ANKA
Rua Projectada ao Alto da Bela Vista – 2735 CACÉM

Anka

15.º JUÍZO CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA

ANÚNCIO

Proc. 7057
3.ª Sec.

Por este Tribunal correm éditos de TRINTA DIAS, começarão a contar-se da data da publicação dos anúncios citando os interessados para, no prazo de DOIS MESES, apresentarem na 7.º Conservatória do Registo Predial de Lisboa as cadernetas prediais, certidões, certificados e notas de registos que disponham bem como os títulos e declarações relativos aos registos feitos a fols. 10 do Livro B-2, respeitante ao período compreendido entre Setembro de 1925 e Abril de 1986 e a fols. 10 v.º do mesmo Livro, respeitantes ao período compreendido entre Janeiro de 1898 e Abril de 1986, folha essa extraviada aquando de encadernação.

A folha extraviada contém no anverso e verso, as seguintes descrições prediais:

A FOLHAS 10, a descrição predial n.º 342, que consta de um prédio urbano sito na A. dos Prazeres, n.ºs 97, 99 e 101, sobre o qual foi instituído o regime jurídico de propriedade horizontal e dividido nas fracções autónomas «A», «B» e «C», com o artigo matricial n.º 647.º da freguesia de Santa Isabel.

A FOLHAS 10 V.º, a descrição predial n.º 343, que consta um prédio urbano sito na R. do Sol ao Rato, n.ºs 69 a 69 B, com o artigo matricial 310.º, da freguesia de Santa Isabel.

Lisboa, 7 de Junho de 1988.

A Juiz de Direito,
M.ª Paula Sá Fernandes

A Escrivã Adjunta,
Teresa Maria Pereira Cleto

«DL» 23/6/88 — 2.ª Pub.

COMPANHIA DAS LUZES apresenta

de BETH HENLEY

ANTÓNIO FEIO
JOÃO CABRAL
MARGARIDA ROSA RODRIGUES
RITA BLANCO
SUZANA BORGES
TERESA CORTE-REAL

encenação
JOÃO CANIJO

SALA EXPERIMENTAL TEATRO NACIONAL D. MARIA II
TERÇAS A SÁBADO 21.45 H DOMINGOS 16.30 H
SUB. S.E.C
PATROCÍNIO EXCLUSIVO
OURÉM HOTEL

Silva Carvalho e Lena Almeida lançam livro e cassete de poesia

Silva Carvalho e Lena Almeida, poetas e locutores do Clube Radiofónico de Portugal (estação «velhinha» de 56 primaveras) acabam de editar, conjuntamente, o trabalho **«Poemas de Duas Faces» - um livro e uma cassete.**

Não é vulgar que um livro seja editado acompanhado duma cassete. Para além desta particularidade, «Poemas de Duas Faces» apresenta-se com duas capas (uma para cada autor), daí resultando que tem dois princípios e dois fins. Quanto à cassete, é dirigida principalmente aos invisuais, às pessoas que infelizmente não sabem ler e ainda àqueles que preferem ouvir poesia de «viva voz».

Interessante é a história da amizade entre estes dois autores: em finais de 87, Silva Carvalho lançou um concurso de poesia para os ouvintes do seu programa de Rádio. Lena Almeida, então apenas uma das muitas ouvintes, resolveu concorrer enviando alguns dos seus trabalhos até aí guardados na gaveta. Assim surgiu o conhecimento, a descoberta da sua voz para a Rádio e depois a proposta de passar a trabalhar como locutora no Clube Radiofónico de Portugal.

Por outro lado, Silva Carvalho deu a conhecer os seus poemas, que começou a escrever apenas há três anos. Para ele, «escrever poesia requer um desbloqueamento prévio, algum acontecimento anterior, bom ou mau, que nos leva a passar para o papel aquilo que sentimos.

Os poemas de ambos passaram então a ser transmitidos e declamados por eles próprios na Rádio, onde têm tido grande aceitação por parte do público ouvinte. Da leitura à publicação foi apenas um passo...

A simbologia da capa do livro pertence aos autores: metade dum coração e metade dum globo, isto porque os poemas falam de amor e do mundo. Para a cassete escolheram, também em conjunto, o fundo musical (música de Tchaikowski para Lena Almeida, música de Strauss e o concerto de Aranjuez para Silva Carvalho).

Resta dizer que o livro foi recentemente apresentado na Sociedade de Língua Portuguesa e que, juntamente com a cassete, se encontra à venda no Clube Radiofónico de Portugal, na R. Carlos Mardel nº 5.

Quanto aos dois locutores-poetas, na qualidade de membros da Associação Portuguesa de Poetas, eles vão estar no próximo dia 24 na Casa João de Deus, para um recital de poesia, na passagem de mais um aniversário do nascimento daquele poeta.

SINDICATO DOS BANCÁRIOS DO CENTRO
SINDICATO DOS BANCÁRIOS DO NORTE
SINDICATO DOS BANCÁRIOS DO SUL E ILHAS

PRÉ-AVISO DE GREVE

Dias 27/6 e 5 e 6/7/88

— AO MINISTÉRIO DO EMPREGO E SEGURANÇA SOCIAL
— AO MINISTÉRIO DAS FINANÇAS
— À ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE BANCOS
— AO BANCO DE PORTUGAL
— À CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS
— ÀS DEMAIS INSTITUIÇÕES BANCÁRIAS E PARABANCÁRIAS, CAIXAS ECONÓMICAS E ENTIDADES EMPREGADORAS DO SECTOR BANCÁRIO E FINANCEIRO COM EXCEPÇÃO DAS CAIXAS DE CRÉDITO AGRÍCOLA MÚTUO.

Considerando que:

1. Se os trabalhadores bancários não são, nem pretendem ser, privilegiados também não podem aceitar ser objecto de um tratamento desfavorável;
2. O Grupo Negociador, representante das Instituições de Crédito, sem respeitar os direitos consagrados no A.C.T.V. para todo o Sector Bancário, pretende integrar os novos bancários no regime geral da segurança social, reduzindo e eliminando drasticamente, a curto e a médio prazo, os benefícios sociais que hoje abrangem todos os bancários, regalias que foram duramente conquistadas por diversas gerações, introduzindo desse modo no A.C.T.V. situações de discriminação entre os bancários;
3. Tal pretensão — a vingar — afectaria irremediavelmente os S.A.M.S., estrangulando-os financeiramente;
4. O Grupo Negociador, representante das Instituições de Crédito, mantém-se inflexível na sua proposta de 5% de aumento salarial;
5. O Grupo Negociador, representante das Instituições de Crédito, não aceita qualquer melhoria na carreira profissional automática e por mérito, nem admite consagrar uma carreira profissional para os trabalhadores com funções específicas ou de enquadramento;
6. O Grupo Negociador, representante das Instituições de Crédito, recusa a criação de um fundo de pensões comum a todas as Instituições de Crédito;
7. O Grupo Negociador, representante das Instituições de Crédito, com a sua posição de intransigência e de radicalismo conduz à desestabilização do sector bancário e, por isso, não deixa outra alternativa aos Sindicatos senão o recurso à greve.

Os Sindicato dos Bancários do Centro, Sindicato dos Bancários do Norte e o Sindicato dos Bancários do Sul e Ilhas, nos termos e para os efeitos previstos no art.º 5.º da Lei n.º 65/77, de 26 de Agosto, (Lei da Greve) tornam público que deliberam a realização de greve entre as 00.00 e as 24.00 horas dos próximos dias 27 de Junho, 5 e 6 de Julho de 1988.

A duração da greve, para cada trabalhador, é a correspondente ao seu horário de trabalho relativo ao dia ou dias de greve. Assim, os trabalhadores cujo horário de trabalho se inicie antes das 00.00 horas de cada um dos dias de greve ou termine depois das 24.00 horas, desses mesmos dias, farão greve, no primeiro caso, a partir da hora em que deveriam entrar ao serviço, ainda que antes das 00.00 horas e, no segundo caso, até à hora em que normalmente terminariam o trabalho, mesmo que depois das 24.00 horas.

A greve abrange todos os trabalhadores, sindicalizados ou não, que prestam trabalho em toda a área ou âmbito dos Sindicatos signatários.

Lisboa, 22 de Junho de 1988.

SINDICATO DOS BANCÁRIOS DO CENTRO
SINDICATO DOS BANCÁRIOS DO NORTE
SINDICATO DOS BANCÁRIOS DO SUL E ILHAS

DL CINEMAS

Alfas Triplex
— T. 806496

Sala 1

CLUBE PARA CAVALHEIROS
(maiores 16 anos)
15.15, 18.15, 21.30 e 00.15 h

Sala 2

O IMPÉRIO DO SOL
(maiores 12 anos)
15.30, 18.30, 21.30 e 00.30 h

Sala 3

GRAVIDADE: ZERO
(maiores 6 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Sala 4

NAS TEIAS DA MAFIA
(maiores 16 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Alfa Club

A MORTE CHEGA DE MADRUGADA
(maiores 18 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

Amoreiras 1

MAURICE
(maiores 16 anos)
14.15, 18.15, 21.30 e 00.15 h

Amoreiras 2

TRÊS HOMENS E UM BEBÉ
(maiores 6 anos)
13.45, 16.15, 18.45, 21.30 e 24.00 h

Amoreiras 3

A MORTE CHEGA DE MADRUGADA
(maiores 18 anos)
13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 00.15 h

Amoreiras 4

QUEM CHAMOU A CEGONHA?
(maiores 12 anos)
13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 00.15 h

Amoreiras 5

EDDIE O REBELDE
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

Amoreiras 6

AS TEIAS DA MAFIA
(maiores 16 anos)
13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.45 e 24.00 h

Apolo 70

JUVENTUDE INQUIETA
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Ávila
— T. 539930

NA VIGÍLIA DA NOITE
(maiores 12 anos)
15.00, 17.00, 19.00, 21.45 e 23.45 h

Berna
— T. 776098

BEN-HUR
(n/acons. m. 13 anos)
15.00 e 21.00 h

E o dinheiro trouxe-lhe popularidade...
NAMORADA ALUGA-SE Em exibição nos Cinemas Castil e Roma

Capitólio
— T. 372358

TORNEIO SEXUAL
(Porno)
(maiores 18 anos)
15.15, 17.30, 19.00, 21.30 e 23.00 h

Castil
T. 530194

NAMORADA ALUGA-SE
(maiores 6 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Cinebolso

JAMES BANDE CONTRA O.S. SEX69
(maiores 18 anos)
Pornográfico
12.30, 14.30, 16.45, 19.00, 21.30 e 23.30 h

Cine Camões
T. 324194

A RAIVA DOS HERÓIS
(maiores 16 anos)
14.15, 16.30 e 21.30 h

Cine 222
— T. 533253

QUARTO COM VISTA SOBRE A CIDADE
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h
PORKY'S
(maiores 12 anos)
24.00 h

Cine Portela
— T. 9434773

O SOBREVIVENTE DA CIDADE FANTASMA
(maiores 16 anos)
16.00 e 21.45 h

GENTE GIRA III
(maiores 6 anos)
15.30 e 21.30 h

City Cine
— T. 549999

UMA COMÉDIA SEXUAL NUMA NOITE DE VERÃO
(n/acons. men. 13 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Condes
— T. 322523

O PREDADOR
(maiores 16 anos)
14.15, 18.15 e 21.30 h

Eden
— T. 320768

PELA MEDIDA GRANDE
(Int. men 13 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Estúdio
— T. 555134

ATRACÇÃO FATAL
(maiores 16 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Estúdio ACS
— T. 887255

CANTINFLAS — O VARREDOR
(maiores 6 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Fonte Nova
— T. 7145109

O ÚLTIMO IMPERADOR
(maiores 12 anos)
14.15, 17.45 e 21.00 h

BOM DIA BABILÓNIA
(maiores 12 anos)
14.45, 17.00, 19.15 e 21.45 h

MAURICE
(maiores 16 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Forum Picoas
— T. 541037

LAURA
(Int. men. 18 anos)
19.00 e 22.00 h

Gemini
— T. 734009

DIABO NO CORPO
(maiores 16 anos)
15.00, 18.00 e 21.30 h

Hollywood
— T. 802859

A INSUSTENTAVEL LEVEZA DO SER
(maiores 16 anos)
14.30, 18.00 e 21.30 h

TIRO PELA CULATRA
(maiores 16 anos)
14.15, 16.45, 19.00, 21.30 e 24.00 h

Império
— T. 555134

PELA MEDIDA GRANDE
(Int. men. 13 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Las Vegas
— T. 631162

Sala 1

A INSUSTENTAVEL LEVEZA DO SER
(maiores 12 anos)
15.00, 18.15 e 21.30 h

INFERNO EM SAIGÃO
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.45 h

Londres
— T. 801313

A INSUSTENTAVEL LEVEZA DO SER
(maiores 12 anos)
15.00, 18.15 e 21.30 h

Mundial
— T. 538743

MAURICE
(maiores 16 anos)
15.15, 18.15 e 21.30 h

QUEM CHAMOU A CEGONHA?
(maiores 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15 e 21.45 h

MANON DAS NASCENTES
(maiores 12 anos)
13.45, 16.15, 19.00 e 21.30 h

Nimas
— T. 574362

O IMPÉRIO DO SOL
(maiores 12 anos)
13.45, 16.15, 19.00 e 21.30 h

Odeon
— T. 326283

COMANDO KID
(maiores 16 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Olímpia
T. 325309

SEXO EM ALTA ESCOLA
Pornográfico
A partir das 14 horas
Sessões contínuas
(Int. men. 18 anos)

Pathé
— T. 821933

A GUERRAS DAS ESTRELAS
(n/acons. men. 13 anos)
14.00, 16.30 e 21.00 h

Politeama
T. 326305

ESPADA INVENCÍVEL
(maiores 16 anos)
14.15, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Quarteto
T. 771378

Sala 1

O LOCAL DO CRIME
(maiores 16 anos)
15.00, 17.00, 19.00 e 21.30 h
48 HORAS
(maiores 12 anos)
23.30 h

Sala 2

SILVERADO
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h
VIAGEM À ITÁLIA
(n/acons. men. 13 anos)
24.00 h

Sala 3

A BELEZA DO PECADO
(maiores 16 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h
A DIVA E OS GANGSTERS
(Int. men. 13 anos)
23.30 h

Sala 4

O JOGO FATAL
(maiores 12 anos)
15.00, 17.00, 19.00 e 21.30 h
CHISTINE O CARRO ASSASSINO
(maiores 16 anos)
23.30 h

Roma
— T. 889192

NAMORADA ALUGA-SE
(maiores 6 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

S. Jorge
T. 579144

Sala 1

NAM — NO CUMPRIMENTO DO DEVER
(maiores 12 anos)
15.30, 18.30 e 21.15 h

Sala 3

QUEM CHAMOU A CEGONHA?
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Sala 5

O FEITIÇO DA LUA
(maiores 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15 e 21.45 h

7.ª Arte
— T. 730715

TRÊS HOMENS E UM BEBÉ
(maiores 12 anos)
15.00, 17.00, 19.00 e 21.45 h

Star
— T. 804210

JEAN DE FLORETTE
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Terminal
— T. 371573

ENCERRADO PARA OBRAS

Tivoli
— T. 570595

CLUBE PARA CAVALHEIROS
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Turim
T. 706666

FUZILEIRO IMPLACÁVEL
(maiores 16 anos)
15.00, 17.30 e 21.30 h

Xenon
T. 368480

NAM — CUMPRIMENTO DO DEVER
(maiores 12 anos)
14.15, 16.30, 19.00 e 21.30

Linha de Sintra

AMADORA — Cineteatro Lido — «Combate de Dragões», às 15.00 e 21.30 h (maiores de 12 anos).

AMADORA — Cinestúdio Lido — «Antes Só Que Mal Acompanhado», às 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos).

AMADORA — Babilónia — «Que Grande Bronca», às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h (maiores de 12 anos).

ALGUEIRÃO — Cine Teatro Chaby — «Edição Especial», às 21.30 h (maiores 12 anos).

CACÉM — Cinestúdio Flores — «Atracção Fatal», às 15.00 e 21.30 h (maiores 16 anos).

MEM MARTINS — Estúdio Dois Eme — «Esperança e Glória», às 21.30 h (maiores 6 anos).

Linha de Cascais

ESTORIL — Casino Estoril — «Viagem no Tempo» às 17.00 e 21.15 h.

ALGÉS — Cinema 2000 — «Dança Comigo», às 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos).

LINDA-A-VELHA — Cinetropical — «Assalto no Parque», às 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos).

OEIRAS — Alto da Barra — Sala 1 — «Maurice», às 15.15 e 21.30 h (maiores 16 anos).
Sala 2 — «Beleza Fatal», às 15.30 e 21.45 h (maiores 12 anos).

NOVA OEIRAS — Cine Palmeiras — Sala 1 — «A Beleza do Pecado», às 15.15 e 21.30 h (maiores 16 anos).
Sala 2 — «Viagem no Tempo», às 15.30 e 21.45 h (maiores 12 anos)

CARCAVELOS — Atlântida Cine — «Tal Filho Tal Pai», às 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos)

CASCAIS — Miramar — Sala 1 — «Espereança e Glória», às 15.15, 18.45, 21.30 e 24.00 h (maiores 12 anos).
Sala 2 — «O Feitiço da Lua», às 15.00, 18.00 e 21.30 h (maiores 12 anos).

Outra Banda

ALMADA — Academia — «O Poder do Silêncio», às 15.30 e 21.30 h, (maiores 12 anos).

ALMADA — Cine-Estúdio de Almada — «Quem Chamou a Cegonha», às 15.30, 18.15 e 21.30 h, (maiores 12 anos).

ALMADA — Incrível Almadense — «As Aventuras de Jack Burton nas Garras do Mandarim», às 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos).

COVA DA PIEDADE — Clube Piedense — «O Vingador da Ninja», às 21.30 h (maiores 12 anos).

COSTA DE CAPARICA — Oceano — Sala 1 — «Antes Só Que Mal Acompanhado», às 15.45 e 21.30 h (maiores 12 anos).
Sala 2 — «Roxanne», às 15.00 e 21.15 h (maiores 12 anos).

BARREIRO — Cinestúdio Barreirense — «O Feitiço da Lua», às 15.00 e 21.15 h (maiores 12 anos).

DE COLUMBANO AOS NOSSOS DIAS

Encontra-se patente até ao dia 3 de Julho, na Galeria de Arte do Casino Estoril, uma importante exposição de pintura intitulada «De Columbano aos nossos dias», que reúne cerca de 100 trabalhos dos mais qualificados pintores dos anos 20, incluindo José Malhoa, Almada Negreiros, Eduardo Viana, Amadeo Souza-Cardoso e Carlos Reis, num total de 38 artistas todos já falecidos.

Concretamente, todos os dias entre as 15 e as 24 horas, poderão ser admiradas na galeria do Casino obras dos seguintes pintores portugueses: Alberto de Sousa, Almada, Alvarez, Alves de Sá, Alves Cardoso, Amadeo, António Carneiro, António Pedro, António Soares, Areal, Armando Basto, Artur Loureiro, Botelho, Cândido Costa Pinto, Carlos Reis, Celestino Alves, Columbano, D´Assumpção, Diogo de Macedo, Dórdio Gomes, Eduardo Luís, Eduardo Viana, Francis Smith, Francisco Franco, Henrique Franco, João Reis, Barradas, Júlio, Lela da Câmara, Malhoa, Manuel Lapa, Marques de Oliveira, Milly Possoz, Ofélia, Pavia, Silva Porto, Souza Pinto e Stuart.

«Varina de Ovar» de Eduardo Viana

EXPOSIÇÕES

MUSEU NACIONAL DO TEATRO: exposição «A Companhia Rey Colaço-Robles Monteiro».
MUSEU NACIONAL DO TRAJE: as exposições «Travessia sobre a Época de Fernando Pessoa», «O Traje na Dança», «Traje de Ópera-Guarda-Roupa de Tomás Alcaide» e «Colchas de Ermelinda Cargaleiro.
MUSEU DE ETNOLOGIA: as exposições «Timor de Ruy Cinatti», «Índios da Amazónia» e «Têxteis: Tecnologia e Simbolismo».
FUNDAÇÃO GULBENKIAN: a exposição comemorativa dos 80 anos de Maria Helena Vieira da Silva. Patente às quartas e sábados das 14 às 19,30 e terças, quintas, sextas e domingos das 10 às 17.
POLIGRUPO/RENASCENÇA (R. Ivens, 14): uma exposição de pintura de Isabel Augusta.
ALTAMIRA (R. Filipe Folque, 48-A): até 20 de Julho, de segunda a sábado das 10 às 19, pintura de Wessel Dijkstra.
REITORIA DA UNIVERSIDADE DE LISBOA: em colaboração com o Instituto Franco Português, até 1 de Julho, a exposição «A Arte e a Ciência».
MUSEU MUNICIPAL DE LOURES: até 11 de Julho, de terça a sexta das 9às 12 e das 14 às 17, sábados e domingos das 10 às 13 e das 14,30 às 17,30, exposição de fotografia com o tema «Na Fotografia, a Diferença»
CASINO ESTORIL: até 3 de Julho, diariamente das 15 às 24 horas, a exposição de pintura portuguesa «De Columbano aos nossos dias» com obras de 38 artistas desaparecidos.
GALERIA DE SANT´IAGO (Almada, Centro M. Bica-loja 63): a exposição de desenhos, guaches e gravuras de Arpad Szenes e Vieira da Silva.
ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE ECONOMISTAS (R. da Estrela, 8): até 30 de Junho, uma colectiva de pintura com obras de Ana Machado, António Viana, Eurico, Guilherme Prente, Justino Alves, Luís Moutinho, Palolo, Paulo Ossião, Paula Ruella, Raquel Oliveira, Rico Sequeira, Rocha Pinto, Rui Azevedo e Vspeira.Serigrafias de Vieira da Silva.
HOTEL EVA (Faro): até 26 de Junho, pintura em vidro de Olinda Colaço
LOJA DE DESENHO (R. da Academia das Ciências, 2-B): até 16 de Julho, de terça a sábado das 15 às 19,30, desenhos de João Moniz «Vazios Lineares».
ARCADAS DO PARQUE (Estoril): até 12 de Julho, dias úteis das 9 às 19, domingos e feriados das 10 às 18, a Junta de Turismo da Costa do Estoril apresenta a exposição «Infoarte 2» de Cecília Melo e Castro.
ATELIER 15 (R. Freitas Gazul, 24-D): até 12 de Julho, gravuras de Maria Irene Ribeiro com o título «Caminhos d´Água». De segunda a sexta das 18 às 21, sábados das 15 às 19.
GALERIA ZEN (R. D. Manuel II, 246-Porto): até 18 de Julho, de segunda a sexta das 15 às 20, desenho e pintura de Nikias Skapinakis.
GALERIA NASONI (Porto): ceâmica de Maria João Oliveira, na Sala Atlântica, fotografia de Graça Sarsfield.
CENTRO DE ARTE DE S. JOÃO DA MADEIRA: até 10 de Julho, exposições de pintura portuguesa contemporânea: «De Amadeu aos Anos 60», «Década de 70» e «Tendências dos Anos 80».
COOPERATIVA ALVES REDOL (Vila Franca de Xira); até 26 de Junho, uma exposição-venda de serigrafias da autoria de Manuel Cargaleiro, David de Almeida, Zé Penicheiro, Jaime da Silva, Cruz Filipe, Pádua, Miguel Yeco, Carlos Dugos e Gentil. Nos dias úteis das 16 às 19,30 e das 21 às 23, sábados e domingos das 15 às 19.
GALERIA ALMADARTE (Costa de Caparica): até 30 de Junho, às sextas, sábados e domingos das 15 às 22 horas, uma exposição de óleos de Kira. Patente ainda, a exposição permanente da galeria..
TEATRO DO BAIRO ALTO (R. Ten. Raul Cascais, 1 A): uma exposição documental sobre a vida e obra de escritor Luiz Pacheco, patente de terça a sábado das 18,30 às 20,30.
GALERIA EC (Várzea de Colares): até 10 de Julho, às quartas das 16 às 19, sextas, sábados, domingos e feriados das 12 às 20, uma exposição de pintura de Luís Furtado.
AMADORA (Átrio da Câmara Municipal): até 3 de Julho, exposição de cerâmica de António Lino Aguiar. Patente das 9 às 23 horas.
GALERIA ROCA (Marinha Grande): até 30 de Junho, pintura de Ezequiel Pereira.
GALERIA FONTE NOVA (Centro Comercial, Est. de Benfica, 503): até 26 de Junho, em colaboração com o coleccionador Adélio de Oliveira Correia, a exposição sobre «Os Descobrimentos Portugueses e Várias Temáticas de Coleccionismo».
MUSEU MUNICIPAL DE ESTREMOZ: até 3 de Julho, Colagens de Anfbal Falcato Alves.
GALERIA GILDE (S. Torcato-Guimarães): pintura de Armanda Passos.
GALERIA PORTIMÃO: até 30 de Junho, aguarelas de Ed Eisman.
GALERIA MUNICIPAL DA AMADORA: até 3 de Julho, das 15 às 23, a 7ª exposição do Grupo Artever - Associação de Artes Plásticas da Amadora.
GALERIA MUNICIPAL DE ARTE (Almada): para inauguração desta galeria, até 17 de Julho, de terça a domingo das 15 às 22, a exposição «Rogério Ribeiro 1957-1987».
SNBA (R. Barata Salgueiro, 36): uma exposição de pintura e relevos de temática africana da autoria de Filomena Coquenão Samina Ferreira.
LIVRARIA BARATA (Av. de Roma, 11-A): a exposição colctiva «Um Amor Felliz», realizada em homenagem à obra homónima de David Mourão Ferreira.
GALERIA EMI (R. Cruz dos Poiais, 111): até 25 de Junho, a exposição de 44 desenhos em grafite de Jorge Martins, que integram o livro «Mensagem» de Fernando Pessoa , lançado recentemente pelo Círculo de Leitores e Publicações D. Quixote.
ARMAZEM REGIMENTAL (Lagos): IV Bienal de Artes Plásticas «Lagos 88», até 30 de Julho.
GALERIA MONUMENTAL (Campo Mártires da Pátria): até 28 de Junho, de terça a domingo das 15 às 20, pintura de Paula Lebre e escultura de João Filipe Vieira.
RESTAURANTE ESCORIAL (R. Portas de Santo Antão, 47): até 25 de Junho, pintura de Michel Horta e Costa, diariamente das 12 às 24.
HOTEL ALVOR PRAIA: até 13 de Setembro, pintura de Stella de Brito.
GALERIA ARTEX (R. Nova do Almada, 87): até 9 de Julho, de segunda a sexta das 9 às 13 e das 15 às 19, sábados das 9 às 13, pintura de Ilda Pombeira, Rui da Rosa e Eduarda Coutinho.
GALERIA SPATIUM (Tavira): até 11 de Julho, escultura de Pedro Ramos.
GALERIA DE CONSTÂNCIA: até 30 de Setembro, a «Exposição Verão-88». Patente ao público de quarta a domingo das 14 às 20.
CASA DE BOCAGE (Setúbal); até 30 de Junho, de terça a sexta das 9 às 12 e das 14 às 17, sábados e domingos das 15 às 19, esculturas e desenhos de Abílio Febra.
CASA-MUSEU ÁLVARO DE CAMPOS (Tavira): até 2 de Julho, a exposição «Cem Anos Depois... Fernando Pessoa encontra Padmasambhava - Introdução à Arte e Cultura do Tibete»
AMOREIRAS SHOPPING: até 26 de Junho, todos os dias das 15 às 24, uma exposição subordinada ao tema «Fernando de Bulhões - Sto. António de Lisboa».
GULBENKIAN (galeria de exposições temporárias): Desenhos de Jorge Martins (1957/1987).
GALERIA SANTA JUSTA (R. de Santa Justa, 93-2º): até 28 de Junho, de segunda a sexta das 15 às 20, pintura de José Correia.
GALERIA ESPIRAL (Oeiras): até 30 de Junho,, de terça a sábado das 10 às 14 , das 16 às 20 e das 21 às 23, domingos das 10 às 14, pintura e objectos de Viictor Belém, reunindo trabalhos de 1958 a 1988.
O TEMPLO DO GATO (R. Sousa Viterbo, 38-2º): até 25 de Junho, aos sábados (outro horário por marcação telefónica) das 11 às 19, pintura e desenho de Paulo Nisa.
GALERIA GP (R. Castilho, 50): tapeçarias de Pedro Frederico-Brasil.
GALERIAS CETÁRIA (Setúbal: até 5 de Agosto, uma colectiva de pintura sobre Paisagem, na Galeria Tita na Rua Tenente Carlos Alves, 2-Setúbal.
MULTIFACE (C. C. Gemini-R. Sousa Lopes, Lote RP): até 3 de Julho, pintura de Artur Bual.
GALERIA DIFERENÇA (R. S. Filipe Nery, 42): até 3 de Julho, de terça a sexta das 15 às 20, sábados e domingos das 16 às 19, pintura de Maria Tomás «Oceano Contínuo».
GALERIA ALMADA NEGREIROS (Av. da República, 16): a exposição organizada pelo Instituto Português do Património Cultural «O Arquivo da Casa de São Payo»
GALERIA CHAGAL (Leiria): até 9 de Julho, de segunda a sábado das 10 às 12 e das 14 às 19, uma colectiva de pintura com trabalhos de Artur Bual, Costa Martins, Raul Perez, Rocha Pinto, Lima de Freitas e Cruzeiro Seixas.
CONVENTO DOS CAPUCHOS (Caparica): até 26 de Junho, a exposição «Imargem/Caparica 88» com arquitectura, pintura, escultura, desenho e gravura.
GALERIA DA FUNTA DE FREGUESIA (Cascais) até 6 de Julho, a exposição de «multiples» de Ormond Fannon «Jogos Fantásticos de Probabilidade e Chance».
GALERIA MIRON (R. do Mirante, 14): até 30 de Junho, escultura de Álvaro Carneiro e Carlos Dutra patente de segunda a sexta das 15 às 20.
MUSEU CALOUSTE GULBENKIAN: a exposição «O Ouro e a História Pré-Colombiana»
INTERNI (R. Rodrigo da Fonseca, 51): até 30 de Junho, a exposição de pintura «Rosa/Azul de Ironia», de Isabel Mendes Ferreira, patente de segunda a sexta das 15 às 20 e sábados das 10 às 13.
POUSADA DE PALMELA: até 28 de Junho, Pintura de Fernanda França.
GALERIA ESCADA (R. da Bela Vista `Graça, 81-A): até 25 de Junho, pintura de José Catrola e Ribeiro Farinha, patente de segunda a sexta das 14 às 20, sábados das 10 às 14.
GALERIA DO MONTE (Santarém): até 25 de Junho, pintura de Matilde Marçal e Joaquim Magalhães.
GALERIA DE COLARES: até 26 de Junho, Pintura de Luís Camacho
PÁGINA 75 (CC da Portela-Sacavém): até 25 de Junho, Pintura de Carlos Azevedo «Fragmentos de Abstracto». Patente todos os dias das 9 às 23.
TRIÂNGULO 48 (Av. D. Vasco da Gama, 48-A): até 25 de Junho, de terça a sábado das 14 às 20, pintura de Espiga Pinto.
ANA ISABEL (R. da Emenda, 111-1º): até 25 de Junho, de segunda a sábado das 14 às 19, pintura de João Hogan.
GALERIA NEUPERGAMA (Torres Novas): até 30 de Junho, de segunda a sexta das 14 às 20, sábados das 10 às 13 e das 16 às 19, domingos e feriados das 16 às 19, a exposição de pintura «14+1 Artistas Contemporâneos».
GALERIA PITEIRA (Évora): em colaboração com a Câmara Municipal de Évora, exposição de tapeçaria bordada de Manuela Baião.
VILA NOVA DE GAIA (Biblioteca Pública): até 29 de Junho, aguarelas de José Rodrigues.
GALERIA S. MAMEDE (R. Escola Politécnica, 167): exposição de óleos de Sérgio Telles.

MÉDICO DE URGÊNCIA

76 61 71
76 61 78
76 61 79

Farmácias

PERMANENTES

ALFAMA - ESCOLAS GERAIS: Anunciada, Rua do Vigário, 72-74 (T. 866360); **ALTO SÃO JOÃO: Nova Luz,** Rua D. Domingos Jardo, 28-A (T. 843439); **ALVALADE: Alentejo,** Av. da Igreja, 28-B (T. 8926821); **BAIXA-COLISEU: Centro Farmacêutico,** Rua Portas de Santo Antão, 88 (T. 772291); BENEFICÊNCIA-SETE RIOS: Laranjeiras, Rua Filipe da Mata, 160-162 (T. 721035); **CEMITÉRIO INGLESES: Urbano Freitas,** Rua Silva Carvalho, 1-5 (T. 602838); **CHILE-ANJOS: Pereira Pinto,** Av. Almirante Reis, 121-B (T. 545751); **LUMIAR - QUINTA DO LAMBERT: Reis,** Rua Pedro Bandeira, 2-A; OLIVAIS SUL: Marta, Rua Cidade Nampula - ED, Paris, Lt. 534 (T. 333696); **PICHELEIRA: Marluz,** Calçada da Picheleira, 140 B-C; Rua Prof. Mira Fernandes, MAF (T. 880703); **SANTO AMARO — CALVÁRIO: Lisbonense,** Rua Leão de Oliveira, 2-B (T. 637020); **BRANDOA-AMADORA: Brito,** Rua 25 de Abril, lote 32-B; **CARNAXIDE: Central de Carnaxide,** Av. Portugal, 16-B (T. 2184913); **ODIVELAS: Leitão,** Rua Guilherme Gomes Fernandes, 62 (T. 9810051); **PONTINHA: Leitão Ribeiro,** Rua A. do Falcão 3-A (T. 993912).

REFORÇO

AJUDA: Moura, Travessa da Memória, 55 (T. 630944); **ALAMEDA D. AFONSO HENRIQUES: Esperança,** Rua Carlos Mardel, 101-B (T. 882968); **ALCÂNTARA: Vieira Rosa,** Rua Prior Crato, 72 (T. 660187); **BENFICA-ESTAÇÃO-URUGUAI: Santa Cruz,** Av. Gomes Pereira, 34-B (T. 704828); **CAIS SODRÉ: Ultramarina,** Rua São Paulo, 99-101 (T. 321771); **CAMPO GRANDE: Nova Iorque,** Av. Estados Unidos América, 140-B (T. 760658); **CAMPOLIDE: Oliveira,** Rua de Campolide, 54-A (T. 684424); **CORTES-RATO: Castro Suc,** Rua São Bento, 199-A (T. 660513); **ENCARNAÇÃO: Ascenso** Praça do Norte, 11-A (T. 311216); **GRAÇA: Monte,** Rua Senhora do Monte, 30 A-B (T. 867842); **MARVILA: Freitas,** Rua Vale Formoso de Baixo, 23-A (T. 381136); **SÃO SEBASTIÃO: Novais,** Av. Luís Bívar, 11-13 (T. 544324); **BURACA-AMADORA: Gaspar Pote,** Rua das Gaias, lote 16 (Bairro Zambujal) (T. 902221); **OLIVAL BASTO: Nova,** Rua Açores, 11-A (T. 9810305); **PRIOR VELHO: Matos,** Travessa das Prioras, (T. 2519939).

Linha de Sintra — AMADORA — Heleno — R. 1. lote 6 — Reboleira Sul (Tel. 964746). Perm.; **Carlos —** R. Sebastião Gama, 28, B. Casal S. Brás. Até às 22 h; **Clabel —** R. Ant.º Sardinha, 23-D (Tel. 4938551). Até às 22 h; **QUELUZ — Zeller —** R. República, 83 (Tel. 950045). Perm.; **Albergaria — Queluz de Baixo. Até às 22 h; CAMARATE — Flores —** Av. Forças Armadas, V. Mor. Catujal (Tel. 2517750). Até às 19 h; **CACÉM — Guerra Rico —** Av. Bombeiros Voluntários (Tel. 9244002). Perm.; **MEM MARTINS — Cistina —** Av. Vitorino Nemésio, 14-A (Tel. 9214820). Perm.; MERCÊS — Claro Russo — R. Abade Faria, 2-A (Tel. 9215275). Até às 22 horas; **MERCÊS — Claro Russo —** R. Abade Faria, 2-A (Tel. 9215275). Até às 22 horas; **RIO DE MOURO — Riomouro —** Av. Óscar Monteiro Torres, 6 (Tel. 9260194). Até às 22 h; **SINTRA — Misericórdia —** Pendoa, 17 (Tel. 9231070). Perm.; **COLARES — Abreja —** Tel. 9290088); **MOSCAVIDE — Império —** R. 1.º Maio, 48-A (tel. 2513234). Até às 22 h; **SACAVÉM — Cortes —** Av. M.ª Luísa Braamcamp, 2-A (Tel. 2519420). Perm.; **LOURES — Saraiva —** Av. República, 86 (Tel. 9830027). Até às 22 h.

Linha de Cascais

ALGÉS: Cabrita, P. Miraflores, lote 12 (T. 4101486) Permanente; **LINDA-A-VELHA: Melo Almeida,** R. F. Diogo Couto, lote 182 (T. 4191697) Permanente; **TIRES: Guimarães,** L. Duartes, lote A-r/c (T. 2441616) Até às 22 horas; **ALCABIDECHE:** B.º Padre P. Correia, 4 (T. 2690363). Até às 22 horas; **PORTO SALVO: Ferreira Bastos,** R. D. Firmino Rebelo (T. 2421015) Até às 22 horas; **CAXIAS: Nova,** R. Fernandim Ribeiro (T. 2432839) Até às 22 horas; **CARCAVELOS: Vilar,** Av. M.ª Conceição, lote B (T. 2470777) Permanente; **S. DOMING, RANA: Godinho Silveira,** R. A. Albuquerque, lote B, loj. 2 (T. 2470361) Até às 22 horas; **MALVEIRA DA SERRA: Luz,** Est. Nacional (T. 2850635) Até às 22 horas; **OEIRAS: Godinho,** R. Cândido Reis, 98 (T. 2430090) Permanente; **PAREDE: Mendes Junqueiro,** L. Luanda, lote 5 (T. 2477838) Permanente; **SASSOEIROS: Amaral Semblano,** Quinta das Encostas (T. 2461312) Até às 22 horas; **BIRRE: Imani,** Lote 7-B, Hera (T. 2852121) Até às 22 horas; **MADORNA: Madeira,** R. A (T. 2476326) Até às 22 horas; **AMOREIRA: Abrantes,** Viv.ª Maria Carlos Anjos (T. 2682313) Até às 22 horas; **MONTE ESTORIL: Marques Santos,** R. Ferreira J. A., 15 (T. 260116) Até às 22 horas; **CASCAIS: Marginal,** Av. Marginal (T. 280078) Permanente.

Outra Banda

ALMADA: Galeno, R. Capitão Leitão, 85-B (T. 276065) Permanente; **COVA DA PIEDADE: Avelar Silva,** R. Dr. Alberto Araújo, 19-A (T. 2750337) Permanente; **COSTA DE CAPARICA: Carlos,** Av. Mar, 34-A (T. 2401060) Até às 19 horas; **MONTE DE CAPARICA: Guerreiro,** Lote 31, J. Moinho (T. 2950727) Até às 19 horas; **FEIJÓ: Tovar Chaves,** R. Dr. Ant.º Elvas, 104-D (T. 2296119) Até às 22 horas; **CORROIOS: Universo,** Est. Nacional, 10 (T. 2290084) Até às 19 horas; **SESIMBRA: Lopes,** R. Cândido Reis, 21 (T. 2233028) Até às 19 horas; **LAVRADIO: Parreira,** R. D. Silva Cristino, 15-A (T. 2042016) Até às 19 horas; **BARREIRO: Pimenta,** R. Conc.º Joaq. Ant.º Aguiar, 259 (T. 2073012) Permanente; **BAIXA DA BANHEIRA: Cardoso,** Av. Liberdade, 59 (T. 2041044) Até às 19 horas; **AMORA: Matos Lopes,** R. 1.º Maio, lote 401 (T. 2216355) Até às 22 horas; **TORRE DA MARINHA: Alves Velho,** L. Camões, 27 (T. 221132) Até às 22 horas; **MONTIJO: Moderna,** R. Bulhão Pato, 60 (T. 2310156) Até às 22 horas; **MOITA: União Moitense,** Av. Dr. Teófilo Braga (T. 239025) Até às 19 horas; **ALHOS VEDROS: Portugal,** Av. Bela Rosa, 8 (T. 2040250) Até às 19 horas; **ALCOCHETE: Nunes,** L. Coronel Ramos Costa, 10 (T. 2340137) Até às 19 horas; **SETÚBAL: Costa,** R. Misericórdia, 48 (T. 22760) Permanente; **Moreira Martins,** P. Olga Sarmento, 14 (T. 26051) Permanente; **Brasil,** P. Brasil, 15 (T. 24788) Até às 22 horas.

TEATROS

Teatro Villaret

Av. Fontes Pereira de Melo, 30-A — Tel. 538586

De 3.ª a domingo, às 21.30; domingos, às 16.00

«CRIADA PARA TODO O SERVIÇO», de Barrilet e Grédy. Adaptação e encenação de Armando Cortez.

Teatro Municipal de Almada

R. Conde Ferreira — Tel. 275 21 75

De 3.ª a domingo às 21.30; sábados, domingos e feriados, às 16.00 e 21.30.

«D. ROSINDA, A SOLTEIRA«, de Federico Garcia Lorca. Pela Companhia de Teatro de Almada — Grupo de Campolide. Encenação de Joaquim Benite. Cenografia e figurinos de Vasco Elói.

TIL

Rua Leão de Oliveira, 1 (ao Calvário)
Tel. 639974
(Sábados e domingos, às 16.00)

«A NÚVEM QUE NAO QUERIA CHOVER», de Fernando Bento Gomes.

Teatro Aberto

P. de Espanha — Tel. 77 09 69

De 4.ª a sábado, às 21.30; domingo, às 16.00

«A RUA«, de Jim Cartwright. Pelo Novo Grupo. Versão de João Lourenço e Vera San Payo de Lemos. Encenação de João Lourenço. Cenografia de José Carlos Barros. Figurinos de Maria Gonzaga. Música de Eduardo Paes Mamede e Simon Wads.

Teatro do Bairro Alto

Sala Manuela Porto

R. Tenente Raul Cascais, 1-A — Tel. 661515
De 3.ª a sáb. às 21.30; domingos às 16.00

«COMUNIDADE«, de Luiz Pacheco, pela Cornucópia. Encenação de José Carretas, cenografia de João Brites e música de Luís Pedro Faro. Interpretação de Cândido Ferreira (Sala Manuela Porto, de 3.ª a sáb., às 21.30; dom. às 16).

Teatro da Nova

Av. de Berna, 24, Telef. 369821. De 2.ª a sábado, ás 21.45.

PROMETEU, de Esquilo, Platão, Fernando Tavares e W. Reich, pelo grupo de Teatro da Nova e o Clube Português de Artes e Ideias. Encenação de Carlos Fogaça, música de José Júlio Lopes.

Teatro Maizum

R. dos Poiais de S. Bento, 75-B, Telef. 601866. De 4.ª a sáb., às 21.30; dom., às 16.

LISBOA MONUMENTAL, de Fialho de Almeida, pelo Teatro Maizum. Enc. de Silvina Pereira, dram. de Manuel João Gomes, cen. de Henrique Nunes, fig. de Ana Andrade, mús. de Rui Luís Pereira e int. de Alfredo Brito, Fernando Candeias, Filipe Petronilho, Isabel Fernandes, José Lopes e Silvina Pereira.

Nacional D. Maria II

Rossio. Telef. 372246
Sala Garrett: de 3.ª a sáb. às 21.30; sáb. também às 16.

O FIDALGO APRENDIZ, de D. Francisco Manuel de Melo, em versão actualizada de Norberto Varela Silva e Octávio Clérigo, cen e fig. de Octávio Clérigo mús. de Fernando Guerra, direc. mus. de Jorge Machado, apoio vocal de Luís Madureira, apoio coreog. de Vicente Trindade e int. de Raul Solnado, Ruy de Carvalho, Barroso Lopes, entre outros.

Sala Experimental: de 3.ª a sáb. ás 21.45; dom., ás 16. Estreia dia 3.
CRIMES DO CORAÇÃO, de Beth Henley. Encenação de João Canijo. Interpretações de António Feio, Margarida Rosa Rodrigues, João Cabral, Rita Blanco, Susana Borges e Teresa Corte-Real.

Teatro Ibérico

R. de Xabregas — Tel. 38 25 31

De 3.ª a sábado, às 21.30; domingos e feriados, às 17.00

«OS VELHOS NÃO DEVEM NAMORAR«, de Alfonso Daniel Castelao. Pelo Teatro Ibérico. Encenação de Xosé Blanco Xil. Cenários de Francisco Ferreira de Almeida. Figurinos de António Filipe. Música de Carlos Alberto Moniz.

Teatro ABC

Parque Mayer — Tel. 36 67 45

De 3.ª a sábado, às 20.30 e 22.45; sábados, domingos e feriados, às 16.00; domingos, às 21.30

«OLHA A BOLSA Ó ZÉ«. Com Carlos Miguel, Natalina José, Joel Branco, Glória Cristal, Amélia Videira, Paulo César, João Rodrigo e Rui de Sá, entre outros.

Teatro Vasco Santana

Av. da República (na Feira Popular) — Tel. 768609. De 3.ª a sáb. às 21.30. Dom. às 16.

«AS DUAS CARTAS», de Júlio Diniz, pela Companhia Teatro Estúdio de Lisboa. Enc. de Luzia Maria Martins, e cen. de Luís de Matos. Int. de Manuel Mendonça, Carlos Vieira, Helena Félix, Luísa Ortigoso, Maria Dulce, António Machado, Vera Azevedo, Carlos Santos e José Brás.

Seto bal — Coro Alto do Conv. de Jesus

Sábado, às 21.30

«O MARINHEIRO«, drama estático, em um quadro, de Fernando Pessoa. Pelo TAS — Teatro de Animação de Setúbal.

Instituto Alemão

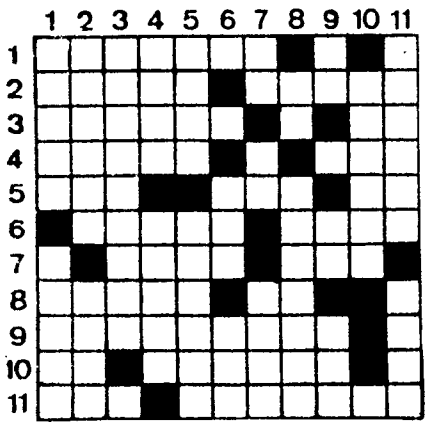
Campo dos Mártires da Pátria, 37 — Tel. 530305

Estreia dia 21, às 18.30

«D. JOÃO VOLTA DA GUERRA» de Odon von Horvath, por um grupo de finalistas do Curso de Teatro e Cinema do Conservatório, enc. de Rui Mendes.

PALAVRAS CRUZADAS

COM PROVÉRBIO PROBLEMA N.º 17 369



HORIZONTAIS:

1 Prender com amarras. Artigo definido.
2 Molhai com baba. Sai do solo.
3 Dividir em toros. Carta de jogar.
4 Falhas. Apelido.
5 Irmã da mãe (inv.). Mil e quatro em romano. Antes de Cristo.
6 Danço o samba. Metal precioso de cor amarela.
7 Zombará. Mula.
8 Nome de planeta. Átomo.
9 Concluíram.
10 Ruténio (s.q.). Latada.
11 Sufixo que designa abundância. Pedaço de pano com que se conserta uma parte do vestuário.

VERTICAIS:

1 Arruine. Asno.
2 Assassinais. Culpados.
3 Fracassaram.
4 Invulgar. Escavar.
5 Esteiros. Rebentar.
6 Nome de letra. Reduza a pó por meio de moinho. Estime.
7 Rubídio (s.q.). Nota musical. Lavram.
8 Letra grega. Desejo.
9 Contracção da preposição de com artigo. Género de palmeiras do Brasil. Ilha inglesa no mar da Irlanda.
10 Pesara para abater a tara.
11 relativo a oásis. Senhorio.

Resolveu completamente este problema? Procure, agora em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º **17 368**

HORIZONTAIS:

1 A. Praça. BOA.
2 Arredo. Bala.
3 Acompanha.
4 Cegarei. Aa.
5 Ataca. Nio.
6 Rosaras. Asi.
7 Im. Cs.
8 Dias. Elo. Ca.
9 At. CMII. Ar.
10 Diria. Ar. Sa.
11 Eraras. Oram.

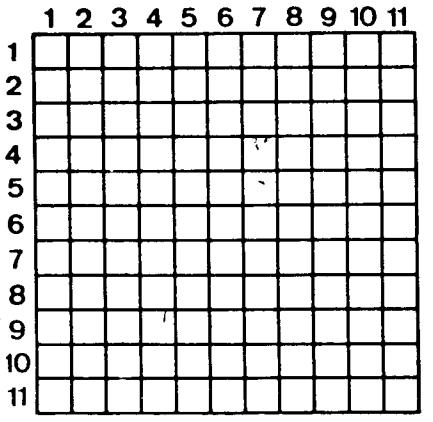
VERTICAIS:

1 Aa. CARIDADE.
2 Omitir.
3 Pragas. Rã.
4 Recatais. Ir.
5 Adorar. Caa.
6 COMEÇA. EM.
7 Pias. Lia.
8 Ba. Coiro.
9 Bananas.
10 Olhais. CASA.
11 AAA. Oiraram.

PROVÉRBIO:

A boa caridade começa em casa

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 16 190



HORIZONTAIS:

1 Antiga província da Palestina, principal teatro das prédicas de Jesus Cristo. Prasiodímio (s.q.).
2 Preveniram. Isto é.
3 Lugar onde se arremata o peixe à chegada dos barcos de pesca. Ratam.
4 Agarrar. Suplico.
5 Gálio (s.q.). Telmas.
6 Terceiro. Murros.
7 Anéis. Maisim.
8 Serra de Portugal. Bário (s.q.). Espera resposta.
9 Pessoa muito parecida com outra. Oferecer.
10 Boro (s.q.). Retardas.
11 Albergaras por esmola. Apelido.

VERTICAIS:

1 Antiga região da Ásia Menor. Bário (s.q.).
2 Antepassados. Furiosos.
3 Dependente da sentença judicial.
4 Rio de França. Abreviatura de Santíssimo Sacramento.
5 Nota musical. Ópera de Verdi.
6 Vagueamos. Prefixo que designa ar.
7 O mesmo que ion. Rei de Israel, marido de Jezabel. Miriare.
8 Amachucados.
9 Mamífero afim da foca, e próprio das regiões polares. Clima.
10 Letra grega. Gálio (s.q.). estavas.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º **16 189**

HORIZONTAIS:

1 Indona. Aves.
2 Na. Ramos. Só.
3 Ama. Iara. Cm.
4 Comarca. Coa.
5 Oral. Aal.
6 Irradiar.
7 Dás. Ido.
8 Ro. Trairias.
9 Asma. Moa. Um.
10 Arco. Rara.
11 Aura. Suaras.

VERTICAIS:

1 Ínaco. Rata.
2 Namorados.
3 Ama. Mar.
4 Or. Alistara.
5 Nair.
6 Amaciaríamos.
7 Ora. Adio.
8 Asa. Adorara.
9 Cai. AR.
10 Escola. Aura.
11 Soma. Resmas.

Rádio

Antena Um

17.00: Pequeno jornal. Sete mares; **19.00:** Informação e música; **20.00:** No Estúdio e no Estádio (Informação desportiva — 2.ª edição). **20.15:** Musical; **20.30:** A Viver também se aprende; **21.00:** Diálogo; **21.30:** Imaginário; **23.30:** Títulos do Jornal da Meia-Noite. Noticiários de hora a hora.

PROGRAMA 2
Rede Nacional (F.M. 2-Estéreo)

16.30: Álbum Musical; 17.00: Estórias da História; **17.30:** Brechos de Ópera; **18.40:** Transcrições de temas Clássicos de Mozart, Debussy, Vivaldi, Brahms e Mussorgs; **19.00:** Integrais — os 23 quartetos de cordas de Mozart; **19.34:** Duas Cantatas da Oratória de Natal de João Sebastião Bach; **20.40:** Música para Oboé de Mozart; **21.00:** Histórias de Música e outras; **21.30:** O Compositor interpretando a sua obra; **22.00: Música Vocal Comentada; 23.00: Concerto Sinfónico; 00.50:** Conjuntos Instrumentais **02.00:** Até às 08.00 horas música na madrugada. Noticiários de hora a hora.

Rádio Comercial
Onda Média
(283, 290 e 397 m)

17.00: Média alta; **20.00:** Peça que a gente passa; **22.00:** Portugal e a CEE; **22.15:** Religiosos; **22.30:** Tempo e resultados; **23.00:** 24.ª hora; **01.00:** As noites da Comercial; **03.00:** Serviço nocturno. Noticiários de hora a hora.

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

15.00: Casa da música; **16.00: Rock em stock; 18.00:** Círculo em FM; **19.00:** Espaço Lubritex; **20.00:** Espaço Inforgal; **21.00:** O sabor da música; **22.00:** As mil e uma noites; **23.00:** Em Órbita; **00.00:** Hora Akai; **01.00:** Som da frente; **03.00:** Serviço nocturno. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO RENASCENÇA
(Canal 1)
Rede Nacional de OM-FM

15.00: Banda da Amizade; **18.00:** Bola Branca; **18.30:** Transmissão do Terço; **19.00:** Fim da Tarde; **20.00:** Boa Nova; **20.30:** Conversa de Amigos; **21.00:** Nove e Tal; **22.00:** A nossa música; **22.30:** Bola branca; **22.30:** Suplemento especial da BBC; **23.55:** Meditando. «Dá a mão ao teu próximo» às 00.30. 03.30, 07.20, 11.30, 14.45, 17.30, 20.30 e 22.15.

RFM — (O Outro Canal)
Rede Nacional de F.M.-Estéreo

19.00: Atlântida; **20.00:** Serra de estrelas; **22.00:** Oceano Pacífico. «Ventos de Mudança», às 02.58; 06.58; 09.58; 14.58; 17.58 e 22.00.

SÁBADO TELEVISÃO

RTP 1

17.36 - Sumário
17.43 - Brinca Brincando
«Os Filhos dos Flintstones»

18.10 - Estúdio 4
19.30 - Telejornal
20.00 - Bolsa Dia a Dia
20.08 - O Tempo
20.10 - Boletim Agrário do Ministério da Agricultura
20.20 - Roque Santeiro

Episódio 180: O novo Promotor Público, Dr. Prata, quer assistir a todos os inquéritos realizados pelo delegado Feijó para investigar o caso das mortes em Asa Branca. Malta, Flô e Zé das Medalhas assustados com a presença da nova autoridade em Asa Branca, resolvem convidar o Dr. Prata para um almoço de confraternização. Mocinha vai procurare Albano para conversar, e quando chega à igreja depara com Roque.

21.15 - Primeiro Andamento

«Tempos de Música»: A Orquestra de Câmara de Lisboa sob a direcção do maestro Jorge Matta interpreta a cantata «La Danza» do compositor português Policarpo José da Silva.

21.50 - Telemundo
22.20 - Contactos Íntimos

2º Episódio: Os Gregorys continuam a ser votados ao ostracismo e embora a famflia comece a adaptar-se à doença de Olive, a vida em casa não é fácil.

23.55 - 24 Horas
00.00 - Remate

RTP 2

15.50 - Campos de Fogo
Último episódio:

16.40 - Trinta Minutos Com...
Padre Julio Carrara

17.10 - Imigrantes
277º Episódio

18.00 - Ponto por Ponto
19.05 - Formula One
20.00 - Estádio
Um debate com os 3 candidatos à Direcção do Sporting Clube de Portugal

20.50 - Cem Obras de Arte Portuguesas
21.00 - Jornal das Nove

«América, Luta pelos Direitos Civis», no 2º canal às 23.10

No 1º canal às 21.15, «Primeiro Andamento»

21.30 - Montra de Livros
21.35 - Convite
22.15 - As Teias da Lei
23.00 - Século XX

«América, Luta pelos Direitos Civis»: O título original desta série, «Eyes on the Prize», tem origem num cântico religioso e fala-nos da luta pela integração racial e pela igualdade de direitos que originou a segunda grande revolução americana. Desde os simples actos de coragem individual até ao nascimento de grandes movimentos de massas, esta série ocupa-se da luta pelos direitos civis, daqueles que nele participam: brancos e pretos.

AMANHÃ

RTP-1

09.01 - Bom Dia
10.00 - Às Dez
12.20 - Selva de Pedra
13.00 - Jornal da Tarde
13.35 - Ciclo Preparatório TV
17.36 - Sumário
17.43 - Brinca Brincando
18.10 - Estúdio 4
19.30 - Telejornal
20.05 - O Tempo
20.10 - Boletim Agrário do Ministério da Agricultura
20.20 - Roque Santeiro
21.15 - A Vida ao Pé de Nós
22.20 - O Programa das Festas
22.50 - Tribunal de Polícia
23.20 - 24 Horas
23.55 - Remate
00.10 - Pela Noite Dentro

RTP-2

13.16 - Totally Live
14.10 - Agora Escolha!
15.40 - O Sonho de Voar
16.40 - Trinta Minutos Com...
17.10 - Imigrantes
18.00 - Ponto por Ponto
19..00 - Meeting Internacional de Atletismo
21.30 - Cem Obras de Arte Portuguesa
21.35 - Jornal das Nove
22.05 - Montra de Livros
22.10 - Terra Vermelha
23.05 - Clube de Jornalistas
23.40 - Entre Barreiras
00.05 - Troféu

ESTÉTICA E CABELOS

EVA

MARQUÊS DE POMBAL, 1
LISBOA

GRUNDIG a segurança de um grande nome
seleccionou para si...

RTP 1 Contactos Íntimos

RTP 2 As Teias da Lei

Roque Santeiro

Assistência Técnica Grundig
NACIONAL RÁDIO
Rua Bento Jesus Caraça 17 - Cruz Quebrada - Telef. 2112871

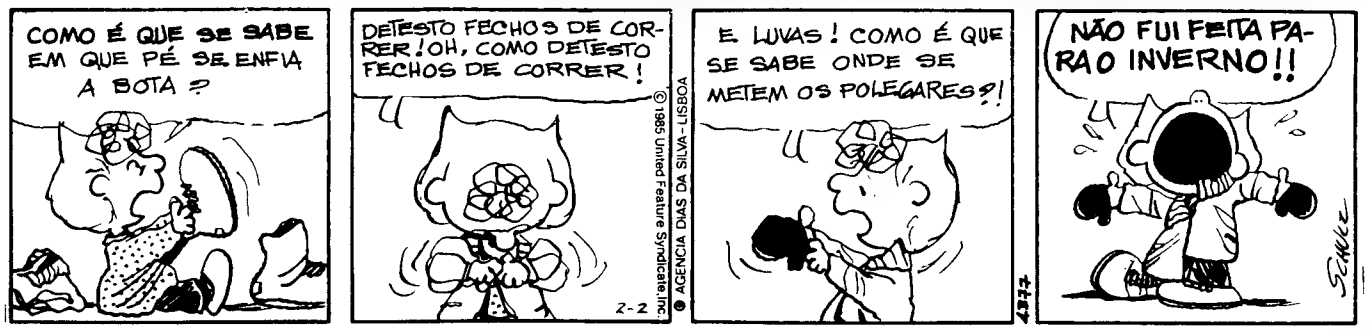
PORTE PAGO

DL

Fundador Joaquim Manso

Propriedade, Composição e Impressão: RENASCENÇA GRÁFICA, SA
Administração, Redacção, Publicidade e Serviços Técnicos: RUA LUZ SORIANO, 44 — 1200 LISBOA
TELEFONES: 32 11 54/5 — 32 02 71/ 2/ 3 — Publicidade: 36 67 40
Serviço da noite (depois das 21): Portaria 32 11 54 Redacção: 32 02 71/ 2/ 3
Endereço Telegráfico: DIBOA — Telex 12 383 LISBOA PORTUGAL
Distribuição: INTERPRESS, Rua do Norte, 115-1.º — 1200 LISBOA
TELEFONES 32 21 00 — 32 22 04 — 32 07 64
Preço do «DL» nos Açores e Madeira: 95$00
DEPÓSITO LEGAL: 1426/82

Director A. Ruella Ramos Director adjunto Fernando Piteira Santos



ÚLTIMA HORA

O ministro marroquino dos Negócios Estrangeiros manifestou-se interessado na evolução do processo dos dois portugueses (Alexandre Chagas e Joaquim Messias) suspeitos do assassínio de Evo Fernandes. O ministro, após a sua visita oficial de dois dias a Lisboa, procurou inteirar-se da evolução do processo — que não conhecia, junto do seu homólogo português, segundo uma fonte judicial.

GNR policia litoral algarvio a cavalo

O litoral algarvio começou a ser policiado no princípo deste mês com algumas dezenas de patrulhas a cavalo, por decisão do comando geral da GNR, que contou com o apoio do Governo Civil de Faro e da Comissão de Turismo de Algarve. Os animais estão instalados em três pontos estratégicos da região, sendo daí transportados diariamente, em veículos próprios, para as zonas em que o comando determina a sua acção. Os soldados da GNR que constituem as patrulhas estão equipados com rádios portáteis e, no final de cada missão, são novamente conduzidos à base, em jeeps com atrelados para os animais.

De acordo com informações prestadas esta manhã ao "DL" pelo Governador Civil de Faro, Cabrita Neto, as patrulhas de dois homens e dois cavalos actuam fora dos centros urbanos, sobretudo em áreas de urbanização e povoamento disperso, designadamente nas imediações de aldeamentos turísticos, em zonas como as Açoteias, Vila Moura, Quarteira, Albufeira ou Armação de Pera. Não se trata naturalmente, sublinhou a mesma fonte, de operações de policiamento das praias propriamente ditas, até porque essas são da respondabilidade da marinha.

Segundo Cabrita Neto, o emprego dos cavalos em vastas áreas com as características indicadas apresenta numerosas vantagens sobre todas as outras soluções possíveis e esta é a primeira vez em que a GNR os utilizará sistematicamente no litoral da região. "Ao contrário dos jeeps que se ouvem à distância, os cavalos podem aproximar-se mais facilmente dos delinquentes, podendo entrar por zonas em que as viaturas não conseguem e constituindo simultaneamente um elemento de respeito, que é muito importante numa pespectiva de prevenção da delinquência", acrescentou. Durante a época balnear o policiamento do Algarve, que de 1 de Julho até Setembro conta como de costume com a Polícia de Intervenção em Lagos, Portimão, Faro, Olhão, Tavira e Vila Real de Santo António, foi este ano reforçado com os cavalos da GNR e com mais cães treinados na detecção de droga e em outros tipos de acções específicas.

"O conjunto de meios utilizados este ano são suficientes para garantir a segurança dos residentes e dos turistas durante esta época e os cavalos são um elemento importante para atingir esse objectivo nas zonas dispersas", afirmou Cabrita Neto. Em sua opinião "os cavalos não têm nada de excepcional e até em em grandes cidades como Nova Iorque se vêm polícias a cavalo, em sítios tão movimentados como a quinta avenida". "Por acaso os turistas até gostam e já vi aqui alguns a fotografar os animais", disse ainda Cabrita Neto.

No final da época, admitiu o Governador Civil, alguns dos cavalos da GNR poderão permanecer na região para assegurar outras missões de policiamento, contribuindo assim para que o Algarve "continue a ser uma das zonas turísticas mais seguras da zona do mediterrâneo"

Na casa onde habitava com os pais

Sargento de Operações Especiais encontrado morto em Lamego

A Polícia Judiciária aguarda os resultados da autópsia para se pronunciar sobre as causas da morte do 1.º sargento Armando da Silva, conhecido por «sargento Gaio», cujo cadáver foi anteontem encontrado, na casa, onde residia com os pais, em Lamego.

O extinto prestava serviço há dois anos no Centro de Operações Especiais sediado naquela cidade. Uma fonte do Estado-Maior do Exército referiu esta manhã ao «DL» que, «não tendo o falecimento do sargento Armando Silva ocorrido em serviço ou no interior de instalações militares, a investigação da sua morte incumbe às autoridades civis».

/D/E/C/A/R/A/S/

ZBIGNIEW BRZEZINSKI, ex-secretário da Defesa dos Estados Unidos, afirmou «que a mudança do regime efectuada em Portugal, em 1974, teve um significado histórico no contexto mundial». A sua leitura baseia-se no raciocínio de que se assiste, desde os anos 70, a «uma mudança de maré a favor da democracia», que começou precisamente em Portugal. Disse-o em forum promovido pelo Centro de Estudos Estratégicos, no Estoril.

JAIME SIN, cardeal e arcebispo de Manila, acusou ontem os Estados Unidos de pagarem «uma renda indecente» pela utilização das suas bases militares estabelecidas nas Filipinas. Essa posição foi tomada em conferência de Imprensa durante uma visita a Winnipeg, no Canadá. Concretizou: «Esta renda é já há muito tempo demasiadamente baixa», quando comparada às verbas pagas pelos EUA pela utilização das suas bases em Espanha e no Egipto.

AGUSTINA BESSA LUÍS é um dos nomes, entre cerca de quatro dezenas, distinguidos este ano pela Câmara Municipal do Porto com medalhas de Honra da cidade. Os galardões destacam nomes de funcionários camarários, personalidades e instituições, que «pela sua acção relevante contribuiram para a projecção da cidade do Porto». Entre as instituições destaque-se o «Jornal de Notícias» a Fundação Eng. António de Almeida e a Confraria do Vinho do Porto. Entre as personalidades, Rui Veloso, Hélder Pacheco, os actores António Reis e Júlio Cardoso, e os maestros Gunter Argleb, José Luís Borges Coelho e Álvaro Salazar.

FERREIRA DO AMARAL, ministro do Comércio e Turismo, garantiu à Associação dos Hotéis de Portugal que os benefícios e isenções decorrentes da declaração de utilidade turística não serão anulados. A promessa foi feita em audiência concedida à direcção da AHP. No final, Manuel Teles, referiu as garantias dadas pelo ministro o que em seu entender «é motivo de satisfação e transmite-nos tranquilidade ne medida em que estão em jogo interesses fundamentais do sector».

JOSÉ CARRERAS, tenor espanhol, emerge de um longo processo de doença que o tem mantido afastado dos palcos. Assim, anunciou ontem, em conferência de Imprensa, em Barcelona, que reaparecerá, em 21 de Julho, naquela cidade, em espectáculo ao ar livre cujas receitas se destinam integralmente à clínica onde permaneceu internado, antes de seguir para os Estados Unidos. Pretende o artista que ali sejam instalados serviços e equipamentos adequados para acudir a quantos não têm possibilidade de se deslocar ao estrangeiro.

FERNANDO GOMES, futebolista do F. C. Porto, está de parabéns pelo nascimento da sua primeira filha, ontem, no Hospital da Ordem Terceira, na capital nortenha. Momentos depois da agradável notícia, o capitão dos «dragões» comunicava a Jorge Nuno Pinto da Costa a sua inteira disponibilidade para negociar a renovação do seu contrato com o clube.

TSD participam no Congresso Extraordinário da UGT

Os Trabalhadores Social Democratas (TSD), ontem reunidos em plenário, decidiram-se pela sua participação no Congresso Extraordinário da UGT, que se realizará a 2 de Julho.

Arménio Santos, líder da organização, afirmou à Lusa que «a posição dos TSD é a de que o próximo Congresso não se justifica, mas se o Conselho Geral da UGT o marcou não há que questionar essa decisão».

Quanto à participação dos TSD nesse Congresso, o secretário-geral afirmou que, no plenário de ontem, a maioria se pronunciou pela participação, «embora não abdicando das razões que defendemos e que levaram inclusivamente a que alguns trabalhadores social democratas renunciassem ao seu mandato na UGT».

Na reunião foram ainda decididas as linhas de acção dos TSD durante o Congresso da central.

Arménio Santos disse também que os TSD se vão empenhar para que no Congresso Extraordinário «se respeite as decisões maioritárias saídas do Congresso de Braga, principalmente no que toca à estratégia e objectivos político-sindicais e à composição dos próprios órgãos».

Médicos dizem que conflito é "inevitável"

A Federacção Nacional dos Médicos e o Sindicato Independente dos Médicos afirmaram hoje que é «inevitável o prosseguimento do conflito» que tem oposto a classe médica à ministra da Saúde, Leonor Beleza.

Em reunião realizada para analisar a situação no seguimento das greves já realizadas, aquelas estruturas representativas dos clínicos concordaram que, «face à recusa de qualquer negociação séria e efectiva» por parte do Ministério, é «inevitável o prosseguimento do conflito».

A Federação e o Sindicato vão voltar a reunir-se para discutir «novas formas de luta».

LER ESCREVER

SUPLEMENTO SEMANAL DO «DIÁRIO DE LISBOA». SAI ÀS QUINTAS-FEIRAS. NÃO PODE VENDER-SE SEPARADAMENTE DO RESTO DA EDIÇÃO. CORRESPONDÊNCIA: RUA LUZ SORIANO 44, 1200 LISBOA. TELEF. 32 02 71/32 02 72. TELEX 12363.

N.º 360

LITERATURA E CIÊNCIA

Por uma nova equação no campo das letras

Pedro Alvim

Há outros mundos -eis a certeza que deveria habitar o escritor, quer a nível da ficção, quer a nível da poesia. Não nos queremos referir aos mundos subjectivos, aos poços profundos de cada um de nós, aos caminhos subterrâneos por onde nos vamos. Sem d´uvida que uns e outros são também matéria que interessa à criação literária, mas existe também uma outra matéria susceptível de ser utilizada no romance, no poema, no conto. Que matéria é essa...?

Essa matéria é o que racionalmente tem vindo a ser descoberto pelas ciências exactas. Há toda uma formulação nova do mundo nos campos da Física, da Matemática, da Química, da Biologia: as coisas, na verdade, já não são como eram. E não são como eram porque, lentamente, se foi ao fundo das questões, observou–se melhor a realidade, contou–se o que existe de outra maneira. Subitamente, ocorreu um divórcio entre Literatura e Ciência -e isso por a Literatura (uma certa literatura) não ter sabido aproveitar (por desorientação, ignorância ou falta de tempo) as novas figuras proporcionadas pela Ciência.

Que novas figuras...?

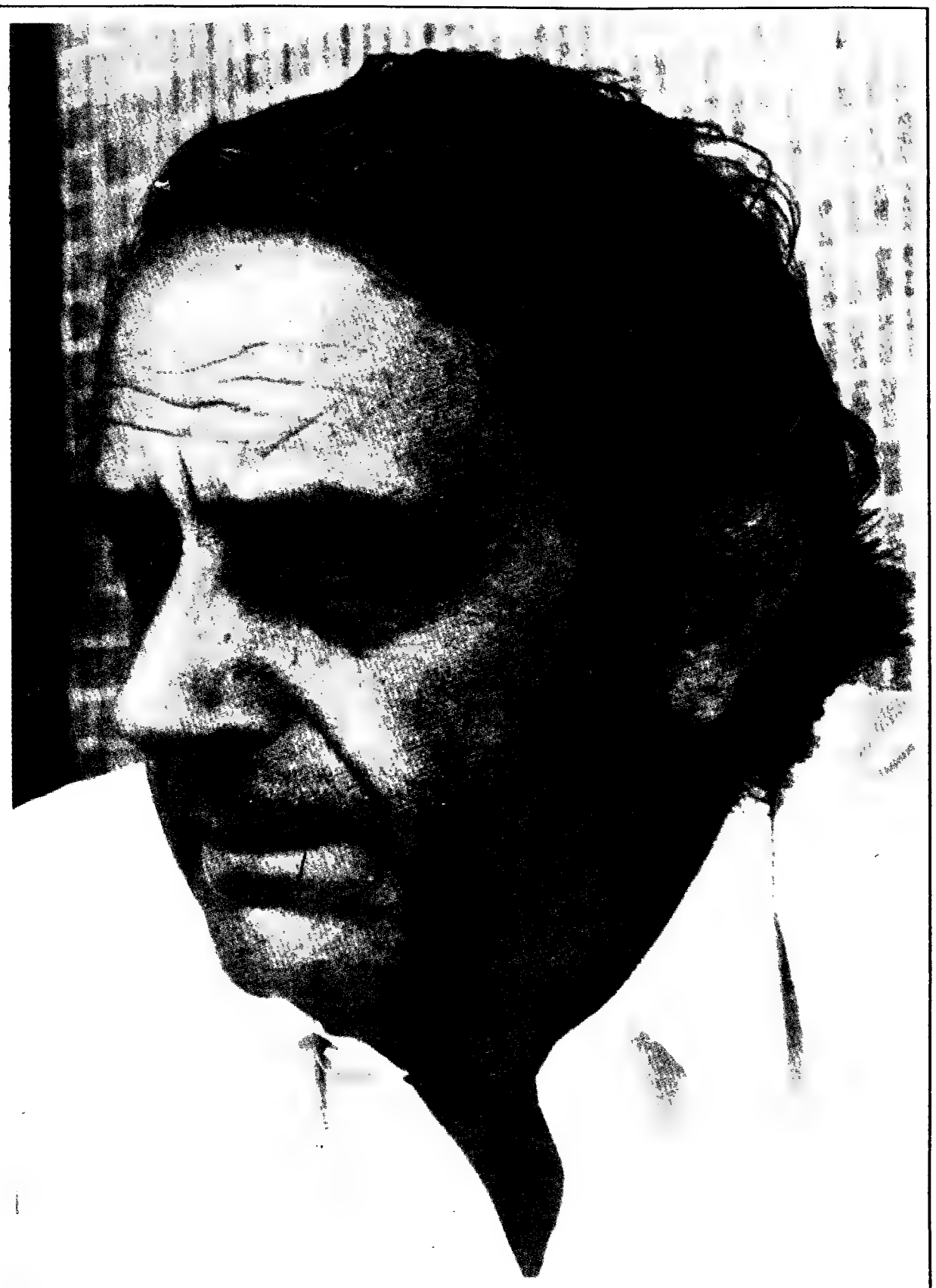
Atentemos, por exemplo, na figura literária que no romance dá pela designação de «triângulo amoroso». Velha de muitos séculos (e ora no cume, ora esbatida, ora de novo na moda), essa designação deriva da Geometria Clássica. Quando Euclides, no século III aC, deduziu o corpo de teoremas da sua geometria de alguns axiomas mutuamente independentes, incluía entre os últimos o postulado das rectas paralelas: «Por um ponto exterior a uma recta dada só pode passar uma recta paralela à recta dada». Este postulado está na base da demonstração dos teoremas sobre a soma dos ângulos de um triângulo: 180 graus. Temos assim que o trio amoroso só pode operar dentro daquele número. Nem mais um grau, nem menos um grau -e, daí, as numerosas situações repetidas até ao fastio que se nos deparam ao longo de numerosos romances. Que saída para este inpasse...?

Ora acontece que tudo evolui. Há sempre novas descobertas -e nosso raciocínio não admite dogmas. Cientistas chegaram à conclusão, em tempo oportuno, de que q geometria euclidiana não abarcava todas as medidas do Universo.

Em 1 826, Nicolau Lobachevski demonstrou que uma geometria não euclidiana, que não aceita o postulado das rectas paralelas, é perfeitamente imaginável. Assim, na geometria de Lobachevski, por um ponto situado fora de uma recta passam uma infinidade de rectas que não cortam a primeira, a soma dos ângulos de um triângulo é inferior a 180 graus, perpendiculares a uma mesma recta divergem, etc. Trinta anos depois, Bernhard Riemann substituíu o postulado euclidiano das rectas paralelas por um enunciado que estipula que, por um ponto situado fora de uma recta, é impossível fazer passar uma recta que nunca corte a primeira. Por outros termos: não existem rectas paralelas na geometria de Riemann -e a soma dos ângulos de um triângulo é superior a 180 graus (1). Para completa compreensão do que pretendemos dizer, tomemos uma esfera. É a Terra (convenhamos) que temos nas mãos. Desenhemos os meridianos e o equador. Como podemos ver, através de um esforço de concentração, todos os meridianos são perpendiculares ao equador -e todos os meridianos convergem nos polos. Extraiamos agora um triângulo diferente do triângulo clássico. Difícil...? Não: ei–lo. Qual...? Este: um triângulo composto por segmentos de dois meridianos e um segmento **côncavo** do equador. Facilmente verificamos que a soma dos seus ângulos é superior a 180 graus. E facilmente também podemos conceber um triângulo cujos ângulos proporcio -

cont. na pág. 4

E=MC2



ATÉ AO FIM

A Estrela Polar do Espaço Invisível

«HÁ fins que são sínteses» diz-nos Vergílio Ferreira em «A Estrela Polar». A distância entre Junho de 1961 e Fevereiro de 1987 parece confirmar-nos tal afirmação. Ou talvez tal afirmação esteja implícita em toda a obra de um profundo e desconcertante pensamento deste homem/escritor de nome Vergílio Ferreira, agora galardoado com o prémio mais importante da ficção portuguesa. Mas talvez que o maior prémio seja o caminhar até ao limite do absoluto, até ao fim de um fim que se adia na interrogação cuja génese é a de saber «nenhuma felicidade mais no-

cont. na pag. 2

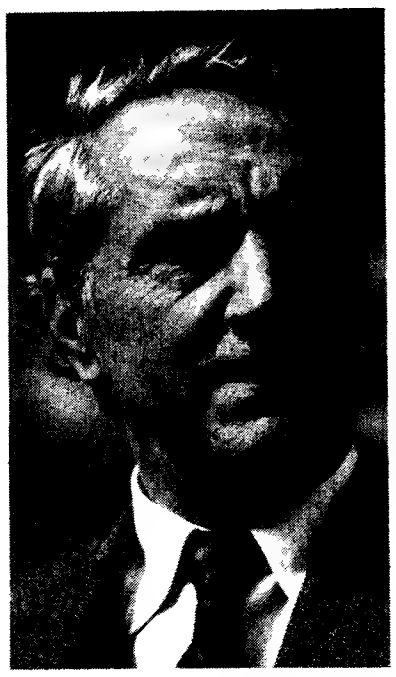
A Estrela Polar do Espaço Invisível

cont. da pág. 1

bre que a amargura de **saber** «porque «trago em mim a força monstruosa de interrogar, mais força que a força de uma pergunta. Porque a pergunta é uma interrogação segunda ou acidental e a resposta a espera para que a vida continue. Mas o que eu trago em mim é o anúncio do fim do mundo, ou mais longe, e decerto, o da sua recriação», escreve Vergílio Ferreira em «Invocação ao meu corpo». **Até ao fim,** um romance de grande surpresa pela capacidade de sempre renovação narrativa mas não surpresa quanto ao conteúdo. Surpresa seria se «Até ao fim», não surgisse. Síntese das sínteses repartidas por uma tão vasta obra, **Até ao fim** é «sou eu só, diante de mim e da noite, irredutível e inútil na minha lucidez», sob o signo poético de «perseguir até ao fim achar o mar» para quem o mar é «a vida inteira dentro de mim».

«Ah, escrever um romance que se gerasse nesse ar rarefeito de nós próprios, do alarme da nossa própria **pessoa,** na zona incrível do sobressalto! Atingir não bem o que se é «por dentro», «a psicologia», o modo íntimo de se ser, mas a **outra** parte, a que está **antes** dessa, a pessoa viva, a pessoa absoluta. Um romance que ainda não há... Porque há só ainda romances de **coisas** — coisas vistas por fora ou coisas vistas por dentro. Um romance que se fixasse nessa iluminação viva de nós, nessa dimensão ofuscante do halo divino de nós..., diz-nos Vergílio Ferreira em «Estrela Polar» (pág. 54). Para anunciar o seu novo romance em «Até ao fim» a Cláudio/jornalista que detesta os livros do autor por influência da pagã Flora, poucos passos faltam. Senão vejamos: «Pulmões, ginástica verbal, multiplicação das células. Não sei. Agora estou num ponto em que duas personagens vêm ter comingo e me perguntam o que estou a escrever. E eu disse: um romance, naturalmente. Depois perguntam-me o título. E eu disse que um título é como um rótulo da aspirina ou nome de terra como Freixo de Espada à Cinta. Elas insistem qual o título e eu disse «Até ao fim» e que vai na altura em que duas personagens lhe perguntam o título e se vai adiantando. E em que o autor rresponde que. Mas não sou eu que digo nem é a mim que perguntam. Elas é que julgam. Não sou.» (pág. 215). Vergílio Ferreira não é um homem de perguntas. Em «Até ao fim» o único que é «eu sou» é o encontro irredutível com a morte, cadáver, já carne podre, acabando por entender «a vossa morte como não posso entender a minha...» (E.P. pág. 45).

«Todos temos uma entrevista marcada com a vida. É bom começá-la a tempo», diz-nos Vergílio Ferreira em «Estrela Polar». E o que é essa entrevista senão «A palavra de silêncio de dois homens que se reconhecem, a palavra de sangue que não encontro e sei que existe e fala de uma continuidade



na terra e eu quero dizer com o sabor milenário que não tem em conta a tua presença física, a tua presença real, e vai para além de ti e do que tu eras e atinge o halo divino da sucessão das gerações e me liga fragilmente ao cosmos e à vida que se perpetua e floresce e eu te quero dizer num olhar longo e frontal e profundo»: «meu pai»...

Não, eu não venho **de ti:** sou eu só a face do Universo. Acaso sinto a tua presença no que sou, no que sinto? Sou uno, indiviso, princípio absoluto de mim e para sempre. Sou de **mim para outrem,** não de **outrem para mim.** Se a biologia o não sabe, é que a biologia está de fora: mas eu não estou fora, estou dentro. E, no entanto, dizer-te «meu pai», bom velho, restabelecer-me-ia as raízes que não sei, mas pressinto, falar-me-ia à memória de uma comunidade de sangue que não há ou há apenas como um eco de todos os deuses mortos» (E.P., pág. 22/23). A resolução da palavra de silêncio de dois homens que se reconhecem parece enfim alcançar-se em «Até ao fim». Com efeito, depois de em «Estrela Polar», romance iniciado com a morte da mãe do autor/narrador Adalberto que virá a ter um filho morto como seu prolongamento, de nome também Adalberto, depois de neste mesmo romance Adalberto desejar encontrar-se a sós com a mãe morta tal como com o filho em «Até ao fim», depois de concluir que nenhum filho tem pais, depois de negar que o tratem pelo nome infantil e maternal de Berto ou Bertinho, não nos surpreende que Miguel em «Até ao fim» negue ao pai o ser chamado de filho, negue nomear Flora por mãe, negue até a comunidade de sangue na ânsia de uma outra comunidade de um deus absoluto: a droga. Aqui está a continuidade da obra de Vergílio Ferreira e a sua modernidade como homem que perpetua a sua orientação de náufrago buscando a estrela polar mas orientando-se numa adaptação às constelações da era contemporânea, tal como em «Invocação ao meu corpo» não deixaria de reflectir sobre a Revolução Estudantil dizendo: «A esta explicação truncada se liga a imediata significação da revolta juvenil como uma revolta contra o pai» mas «o filho agora já não treme diante do pai para depois se lhe opor: é o pai que treme diante do filho. Mas treme porque sabe que nada lhe deu — como o filho o obriga a concluir. No conflito pai-filho, era um conflito de valores que se revelava — firmados numa ordem que a transcendência garantia ou aquilo que a imitava. No conflito actual revela-se a ausência de tais valores.

O pai não tinha que tremer frente ao filho senão o que de tremor nasceria de um confronto de duas forças. Mas firmado em quê pode o pai aguentar agora a condenação do filho? É numa ausência total de valores — o filho o chegará a pensar ou a sentir — que pode afinal significar mesmo o valor de «pai»? (pág. 346/347). Do que trata «Até ao fim» senão da consubstanciação narrativa desta reflexão de 24 de Dezembro de 1968? No primeiro caso está o narrador Adalberto e o pai que lhe lega uma livraria, no segundo caso está o pai/narrador jornalista/ Cláudio que nada tem a legar ao filho Miguel. Em primeiro lugar, porque o jornalismo se faz do exterior e não se materializa em nada de estável, susceptível de ser dado em herança; em segundo lugar porque Miguel nega qualquer herança de sangue ou outra. São dois estranhos. Até no momento do filho morto, adormecido para o narrador/pai como sempre como filho estivera adormecido, Miguel está alheio às interrogações de um pai que sente a condenação pela agora condenação do filho a ser inteiro, numa inteireza que lhe é estrangeira mas cúmplice. Cláudio encontra na biologia essa cumplicidade. E a figura da mãe de Miguel? Essa Flora pagã, denunciadora da paidocracia ou da infantocracia poderá fazer-nos esquecer o ensaio de Natália Correia «Uma Estátua para Herodes» todo ele debruçado sibre a puerocracia da idade do filho? De modo algum. Pena é que o espaço de que dispomos nos não permita comparar a figura de Aida e Alda em «Estrela Polar» com a de Oriana e Flora em «Até ao Fim». Haverá grandeza em querer apanhar a mão com a própria mão. Não sei. Porque a vida pesa muito, bem sei. Mas é o peso de uma balança, não se destrói a balança com que se pesa. A lâmpada com que se ilumina. A alavanca com que se constrói. Tudo isto é simples, deves compreender, e aquilo que é simples não tem mais nada atrás para o explicar. Deus nunca esteve para se explicar e redimir-se a si próprio, era bom que soubesses («Até ao fim», pág. 268). Mas a morte não é simples. Simples não é a morte procurada, como a de Miguel. Miguel suicida-se. Tantas as formas do suicídio se presentificar. «É comigo a questão porque queria ensinar-te a vida e tu só aprendias a morte». («Até ao fim», p. 267) «Criar um filho, um amigo, um parceiro de comboio. Um correligionário, um parceiro de clube. Mas a vida não entende, Deus fez-nos à imagem da sua solidão. Mas ele próprio não aguentou e fez isto para companhia» («Até ao fim», pág. 257). O pai de Miguel não aguenta. Cláudio não aguenta as interrogações de Vergílio Ferreira. Vergílio Ferreira aguentará até ao fim as suas interrogações como uma estrela Polar no espaço invisível? Tomemos um exemplo: «o passado é um labirinto e estamos nele, um passado não tem cronologia senão para os outros, os que lhe são estranhos. Mas o nosso passado somos nós integrados nele ou ele em nós. Não há nele antes e depois, mas o mais perto e o mais longe. E o mais perto e o mais longe não se lê no calendário, mas dentro de nós.» (Estrela Polar, pág. 48). Ou ainda «Clara fala-me da entrevista a fazer ao V.F., não me apetece ouvir. Qual o sentido afinal dos seus livros? não quero saber. Vai dizer-lhe que o absoluto e a inquietação e a redenção da vida e a liquidação difícil dos deuses e o fim de uma cultura de milénios e o salto mortal do cristianismo para não sabe o quê — não quero ouvir, agora não. Quero apenas estar aqui depois de um dia ardente. Depois da iniciação das águas, da abundância da sua fertilidade.» («Até ao fim», pág. 271). Através do encontro a sós com a morte da sua continuidade, a purificação das águas. Através do monólogo num diálogo forçado com o morto ausente/ presente/ filho, a viagem pelo passado interior como um Deus justificando-se perante a Anunciação tão referida na capela e Única testemunha deste separar das águas entre a Vida e a Morte para «a vida inteira dentro de mim». Na Estrela Polar do Espaço invisível uma interrogação ainda: «Mas quem é que consegue dizer de que trata um romance, mesmo depois de o conhecer?» Editora Bertrand.

Fátima Murta

A Malta do 2.º C

Uma turma composta por alunos que, entre si, cultivam os seus sonhos é o tema de «A Malta do 2.º C» de Catarina da Fonseca. E, como tal, cada elemento se apresenta com as marcas da sua personalidade, numa relação aberta entre professores e alunos.

Ora, esta animada comunicabilidade do 2.ºC, imediatamente, se apresenta reveladora de uma escola onde é agradável estar. Que dela faz uma escola especial. Ou seja: misteriosa e mística. Libertadora e formativa. Porquê? Devido ao professor de Trabalhos Manuais que canta nas aulas. Devido à professora de Português que os manda escrever o que lhes apetecer desde que componham as «frases com tudo no lugar, verbos, adjectivos, modificadores, essas tralhas, (...)». Desde que não a chateiem quando se tornam insuportáveis através de um questionar onde prevalecem as suas vivências imaginadas. Devido à professora de Matemática que aprecia o lazer de um passeio até à floresta, embora os faça trabalhar. «Apesar de mandar problemas a mais nos trabalhos de casa». Devido à professora de Ciências, cujas experiências só são demonstradas porque ela vicia as esperadas leis biológicas: «Dez minutos depois, quando já era bem claro que as leis da Biologia não se aplicavam às rosas do Pé-de-Galinha, e àquela em particular, lá se resolveu a dobrar o pé da rosa, acrescentando que, de vez em quando, uma pequena ajuda era necessária para o bom sucesso da experiência.» Devido à D. Isabel, a substituta dos professores doentes que acredita no fantasma do reitor Simões e os ouvidos dos alunos delicia com esses relatos assombrados: «E numa semana o reitor Simões substituiu as árvores, os sintagmas, os emissores e os receptores (...) (...). E o reitor Simões nascia de cesariana, aprendia a dizer «República» e «Constituição» aos onze meses (...)». Devido a toda uma afectividade exteriorizada (leiam-se, por exemplo os capítulos 3, 21, 26, 24 e 33) durante os espaços lectivos.

Frequenta uma escola especial *A Malta do 2.º C. Uma escola que, e uma vez excluídos os seus aspectos fantásticos, deveria ser a nossa. E não é! Não pelo autoritarismo assumido pela maioria da classe docente. Pela falta de compreensão que revela face aos voos desestabilizadores (e próprios da idade) dos discentes. Pela forma como sente o quão pouco dignificante é o seu estatuto na nossa sociedade.*

De facto, não me surpreende que existam estes professores. Seres cansados são os mais jovens na sequência do infinito vagabun-

cont. na pág. 5

DOCUMENTOS INÉDITOS EXISTENTES NA BIBLIOTECA NACIONAL

Ernesto do Canto

Maria José Marinho

OS Canto, de S. Miguel, pertenciam a uma família que se orgulhava de nobres pergaminhos e cujas raízes mergulhavam num passado longínquo. Alguns diziam-na até originária de um ramo inglês dos Kant que se haviam fixado na Galiza, passando depois a Portugal.

Note-se, contudo, que o topónimo Canto é vulgar no nosso país. Américo Costa, no «Dicionário Corográfico de Portugal Continental e Insular», regista 33 lugares com esse nome. Só na região de Guimarães, donde os avoengos dos Canto partiram para a Terceira e daí para S. Miguel, existem 7 localidades assim designadas.

A ilustre ascendência desta família ostentava várias estrelas de 1.ª grandeza··· Houvera um Pero Anes do Canto, fidalgo da Casa Real que se notabilizara em Arzila e a quem o rei, por isso, dera mercê. Ou então uma sua neta, D. Violante do Canto, ardente defensora dos direitos ao trono de D. António, Pior do Crato. Quando este, depois da derrota de Alcântara se refugiara na Terceira, procurando nela um baluarte contra a torrente espanhola, ela entregara-lhe toda a avultada fortuna para ocorrer à despesa das campanhas. A genealogia familiar também referia um piedoso varão, Frei Miguel do Canto, prior dum convento em Ponta Delgada que se notabilizara na renhida polémica contra os heréticos sigilistas, durante o século XVIII.

Este Ernesto do Canto (1831-1900) de que hoje transcrevemos uma carta escrita a Jaime Batalha Reis, era um dos filhos do morgado José Caetano Dias de Medeiros e Canto, um dos grandes proprietários de S. Miguel no princípio do século XIX. Nessa época, como nos explica Sacuntala de Miranda no seu trabalho «O ciclo da laranja e os Gentlemen Farmers da ilha de S. Miguel», uma das grandes riquezas da ilha consistia na produção de laranja exportada para o estrangeiro. À volta de Ponta Delgada os laranjais estendiam-se pelas encostas, frescos e perfumados. Só este concelho contribuía com 48% para toda a produção de S. Miguel. Sá da Bandeira, no «Diário» que escreve, em fuga de Portugal após a tomada do poder pelos miguelistas, conta que em 1829, quando esteve nessa ilha, até para a misteriosa e longínqua Moscóvia se faziam ao mar, todos os anos, dois e três barcos carregados de laranjas.

O morgado José Caetano, como mais simplesmente o conheciam, além de grande proprietário e exportador de laranja, era um homem dada às letras, muito lido e que deixara alguns curiosos apontamentos sobre a chegada de D. Pedro IV a S. Miguel.

O nosso morgado estava especialmente bem colocado para as escrever: conhecido como liberal, com casa ampla e todos os cómodos necessários, fora a ele que a Câmara recorrera, em Abril de 1832, para alojar o imperial visitante que partira de Bel-Isle com destino a Angra, mas fora desviado para S. Miguel por uma violenta tempestade. Seria nessa casa, de resto, que se iria realizar o baile de despedida de D. Pedro, antes da partida para a Terceira. A ele tinham comparecido «84 senhoras ricamente ornadas e bem vestidas, todos os cônsules, chefes de corpo e autoridades civis», tendo ainda os convidados saboreado «chá ricamente servido com muitos doces e sangrias». Sua Majestade ficara tão satisfeito com as honras dispensadas que se conta que a certa altura da estada colocara uma rosa na botoeira do seu hospedeiro, acompanhando o gesto com uma gostosa promessa: «Por agora é esta a única condecoração que te posso dar···»

O filho mais velho do morgado, José do Canto (1820-1898), recebera educação adequada à posição social e económica de que o pai disfrutava. Mandado para o colégio de Fonteney-aux-Roses, ao tempo dirigido por um português, Frei José da Sagrada Família, aí ficara dois anos, transitando a seguir para Coimbra, onde durante mais dois anos frequentou o curso de Matemáticas, sem concluir o bacharelato. Tendo-se casado com uma rica herdeira de S. Miguel, passou a dedicar-se à administração dos bens e ao fomento económico e cultural da ilha. Foi um dos fundadores da Sociedade Promotora da Agricultura Micaelense, criador de 2 jardins botânicos com milhares de espécies que mandou vir dos quatro cantos do mundo, investigador bibliográfico, proprietário de uma famosíssima camoneana, autor de vários trabalhos, e, entre eles, do «catálogo da Colecção Camoneana exposto na Biblioteca de Ponta Delgada», durante o tri-centenário de Camões, em 1880.

Ernesto do Canto, seu irmão mais novo, bacharel em filosofia por Coimbra, dedicou-se à história açoriana, sendo de sua autoria muitos estudos sobre os Descobrimentos. Mas a sua obra mais importante, arrimo de todo o investigador que se interesse pela cultura dos Açores é a «Biblioteca Açoriana: notícia bibliográfica das obras impressas e manuscritas nacionais e estrangeiras, concernentes às ilhas dos Açores», em dois volumes, publicados em 1890 e 1900. Com seu irmão José do Canto fundou a importante revista «Arquivo dos Açores», tendo sido o grande animador e principal esteio dela.

Em Dezembro de 1885 enviara a Jaime Batalha Reis, para Inglaterra, um caixote com duas colecções da referida revista. Uma destinava-se ao amigo e correspondente e outra à Royal Geographical Society de Londres, onde soubera que não existiam exemplares desta obra.

Embora já muito doente na altura em que escreve ao nosso cônsul em Newcastle, ainda terá forças para vir à Europa tentar tratamento para os males que o afligiam. E mais uma vez nos admiramos com a forma expedita e aparentemente fácil com que as pessoas neste século de oitocentos se deslocavam, mesmo a grandes distâncias!

S. Miguel, 4 Março 1896

Ilmo. e Exmo. Sr.

Agradecendo o favor de V. Exa. de 26 de Janeiro último, e suas frases lisonjeiras para mim, tenho a dizer-lhe que o testamento de Pero de Barcelos a que aludi na pág. 530 do vol. XII do **Arquivo**, infelizmente não era o que se esperava! Tive-o em meu poder mas era de data mui posterior, 1569, e de um neto do navegador, filho do Diogo, de que tala o documento da página 529. Unicamente o que apurei dos papéis da família, foi que Pero de Barcelos (1.º) morrera em 1497 e sua mulher Inês Glz (sic) Machado em 1513.

Quanto ao **Arquivo dos Açores**, morreu definitivamente, pois em consequência, não de falta de assunto, mas por falta de saúde, falta que tem aumentado a ponto de actualmente quase não me permitir trabalhar à banca, em consequência de uma doença de bexiga e de quase constantes hematurias.

A Camoneana de que falou a V. Ex.ª o seu amigo Conservador do Museu Britânico não é minha, mas sim do meu irmão (mais velho) José do Canto, que apesar dos seus 76 anos ainda tem a robustez necessária para levar a cabo tal empresa, em que dispendeu grande força de paciência e de trabalho!

Por incidente fala-me V. Ex.ª de Mr. Hiburton que ofereceu há 2 anos alguns números do **Arquivo** ao **British Museum**, tive prazer de ouvir, que aquele simpático e curioso indagador, ainda então vivia, apesar dos cruéis sofrimentos que o atormentavam, já em 1884, quando aqui esteve. Conservo dele as mais simpáticas recordações e julgava que há muito teria sucumbido!

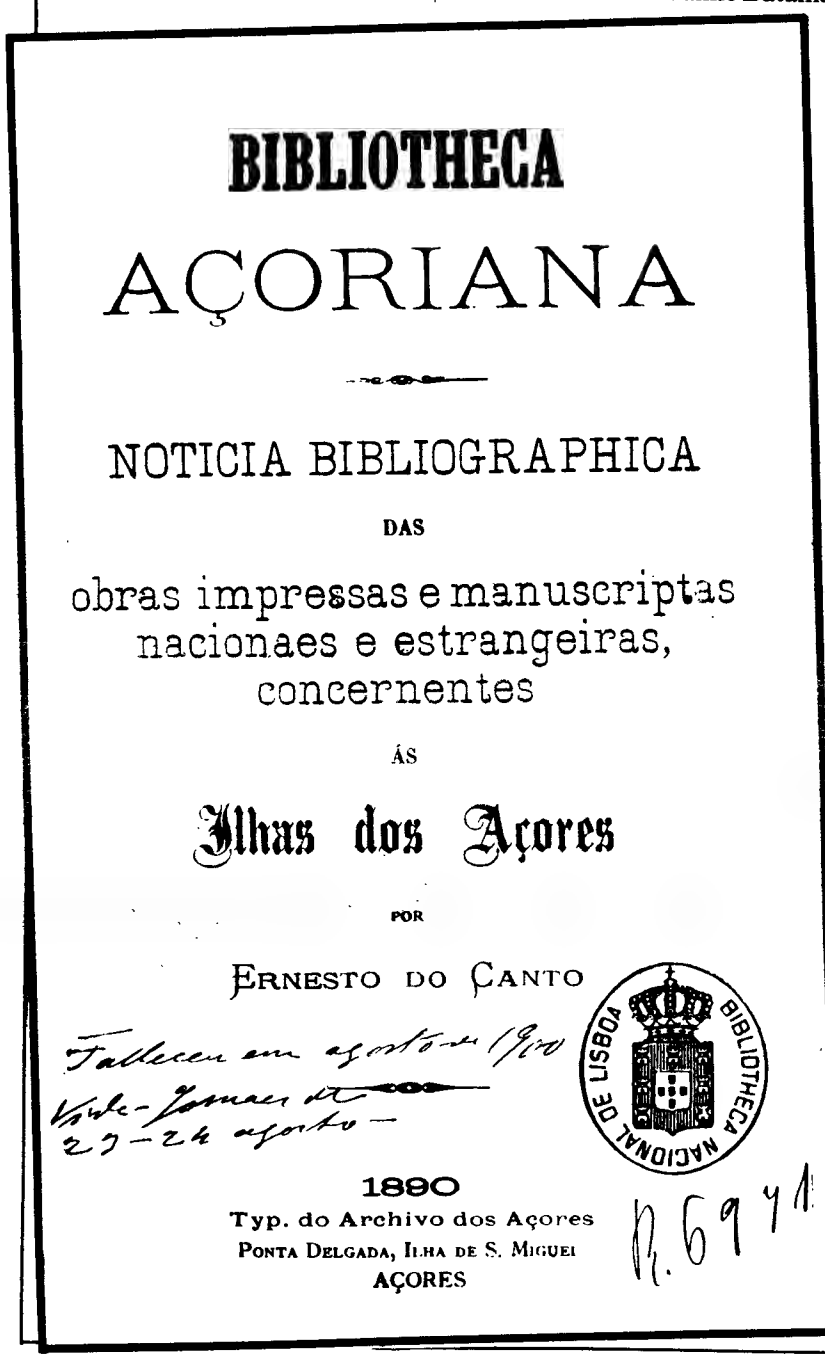
Pronto sempre para o serviço de V. Ex.ª em tudo o que possa prestar-lhe, com todo o prazer satisfarei sempre quaisquer esclarecimentos de que V. Ex.ª careça, sou com elevada estima.

De V. Ex.ª

Muito atento e obrigado

Ernesto do Canto (*)

(*) Espólio Jaime Batalha Reis, Esp. 451/53


BIBLIOTHECA

AÇORIANA

NOTICIA BIBLIOGRAPHICA

DAS

obras impressas e manuscriptas nacionaes e estrangeiras, concernentes

ÁS

Ilhas dos Açores

POR

ERNESTO DO CANTO

Fallecen em agosto de 1910
Vide - Jornaes de
27-24 agosto -

BIBLIOTHECA NACIONAL DE LISBOA

1890

Typ. do Archivo dos Açores
PONTA DELGADA, ILHA DE S. MIGUEL
AÇORES

R. 6941

LIVRARIA OLISIPO

Livros antigos
Gravuras
Compra e Venda

Deslocamo-nos a qualquer ponto do país

Lg. Trindade Coelho, 7
☎ 36 27 71 – 37 35 60
1200 LISBOA

Por uma nova equação no campo das letras

cont. da pág. 1

nem uma soma inferior a 180 graus. Como...? Fechando os segmentos de dois meridianos com um segmento **convexo** do equador. Certo...? Estas são, pois, as somas em graus não contempladas pelos postulados euclidianos.

Quer–nos parecer que semelhantes triângulos (ora com mais, ora com menos graus) dariam outras possibilidades aos trios amorosos da Literatura (de uma certa literatura). Se, efectivamente, encararmos os 180 graus como o símbolo de um impasse (tradicional, por assim dizer), é ou não verdade que poderíamos desenvolver as situações amorosas (e não só essas) através de um outro cômputo, de outras perspectivas, de outra medida...? Através, enfim, de outros graus de compreensão...?

Não nos fixemos muito na leve ironia que tinge as palavras acima ditas, e encaremos antes as possibilidades que a Ciência abre à Literatura. Quais são, em resumo, essas possibilidades...? Atentemos que o alquimista há muito já que saíu do seu antro, exibindo na praça pública as suas retortas, os seus elixires, os seus metais -e que o sábio, o cientista, nos surge como um dos personagens mais importantes e decisivos do nosso tempo.

Um choque abalou (e abala) os valores tidos por mais seguros -e isso porque a ciência, a metodologia científica, a economia, a investigação exaustiva, etc., se imiscuíram nos mais diversos domínios da vida. E não é só a curiosidade de conhecer mais e mais que nos deve espantar e fazer–nos ficar num «Oh...» de prolongada admiração: o

«Retrato Feminino» (Giuseppe Primoli): será possível a «heroína» solitária...?

que nos deve convencer que somos já outros são as descobertas que se sucedem sem trégua, atingindo–nos no mais profundo do nosso destino. Já estivemos na Lua -e, de quando em quando, permanecemos longos períodos em laboratórios espaciais. A nível científico, estamos constantemente a ser outros, mais complexos, mais pormenorizados, mais claros. Somos, por conseguinte, outras figuras que exigem um outro tratamento pelos que se dedicam à Literatura.

Caso queiramos estar na posse das fracções da aventura do pensamento humano, não podemos encolher os ombros perante, entre outros, os nomes de Einstein (Teoria da Relatividade), Maxwell (Teoria Electromagética da Luz), Max Planck (Teoria dos Quanta), Niels Bohr (o indeterminismo ou a probabilidade no campo da Física), Fermi (desintegração dos átomos pelos neutrões), nem tão pouco menosprezar os daqueles que, por exemplo, no campo da Biologia (2), chegaram à conclusão de que um ser vivo já não representa uma simples associação de orgãos de funcionamento autónomos, sendo antes um todo em que as partes dependem umas das outras e em que cada uma desempenha uma função **particular** no interesse **geral**. (Se tomarmos, na devida consideração, esta noção de interdependência que a Biologia nos proporciona, como poderemos nós aceitar racionalmente a figura **individual** do herói da Literatura -de uma certa literatura- tradicional...?)

Porque, bem vistas as coisas, a criação científica já não é um contentamento individual íntimo, uma auto–satiusfação eufórica -e sim uma força que não é mais o privilégio de alguns indivíduos, mas de milhões de pessoas. A mesa do laboratório, a mesa da investigação, os mapas da Economia noutra perspectiva, são os locais onde se desenvolvem as mais desencontradas lutas, onde, enfim, o choque das ideias actua muitas vezes sobre o processo histórico. E só a banca da Literatura, as solitárias secretárias dos escritores (de certos escritores), é que se afastam, muitas vezes, desse convívio internacional, limitando–se a receitas velhas, com diminutas inovações, com um ou outro achado, irracionalmente se divorciando, num fundo de mera e vã alquimia, das figuras que estão sempre surgindo no permanente diálogo que a pesquisa trava com o conhecimento já adquirido. O espírito inerente a essas novas figuras, se aproveitado, daria um outro alento à Literatura, isto é, aproximá–la–ia da realidade universal em que estamos inseridos. Tocaria o leitor com os dados da surpresa que só o novo proporciona.

Demoremo–nos, para explicitação do acima exposto, na noção de Espaço. Suponhamos que o Espaço é a casa que habitamos. Pois bem: pelo simples facto de habitarmos esse espaço -modificamo–lo! Modificamo–lo tal como os corpos celestes modificam e recriam o espaço em que gravitam, como provado ficou por Einstein e seus continuadores... Ora vejamos essa modificação a nível do quotidiano: o nosso corpo abre janelas, exterioriza–se numa varanda, ergue a chaminé da nossa cozinha. Até a planta de um vaso que cresça em nossa casa exige a luz do Sol -e é por isso que teremos de rasgar uma abertura que a ilumine da raiz à flor. Mas se o espaço depende dos corpos celestes (ou do nosso corpo a nível quotidiano), todos os corpos (celestiais ou o nosso) dependem também do espaço. E isso porque o ciorpo só existe, só introduz modificações, só rasga janelas, só modifica os campos gravitacionais, caso o espaço exista também. Isto é (e já vimos tal na Biologia): espaço e corpos são interdepentes. Onde pois poderão ter cabimento «situações» na Literatura fora deste contexto...?

Ora é este paralelismo entre o

Pintura de Paulo Cunha (Galeria Restaur

postulado do esdpaço científico e o espaço quotidiano que, na maioria dos casos, a pena da Literatura (de certa literatura) não sabe conciliar. E outros postulados há (como, por exemplo, o de Tempo, o da concepção cilíndrica do Universo, o de mais–valia, o de antimatéria, etc.), que, se devidamente conhecidos e utilizados, dariam um outro fôlego à Literatura, outras páginas, outra novidade. Não se trata (assentemos bem nisto) de literatura de ficção científica, por muito interessante e louvável que este ramo literário também seja. Trata–se, sim, de uma Literatura que antes nos apresente o homem a uma outra escal na plenitude da sua insetrção no Universo.

Se a Literatura tradicional diz **«Quem tem boca vai a Roma»**, que a Literatura de hoje pro-

INÁCIO MATSINHE

• ATELIER PINTURA • CERÂMICA • EXPOSIÇÕES

VENDA DE ARTE AFRICANA

••• GRELHA – SALADAS E VINHOS

PETISCOS AFRICANOS

COM VISTA PANORÂMICA SOBRE O TEJO

MESA FAMILIAR (PRIVADO)

MARCAÇÕES P/TEL.: 87 72 38-86 80 52

ABERTO DAS 12 ÀS 24 H

ENCERRADO À 2.ª FEIRA

SÁBADOS DAS 15 ÀS 17 H

SESSÃO DE OLARIA PARA CRIANÇAS

RAMIRES

ESCADINHAS DO ARCO DA D. ROSA, 7

ENTRADA PELO PÁTIO DOS REMÉDIOS, À RUA DOS REMÉDIOS

ALFAMA

E=MC2

...ioti-
...tiais
...n do
...o só
...ões,
...a os
...s es-
...vi-
...cor-
...pois
...ões»
...o...?
...re o

clame «**Quem tem números modifica as letras...**» Porque, ao fim e ao cabo, tudo se resume a saber contar as coisas (um, dois, três, mil, um milhão...) no mais íntimo das suas estruturas, na mais–valia das suas potencialidades, nas medidas interdependentes de uma nova Geometria. Novos métodos, em suma, apoiados no **racionalismo possível**, expressão tão depreciada por alguns que, sem pejo, a confundem com

...a Restauração)

...e o | **esquematismo cómodo**. Mas
...ioria | não: o trabalho aplicado do pensa-
...a (de | mento, a lógica até aos últimos ex-
...iliar. | tremos, não excluem de modo ne-
...por | nhum as emoções, nem a força da
...on- | razão (e ainda bem) exclui a dúvida.
...o de | Pelo contrário: a dúvida é que se
...etc.), | transforma em dogma, em esquema
...los e | gasto, quando se não procura ir
...llego | mais além. **A dúvida é o pão da razão**, desdobrando a realidade, ofertando–nos mais ser. É necessário um salto que leve a Literatura (uma certa literatura) a outros mundos existentes na Terra dos Homens, no veículo do amor, do movimento, de uma linguagem nova que verdadeiramente seja a nossa casa.
...butra
...emos
...cção
...nte e
...rário
..., de
...pre-
...ca...
...o no

...l diz
Ro-
...pro-

---

(1) Albert Einstein/B. Kuz netsov
(2)A Lógica da Vida François Ja cob

O admirável David Byrne

Entre as vedetas da música *rock-pop,* das que alcançaram, para além das vendas milionárias e da consequente posição de privilégio no mundo do *show-business,* **a reputação de produto cultural,** *David Byrne* **constituem um inquestionável exemplo de qualidade. No conjunto estelar, normalmente dominado por factores de marketing, ele surge com o fulgor do diamante, cujo valor está afiançado por uma obra invulgar e multifacetada, que o converteu em algo de muito precioso. Distingue-se da constelação, tem um brilho verdadeiro e, portanto, inconfundível, ofuscando as cintilações enganadoras dos que são apenas lantejoulas.**

Caso paradigmático do espírito dos anos oitenta, de uma geração que encara a vida com o máximo de realismo, e que se move de acordo com uma perspectiva nitidamente individualista, soube construir uma imagem sedutora e convincente. Isso acarretou-lhe um prestígio a que não é alheia a etiqueta de *seriedade,* o único parâmetro fiávle neste império do trivial que tem suscitado, em certos sectores do pensamento, críticas indignadas e apocalípticas lamentações. Independentemente dos *Talking Heads,* grupo que emergiu na cena musical dos Estados Unidos, em 1975, numa situação secundária, que foi a de servir de suporte a um concerto dos *Ramones,* David Byrne é um personagem admirável.

É, portanto, de aplaudir a edição de *Pontos de Vista,* uma compilação bilingue das poesias ou letras de *David Byrne* que agora apareceu no mercado do livro. Título lançado pela *Assírio & Alvim* e incluído na sua colecção *Rei Lagarto,* criada precisamente com a finalidade de divulgar o lado literário das personalidades que se implantaram, com lógica, no firmamento da música dita ligeira. Deste modo, o fundador dos *Talking Heads* vem engrossar a lista, na qual sobressaem nomes como os de Ian Curtis, Jim Morrison, Patti Smith, Leonard Cohen, Neil Young, Bruce Springsteen, David Bowie, Lou Reed e ainda os portugueses Zeca Afonso e Sérgio Godinho.

Pontos de Vista revela-nos uma poesia directa, apegada à realidade urbana e, por outro lado, intimista, que introduz o leitor no território da desesperança e de um certo desconforto social. Sobretudo no âmbito dos códigos. Que induz ao cepticismo, ao desencanto. *Topem o sr., Homem de Negócios/ Oh, oh, ho/ Comprou uma vida brava, brava/ A caminho da bolsa de valores...* Fala-nos do quotidiano cinzento, das cidades desumanas, do amor inexistente, do caos dos desnivelamentos económicos, dos «media» que uniformizam tudo, de criatividade. Trata-se de uma poesia descarnada que contém alguma dose de cinismo e também de humor. Evidentemente que as letras sem mais nem menos, fora do contexto da música, resultam pouco interessantes, embora assumam um papel significativo para a compreensão do fenómeno *David Byrne.*

Este tipo magrizela e de tez pálida, nascido na Escócia, toca várias teclas da expressão artística, comporta uma carga diversificada de talentos, que abarcam a escrita, a pintura, o cinema, o ballet, a música. Aliás, ele não pára de nos surpreender: um dos seus últimos rasgos que nos deixou perplexos foi a inteligência com que concebeu o filme *True Stories,* rodado no sul dos Estados Unidos, e que nos conta histórias verdadeiras de gente comum. Dá-nos um retrato gozadíssimo da América de Reagan. Em tons cor-de-rosa, de um mau gosto incrível. Pode-se ver ali, através das imagens, dos objectos que decoram os interiores, do discurso, uma crítica fria e implacável.

Em 1976, os *Talking Heads* assinaram um contrato com a *Sire Records* que lhes permitiu gravar *Loves goes to a building on fires,* o primeiro single. Ainda eram um trio que, no ano seguinte, com o recrutamento de *Jerry Harrison* passou à categoria de quarteto. Já nessa condição, Cris Frantz, David Byrne, Martine Weymouth e o quarto elemento que veio reforçar a secção rítmica do grupo, saem-se com *Talking Heads 77,* álbum que a crítica logo catalogou de *new-wave,* estilo muito em voga na época. Mas o que, efectivamente, se converteu num êxito popular foi a canção *Psyco Killer* que relata a loucura de um matador.

A música dos *Talking Heads* evoluiu para um modelo mais quente, depois da incorporação dos sons africanos, tornando-se mais dansável. Em 1980, atinge a consagração junto de largas massas com *Remain in light,* ao que se segue um reflexo de reflexão, talvez ditado pelas más relações entre *David Byrne* e os restantes componentes do grupo. Sozinho, editou *Catherine Wheel,* música feita para uma coreografia de *Twyla Tharp* e gravou *My life in the bush of ghosts,* fruto da parceria com *Brian Eno.* Fora do grupo colaborou ainda na obra teatral *Civil Wars,* compondo uma banda sonora que muitos críticos consideram desastrosa. De resto ninguém aguenta os intermináveis espectáculos, de longuíssimas horas, de Bob Wilson.

Lourdes Féria

A Malta do 2.º C

cont. da pág. 2

dear de terra em terra. Solitários nas paisagens geográficas e humanas que não vale a pena conhecer por ser efémero (tem a duração de um ano lectivo) o seu estar. Incómodo do ponto de vista económico e físico — a maioria vive em quartos emprestados a troco de dinheiro e aprende a aridez do coabitar com gente-nem-sempre-bem-formada. Compreende ser a dura lei do sobreviver que desumaniza esses inquilinos. Compreende e, contudo, torna-se impaciente nas aulas. Indiferente!

Como pode estar para aturar as traquinices dos alunos a professora que, ao regressar a casa, tem de preparar as refeições? Cuidar da casa e dos filhos? Dar umas explicações porque?

Como pode ser um escutador dos alunos o professor que além de leccionar na escola o faz no colégio?

Romanescamente A Malta do 2.º C tem a escola especial. Ideal. Por isso, é de encantar a livre expansão dos alunos. De um modo em que o riso eclode com a frescura e a sonoridade das quedas de água do Niágara canadiano. E digo frescura e sonoridade de quedas de água porque são límpidos os seus membros. Intempestivos no seu espontâneo inteligir tão sensível. Atente-se na forma como reagem à doença da Outra (a professora de Português), ao esqueleto Magalhães, à galinha Filipa, ao cão Birinhas, à menina Branca e à Dó-do-Senhor.

Quem são estes alunos do 2.º C?

Rosalina, a eterna perdida de sala, que «acredita» ter sido raptada aos pais-reis algures; Flávia, a defensora da existência na sua árvore genealógica de uma mulher fugida aos franceses e que é a responsável do seu nome; Alzirinha, a apaixonada de Camões e de futebol. Do «setôr» de Ginástica; Pilha-Seca, sempre em diálogo com a rádio-pirata de Galinheiros; Ezequiel, o bom aluno que, pelo facto de estar com a mão no ar quando havia perguntas, dava à aula «um ar internacional de Estátua da Liberdade»; Luzinha e a sua vocação pietista; Cristóvão, o marciano por ser careca. Ter paixão pelas rosas em cujo interior afirma estarem pés-de-galinha;; João Nuno que vive com um tio que foi pirata e que alberga a galinha Filipa; Zé-Pedro e a narradora. Jovens cultores das suas próprias fantasias, defensores das suas opiniões (veja-se como reagem à proposta da professora de Música nos capítulos 20, 21 e 22), estes membros têm alegria de existirem. Intelegem a realidade brincando. Por isso, a Outra é encarada de um modo especial.

O que tem de extraordinário este livro de Catarina da Fonseca? A escrita escorreita. A palavra viva e irrequieta. Ordenadamente distribuída por capítulos curtos. Plenos de humor. De um humor onde a crítica social se expande com leveza.

Tem de especial o ser um texto distinto dos habitualmente incluídos na literatura infantil de minha preferência. Ou seja: uma inovação envolvente (confesso que lendo-o a desoras dei comigo às gargalhadas) neste espaço deslumbrado que para mim é o verbo realista e sensível na sua dinâmica positiva de Alice Vieira. Foi e será se excluir o *Às Dez a Porta Fecha* que me parece nublado pela perda de optimismo. Por uma mimésis, talvez (sublinho talvez porque ainda não fiz a experiência da sua leitura com os meus jovens alunos de Português) não tão operante nos mais novos. Neste espaço (repito) aprazível que para mim são as aventura de Ana Maria Magalhães e Isabel Alçada.

É *A Malta do 2.º C* um outro respirar na escrita para os mais novos. Contagiante na sua diferença!

Ana Paula Portugal

Arganil, 1988/Paris, 1954

Alberto da Veiga Simões

– um centenário prematuro?

Num ano tão fértil em efemérides, como o é este de 1988, facilmente poderá passar despercebido o centenário do historiador escritor e político Alberto da Veiga Simões.

Nada, porém, mais injusto que esquecer este arganilense que desempenhou um papel extremamente activo na vida política e cultural do País durante toda a primeira metade do século

Neste pequeno texto, que apenas pretende avivar memórias, abordarei sucintamente as três vertentes principais da acção de Veiga Simões, já que em devido tempo (por iniciativa da Câmara Municipal de Arganil está já constituída a Comissão Nacional que presidirá às comemorações do centenário) será certamente possível um maior conhecimento da vida e da obra do autor de *A Nova Geração.*

Primeiro o escritor e o crítico: Veiga Simões foi um autor precoce que editou aos dezasseis anos o seu primeiro título. Com vinte anos redigiu para publicar dois anos depois *A Nova Geração. Estudo sobre as tendências actuaes da litteratura portuguesa,* obra de surpreendente maturidade intelectual onde aborda o problema da decadência cultural do País e percorre criticamente a literatura portuguesa desde a então recente geração de 70 até aos novíssimos Augusto Gil, Correia de Oliveira ou Teixeira de Pascoaes, e aponta pistas para a regeneração da literatura pátria.

Não admira, portanto, vê-lo com apenas 22 anos a colaborar na revista *A Águia,* órgão da Renascença Portuguesa, dirigida pelo mesmo Teixeira de Pascoaes.

Bem vistas as coisas, não será inteiramente acertado separar em Veiga Simões o escritor do homem público ou do político (em sentido restritivo. A decadência cultural entende-a como fruto, afinal, da própria degenerescência do sistema político, eis o que já apontava em *A Nova Geração:*

«A política portuguesa é hoje a pequenina confraria onde os mais velhos dão a mão aos novos — que amanhã por seu turno hão-de ajudar os outros a subir. A subir não por serviços prestados ao País, mas por relevantes trabalhos ao partido.»

Este é já o Veiga Simões republicano, que será, em 1921, por duas

vezes, ministro dos Estrangeiros em governos presididos, respectivamente, por Manuel Maria Coelho e Maia Pinto, e, em 1923, um dos fundadores do Partido Republicano Radical, que se propunha manter o verdadeiro espírito republicano, civilista e laico.

Licenciado em Direito pela Universidade de Coimbra, entrou em 1911 para a carreira diplomática. Da sua passagem por Coimbra deixou testemunho satírico em «*Elegia da Lenda.* Livro das Saudades, escrito por Veiga Simões estudante que foi na cidade de Coimbra», como diplomata exerceu funções no Brasil, Viena de Áustria, Praga, Budapeste, Bruxelas e Berlim. Nesta última cidade, onde permaneceu entre 1933 e 1940, foi testemunha ocular e privilegiada da consolidação do nazismo e dos preparativos da Segunda Guerra Mundial e os relatórios oficiais que daí enviou (que será feito deles?) poderão constituir um importante contributo para o estudo do fenómeno hitleriano.

A circunstância de residir em tão importantes capitais europeias e de poder fruir dos mais importantes arquivos históricos do velho mundo, impulsionaram-no para o estudo da história: em 1931 é vice-presidente da Comissão das Grandes Descobertas, e nesse mesmo ano representa o nosso país no Congresso das Ciências Históricas de Budapeste.

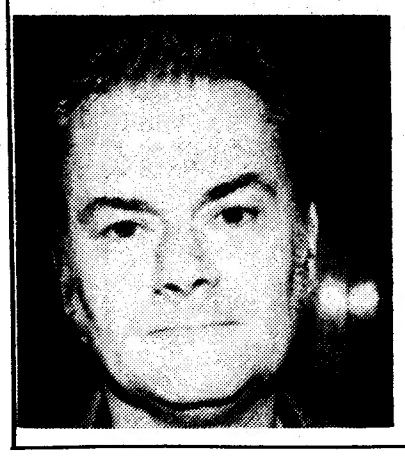
Sem chegar a produzir os trabalhos de grande fôlego que a sua real capacidade e formação indiciavam, deixou-nos, ainda assim, alguns importantes estudos de quer Vitorino Magalhães Godinho destaca dois, na sua entrada sobre Veiga Simões no *Dicionário de História de Portugal:* o capítulo sobre «O Infante D. Henrique» com que contribuiu para a *História da expansão portuguesa no Mundo* (1937) e o ensaio *Portugal, o ouro, as descobertas e a criação do Estado capitalista* (I Congresso da História da Expansão Portuguesa no Mundo, Lisboa, 1938).

Na referida entrada do Dicionário de História de Portugal, Magalhães Godinho revela um enorme apreço pela obra histórica do autor de *Elegia da Lenda,* ao mesmo tempo que lamenta a falta de acesso ao espólio de Veiga Simões: «Repetidas vezes disse que tinha efectivamente concluídas a *História do Infante D. Henrique* e a *História do Infante D. Pedro,* bem como o primeiro tomo, que ia do século III ao VIII, de uma *História social da Península,* destinada a iluminar e a sevir de alicerce àquelas duas; mas, conquanto pareça que sabe do paradeiro (em Paris) dos manuscritos de V. S. (figurarão essas obras entre eles?), têm resultado vãs as tentativas para abrir acesso até eles; ora a sua não publicação prejudica irremediavelmente o estudo do Portugal quatrocentista e seus antecedentes.»

Passaram-se os anos sobre esta observação do mais prestigiado historiador português contemporâneo, terão porventura desaparecido as barreiras políticas que impediam o acesso ao espólio, mas tudo continua como antes. A obra de Veiga Simões está ainda por organizar e publicar; os manuscritos, se existem, continuam silenciados.

A catorze anos de Abril, terá este centenário chegado cedo de mais?

António Apolinário Lourenço



Nova ficção de Vitório Káli

Vitório Káli, pseudónimo literário de Mesquita Brehm, ganhou no ano de 1980 o Prémio Círculo de Leitores com a obra «Jánika – O Livro da Noite e do Dia». Autor também de outras obras. Agora, eis «Tupáriz», livro sobre o qual nos pronunciaremos oportunamente. Capa de José Antunes, sobre pintura de Brueghel.

Notas & Comentários

Traduções: Castro e outros

LIDO há tempos nos jornais: o autor português mais traduzido em Espanha durante o ano de 1987 foi Ferreira de Castro.

Naturalmente, não se lê isto sem alguma surpresa. A projecção da literatura portuguesa no Estado vizinho é conhecida, mas associam-se-lhe geralmente dois nomes: Fernando Pessoa, José Saramago, e serão estes — mais Miguel Torga, talvez, mais Eugénio de Andrade, porventura, — os nomes que qualquer leitor espanhol da média para cima refere, se acaso se lhe perguntar que autores conhece da literatura portuguesa. Outros nomes poderão ocorrer ainda. O de Ferreira de Castro, talvez não. Ou julgaríamos nós que não.

E, no entanto, em 1987, do autor de **A Selva** saíram em Espanha nada menos de seis livros, ou títulos — enquanto que de Fernando Pessoa saíram apenas quatro, e de Saramago e Miguel Torga não mais de três.

O número de títulos não é, só por si, indicativo seguro: mais significativas seriam as tiragens, as vendas, etc.

De qualquer forma, a primazia dada por Espanha — pelos editores espanhóis, pelo menos, e talvez também pelos leitores espanhóis — é interessante e deve ser assinalada, no mínimo.

Durante duas ou três décadas, Ferreira de Castro foi, pelo menos entre os vivos, o autor português mais divulgado no estrangeiro. E, pelos vistos, continua a ser.

Miguel Barbosa: pintura em França

Aqui há alguns meses, em Marselha, numa galeria chamada Laetitia, houve uma exposição de pintura do português Miguel Barbosa. Um que outro jornal português terá dado a notícia. Sem grande destaque, todavia.

Esperar-se-ia mais, embora esse pouco (quase nada) não surpreenda. Não é todos os dias que um pintor português mostra o seu trabalho no estrangeiro, e nem todos os pintores portugueses o conseguem sequer uma vez. É certo que Miguel Barbosa não é um nome muito conhecido como pintor. Pelo contrário, ele é conhecido como escritor, não como pintor. Mas, justamente por isso: não é todos os dias que um escritor português mostra o seu trabalho de pintor, nem em Portugal, ainda menos no estrangeiro. E só isto justificaria interesse, ou pelo menos curiosidade — da parte dos jornais portugueses.

Não conheço a obra do pintor, mas conhecemos a obra do escritor, pelo menos uma boa dezena de livros dele nos domínios da novela, da crónica, do teatro, etc., neste etc. compreendidos os policiais sob o pseudónimo de Rusty Brown. É uma obra pelo menos interessante, e da qual, no entanto, pouco se fala.

Como curiosidade, assinale-se que parte desta obra está traduzida e publicada no estrangeiro. E, também como curiosidade, diga-se que um dos últimos livros do autor intitula-se **esta louca profissão de escritor.** É uma narrativa à volta de um conflito pessoal com implicações familiares (aquém e além de especiais, obviamente). Que conflito, e porquê, — o título, a esse respeito, parece suficientemente indicativo.

Adília Lopes em castelhano

Saiu há dias em Badajoz, Espanha, mais um número de **Anaquel,** «revista de criação e crítica», da Editora Regional da Extremadura.

A revista, que vai no seu número 6 e continua a abrir-se a Portugal e a portugueses, publica, desta vez, quatro poemas de Adília Lopes, um nome das mais recentes promoções da poesia portuguesa.

Os poemas são do livro **Um Jogo Bastante Perigoso** (salvo erro — que não o conhecemos — de 1985) e saem aqui em português e em castelhano. O castelhano é de Amador Palacios, este também um nome conhecido em Portugal, se não como poeta e crítico, pelo menos como tradutor e divulgador da poesia e de poetas portugueses.

Peregrinação

Mais um número, o 19, desta revista de «artes e letras da diáspora portuguesa». À primeira vista, avultam as reproduções, em policromia, e inúmeras, de pintores portugueses mais ou menos radicados no estrangeiro. Mas é o menos, e dir-se-ia que quase desempenham aqui uma função decorativa, pelo menos por conta de que os textos escritos parece serem o mais importante (sem prejuízo do valor das reproduções).

Do corpo textual avulta um trabalho nos domínios da psicossociolinguística titulado «Vacanças, Retretes e Companhia Limitada — o frantuguês tal qual o falamos».

«Frantuguês» é contracção de francês e português, e o artigo, como o título indica, tratado do falar dos portugueses em França. O autor, Mário de Barros Ferreira, é psiquiatra e vive em Paris.

Camões: os 15 mil réis

Dizem os livros que o rei D. sebastião atribuiu a Camões uma tença anual de 15 mil réis, em sinal de reconhecimento pelos seus talentos patenteados n'**Os Lusíadas.** E os livros acrescentam que 15 mil réis por ano era pouco: não bastavam para Camões sobreviver, ainda que ele não fosse homem de extravagâncias nos seus gastos.

Certamente que não, e teremos uma ideia aproximada disso se soubermos que um contemporâneo e amigo de Camões, também poeta, e importante, chamado André de Resende (ver **O Essencial sobre André Falcão de Resende,** de Américo da Costa Ramalho, publicado há dias pela INCM) foi juiz em Torres Vedras e, como tal, ganhava 40 mil réis anuais — quase três vezes mais do que tinha Camões de subsídio para sobrevivência. E Falcão de Resende chegou a queixar-se de que 40 mil réis era pouco.

Também qualquer coisa como 40 mil réis, ou equivalente, ganhava, mais ou menos na altura, um português radicado em Espanha, Jorge de Montemor, enquanto músico e cantor da Corte. Não consta é se o autor de **A Diana** se queixou de que era pouco e vivia com dificuldades. Mas, certamente, também não viveria com largo desafogo. Adiante.

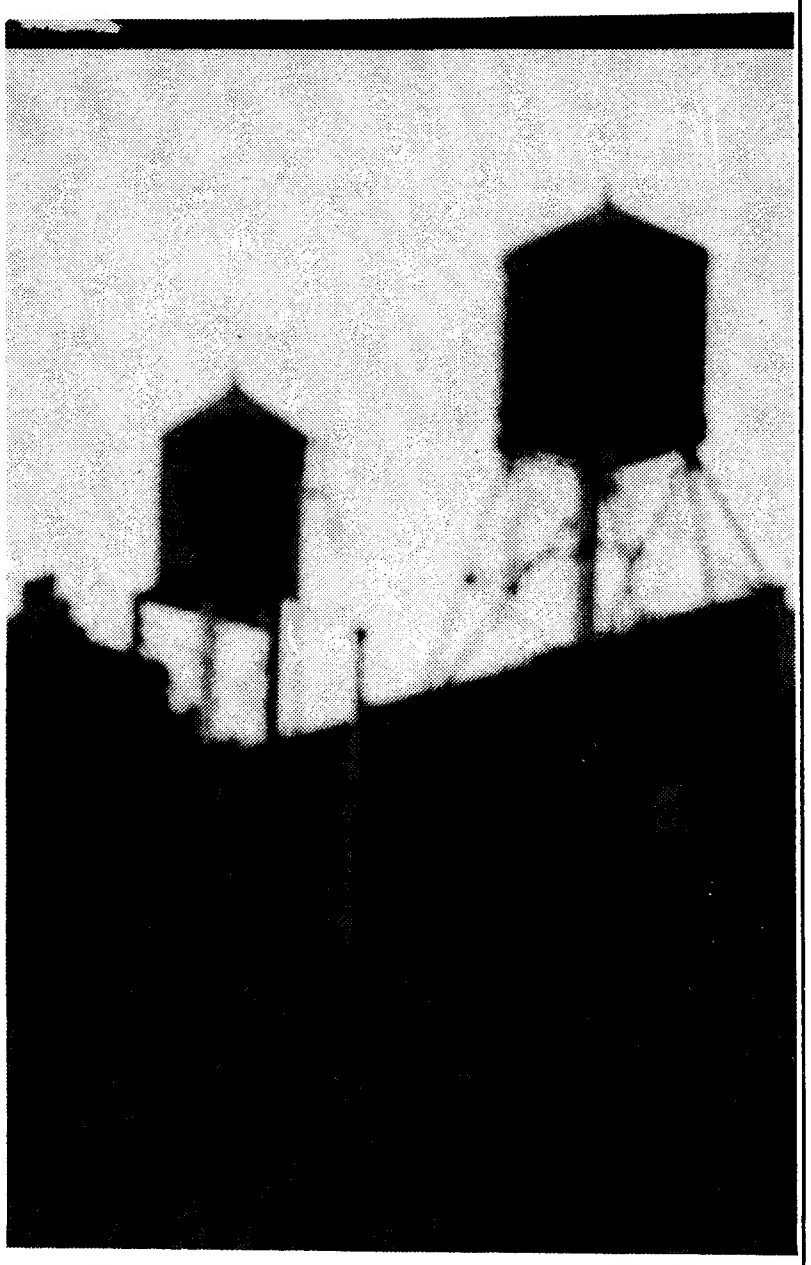
Por aqui se vê como não é só lenda a fome de Camões — expressão consagrada pelo irado furor verbal de um Gomes Leal, contra as instituições do Estado, aqui há cem anos, por altura do terceiro centenário da morte do poeta.

Além disto, que cada um se aperceba de que as coisas não mudaram muito em Portugal, em quatrocentos anos. É só vermos com que interessado apoio das instituições pode contar um poeta português hoje em dia.

Luís de Miranda Rocha

Seja o que for, apesar de tudo, aquela palavra linda assim

Hayden Carruth



ERA a época da sua mais forte migração, os gansos selvagens durante horas faziam soar a sua canção à noite sobre Syracuse, perto e longe, enquanto viravam rumo a Beaver Lake, para lá de Baldwinsville. Ouvíamo-los enquanto deitados fazendo amor e conversando, e várias vezes silenciosos só para os ouvir. «O que haverá neste som?» disseste, e porque me encontrava na minha costumada sombra com a realidade, respondi: «Qualquer coisa de não muito civilizado», sabendo logo que estava errado. Examinei a minha consciência. Apesar de nos amarmos sentia a pressão da casa fechando-se sobre mim, assim como a pressão das casas na vizinhança que pareciam mover-se contra mim no escuro, e a pressão de toda a cidade, e depois a pressão de todo o continente que eu via como os gansos selvagens devem vê-lo, um sistema de luzes coloridas rastejando na noite.

Sim, o McDonald's na estrada à saída de Casper, em Wyoming (de que me lembrava vagamente), estava-me pressionando. «Porquê permiti-lo?», perguntei a mim próprio. «É uma civilização terrível, é claro, mas quem sente a pressão és tu.» Era verdade. Ouvia o som no céu, e não sentia nenhuma disputa dentro de mim. O som era diferente de qualquer outro, indefinível, inominável — certamente não como uma canção, como dissera. Uma espécie de discurso, dizem os ornitologistas numa linguagem desconhecida para nós; um discurso complexo sobre algo completamente misterioso. Como é o grilar dos grilos na relva, e no entanto não é a mesma coisa! Nas grutas de Lascaux, disseram-me, os homens e as mulheres de Aurignac separaram-se dos outros animais, um trauma que tentavam diminuir pintando os espíritos animais sobre a pedra. E os gansos passam sobre as nossas janelas. Oh, que haverá neste som? Ei-los falando nos céus, palavras como sinos, mas só vagamente como sinos, uma linguagem de vários tons estranhos por cima de nós, à noite, na mudança das estações, e invisíveis falando, uma expressividade, será isso? Uma expressividade intacta e sem significado? Porém, somos sensíveis a isso, nossas consciências respondem a isso, embora não seja possível articulá-lo. Como é incrível o incompreensível signicado! Nossas almas perdidas voando. A fala dos gansos selvagens no céu. Ei-la. Assim.

Tradutores: *Daniel Escalzo*
Philip Leeman

Nota: Hayden Carruth é um poeta americano vivo, só não digo o maior ou dos maiores dos ainda vivos, porque, como muita gente o sabe, isso não faz nenhum sentido. Mas neste caso apetece ser, ou passar-se por ser, estúpido, porque vale a pena e Hayden Carruth merece-o. Escusado será dizer que é completamente desconhecido nos Estados Unidos. Ao contrário de muitos poetas, e só dos portugueses eu poderia citar uma mão-cheia, este poeta, nascido em 1921, conforme foi envelhecendo foi apurando e reinventando a sua linguagem, raramente caindo no autoplágio, que é a sorte de muita boa gente que tem a sua idade. Não, Hayden Carruth, não tendo a felicidade e a facilidade de e para (desculpem lá a sintaxe) ser descoberto muito novo como um grande poeta, teve a sorte de o ter sido e continuar a ser até aos dias de hoje. O poema que aqui se traduz foi já escrito nos anos oitenta, tendo aparecido numa recente antologia. Ao leitor desprevenido, desde já lhe digo para não perder tempo à procura do seu nome em antologias da poesia americana do século, que eu já tive esse trabalho, com resultados quase nulos. Devo contudo dizer que Carruth é daqueles poetas que só serão conhecidos verdadeiramente depois da sua morte. E é um cumprimento, embora seja triste de ainda se ter que escrever estas coisas. Tem actualmente mais de 25 livros publicados, quase tudo poesia, alguns de ensaio e crítica, e um romance. Um grande crítico, como todos os grandes poetas depois de Baudelaire, embora ele não goste de ser chamado de tal, pois em inglês faz-se a diferença entre critic e reviewer, e Carruth prefere a última designação — muito compreensivelmente.

Daniel Escalzo e Philip Leeman são dois estudantes de Português na Universidade da Califórnia, em Santa Bárbara.

Silva Carvalho

Vértice

Já nos escaparates o terceiro número da «Vértice».

Quatro rubricas principais: Em Questão, Em Estudo, Em Estreia e Em Movimento.

A primeira compreende Caminhos da História da Arte; Arte dos Descobrimentos oum Arte da Fixação?; As «Imagens de Formosura Dissoluta» e a Arte da Contra-Reforma; Francisco Venegas e o painel da «Imaculada»; O modelo geométrico da Igreja do Menini Jesus; e O primeiro historiador da arte em Portugal.

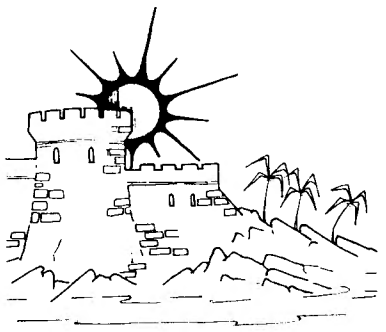
A segunda rubrica, por sua vez, proporciona os seguintes estudos: Flexibilizar o ensino -o desafio estratégico da mudança; Estado Novo e discurso colonial; Os emigrantes em França; A previsão dos sismos é possível?; Restauro de um novo soneto de Camões; e Lembrando a «Vértice» de 1945.

Na segunda, um escrito de interesse: François Jacob, sobre o trabalho científico.

Finalmente, na quarta: Crónica; Microelectrónica, robótica e informática; Comemorações dos Descobrimentos; Teatro de Brecht; Livros; e Cultura.

In Search of Tomorrow

Este livro breve (165 pgs.) de Edila Gaitonde é uma surpresa inesperada e agradável. A autora é uma açoriana bem dotada e muito culta (curso superior do Conservatório Nacional, etc.) a primeira portuguesa de cultura ocidental cristã que casou com um hindu de cultura oriental e hinduísta, a quem acompanhou até hoje com uma dedicação invulgar, perfeitamente sincronizada com a ideologia e acção política do marido, o conhecido político e médico-cirurgião goês residente em Londres, dr. Pundolica Gaitonde, autor do primeiro livro sério de história sobre Goa e a política ditatorial de Salazar, o «The Liberation of Goa».



São muito raros os depoimentos pessoais sem pretensões literárias, mas escritos com uma simplicidade tocante e uma sinceridade por vezes quase ingénua, reveladoras de uma personalidade forte de vincada formação moral, que se adivinha em Edila Gaitonde. Além disso o conteúdo desta narrativa, que vai do casamento da autora até à invasão-libertação de Goa, Damão e Diu (1947-1961), oferece momentos surpreendentes e totalmente desconhecidos dos portugueses até hoje. Imagine-se que o livro começa com um almoço de comemoração do casamento na prisão-fortaleza de Peniche oferecido pelos presos (goeses independentistas, comunistas, democratas oposicionistas, etc.) aos nubentes, o jovem dr. Pundolica Gaitande transforma-se ternamente em «Lica», a odisseia da jovem açoriana a partir de 1948 metida em Goa numa família, de língua, religião, cultura e costumes completamente diferentes, é impressionante com momentos de saboroso humor e outros de claro heroísmo.

Tratando-se do primeiro documento de uma história palpitante vivida por uma nova autora, brilhantemente representativa da **alma açorina** e da sua capacidade de aculturação a novos e estranhos horizontes, este livro interessa não só a todos os portugueses, mas muito em particular aos açorianos e aos goeses e seus descendentes espalhados nas sete partidas do mundo. (Edição da Allied Publishers Private Ltd, Bombay and London, 1987 — Liv. Portugal, Lisboa).

FERNANDO GRADE
25 ANOS DE POESIA
ANTOLOGIA 1962-1987
1.º VOLUME

Sessão de autógrafos
pelo
ESCRITOR E PINTOR
FERNANDO GRADE
na Feira do Livro
da Cidade
de Torres Vedras
próximo sábado (à noite)
próximo domingo (à tarde e à noite).
O consagrado Autor de
"O VINHO DOS MORTOS"
(agora, em 4ª edição esgotada)
e de "O CADÁVER DE FERNANDO PESSOA")
cinviverá também, com os seus muitos
leitores da região do Oeste.
"25 ANOS DE POESIA
ANTOLOGIA 1962-1987 - 1º VOL."
é o lançamento nº 59 da MIC.
Preço de capa: 980$00

Acabados de Chegar

☐ História do / Século XX, Bernard Droz, Publicações Dom Quixote

Com a saída do presente volume, dão as Publicações Dom Quixote início à edição de uma História do / Século XX, que será na totalidade composta de quatro tomos, e cujo objectivo principal consiste em proporcionar aos leitores uma imagem global do século em que vivemos.

Abrangendo, neste primeiro volume, um período que se prolonga desde o início do século até à ascensão dos totalitarismos estalinista e fascista durante os anos trinta, a História do Século XX dos autores acima mencionados constitui um instrumento de trabalho indispensável a quem quer que se interesse pelo rosto multipolar da história contemporânea. -Tradução de João Fagundes e capa de Fernando Felgueiras.

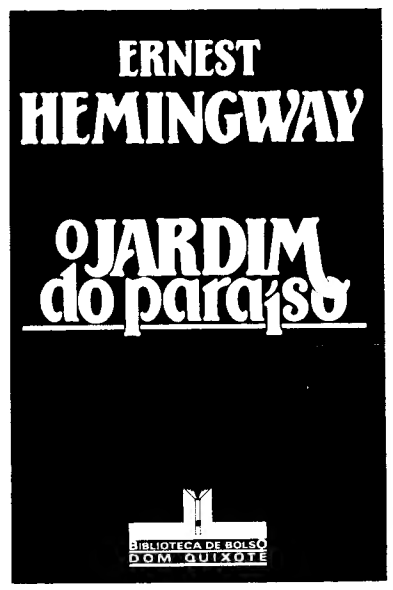
A/N/A/I/S

Bernard Droz / Anthony Rowley

História do Século XX

1º volume

Publicações Dom Quixote



☐ O Jardim do Paraíso, Hemingway, Dom Quixote

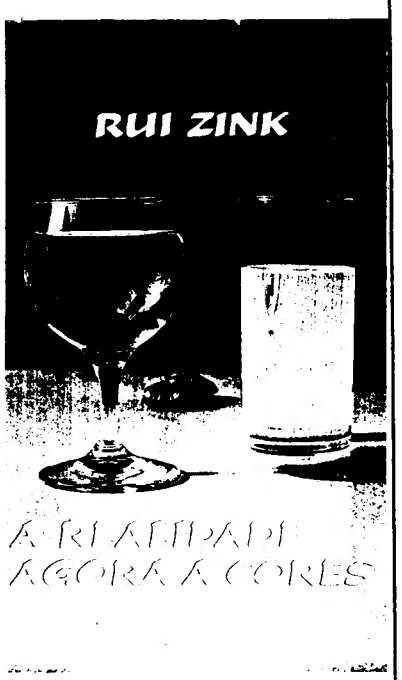
Publicado vinte e cinco anos após a morte de Hemingway. O Jardim do Paraíso provocou uma violenta polémica e surpreendeu muita gente ao revelar uma outra faceta do herói «hemingwayano».

Trata-se de uma história de amor e obsessão, no decurso da qual um jovem casal norte-americano muda de papéis sexuais e se apaixona em simultâneo por uma outra mulher... — Tradução de Guilherme de Castilho e capa de Vítor Costa.

☐ Pedro Alecrim, António Mota, Edinter

É a história de um rapazinho que vive no campo e nos conta as dificuldades que sente ao passar para o mundo da Escola Preparatória: tantos professores, tantas salas de aula! Que diferente da sua Escola Primária! E que mundo fantástico a descobrir! O autor é já conhecido no campo da literatura infantil e juvenil. Obras anteriores: Aldeia das Flores, O Rapaz de Louredo, O Rebanho perdeu as asas e Pardinhas.

O recente livro é ilustrado.



☐ A Realidade agora a cores, Rui Zink, Signo

Rasgou o bilhete, como autopunição por não ter feito nada durante o dia. Rasgou o bilhete mas depois de ter visto o filme.

Moral: é possível castigar sem fazer sofrer. — Este, em suma, o tema desta ficção de Rui Zink. Sem dúvida que interessante, a merecer leitura. Capa de Leonor Areal, sugestiva.

Ler Escrever às terças-feiras

Por necessidades de produção, o suplemento literário *Ler Escrever* passa a sair às terças–feiras. Atenção, porém: a sua edição não ocorrerá já na próxima terça–feira, e sim na seguinte, dia 5 de Julho.

E em si nos traz

Fernando Echevarría foi galardoado, pelo seu livro Figuras (edição Afrontamento), com o Grande Prémio de Poesia de 1988.

Oferecemos aos leitores o soneto que abre o livro.

Ei–lo:

Como é triste, ou alegre, ou outra coisa,
sermos esse lugar pando de vento
em que passam figuras, luminosas
nomeações. Que fazem pensamento

desse lugar, por onde só se movem
segundo o ritmo do seu próprio intento.
E detêm–se ali, enquanto é jovem
a sua herança de estremecimento.

Como é triste ou alegre. Ou não é quase
senão ondeação de nostalgia
de ter havido alguém. Em que se atrase

a inteligência só de quem havia.
Mas, sobretudo, que lugar de paz
nos nomeia a figura. E em si nos traz.

Fernando Echevarría

O eu nos outros

Paragem de autocarro

Era uma mulher jovem à espera do autocarro. Encostava–se levemente ao poste da paragem, amparando–se nos filamentos do dia, sem um gesto quase.

Subtilmente grávida.

Mas porque corresse uma brisa de nada, um sopro azul pela rua, acontecia que o vestido, ondulando–se, lhe marcava, ora sim, ora não, a íntima curva do ventre. E essa curva, tão esboçadamente desenhada, opunha–se às linhas rectas do passeio, das fachdas dos prédios, dos toldos descaídos. Não chegava a ser um desafio a uma geometria plana, com gente a ir e a vir, com automóveis circulando num e noutro sentido. Era, sim, qualquer coisa de indefinível que de maneira doce contrariava a secura da rua, dos prédios e dos toldos...

Depois... Bem -acontecia que essa brisa de nada, esse sopro azul, essa breve deslocação do ar, porque abandonando as alturas e indo–se pelo chão, hábil se infiltrava pelo vestido, enchendo-o por um instante, arredondando-o num momento, deixando-o cair um tempinho depois. Dir–se–ia que o ar, o azul e o sopro trabalhavem dentro do vestido, vagarosamente por escondidas partes, nelas se deleitando de modo suave e amante.

E ela, subtilmente grávida, uma linha curva enfrentando linhas rectas, descaía a nuca no poste da paragem, deleitosa, paciente aguardando o autocarro, sem um gesto quase, os olhos muito longe dentro de si. E quando o autocarro apareceu, e ela embarcou e se foi embora, só o poste ficando no sítio onde ela estivera, o ar azul em brisa descaída ondulou no chão uma folha de papel, num breve estremecer, como dizendo adeus ao filho por nascer...

Pedro Alvim